REVISTA

DO

Arquivo Público Mineiro

Direção e Redação

de

FRANCISCO DE ASSIS ANDRADE

Diretor do Arquivo

Ano XXXV — 1984

BELO HORIZONTE

1984

DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

para o

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

* * *

Em auxílio desta instituição, que não pode ser indiferente aos bons
, invocamos o concurso de todas as pessoas que se interessam pelas
s honrosas do nosso Estado, esperando que se dignem de remeter-nos
mentos e informações que possuam ou possam obter concernentes à
aos homens e às cousas de Minas Gerais, no intuito de serem oportu-
publicados ou de qualquer modo aproveitados convenientemente.

Além de tais documentos e informações — que em número conside-
acham esparsos por muitas mãos, sem nenhuma utilidade para a causa
— pedimos a remessa (com destino à Biblioteca Mineira do *Arquivo*)
as publicações antigas e modernas feitas por Mineiros ou relativas a
erais, em geral, ou a qualquer de suas regiões e localidades, inclusive
os, estatutos municipais, notícias sobre curiosidades naturais, templos,
ões, edifícios públicos, hospitais, asilos, fábricas, associações indus-
terárias e beneficentes, notas e estatísticas, apontamentos biográficos
iros notáveis, lendas e tradições populares etc.

Por essas ofertas e informações mostraremos, em tempo, público
mento, referindo os nomes dos distintos cidadãos que atenderem ao
edido, prestando tais serviços ao Estado.

* * *

Os fiscais das rendas do Estado, os Superintendentes das circunscrições
, os fiscais do serviço de imigração e os das estradas de ferro auxilia-
Estado e os engenheiros de distrito ficam encarregados de procurar
quaisquer documentos importantes para a história e geografia de Minas
notícias certas sobre a vida de Mineiros distintos e outras informa-
e interessem de alguma forma ao Estado, filiando-se aos intuitos do
Público Mineiro, para onde devem endereçá-las. — (Art. 13, do De-
° 860, de 19 de setembro de 1895, que promulgou o Regulamento do
Público Mineiro).

---

ota da Redação — Nos tópicos acima, por respeito à tradição e à linha de apresen-
REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, conserva-se a redação original. Aos
olicitando-se a colaboração subjetiva de atualização de seus termos, reitera-se o
formulado às Autoridades ao Funcionalismo e aos cidadãos em geral.

REVISTA
DO
ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

Direção e Redação

de

FRANCISCO DE ASSIS ANDRADE

Diretor do Arquivo

Ano XXXV - 1984

BELO HORIZONTE

1984

4

Revista do Arquivo Público Mineiro.

Ano 1 — Belo Horizonte, Arquivo Púb' o Mineiro, 1896 —

v.

De 1896 a 1898 editada em Ouro Preto.

Do ano 1-XXIII: Revista do Archivo Público Mineiro,
1. Arquivos (documentação). 2. Minas Gerais — História — Periódicos. I. Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte.

Solicitamos acusar o recebimento, a fim de assegurar a remessa de futuras publicações.

Endereçar a:

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
RUA DOS AIMORÉS, 1.450
30.000 — BELO HORIZONTE (MG)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Com este número de 1984, ano XXXV, a REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO completa a sua décima edição ininterrupta, reiniciada em 1975, desde a última edição de 1937, ano XXV. Restabelece-se uma regularidade só alcançada nos seus 18 primeiros anos, sendo o inicial de 1896.

Estas 10 edições pelo seu conteúdo, catálogos, bibliografias, levantamentos, transcrições, etc., atendem a uma necessidade dos pesquisadores, o que se comprova pela sua receptividade entre estudiosos e várias edições esgotadas.

Neste número apresentamos dois trabalhos: Crônicas de Carlos Drummond de Andrade e uma Contribuição Bibliográfica sobre Diamantina, do pesquisador Helio Gravatá.

O primeiro é mais uma homenagem de MINAS ao seu grande filho, pela passagem de seus 80 anos em 1982, e do Arquivo Público Mineiro, a quem o cronista se refere com deferência na sua crônica já saudosista das décadas de 10 e 20 sob o título de "DA VELHA CIDADE", de 25 de maio de 1931, e cujo trecho tomamos a liberdade de transcrever "... Nisto passaram por mim as três meninas desbotadas — último reflexo, último fragmento de um mundo que viveu! — e eu tirei-lhes o chapéu, respeitosa e comovidamente, como diante do Arquivo Público Mineiro" (*grifo nosso*).

São crônicas publicadas quando funcionário estadual exercendo o cargo de redator do "MINAS GERAIS", órgão Oficial dos Poderes do Estado, que em Minas foi e é jornal noticioso desde sua fundação em 21 de abril de 1892, conservando o nome inicial apesar da obrigatoriedade da denominação DIÁRIO OFICIAL, determinada por decreto-lei, ao tempo do Estado Novo, aos jornais oficiais que divulgam os atos governamentais.

As crônicas publicadas por Carlos Drummond de Andrade sob o título NOTAS SOCIAIS apareceram, entre os anos de 1930 e 1934 sob os pseudônimos de Antônio Crispim e Barba Azul, sendo que estas sempre com o subtítulo "Um minuto, apenas".

O poeta, evidentemente, além do noticiário padronizado das atividades oficiais, por se só restritivo à criação literária, expandia o seu engenho em crônicas que eram avidamente lidas na cidade.

Revelava-se, extraindo das inutilidades do cotidiano de Belo Horizonte e de suas leituras, observações irônicas e céticas como hoje faz em termos do cotidiano nacional.

São crônicas inéditas em seus livros, mas que já revelavam o seu fadário. Aqueles que se dedicam ao escólio de seus trabalhos vão encontrar aqui um campo imenso para estudo. Publicou ainda no "MINAS GERAIS" entre 21 de junho de 1930 e 07 de de outubro de 1933, 6 crônicas com o nome verdadeiro, não incluidas nesta publicação.

Em 1934 já está no Rio, onde se impõe e conquista o maior centro cultural do País.

Com esta publicação homenageamos novamente a memória de Belo Horizonte, como já o fizemos nesta Revista no número XXXIII, ano 1982. Esperamos que o autor ao reler a matéria esteja com João Brandão, companheiro de diálogos imaginários e intérprete fino de idéias, ações, atitudes e fatos comuns.

O segundo trabalho deste número é uma CONTRIBUIÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE DIAMANTINA, de autoria do pesquisador Helio Gravatá, "... benemérito dos estudos mineirianos, pelo que faz e ajuda ao próximo", como já disse o historiador Francisco Iglésias.

Homenageamos a cidade e sua gente que foi a mais sofrida e altiva da Capitania das Minas Gerais e cujos descendentes souberam conservar a mesma altivez de seus maiores, como se vê na vida de seus ilustres filhos.

Francisco de Assis Andrade
Diretor do Arquivo Público Mineiro

CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

SOB PSEUDÔNIMO: ANTÔNIO CRISPIM

DO FRIO QUE CHEGOU

A cidade sentiu, anteontem, o primeiro arrepio de frio. Ontem sentiu o segundo. Hoje, é possível que não experimente o terceiro (em matéria de temperatura, tudo é possível e até provável), mas de qualquer maneira aí fica esta nota registrando a chegada oficial do inverno de 1930. Doce inverno! Ele veio dar a Belo Horizonte uma fisionomia que só os velhos e verdadeiros amigos da cidade sabem dizer como lhe fica bem. Porque Belo Horizonte, com todo esse verde, com todo esse azul que enche as suas ruas e vai até a indiscreção de penetrar nas suas casas, dá a muita gente a impressão de um paraíso monotonamente primaveril. É verde demais. Azul demais. Assim, só em verso, e o verso não é a substância de que se faz o nosso dia-a-dia terreno. Por isso, acaba enjoando como uma salada de frutas depois de um bombom de chocolate (ou outra salada de frutas).

Pois bem. Belo Horizonte ganha no inverno manhoso e delicioso que costuma ter, uns tons de cinza, veludo e paina que põem uma nota inimitável de melancolia inteligente na sua beleza um pouco literária. Não há como o frio para fazer inteligentes e amáveis as criaturas e as cidades.

O frio já entrou, dizem as vovós cautelosas e meigas que vieram de Ouro Preto e enchem de poesia as tardes tranqüilas do Bairro dos Funcionários. Já entrou o frio, constatam os senhores graves, que têm dinheiro nos bancos e usam grossos sobretudos importados da Inglaterra e outros climas de lã. Chegou o frio! gritam as meninas espevitadas que vivem entre um blues de vitrola e um talkie do Avenida e reclamam agasalhos caríssimos de seus respectivos papais. Mas como tudo isso é gostoso e como nos faz querer bem ao frio, esse doce frio mineiro, que reúne no mesmo pensamento as mais diversas pessoas e nos consola de todos os crimes, desastres e falências que há por aí...

Traço diferencial do inverno de 1930: a boina. Todas as meninas estão andando de boina caída na cabeça, e estão cada vez mais irresistíveis. Há de todas as cores (afinal o inverno não é lá tão cinzento) e mesmo de várias cores cada uma, e todas interessantíssimas, como tudo que é enfeite ou invenção do bicho-mulher, criado para virar o juízo do bicho-homem, o mais ridículo e o menos feliz dos bichos...

E viva o frio.

A. C.
Minas Gerais — 23-03-1930, p. 7.

A MAIS BELA

Dentro de poucos dias, será escolhida "Miss" Belo Horizonte, ou seja a moça gentil que disputará às outras moças gentis das demais cidades mineiras a honra de representar o nosso Estado no grande concurso de beleza do Rio. Eu não tenho candidata. Por isso posso arriscar uma opinião pessoal sobre assunto tão melindroso e que, no ano passado, chegou a preocupar até os graves antropologistas do Museu Nacional — como se a beleza fosse um produto de museu, um fóssil qualquer... Não tenho candidata, mas quero que a eleita seja, de fato, a mais linda moça de Belo Horizonte, lugar onde há mais moças bonitas do que em não importa qualquer outro lugar do mundo, e onde, portanto, a seleção se torna dificílima (as concorrentes não precisam agradecer). Oh, eu não queria ser juiz num tribunal que tivesse de escolher a minha mais linda patrícia. As responsabilidades são tremendas e o julgamento é quase sempre iníquo, pois o juiz, um efêmero como os outros efêmeros, costuma ver com o coração, que enxerga mal, quando não vê com os olhos de outrem, que são interessados, ou não vê de modo nenhum, para imitar a justiça, que é cega. E em nenhum desses três casos ele acerta. Dizem que a beleza perturba. Eu acredito. Mas, se perturba, como avaliá-la? Olhos que a contempla são olhos desvairados.

Conheci a beleza que não morre e fiquei triste...

Dizia Anthero de Quental, que as nossas melindrosas não conhecem, mas que foi um grande e pobre poeta.

Não, eu não queria fazer parte desse júri, mas queria que ele escolhesse, mesmo, a mais bonita de todas. Escolhesse entre as da Serra e as da Floresta, as de Santa Tereza e as de Santo Antônio, as da Lagoinha e as do Calafate, e que ela fosse real-

mente tão linda, tão indiscutível e urgentemente linda que todos, homens, mulheres, crianças, bichos, coisas, árvores, concordassem e dissessem:

— Sim, de fato ela é a mais bonita moça de Belo Horizonte.

Mas repito, eu não queria fazer parte desse júri tão cheio de responsabilidades...

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 24-03-1930, p. 6.

GRAYCE

Há coisa de uma ou duas semanas, apareceu em certa vitrina da Avenida uma porção de retratos bonitos de homens, mulheres, crianças, em que dava gosto a gente reparar, porque não eram a cópia servil de exemplares humanos, apanhados nesse momento de estupidez feliz (Oh, tenha a bondade de rir um bocadinho) que os fotógrafos profissionais costumam estereotipar a tantos mil réis a dúzia. Não. Eram retratos finos e inteligentes, dos quais se podia dizer aquilo que alguém disse do pintor Antônio Carneiro, que "cuida mais da semelhança das almas do que da parecença dos corpos". Neles, os aspectos íntimo e sutil que se esconde por trás da máscara, a notação psicológica não pressentida pelo olho vago do retratista-reclame, aparecem banhados de uma luz tênue e difusa, em que o espírito se deleita e de que guarda por muito tempo a impalpável representação. Sem dúvida, eram retratos "parecidos", como se diz e se exige comumente, mas esse contato com o real não implicava numa reprodução mecânica e mais ou menos nítida de traços fisionômicos particulares, verrugas, sobrancelhas e cicatrizes que todos nós possuímos mas que nem por isso constituem a mais bela porção do nosso ser. Pareciam, sim, com os modelos; algumas vezes, porém, eram mais interessantes do que os modelos.

Assinava-os, com uma letra ríspida e original, um nome de mulher. Grayce. Quem era Grayce? Todo o nosso mundo elegante correu ao "atelier" da Avenida Afonso Pena e ficou conhecendo a artista magnífica, tão pessoal e tão nova, que se trocasse a fotografia pelo desenho saberia traçar, com o seu crayon, essa linha imprecisa, que separa o sonho da realidade, e sobre a qual a vida debruça os seus mistérios tristes ou alegres, em todo caso mistérios.

Grayce vai fazer uma exposição geral dos seus trabalhos, no foyer do Teatro Municipal, e então o nosso público de elite poderá apreciá-la pela segunda vez, penetrando mais a fundo no

segredo de sua arte. Tirante algumas exceções honrosas, mas reduzidas, o retrato era até agora, entre nós, uma coisa feia e ridícula, com que se ornamentavam álbuns e salas de visitas domingueiras. Grayce nos mostrou que o retrato pode servir para alguma coisa mais: para embelezar a nossa vida.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 26-03-1930, p. 11.

ENTRE O "BATON" E O LIVRO

Seria injusto afirmar do nosso elemento feminino que ele continua impermeável às sugestões de caráter intelectual e mesmo especificamente literário. Não digo que as minhas amáveis patrícias se transformaram, súbita e furiosamente, em inesgotáveis poetisas e em terríveis prosadoras. A mulher mineira, ou, no caso, a mulher belo-horizontina há de ser sempre a depositária discreta de algumas virtudes bem mediterrâneas — o tato, o bom gosto, a modéstia — que a impedirão de por qualquer modo identificar-se com as bas-bleu e outras calamidades que Nietzsche definiu com um qualificativo áspero e mordente. O que ela fez, e fez lindamente, foi adquirir preocupações e cultivar tendências esquecidas, talvez, na trama de sua vida doméstica, outrora tão simples e patriarcal, e hoje marcada pelo selo das novas exigências e circunstâncias sociais. Aprimorou a sua cultura, si já a possuía, ou cuidou de possuí-la, si antes vivia apenas entre agulhas e teclados. Numa palavra: intelectualizou-se. E não é preciso acrescentar que só não ficou tão adorável como era antes, porque ficou mais.

Eu alimento um horror sagrado pelo standard da mulher inteligente e culta, que a Inglaterra fabricou num momento de mal humor e espalhou depois pelas cinco partes do mundo com o seu "whisky" e as suas brochuras de Dickens. Esse ser desgracioso, algido e medular, decorado com um par de óculos cintilantes e um par de botinas intermináveis, com um vestido horroroso no meio, produz em mim a sensação de qualquer coisa mal feita, com peças de mais ou de menos, qualquer coisa, enfim, que assusta os pássaros e entristece as paisagens.

Graças a Deus, as jovens de Belo Horizonte que se preocupam com os facios do espirito não adaptaram esse modelo melancólico e sorriem para a vida e a vida sorri para elas sem constrangimento. E são já tão numerosas que, sem lisonja a um sexo e ofensa a outro, podemos dizer que venceriam os rapazes num campeonato de idéias.

Confesso que fico um tanto comovido quando, ao pegar o meu bonde das 11 horas, vejo no banco da frente, a moça que lê André Maurois — "Les mondes imaginaires", Grasset, 35iéme edition — e no banco de trás a moça que assina o "Litterary Digest" (notem que não é Ardel nem a "Revista da Semana") ambas perfeitamente normais e integradas no quadro cotidiano. A princípio (Deus me perdoe) supus que elas fossem umas pedantes. Mas reconheço agora, com um pouco de observação, que são apenas duas criaturas intelectualmente bem orientadas, numa cidade em que há muitas já, e onde toda novidade bibliográfica francesa, inglesa, espanhola, etc., encontra leitoras bonitas e que envaidecem o autor.

Isso me torna profundamente feliz.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 27-03-1930, p. 10.

O CHAMADO BRUMMEL

Assistindo, ontem, à "reprise" do "Bello Brummel" (felizmente sem "movietone", "vitafone" ou qualquer outro engenho sonoro, desses que fazem doi de cabeça na gente), eu fiquei pensando como é variável o conceito de elegância. Já não digo quanto à indumentária, esse aspecto puramente exterior e contingente do homem elegante, que muda de uma estação para outra, quanto mais de uma geração para outra. Falo, sim, dessa feição intima, que não se reduz a palavra mas se explica por atitudes e gestos, dessa "maneira de ser" que distingue um homem de salão de um vendeiro endomingado. O leitor percebe o que eu pretendo sugerir com isso e que poderia ser esclarecido (ou complicado) com um provérbio mais ou menos assim: A roupa faz o homem, que por sua vez faz a roupa. Ou por outra: A roupa bem feita dá ao homem rude que a veste um certo tom de polimento; mas só o homem realmente polido imprime personalidade à porção de casimira bem talhada que o cobre. Ou variando ainda, para escurecer mais a questão: O homem verdadeiramente elegante não precisa de alfaiate para afirmar-se. Nem de alfaiate nem de roupa. Mesmo nu, ele será um homem elegante.

Será? Eis a dúvida que me perseguia no principio desta nota, e ainda me persegue, ao meditar nas flutuações do padrão de elegância, através dos tempos. Foi o pobre e belo Brummel, interpretado por John Barrymore, que me levou a essa meditação.

Não há nada menos fixo do que um canon de bom tom. E não há melhor exemplo para demonstrar isso que o próprio Brummel, com a sua aristocracia efeminada, que hoje seria corrida a pau no Ginásio do Fluminense, e a sua maneira incrível de tomar rapé (rapé, meus senhores) como quem está invocando um espírito ou imitando uma professora de declamação.

Se um cavalheiro soi-disant elegante aparecesse hoje nos salões do nosso Automóvel Club, fazendo aqueles trejeitos cômicos e aquelas mesuras pitorescas, receio bem que seria convidado a guardar maior compostura, se não o repreendessem logo pela sua falta de educação.

... No entanto, em 1811, no clima impróprio da Grã-Bretanha, as mulheres faleciam de amor por um sujeitinho sestroso e impertinente que fazia tais coisas — e que ainda por cima as fazia com frases pretensiosas e literárias.

Em suma: tudo o que em 1930 nos parece falso, arrebicado, antinatural e contrário à elegância, era, naquele tempo, considerado a última palavra em distinção.

Só mesmo tomando uma pitada de rapé.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 28-03-1930, p. 8.

PERIGOS DA CASA MODERNISTA

A época é de exposições, de quadros, de vestidos, de automóveis, de porcelanas, de cães, de fenômenos naturais e artificiais. As mulheres, até o ano passado, expunham os seus joelhos. Os homens expõem os seus bigodinhos, ou a saudade deles, porque não se pode decentemente chamar de bigode esse vago ornamento capilar que ora se insere entre o nariz e o lábio superior de meus semelhantes. Afinal, tudo é exposição, ou dá ensejo a ela, mas expor uma casa, como agora se faz no Brasil creio bem que é a primeira vez.

A casa é modernista e construída em São Paulo. A idéia de expô-la ao público teve origem no seguinte: Há naquela Capital várias casas do mesmo estilo e sabor, habitadas por pessoas sem preconceitos arquitetônicos. Essas pessoas, porém diziam-se caceteadas: todo mundo queria ver como era por dentro a casa modernista. De manhã à noite, eram visitas de senhoras e cavalheiros indiscretos, que iam até à copa, até à cozinha: — Dá licença? E iam entrando. A princípio, os proprietários sentiam-se

orgulhosos e ufanos; davam licença com muito prazer, pois não, ora essa, a casa é sua. Depois começaram a perceber que já estava ficando pau. Os tapetes cubistas do salão de visitas acusavam marcas de sapatos absolutamente passadistas e enlameados. Havia curiosos que levavam a sua curiosidade a ponto de pegar nas telas de Leger e Picasso e comunicar-lhes as suas impressões digitais. Um visitante chegou a tirar uma pera da fruteira de vidro de Lallique e comeu-a sem explicações. Os criados estavam cansados de abrir e fechar as portas, de inspecionar, à saída, os bolsos dos admiradores da nova arquitetura. Um inferno, a casa modernista.

O engenheiro Gregori Warchavchik, autor de varias dessas casas, tendo recebido reclamações de seus habitantes, concebeu a idéia feliz de construir mais uma e expô-la, inteiramente pintada, mobiliada e decorada, à curiosidade insaciável do público. Em vez de "máquina de morar", como pretende Le Corbusier, seria "máquina de ver". Apenas para os amigos do belo e do novo se acostumarem a entrar e sair de um edifício moderno, sem arruinar as tapeçarias nem depredar as coleções de Chagal e Marie Laurencin, os originais de Annita Malfatti e Di Cavalcanti.

A casa modernista, alegre e insolente, lá está exposta, e dizem os jornais que com enorme sucesso. Não consigo imaginar é o que, terminando esse sucesso enorme, irão fazer de seus alicerces. Sim, porque provavelmente só os alicerces resistirão à voracidade dos visitantes.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 29-03-1930, p. 8.

STOCK

Ao que parece, vamos ter mais uma guerra dos 100 anos e, como sempre, por motivo imponderável. A luta, cuja perspectiva se desenha ameaçadora sobre nossas cabeças, terá origem na grafia da palavra stock. Todos sabem como são essas coisas. A princípio, é uma simples discordância. Depois muda para divergência. Aparecem artigos nos jornais, com assinaturas de conspicuos sabedores da língua. Há também uma terceira facção contra. Há também uma terceira facção, que propõe o sucedâneo da palavra litigiosa, quase sempre um neologismo fabricado com todo o carinho e amor. De-

limitados os campos, começa a discussão, que se azeda à medida que cada grupo se vai robustecendo em suas convicções... (Não há nada mais irracional do que um homem certo de estar com a razão). Do terreno das raízes gregas ou latinas, a luta se desloca para o terreno das descomposturas em português da Pavuna e outras circunscrições. É o ponto em que os leigos resolvem intervir para atrapalhar mais a questão. Ninguém se entende, ou melhor, ninguém entende nem procura entender o seu interlocutor. No fundo de todo brasileiro há um gramático, há um troglodita. Resultado: as inocentes disputas filológicas terminam em entreveros pouco edificantes e em inimizades melancólicas.

Eu pensei nisso tudo ao ler nos jornais que certa academia de letras (para que haviam de dar as academias) resolveu agitar o problema da palavra "stock". A palavra "stock" sempre se escreveu da maneira pouco nacionalista mas conhecidíssima que os amigos sabem qual é. Os comerciantes estavam habituados a grafá-la desse jeito e nunca houve freguês que reclamasse ou deixasse de fazer o pagamento por isso. Liquidações importantíssimas têm sido feitas sob o regime dos inicial e do *ck* terminal, sem o menor abalo para o crédito dos estabelecimentos. Enfim, não me consta que se tenha deixado de realizar qualquer transação comercial por causa do modo esquisito — esquisito mas geralmente adaptado — de se escrever stock.

Entretanto a academia pressentiu o perigo que ameaçava o nosso querido idioma. Reuniu-se e deliberou o seguinte, louvando-se nas luzes de douto vernaculista:

"Com relação à palavra stock, não registrada pelos nossos dicionários, sou de parecer que devemos vernaculizá-la, se acaso ela diz, na gíria comercial, alguma coisa mais do que o nosso velho sortimento ou provisão. Só os técnicos poderão responder a isto. Do contrário, seria melhor bani-la da língua, o que já será difícil, creio.

Caso tenhamos de aportuguesá-la, devemos grafar *estoque*, embora vá confundir-se com o instrumento assim também chamado. A simples semelhança de forma não será razão para lhe não darmos guarida, quando tantos casos temos em idênticas condições: como gozo, cão e gozo, alegria. Ver Gonçalves Vianna".

Ora, eu conheço a índole guerreira de meus patrícios. Sei das lutas desencadeadas por foot ball, detalhe, fim, golpe de vista. Recordo-me das pugnas de Ruy com Carneiro Ribeiro, de Osório Duque Estrada com João Ribeiro, de João Ribeiro com Assis Cintra... Peso e avalio o perigo próximo. Por causa de stock correrá muito sangue, ou pelo menos muita tinta. E antevendo a campanha, faço daqui esta advertência, que é uma proposta: porque não resolvem a questão a estoque? Quem for melhor atirador, terá razão.

— Mas, que tem isso com a seção social que V. redige?

— Será um divertimento.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 30-03-1930, p. 7-8.

NAUTICA

A lagoa tranqüilíssima em que o dr. Lund passeava o seu spleen dinamarquês e as suas cismas paleontológicas agita-se, agora, ao corte célere dos remos que os rapazes esportivos de Belo Horizonte vão mover ali todos os domingos. E não há só remadas: há também exercícios de natação, moços e moças estabelecendo previamente que a doce lagoa é o nosso balneário mediterrâneo, assim uma espécie de substitutivo urgente de Copacabana e outras praias que Deus presenteou ao Rio para reviver ali o tempo das nereidas e dos tritões (bom, ótimo tempo, esse).

As pessoas que estiverem achando demasiado poético o início desta nota podem tranqüilizar-se: a poesia parou nos tritões, que figuram nele como ornamento de estilo, nada mais. Afinal, as minhas intenções são bem simples: apenas registrar a festa náutica de anteontem e dizer da saudade que ela deixou numa porção de gente, banhistas e remadores, alguns derrotados, outros vitoriosos, e todos satisfeitos de terem trocado a melancólica ortofônica do domingo belo-horizontino pelas águas coloridas e plácidas da lagoa bonita, que os olhos não se cansam de mirar, e cuja serenidade, ferida pelos remos ou pelos braços, logo se recompõe numa doçura de tons que tem algo de sortilégio.

Foi uma tarde cheia de ioles e caiques, cheia de risos também, porque a força é alegre e joga as melancolias no baú. Apareceram vários candidatos à Abrahão Saliture, rapazes musculosos e destros, evidentemente com a vocação prejudicada pela nossa condição de Estado central, que oferece pouca margem a proezas natatórias. Enfim, houve incidentes pitorescos, e (contaram-me) não

foi dos menos interessantes a "reprise" que dois valentes remadores fizeram do último filme do gordo Stan Laurel e do magro Oliver Hardy: foram remar pela primeira vez e, como na fita gozadíssima, "a canoa virou". O resultado foi um mergulho no meu dileto amigo Eduardo Barbosa (o sotavoga) e outro mergulho no sotaproa, o meu também dileto Bolivar Tinoco. É bom lembrar que a "reprise" foi sincronizada.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 31-03-1930, p. 9.

CAPÍTULO DOS VESTIDOS

"Vestidos longos, dai-me enfim a calma..." Assim poetaria Bilac, se vivo fosse, ante a descida oportuna das roupas femininas, que veio restituir ao transeunte um pouco daquele sossego que os vestidos escandalosamente curtos lhe roubaram. Um pouco, sim, porque o diabo da moda tira em uma extremidade o que acrescenta na outra, e eu estou vendo decotes que anulam a ação pacificadora das pontas compridas dos vestidos. Há quem esconda as pernas para mostrar os braços — e como ambas essas partes do corpo estão no plural, o resultado é o mesmo, e por sinal que bem inquietante. Por isso tive a cautela suficiente para dizer que os vestidos longos vieram trazer-nos um pouco de sossego, não muito, e para que muito?

Sim, para que muito sossego neste mundo tão breve, se o outro, que nos espera, é, na opinião dos técnicos, o reino do perpétuo silêncio? É bom que as mulheres nos perturbem ao passar; e que, passando, deixem não apenas a memória de um "Nuit de Noel" ou de um perfume árabe no olfato da gente, mas também o pensamento, a saudade e o contorno de uma forma bonita, oculta num pedaço de seda que brilha e que foge.

Não sou inimigo dos vestidos longos. Também não sou inimigo dos vestidos curtos. Para dizer toda a verdade, a questão é mais de corpos que de vestidos e onde se viu desclassificar esteticamente um corpo, só porque ele tem dez ou quinze centímetros mais ou dez ou quinze centímetros menos do que outro? Assim o vestido, forma transitória que não vale por si, mas pela harmonia, que compõe com o todo humano que é chamado a envolver. Forma que sugere ou revela, que esconde ou mostra, em todo caso forma inquietante, vestido bonito e colorido que encanta os nossos olhos sempre infantis — minúsculo ou maiúsculo, pouco importa.

Afinal, estas linhas deviam ter um pensamento inicial qualquer. Volatilizou-se. Não sei bem o que queria dizer dos novos e interessantissimos vestidos, que emagrecem as mulheres e lhes emprestam um outro ritmo, uma outra beleza. Sei apenas que eles são o diabo — como os amigos.

Antônio Chrispim.
Minas Gerais — 02-04-1930, p. 10.

DO ARTISTA DESCONHECIDO

O pintor e crítico André Lhote está anunciando, há meses, na "Nouvelle Revue Française", um artigo sob o título "Jeunes gens, n'allez pas ou Louvre". Título peremptório e que faz supor no artigo uma grande dose de intolerância para com os mestres veneráveis cujas preciosidades repousam naquele sacrossanto museu. André Lhote parece indicar com isso que não vale a pena a mocidade perder os seus dias e as suas ilusões freqüentando as velharias mais ou menos insípidas e pretensiosas que o academicismo acumulou no Louvre, quando cá fora, tentando as sensibilidades e desafiando os pincéis, está o sol vivo e generoso, estão os animais, plantas e objetos, formando quadros notabilíssimos ainda não pintados, e quem sabe se jamais pintados. "Meninos, deixem de ir ao Louvre", aconselha o crítico terrível. "Rapazes, ide ao Municipal", aconselharia eu, si fosse velho e tivesse barbas, dessas muito usadas no Brasil para dar conselhos, barbas e óculos escuros, como sabem.

É claro que o Louvre e o Municipal não se equivalem, mas isso mesmo é já um argumento em favor de minha tese, se tese existe: o espírito de teatro contra o espírito de museu, o drama em oposição ao catálogo... Mas agora reparo que não se trata de nada parecido com drama, e que eu desejava apenas recomendar a todos os meus improváveis leitores, moços ou não, uma visita rápida ao Teatro Municipal, onde Aníbal Mattos, com a sua pertinácia incrível e heróica, instalou a sétima (a sétima!) Exposição Geral de Belas-Artes de Minas Gerais...

Vamos todos ao Municipal. Observemos ali o belo, tocante esforço mineiro no sentido de realizar qualquer coisa que seja o reflexo de nossas preocupações artísticas em período de câmbio vil e de vida cara, que não são propriamente matéria para alimentar os sonhos. Eu sinto uma grande emoção ao pensar que, espalhados pela cidade, neste ou naquele bairro modesto, aonde

não chega a sirene dos cinemas, há criaturas que passam a parte mais feliz do seu dia pintando crepúsculos e fios d'água, árvores e frutas, cabeças e torsos que ninguém verá, nem para elogiar nem para atacar (perdão: para atacar, há sempre público, e público que dispensa exame).

Penso nesse artista silencioso, que não vai nem irá nunca à Europa fazer o mesmo que fazem alguns amenos mocinhos beneficiados pela Escola de Belas-Artes: visitar o Louvre e a praça Pigalle, freqüentar os dancings e voltar mais impermeáveis ainda à verdadeira pintura. Artista sem medalha nem prêmio, obrigado, para manter-se, a exercer misteres que vão desde a burocracia pacífica até à laboriosa confecção de tabuletas, quando não até à incrível decoração de alpendres. Gosto desse artista bonzão, que não protesta nem se suicida, e que todos os anos expõe a sua tela ignorada na Exposição Geral de Belas-Artes de Minas Gerais.

E é em nome dele que convido o leitor para uma visita rápida, não, uma visita demorada ao Municipal.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 03-04-1930 — p. 19.

BELINSKY BORIS

Nós conhecemos a Rússia dos filmes e dos romances, a Rússia de Paul Morand e de Henry Beraud, dos telegramas e das legendas: mas a Rússia de verdade, como conhecê-la? Quem tem dinheiro, prefere visitar as paisagens civilizadas e catalogadas da França e da Itália; quem não tem, vai a Sabará chupar jabuticabas. Mas entre os extremos há sempre pessoas nem ricas nem pobres, pessoas apenas, que vadiam com o espírito, e muitas vezes pensaram na Rússia, ou na possibilidade de conhecê-la, com uma simpatia não isenta de voluptuosidade. É um país belo e trágico, em que os homens vivem de uma vida irreal, senão real demais, porque infinitamente dolorosa e grávida de mistérios. Enfim, tudo isso são literaturas, mas o certo é que eu conheci ontem um russo autêntico, o dr. Belinsky Boris, e esse homem doce e nostálgico deixou no meu espírito todas essas perplexidades.

O dr. Belinsky Boris, que Belo Horizonte hospeda no momento, e que já formou aqui um pequeno mas escolhido círculo de amigos, entre artistas, professores, poetas e homens de jornal, fala oito línguas diferentes, inclusive o hebreu. Ele tem esse insaciável apetite intelectual que é um signo eslavo. De sua raça traz ainda o contorno de sonho e de drama, que em nossa mente estará

sempre associado aos personagens de Dostoiewsky, de Andreieff e de Pouckine. Contorno físico e moral: nos olhos sonhadores, a sombra de uma alta, irremediável melancolia. Alto e louro, cheio de silêncio, de cisma e de sombra também. Em sua biografia há o capítulo de Paris (educação francesa, que não lhe amputou a originalidade racial, antes a tornou mais viva, pelo choque de tendências), há o capitulo da mocidade feliz (preceptor dos principais Volkonsky uma das casas mais nobres da Rússia, parentes próximos dos Romanoff), há, finalmente, o capitulo feroz da revolução: Belinsky lutou nas fileiras do exército branco de Kerensky, foi capturado pelos bolchevistas e, numa noite terrível, com outros oficiais, encostado ao muro para ser fuzilado. Escapou por um milagre russo e nunca mais o viram em seu país, onde, de resto, não poderia viver nunca mais. Derrotado, Belinsky pôs-se a verificar pessoalmente que a terra é esférica e rodou uma boa parte do mundo. Tem nos olhos lembranças da Ásia e da América, de Tonkin e de Mato Grosso. Conhece os índios e os derviches. Mas não é enciclopédico: é humano.

Pois esse russo admirável, fino, culto, extremamente sensível, bom e trágico, está em Belo Horizonte e — informou-me o meu amigo Cyro dos Anjos, que o descobriu — vai abrir aqui um curso de francês para pessoas inteligentes — só para pessoas inteligentes. As outras não precisam comparecer. É claro que não aparece todos os dias na Capital um professor de línguas com tanta legenda e tanta paisagem atrás de si. Por isso eu pediria às leitoras que acolhessem bem o dr. Belinsky Boris, um russo autêntico e um admirável professor.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 04-04-1930, p. 8.

POETA

Mário Martins é o poeta que dois Estados disputam: o Piauí e a Paraíba. Enquanto muitas pessoas o julgam paraibano, e como tal o tratam e apelam, outras tantas o consideram piauense. De resto, há outro poeta do Norte, em torno de cujas origens se trançou de há muito um véu de mistério: Da Costa e Silva, cuja terra natal ora é o Piauí ora é o Maranhão. Mário Martins figura, assim, ao lado do grande dedo de "Sangue" e "Zodíaco", entre os poetas devolutos do Norte do Brasil. Mas isso não tem importância. Um dia se há de saber ao certo qual a verdadeira pátria do poeta. Por enquanto o essencial é saber que Mário Martins compôs um livro, "Taça de Cristal", e que esse livro está enfeitando as vitrinas do Alves e do Morais com a sua capa vermelha e dio-

nisíaca, onde uma senhora de linhas deliciosamente curvas e formas estritamente vestida de pele, transborda do fragílimo cristal de uma taça. Eis aí a imagem da poesia, não digo piauense nem paraibana, mas da poesia interestadual e internacional de Mário Martins, que isso de mulheres e vinhos, como dizia o outro, é o esperanto que nós todos entendemos e achamos ótimo.

Difícil, comentar o poeta em meio palmo de corpo 6 entrelinhado, escrito sob o rumor constante das linotipos. Direi apenas que o livro de Mário Martins, sendo curto, não oferece margem a essa condenação prévia com que o leitor afobado costuma fulminar os calhamaços, poéticos ou não, da nossa e alheias literaturas. Não há motivo para alarme, a poesia de Mário Martins não se derrama sobre o papel como de um bonde. Contém-se em 58 páginas de pequeno formato. Sonetos (um deles com o subtítulo "Passadista", para distinguir). Poemas de metro livre. Quadrinhas. E no meio de tudo isso, que talvez não seja muito moderno, a surpresa agradável de ver o poeta, embriagado ante a visão de um "corpo maravilhoso", "transportar-se de um pólo a outro pólo, no hidroavião dourado do seu sonho!"

Só isso bastava para recomendar o livro de Mário Martins e, com grande convicção e sinceridade, eu o recomendo aos amantes do Belo e do Novo.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 05-04-1930, p. 10.

MME. ARTUS

— V. não está seguindo o curso de desenho de Mme. Artus?

— Ainda é possível matricular-se no curso de desenho de Mme. Artus?

— Que pena eu não ser professora para poder freqüentar o curso de desenho de Mme. Artus!

São pedaços de diálogos ouvidos no bonde, na Avenida Afonso Pena larguíssima e clara com as árvores cortadas, nas sorveterias e na sala de espera do Glória. Eu não sou propriamente o que se chama um cavalheiro bem informado, mas concluo daí que o curso de desenho de Mme. Artus Perrelet constitui hoje uma das preocupações elegantes da cidade. O que não lhe tira o alcance pedagógico e é antes um índice (como se diz nos editorais), um índice da elevação intelectual da mulher mineira.

Até bem pouco tempo, a idéia da aula era oposta à idéia de prazer. O professor carregava na fisionomia sinistra reminiscências da Inquisição, e as carteiras em que a gente se sentava tinham sinais profundos de canivete e outras armas própria para matar o tédio. Um poeta irresponsável afirmou que, nesse tempo, a escola era risonha e franca. Pois sim. Que noção tinha esse homem do riso? A escola podia ser tudo, menos isso que ele garantia que ela era.

Hoje, quando se pensa na Escola de Aperfeiçoamento e em outras escolas modernas, fica-se com vontade de ressuscitar o poeta e dizer-lhe:

— Doutor, tenha a bondade de reparar como o ensino se tornou amável. Veja a alegria saudável dessas professoras bonitas e inteligentes, clareando ainda mais esses largos pátios, esses salões amplos. Tenha paciência, doutor, mas no seu tempinho não era assim não.

É precisamente na Escola de Aperfeiçoamento que Mme. Artus Perrelet dá as suas aulas notáveis de desenho aplicado, a mais de cem professoras moças de Belo Horizonte e do interior do Estado. Há três turmas, cada turma tem duas aulas por semana, cada aula duas horas e ninguém sai com cansaço nos dedos de tanto desenhar, ninguém se queixa. Mme. Artus é uma professora prodigiosa e fez do desenho, como arte de emprego imediato na vida de todo dia, qualquer coisa de surpreendente, que renova as sensibilidades tão atingidas por essa calamidade que anda por aí, com o nome de cursos de pintura. (A propósito: há em Belo Horizonte mais cursos de pintura do que pintores e mesmo matéria pintável. E todos prosperam sob este sol boníssimo). Mme. Artus trouxe-nos, assim, alguma coisa que não era nem a eterna lua prateando as águas e o respectivo veleiro, nem a eterna curva de caminho com a casa do caboclo em que um é pouco, dois é bom e três é demais, nem as eternas maçãs e laranjas na fruteira da sala de jantar burguesa. Trouxe-nos alguma coisa de novo, e o nosso professorado soube compreendê-la, enchendo as suas aulas e transformando o seu curso num verdadeiro acontecimento artístico e mundano para Belo Horizonte. Ora ainda bem, e viva a pedagogia, quando se liga à inteligência e se prolonga na graça.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 06-04-1930, p. 9.

O OUTRO LADO DE CARLITO

Sou dos que admiram profundamente Carlito. Dos que enxergam atrás da figura grotesca o sentimento de dor machucada, de ironia melancólica e sem outros meios para se exprimir o ridículo quotidiano. Enfim, sou dos que acham Carlito triste, um pouco por natureza e um pouco pelos acréscimos sucessivos que críticos e artistas fizeram à sua personalidade. Porque parece justo distinguir entre o Carlito inicial, amargo sem dúvida, mas positivamente sem uma filosofia e sem uma estética próprias, e o "caso Carlito" o "fenômeno Carlito", que Eli Faure, Jean Cocteau, Paul Morand, Henry Poutaille, Wells e tantos outros vem comentando e discutindo em livros que davam para encher uma estante. O "crescimento moral" de Carlito faz-me pensar nesse ser estranho que é o artista, criador de mundos e criatura ele próprio, tão sujeito às leis do mundo exterior, ao seu sistema de influências e pressões, como os seres que a sua imaginação tirou do nada e pôs no papel, no palco ou num pedaço de tela. Hoje, Carlito tem um sentido de que não suspeitávamos (nem ele) ao tempo daquelas velhas e extravagantes comédias em 1 ato do Keystone. E se o público em geral continua a pedir-lhe apenas aquilo que é a feição superficial de sua arte, a sua macaquice silenciosa e irresistível, nós outros pedimos mais, porque queremos rever, em cada "film" novo, o desencanto, a perplexidade, a malícia, a piedade, a tristeza e o sonho de Carlito, ou seja, o espectro de sua pantomima, o seu lado mais trágico.

Afinal, Carlito foi um homem que deu a volta ao cômico. E que verificou a precariedade e a contingência do cômico, máscara tênue demais para disfarçar a seriedade profunda da vida. Mas que sendo inteligente, não contou isso a ninguém; encheu, apenas, com a sua experiência pessoal, os filmes com que resgatou a vulgaridade do cinema norte-americano e que se chamam "Vida de cachorro", "Ombro armas", "O garoto", "O circo".

Não foi sem propósito que aludi à sua experiência pessoal. Vejo nos jornais que Carlito está noivo de sua primeira esposa, Lita Grey. Casado duas vezes, e duas vezes infeliz, o imenso poeta da cena muda não se revolta, não se recolhe a uma ordem religiosa, não cobre a cabeça de cinza, nem se consagra ao cultivo de crisântemos: casa-se de novo. E logo com a primeira mulher, cujo comércio lhe foi tão difícil e cheio de dissabores.

Há um sentido na vida de Carlito (e na sua obra também), um sentido ainda mais íntimo do que o pressentido pelos intelectuais, e que nos escapa.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 7 — 08-04-1930, p. 7 e 8.

COSIMA

Poucas mulheres no mundo tiveram ou hão de ter o destino dessa Cosima, "criatura admirável, dotada por duas raças", que foi a filha de Lizst e a esposa de Wagner, e que inspirou a Nietzsche uma paixão tão forte quanto inconseqüente. Os jornais contaram a sua morte, com 98 anos de idade, morte sem poesia e sem música, atrasada de tanto tempo, mas apesar de tudo isso tão comovedora. Contaram também a sua vida entre outras vidas que foram belas e tristes, e em que as imagens do gênio se cruzaram com as da loucura e do amor. Wagner adorou-a, possuiu-a, enganou-a. Nietzsche adorou-a sem possuí-la. O pobre Hans de Bulow representou nisso tudo o papel confuso de um homem que se deixa roubar do seu mais caro bem e que não se queixa ou não sabe queixar-se.

Afinal, quais foram as relações entre o filósofo e a companheira do compositor? Na solidão de Triebschen, essas três almas se aproximam e quase se unem, num abraço ideal, mas é para se separarem depois e irremediavelmente. Outro alemão, que construia e reconstruia o mundo com os materiais de seu espírito, viveu também, em Francfurt, dias iguais. André Maurois conta-nos o que foram os dias de Goethe, amando a noiva de seu amigo e passeando com os dois no silêncio noturno da cidade universitária. Um pouco mais de boa vontade do anjo, do destino ou da vida, e também essas três almas se uniriam, para sempre, naquela "infinita alegria" que até agora, parece, o Sr. Graça Aranha foi o único homem a sentir. Goethe curou-se da aventura e compôs o "Werther", que determinou muitos suicídios. Nietzsche não se curou e morreu louco, recordando os dias inefáveis de Triebschen, "dias de confiança, de prazer, de sublimes instantes — de profundos olhares".

Foi tudo o que Cosima Wagner lhe concedeu, alguns profundos olhares. E com tão pouco, o homem atormentado que criou Zaratustra e o fez dançar sobre os abismos do mundo, encheu de saudade a sua vida.

Vejam lá si os amorosos de hoje fariam a mesma coisa.

Os nossos avós não eram mais felizes do que nós: eram, apenas, mais resignados.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 09-04-1930, p. 11.

PASSAM AS BOINAS

Quando a primeira boina apareceu (por sinal que na cabeça gentilíssima de certa professora-aluna da Escola de Aperfeiçoamento), a cidade julgou que se tratava de um fenômeno esporádico. A cabeça era linda e mais linda ficava com o ligeiro chapéu basco caído indolentemente para a esquerda. Era um "trouvaille" pessoal. Não era moda. A moda era o chapéu "cloche", o chapéu exíguo modelando a cabeça e esticando furiosamente os cabelos — e, mais tarde, o chapéu capacete, que deixa a testa de fora e esconde o pescoço. Isto é que era a moda.

Porém essa moda passou, veio outra, e as boinas invadiram alegremente a cidade. Pode-se lá viver sem boina? é o que eu me perguntava ontem, à hora mais perturbadora da cidade — entre as 16 e as 17 — quando um enxame de boinas vermelhas, azuis, amarelas, pretas, bi, tri e quadricolores passava pela Avenida Afonso Pena, colorindo a tarde e dizendo aos basbaques: "Nós somos a cor da tarde; si a nossa tinta se apagar, como é que a tarde se tingirá?" Não, absolutamente não é possível existir sem que haja boinas, muitas e alegres, enchendo Belo Horizonte e seus cinemas, escolas, jardins, sorveterias e calçadas. A boina é hoje um dos elementos de vida, não digo o principal, nem o segundo em importância, mas seguramente um dos mais importantes, e dos mais amáveis também.

Um amigo a quem comuniquei esse meu entusiasmo pelo gorro de cores fortes, que as nossas patrícias estão usando unanimemente nestes dias quase frios de abril, torceu o nariz e pediu licença para achar a boina um chapéu vulgaríssimo. Claro que não concedi tal licença. Ele retrucou que a boina dá às fisionomias femininas mais interessantes um ar cirúrgico e tauromágico de dr. Assuero o que é lamentável. Que a boina só é admissível para colegiais, à entrada e à saída da escola (como os coupons das cadernetas de bonde), nunca para moças que passeiam ou fazem compras. Que a boina (argumento definitivo) é barata demais para ser elegante.

A tudo isso eu respondi, um pouco liricamente, que a boina é a cor, a luz, o movimento e a alegria. Se empresta a todas as moças um ar de colegial, é porque as torna mais moças ainda, e portanto não há gorro melhor do que esse. As nossas patrícias não têm culpa de existir, na Espanha, um médico operador que não podendo ficar célebre de palheta ou chapéu coco, teve de recorrer à boina para conquistar o aplauso público. E rebatendo vitoriosamente o último argumento, lembrei que a boina é graciosa demais para ser barata.

Nisto, vinha passando uma boina azul sobre uma cabeça loura — e o meu amigo mostrou concordar tão fundamente comigo que eu me retirei antes de vê-lo perpetrar um soneto. Um soneto ou qualquer outro crime inafiançável.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 10-04-1930, p. 9.

O QUE ELAS NÃO SABEM

Talvez que as mulheres não saibam e nem sequer suspeitem disso. Entretanto, o que muitas vezes os homens apreciam nelas é menos a sua beleza ou a sua graça do que a sua feldade ou a sua "gaucherie". Porque é um fato, que nem todas as mulheres são belas e muitas estão mesmo completamente isentas desse pecado: entretanto, não há mulher no mundo que não tenha inspirado um verso, uma lágrima, um tiro de revólver ou um adjetivo (à escolha).

Se todas fossem bonitas ou interessantes, estava explicado: a boniteza ou a graça eram os responsáveis por esse descalabro sentimental que sempre existiu e há de existir na face da terra, entre os homens inquietos e apaixonados. Inúmeras mulheres, porém, não receberam a beleza entre os dons com que as fadas as presentearam, no nascimento. Muitas são feias, dessa feiúra triste, que não tem nem inspira consolo. E apesar de tudo, não há nenhuma que não tenha sido amada pelo menos um minuto, um minuto de que o sentimento fez o maior e o mais alto dos minutos, indiferente aos relógios do mundo.

Como explicar, então, esse amor?

É certo que o amor não se explica e recusa, mesmo, qualquer explicação. Mas há de haver um motivo, e esse deve ser justamente aquilo que é comum à maioria das mulheres, ou sejam os atributos melancólicos, a falta de atributos, a ausência de beleza, de graça e de feminilidade. Nós talvez só adoremos nas mulheres o que elas têm de humano e de pobre, aquilo que procuram esconder, mas um diabo irônico está revelando a cada hora. Não raro, é o pequeno, tocante ridículo de uma atitude, de um erro de vestuário, que nos aproxima da criatura até então indiferente, e estabelece a corrente do amor "que move o sol e as outras estrelas". O que a astúcia, o artifício, o "baton" e outras armas femininas não conseguiram, para a conquista do homem, costuma consegui-lo uma simples negligência, uma fraqueza que nos revele a mulher tal como realmente é, com as suas meias cor de carne discretamente cerzidas no tor-

nozelo, a sua obturação a ouro num cantinho da boca, o seu vestido, que percebemos reformado e como que guardando os sons e os cheiros de bailes que passaram...

Mal gosto? Perversão do gosto masculino? Seja qual for a razão dessas inclinações absurdas, o certo é que elas existem, que funcionam implacavelmente, compondo o jogo divertido do amor, em que todo mundo tem direito a uma carta, e o baralho se renova a cada instante.

As mulheres talvez não saibam disso. E o mais curioso é que, mesmo depois de lerem estas linhas, não acreditarão no que eu disse e continuarão a ignorar o grande mistério.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 11-04-1930, p. 7.

VIDA EM DESORDEM

Uma das tristezas da vida é a falta de ordem nos acontecimentos. Geralmente, um planturoso jantar sempre aparece quando estamos de regime, da mesma maneira que chove na hora de irmos ao cinema e a chuva molha todo o nosso prazer. Homem simples, e que tem na simplicidade o seu melhor alimento e sua mais cara diversão, aprecio pouco as demasias gastronômicas, e não me dissipo em diversões. Mas reconheço que a vida é desordenada, e uma alegria vem muitas vezes por ocasião de um enterro, como uma tristeza por ocasião de uma festa: quando não era da conta delas. Daí perturbações mais ou menos graves, que tiram à vida o seu lado ameno, o "lado cor de rosa", na opinião de certo famigerado cronista do "Fon-fon".

Porque cor de rosa? Há uma convenção no fato de atribuirmos um sentido risonho ao róseo, um sentido idílico ao azul, um sentido fúnebre ao roxo. Ainda estou para conhecer vestido mais alegre, dançante e musical do que certo vestido preto das minhas relações, vestido que só ele dava para tornar feliz todo o Bairro de Santo Antônio, onde reside a sua e nossa dona. O que também não deixa de constituir uma falta de ordem no vestuário, que a humanidade estabeleceu dever representar, com suas cores, as diversas emoções humanas, e ajustar-se às diferentes circunstâncias da vida: preto para o luto, branco para o esporte, cinza ou amarelo claro para o trabalho ou a rua.

Por que branco para o esporte, preto para o luto? Na China, as viúvas pranteiam a sombra amada, dentro de alvas roupagens de linho: nem por isso é maior o número de casamento em se-

gunda mão e menor o culto dos mortos. E é possível que na Groenlândia e outros climas inóspitos, os nativos pratiquem a esgrima e o "canolage" metidos em espessos sobretudos de lã escura. Portanto: branco para o luto, preto para o esporte.

Mas, repito, é a lamentável falta de ordem nos acontecimentos que tornou a vida uma aventura difícil e, não raro, de mal gosto, em que os trens chegam sempre atrasados, e as desejadas não chegam nos trens. Já não falo das que não chegam nunca, das que pararam em outras estações infinitamente distantes, enquanto a gente as esperava com o melhor sorriso e com os olhos grandes, das que jamais embarcaram, e que afinal me ajudam a completar estas linhas, sem assunto e sem sentido, como o dia chuvoso em que as escrevo para algum leitor constipado.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 12-04-1930, p. 10.

DOMINGO DE RAMOS

Deve ser da minha meninice, que ficou para trás dos alcantis da Serra do Curral, num canto de terra em que o trem não chega. Deve ser desse tempo em que a imagem das coisas, tão deformada como a de hoje, era entretanto bem diversa da de hoje, porque os olhos do garoto guardavam um lume de curiosidade que já não se acende nos olhos do homem feito. Sim, deve vir de bem longe essa impressão que eu guardo da Semana Santa e que acaba de ressurgir, inteirinha, ao ouvir um homem, no bonde, dizer para outro:

— Amanhã não posso. É Domingo de Ramos e eu pretendo acompanhar a procissão.

Imediatamente o bonde me conduziu a uma Jerusalém construída e povoada à minha feição, com judeus de barbas frisadas e longas túnicas escarlates, curvando-se, nas ruas atulhadas de palmas verdes, à passagem de um homem que trazia um sol na cabeça e montava um burrinho manso. Disse que o homem trazia um sol na cabeça: não, era um resplendor, uma luz intensa e que não se espalhava, que ficava sempre coroando a cabeça de onde pendiam cachos morenos. O homem luminoso seguia calado, mas com um gesto de infinita doçura ia abençoando os judeus prosternados e curvos (um deles tinha um pensamento mal nos olhos: era um fariseu, como depois se verificou). Fato curioso: as ferraduras do burrinho não estalavam nas pedras da rua, que uma esteira de palmas cobria até a altura de um joelho de homem,

amortecendo os ruídos. Palmas entrelaçadas ornavam as janelas, e dos telhados caiam palmas. A cada instante um ramo verde desenhava no ar um hosana. No céu puríssimo, não se tinha absoluta certeza, mas parecia que bocas invisíveis cantavam qualquer coisa só para ouvidos extraterrestres. E na pureza do céu flutuava um incenso, cujas nuvens como que abafavam a antífona suavíssima. Ou seriam simplesmente anjos, de que o simples roçar de asas produzisse essa música de uma religiosa e incomparável alegria.

. O homem luminoso passava entre palmas... O homem luminoso passou. (Alguns dias depois, percorria as mesmas ruas, com uma cruz nos ombros e uma coroa que não era de luz). Ficou apenas, no domingo claríssimo, aquela música que não chegava a ser som, aquele incenso, e sobretudo aquela floresta de ramos e palmas, verde no azul do dia, azul e verde, só azul e verde.

... É assim o meu Domingo de Ramos.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 13-04-1930, p. 9.

A VIAGEM MARAVILHOSA

O Sr. Graça Aranha pode orgulhar-se de ter publicado o livro mais atacado desses últimos tempos, dentro dos estreitos limites da língua portuguesa. Atacado não sei se é bem a expressão, pois "A viagem maravilhosa" tem sido mais negado do que propriamente combatido. Todos os críticos do Brasil, os seus suplentes e os substitutos desses, e ainda os candidatos à vaga desses substitutos estão cobrindo de acres remoques o livro sobre todos trabalhado, o livro maduro do Sr. Graça Aranha... Abro os jornais e verifico, espantado, que pela primeira e única vez na vida o Sr. Tristão de Athayde, tomista categórico e reacionário, concordou com o Sr. Medeiros e Albuquerque, céptico materialista, ou com o Sr. Carlos D. Fernandes, que, à falta de outros adjetivos, me parece ser o mais robusto e volumoso dos críticos nacionais. Assinale-se, de passagem, que esse homem sobremaneira penetrante fez, a propósito do título, a seguinte impressionante observação: "Não condiz com o romance porque não há viagem alguma em toda a narrativa, a não ser a ida do protagonista Felippe a São Paulo, para alienar uma fazenda a compradores americanos. Como, porém, essa ordinária transação ocorre dentro em as normas mais corriqueiras da consuetude (sic), seria descabido invocá-la como justificativa da denominação adotada".) O Sr. Múcio Leão, malicioso, anatoliano e sutil, ficou de mãos dadas com o Sr. Augusto

Frederico Schmidt, gordo, místico e romântico. E o Sr. Agrippino Grieco, espécie de diabo mediterrâneo, zombador de tudo e de todos, incorporou-se ao bloco para zombar também do alentado romance, como o faria, se não estivesse em férias, esse outro velho diabo, cada vez menos ermitão e mais ágil, que é o mestre de todos nós, Sr. João Ribeiro.

Aí está o que conseguiu o ilustre Sr. Graça Aranha, com a sua "Viagem Maravilhosa": aproximar os mais diversos e irreconciliáveis espíritos do Brasil, na condenação a uma obra que todos afirmam empolada, artificial, massuda, mentirosa, sectária, difícil, incongruente e outros qualificativos pouco amenos. É uma grande coisa, mas está se vendo que o autor de "Chanaan" fez, aí, o papel do caçador que caçou um coelho por engano, ou de general que, sem querer, ganhou uma batalha. O coelho que o Sr. Graça Aranha pretendia era outro, e não era coelho, neto ou avô: era matar na cabeça o famoso terror cósmico e pregar a libertação pelo amor.

Coitado, não conseguiu. Ainda não será desta vez que alcançaremos a libertação pelo amor, nem a tão urgente e necessária destruição do terror cósmico. Fiz esta reflexão um tanto inútil em voz alta, como quem declara uma verdade meteorológica: vai chover, está fazendo frio, etc. Ouvindo-a, o meu discreto amigo Guilhermino Cesar, leitor assíduo do Sr. Graça Aranha, e que se achava a meu lado, soltou um suspiro irremediável, fixou determinado ponto no espaço, pediu licença e dissolveu-se no crepúsculo.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 14 — 15-04-1930, p. 9.

O HOMEM QUE SE PERDEU

"O destino de Judas Iscariote faz-nos mergulhar num abismo de espanto. Porque, enfim, esse homem surgiu para cumprir as profecias; era preciso que ele vendesse o filho de Deus por trinta dinheiros. Como a lança e os cravos venerandos, o beijo do traidor é, assim, um dos instrumentos necessários da Paixão. Sem Judas, o mistério não se cumpriria, o gênero humano não ficaria salvo. E, no entanto, é ponto pacífico entre os teólogos que Judas se perdeu. Tal opinião, eles a fundamentam na palavra de Cristo: "Fora melhor para ele que não houvesse nascido".

Essa idéia de que Judas perdeu a sua alma trabalhando pela salvação do mundo, tem atormentado numerosos cristãos místicos, e entre outros o Padre Oegger, primeiro vigário da Catedral de

Paris. Esse padre, cuja alma era cheia de piedade, não podia suportar a idéia dos intermináveis sofrimentos de Judas no inferno. E, pensando nisso sem cessar, cada vez maior era a sua turbação.

Acabou admitindo que o resgate daquela alma desgraçada interessava a misericórdia divina, e que, a despeito da obscura palavra evangélica, e da tradição da Igreja, o Iscariote devia ser redimido. Invadido pelas dúvidas, procurou esclarecer-se. Uma noite, como não pudesse conciliar o sono, levantou-se e entrou na sacristia do templo deserto, onde ardiam lâmpadas eternas, sob a treva espessa. E aí, prostrado ao pé do altar-mór, ele orou:

— Meu Deus, Deus de clemência e de amor, se é verdade que recebeste na tua glória o mais deplorável dos teus discípulos; se é verdade, como eu o espero e desejo crer, que Judas Iscariote está assentado à tua direita, ordena que ele desça até a mim e me anuncie, ele mesmo, a obra-prima de tua misericórdia.

E tu, amaldiçoado há dezoito séculos e que eu venero porque parece teres tomado o inferno para ti somente, a fim de nos deixar o céu, bode emissário dos infames e dos traidores, ó Judas, vem tocar-me com as mãos para o sacerdócio da misericórdia e do amor!

Terminada a prece, o padre ajoelhado sentiu que duas mãos pousavam sobre a sua cabeça, como as mãos do arcebispo no dia de sua ordenação. E, na manhã seguinte, ele anunciava a sua vocação ao arcebispo:

— Sou padre da misericórdia segundo a ordem de Judas, "secundum ordinem Judas".

No mesmo dia, saiu pelo mundo a pregar o evangelho da infinita piedade, em nome de Judas resgatado. Mas seu apostolado se afundou na loucura e na miséria. O Padre Oegger tornou-se swen-denborgeano e morreu em Munique. Foi o último e o mais suave dos cainitas".

Essa historieta é de Anatole France e está no "Jardin d'E'picure", onde a fui colher, traduzindo-a, para algum leitor que pouse os olhos nesta coluna.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 16-04-1930, p. 8.

O CRUCIFIXO

I — A cabeça vista da direita

De todo o corpo crucificado apenas a cabeça está livre.

Os espinhos com que se teve o cuidado de cercá-la tornam-lhe impossível qualquer apoio.

Durante três horas ela reinou e rezou, durante três horas contemplamos a face do Altíssimo.

É natural que tombe por fim, agora que a força a abandona.

Eis chegado o momento que pacientemente esperávamos:

Podemos encarar o Cristo, agora que ele não nos olha mais.

Ei-lo sobre a cruz, tal como se achava quando capitulou para sempre.

Por mais que façamos de agora em diante, sabemos que não mudará.

Não levantará mais a cabeça: permanecerá na transfixão de seus pés e na extensão definitiva de seus braços.

Não mudará nunca mais esta espécie de parcialidade.

Qualquer coisa que façamos, ele não virará para outro lado a cabeça que para o nosso lado se inclina.

Ele medita (sabia tudo com antecedência) e suporta os quatro pregos para esperar-me.

É facílimo verificar que não se acha em condições de defender-se.

A morte que está em mim, o amor que está nele, não fazem mais que um só sentimento.

Sua inocência é o meu pecado — há entre nós isso de vital e de comum.

Se ele é o meu Redentor, onde se passaria isto, caso eu não tivesse pecado?

Os pregos seriam menos duros ao corpo se eu mesmo não fosse tão vil.

A cruz é suportável, mas como pesa com ela o que está ligado a mim pelo peso e pelo desejo!

Tudo o que de pesado há nele tacitamente está em mim como fruto que só cumpre recolher.

II — A cabeça vista da esquerda

Está escrito no livro da Gênese, nessa história que é toda cheia de mistérios,

Que José, depois de longa permanência no Egito, quando se lê que encontrou os irmãos,

Fez sair toda a assistência antes de lhes mostrar o rosto:

(Egito, que quer dizer as trevas em hebreu, é esta terra por excelência em que vivemos, escura e miserável).

Pois não convinha que alguém estivesse presente nesse instante sagrado.

Do irmão que se virou para nós e nos convidou a encará-lo.

Assim quis Cristo, porque o coração dele era forte (ou talvez um amor imenso fosse o motivo).

Só se mostrar cá em baixo do lado esquerdo a muitos santos e santas.

Tudo o que estes fazem, simula não ter reparado.

Quando rezam, dir-se-ia que escuta outra coisa e sua fronte permanece voltada.

Mas eles compreendem, sorriem, não se zangam com isso.

E voltam tranqüilamente para a semeadura e para a vindima.

Pois para aquele que crê, a fé é bastante.

O que a eternidade nos reserva, não há necessidade de vê-lo nesta vida.

Bons servidores, conheceis o vosso dever e é o suficiente.

A luz necessária está convosco e o caminho inteiramente traçado.

E quando o vosso Criador se volta para vós com uns olhos em que a cólera não reside,

Ele não quer nem que os homens nem que os anjos sejam testemunhos desse momento.

Poemas de Paul Claudel, vertidos em português, por

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 17-04-1930, p. 10 e 11.

A MÚSICA DA CIDADE

Todas as vitrolas da cidade anunciaram ontem a Aleluia e as alegrias que dela decorrem desde a queima simbólica do Judas até o baile de gala no Automóvel Club, tudo expressão do contentamento universal pelo termo desse melancólico romance da Paixão, em que um Deus novamente subiu aos céus e um mal discípulo desceu aos infernos. As ruas encheram-se de música e de admiradores gratuitos das melodias que dão uma cadência ao passo dos transeuntes e muitas vezes nos obrigam a dançar nos momentos menos coreográficos de nossa vida... Parece que todos os discos giraram ontem para comemorar o dia feliz, e os coros cristãos dos primeiros séculos da igreja não entoariam com maior vibração os louvores da Aleluia. Sejamos do nosso tempo, e concordemos em atribuir mais essa função às vitrolas, a função comemorativa. Elas já não nos fornecem apenas o comentário sonoro dos acontecimentos, senão também que os marcam e até certo ponto os lembram à pressa distraída do homem de 1930. E é possível que se não fossem as vitrolas, muita gente não soubesse ontem que o dia era festivo e que era preciso queimar um Judas, ao menos na imaginação.

Como é difícil queimar um Judas, um bom e gozado Judas, com o ventre cheio de bombas e molambos, as mãos poluídas sustentando um cabo de vassoura, as linhas da máscara horrivelmente deformadas pelo ódio ingênuo de seus fabricantes! As meninas que me lêem, da geração de 1910 para cá, não sabem o que é isso e jamais o hão de saber. As posturas municipais, sacrificando o pitoresco em benefício da segurança pública, proibiram o Judas, como proibiram os balões coloridos da noite de São João. Belo Horizonte hoje é uma capital como as outras, com as suas noites de junho e os seus sábados de aleluia desprovidos dessa matéria-prima de poesia, demasiado explosiva talvez, mas por isso mesmo mais humana, porque há sempre uma porção de dinamite esperando estourar, dentro de nossa pobre alma urbana e civilizada.

Em compensação, temos a máquina vitrola, que a geração de 1885 (a que pertenço) não conheceu em sua mocidade e, que não constituindo propriamente substância explosiva, consegue entretanto irritar muito nervo burguês e produzir muita dor de cabeça em indivíduos pouco melomanos. É esse o pecado das vitrolas, como aquele

era o pecado dos Judas. Por isso mesmo várias polícias estão proibindo o funcionamento público dos gramofones. Mas isso será matar a música da cidade, e subtrair do passo dos transeuntes aquele ritmo tantas vezes alegre, que só mesmo um samba remelexento de Sinhô é capaz de construir, num momento em que a alegria é tão rara como a sorte nas mãos do cambista.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 18-19-20-04-1930, p. 11.

ELAS VOLTARAM

Elas já voltaram, as que foram passar a Semana Santa em Ouro Preto, Mariana, São João del-Rei e outros abismos da história mineira. Entre dois domingos, o de Ramos e o da Ressurreição, a cidade ficou vazia de alguns dos seus rostos mais lindos, e só não se lamentou muito esse desaparecimento simultâneo porque os dias sagrados convidavam à meditação sobre as verdades eternas, distraindo o espírito de todo vão cuidado terreno. Mas agora que mergulhamos de novo no efêmero e no cotidiano, e que é preciso colorir esse cotidiano, não custa nada a gente confessar que tinha percebido a falta dos rostos bonitos nos dias tristes. Tinha percebido e tomado nota.

Felizmente elas já voltaram. No feriado de ontem, a Avenida cheia mostrava com orgulho as criaturas que a transformam, pisando os arabescos pretos e brancos do passeio, na claridade infinita que dão as árvores cortadas (a Avenida Afonso Pena remoçou dez anos com a poda das árvores; é pena que os seus prédios, quase todos contemporâneos do Borba Gato, e feios como o Borba, não tenham feito o mesmo). Se alguém, com autoridade para tanto, fizesse a chamada, não deixaria de responder nenhum dos nomes femininos que têm a responsabilidade da elegância belo-horizontina. Chamada impossível há alguns dias atrás, quando as cidades históricas e outras que, não sendo históricas, alimentam tradições religiosas, nos haviam roubado alguma coisa da alegria e da sensibilidade de Belo Horizonte.

Que teriam elas ido procurar, na sombra e entre os sinos das velhas cidades mineiras, cujo orgulho maior são as festas magníficas da Semana Santa? Não sou dado a pesquisas psicológicas, mas parece que o gosto do pitoresco — do pitoresco até no misticismo — há, de ter influido nessa evasão que não foi um fenômeno isolado, caso de duas ou três garotas enjoadas da Capital, mas bastante generalizado para preocupar um cronista grave e mundano. Eu

as estou vendo daqui, subindo as ladeiras de pedras difíceis, em meio à procissão de velas acesas e cantos longos e lentos, com todo o cerimonial, não digo do Triunfo Eucarístico, mas das boas festas religiosas de antigamente. E palavra, fiquei gostando mais dessas garotas que preferiram trocar a liturgia discreta, os bolos de Páscoa e os bailes de Mi-Carême de Belo Horizonte, por um mergulho reto e alto no passado cheio de rezas, andores, centuriões e músicas, de S. João e Ouro Preto. Elas voltaram com memórias lindas nos olhos e sem nenhuma teia de aranha histórica nos cabelos. E quando lhes falarmos de Oberarmmegau, e das maravilhas da Paixão de Cristo que ali se reproduzem todos os anos, sorrirão docemente da nossa erudição livresca, — porque têm o "saber de experiência feito".

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 21-22-04-1930, p. 6.

KODACK

Eu conheci a rua da Bahia quando ela era feliz. Era feliz e tinha um ar de importância que irritava as outras ruas da cidade.

Um dia, parece que a rua da Bahia teve um desgosto qualquer e começou a decair. Hoje, a gente olha para ela com um respeito meio irônico e meio triste. Como quem olha para Ouro Preto.

*

Gosto da rua Caetés, a rua mais interessante da cidade. Rua de bigodes e gritos joviais, de pequeninos arranha-céus e de grandes laranjas amadurecendo em caixotes. Rua de sedas e vitrolas. Elegante. Popular. Nossa.

E depois, é também a rua mais camarada de todas: sempre disposta a fazer uma diferença, para você ficar freguês...

*

Eu não tenho pena dos basbaques que anoitecem no Bar do Ponto, vendo a vida e as mulheres passarem. Tenho pena é do Bar do Ponto, que suporta esses basbaques, há 33 anos.

*

O último concurso de beleza deu-nos alguma coisa que meditar. A vitória de "miss" Carlos Prates é de algum modo a vitória de Carlos Prates, do bairro desmerecido que até bem pouco a Serra e os Funcionários não ligavam. Agora, é o que se está vendo: Carlos Prates, Barro Preto, Lagoinha olhando de igual para igual para Santo Antônio, Cidade, Serra. Um dia chegará a vez de "miss" Palmital, e desde já fiquem avisados de que o Palmital é a paisagem mais larga, arejada e bonita de Belo Horizonte.

*

Por que será que quando a gente sobe a Avenida João Pinheiro corrige insensivelmente a dobra do paletó e passa a mão no pescoço, para ver se não esqueceu a gravata em casa?

*

O melhor alfaiate de Minas está instalado na rua Baritina, a 3 quilômetros da Praça 7, lado esquerdo de quem sobe, casinha de porta e janela e uma tabuleta no alto: "O BELO BRUMIL".

*

Na estrada que leva ao Barreiro, os amigos do pitoresco encontrarão a Cabana do Pai Tomás, que não é cabana e não pertence ao Pai Tomás: tipo de vendinha de beira de estrada, com a "abrideira" dentro do pipote, num canto do balcão.

Mais perto e mais poética é a Cabana da Alegria, esta sim, com a sua cobertura autêntica, de sapé, no fim da linha de Carlos Prates. Bom lugar para se beber um chopp e se contar a história da namorada que nos enganou com o menino de bigodinho que joga no Atlético.

Antônio Crispim..
Minas Gerais — 23-04-1930, p. 8.

TESTE

Antigamente as professoras usavam óculos e não eram bonitas. Por isso mesmo o ensino se fazia com dificuldades horríveis e ninguém aprendia a ler e escrever, ou aprendia sem gosto, para se utilizar desses conhecimentos lendo ou escrevendo artigos contra a feiúra das professoras. Feiúra respeitável, que se apoiava na palmatória, na varinha de marmelo inquieta sobre a mesa, e no capa-

cete de papel que, apesar de tudo, era o lado mais ameno da escola e dava à gente uma ilusão tímida de Carnaval. Todo mundo se julgava profundamente infeliz, e as professoras também.

Hoje elas são bonitas e não usam óculos. O ensino mudou. Vieram uns senhores de nomes estranhos mas simpáticos — o dr. Decroly, o dr. Kerchensteiner, o dr. Dewey — que substituíram com vantagem as barbas do Barão de Macaúbas e o cavanhaque severo de Felisberto de Carvalho. Veio também uma palavra nova, rápida e feliz, uma palavra que a gente apenas começa a pronunciar e já acabou: teste. Há testes de tudo: de aritmética, de linguagem, de geografia e de inteligência. A escola ficou interessantíssima. Os alunos são testados pelas professoras e estas, por sua vez, se deixam testar pelo dr. Simon, aquele doce e grave dr. Simon, que achou as professoras mais adiantadas do que as estagiárias e das diretoras mais adiantadas ainda do que as professoras: exatamente na ordem hierárquica. Depois de tudo isso, testar é um prazer, e eu testo, você testa, ele testa.

O último exercício desse gênero a que me foi dado assistir foi um teste de absurdos. A professora dizia uma frase absurda e, de relógio na mão, esperava a classe corrigir. Por exemplo: "Na rua São Paulo, um homem caiu da bicicleta, de cabeça para baixo, e morreu instantaneamente. Foi conduzido ao hospital mas há receio de que ele não fique bom". Todo mundo viu logo que isso não podia ser e que o sujeito estava morto mesmo.

O segundo exemplo foi mais trágico: "Acharam no mato o corpo de um rapaz cortado em 18 pedaços. Dizem que ele se suicidou. Será exato?" A maioria repeliu imediatamente essa hipótese, mas um garoto a admitiu, lembrando que o rapaz podia ter obtido aquela porção de pedaços cortando os dedos. Com que? indagou outro. Ele não respondeu e a classe passou-lhe um trote.

Deixei para o fim a terceira pergunta, não propriamente porque ela envolva uma anedota engraçada — e não envolve — mas porque faz pensar. A professora disse que tinha sete irmãos: "Pedro, Arthur, Joaquina, Janjão, Romualdo, e eu". Certo? Houve um momento amargo de indecisão. Afinal, uma garotinha de sete anos descobriu: "Errado! A gente não pode ser irmão de si mesmo".

Sussurro de aprovação do auditório. Mas um menino experimentado e de óculos, ruga precoce na testa, levantou-se para protestar: "Está errado. Onde se viu a gente ter tanto irmão num tempo desses?"

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 24-04-1930, p. 11.

SOBRE A EXISTÊNCIA DO AMOR

O amor existe? Pergunta que pode parecer dispensável, como por exemplo: A terra é redonda? Qual o cigarro que você prefere? Quantas horas são? Entretanto, pergunta que tem a sua razão de ser, sem ironia ou cinismo. Sim, é o caso de se indagar se o amor existe, e não só nos romances chamados franceses, que narram conflitos psicológicos a 7 francos e 50, mas também na vida e nos jardins zoológicos deste mundo. Foi precisamente em um jardim zoológico que se deu o caso triste do urso, com tudo o que é possível tirar dele, de pensamento e melancolia.

Os jornais contam que foi assim: o urso mais ilustre do Jardim das Plantas, em Paris, passou pelo golpe de perder a companheira. Baqueou. O diretor do jardim, espírito céptico, ou melhor, espírito crédulo, julgou que seria fácil reanimar-lhe o moral. Mandou vir uma deliciosa ursa branca, dessas com que é de uso enfeitar as narrações polares, com ou sem general Nobile. Os freqüentadores do jardim eram da mesma opinião: a ursa nova substituia perfeitamente a defunta. E daí era a ursa nova, isto é, aquela que é sempre bem-vinda, porque nós todos, homens, ursos e outros animais, amamos a novidade, que, se não fabrica moeda original, com que financiar sonhos inéditos, pelo menos dá um certo brilho à velha moeda circulante, com que se compram os sonhos de cada dia.

Pois veio a ursa e não agradou. O viúvo inconsolável recebeu-a com extrema reserva e mesmo com impolidez. Tanto que, minutos depois, a ursa foi retirada aos pedaços. O desgraçado matara-a, como nunca homem algum matou a sua segunda noiva.

Está aí no que deu a aplicação a um urso parisiense, de dados psicológicos colhidos nas páginas do sr. Ardel e do sr. Henry Bordeaux. O coração humano, disse um desses senhores, não sei qual, é um pélago profundo. O remédio é encher esse abismo com sucessivas representações do velho ideal feminino, porque, como disse outro desses senhores, ignoro qual, o verdadeiro complemento do homem é a mulher. Ou feita a devida transposição, não há nada melhor para um urso do que uma boa ursa.

Duas ursas, porém, creio que é demais. O viúvo inconsolável do Jardim das Plantas parece ser da mesma opinião. Sim, o amor existe até nos jardins zoológicos, mas não convém abusar, porque a vida é curta e a paciência também.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 25-04-1930, p. 10.

DO CIRCO DE CINEMA

Os nossos rapazes são de circo, as nossas garotas são de cinema. Essa classificação, demasiado sistemática, há de conter certa dose de injustiça, que é o tempero de todas as afirmações, ainda as mais inocentes. O circo e o cinema ainda não tomaram conta inteiramente da nova geração. Restam alguns rapazes que não são do picadeiro, algumas moças que não são da cena sincronizada. Mas são raros como a edelweiss ou como o flor do lotus. Portanto, exceção. A regra é o circo e o cinema, com todos os seus pseudônimos e sublimações freudianas.

Por exemplo: estádio, flirte, footing, chá dançante, discurso, baratinha, concurso de "misses". Todos são disfarces ou do cinema ou do circo, ou dos dois ao mesmo tempo. Há uma palavra geral para tudo isso, tirada ao vocabulário do nosso avós: frivolidade. Mas não exprime bem, como tudo que é da língua e da gramática dos velhos. Frivolidade o que vem a ser? O moço que dá remadas amplas na Lagoa Santa não é frívolo. A moça que corta o cabelo à ventania e transporta o corpo moreno em um vestido exíguo, com missangas violentas em volta do pescoço, não é uma moça frívola. Há uma seriedade no cinema como no circo. Esses meninos e meninas talvez não saibam disso, mas o papel esportivo ou simplesmente serelepe que eles representam nem por isso tem um sentido menos profundo. Piolin e Joan Crawford: duas figuras nítidas, bem recortadas no tempo e no espaço, e que cruzam com você na rua, dizendo-lhe adeus na ponta dos dedos, ou convidando-o para um café. Afinal, humanos, indispensáveis e representativos.

São tipos gerais. Há, é claro, as diversificações que o clima e os costumes exigem, mas que não alteram a expressão intima e constante. Piolin há de ser sempre Piolin, quer esteja sobre o tapete ou à porta do Glória. Assim também Joan Crawford, no clube de sociedade ou no bonde operário, cheirando a Guerlain ou à Perfumaria Flor do Amor. O inventor das criaturas varia pouco os modelos e diverte-se com nossa miopia. No fundo, nós todos (e não apenas os rapazes de bigodinho e as garotas de boina e casaco sobre os ombros), nós todos somos de circo e de cinema. Ou antes: nós somos do amor.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 26-04-1930, p. 8.

O LIVRO ENTRE OS DOIS

Um conselho da sabedoria universal recomenda secamente: Não empreste livros. As razões são óbvias: Livro emprestado quase nunca volta à estante de onde saiu. Ou se volta é uma tristeza: faltando páginas, e com outras cheias de comentários a lápis. Esses comentários constituem mesmos uma subliteratura muito usada entre nós: o papel e a mão-de-obra tendo atingido a preços proibitivos, não há remédio senão irmos publicando os nossos pensamentos à margem dos pensamentos dos outros, e na mesma edição que os outros. Este, o ponto de vista dos inúmeros escritores em busca de um editor. O ponto de vista do possuidor de livros difere muito do primeiro. Trata-se de defender os volumes contra a sanha dos amigos gratuitos da leitura. O remédio é não emprestar. "Não empreste livros", diz a sabedoria popular. Eu acrescentaria: "Não empreste livros... aos homens".

Porque para as mulheres é diferente. Há um prazer sutil, e que nenhum espírito bem educado deixa de sentir, em confiar a mãos e olhos femininos um livro que nos comoveu ou nos fez pensar. É um vínculo que se estabelece entre duas criaturas, e não é um vínculo perigoso como o do casamento ou qualquer outro contrato social, com multas estipuladas para as infrações. Será, antes uma cumplicidade do que um vínculo: são duas pessoas a guardar o segredo de um livro bonito, em um país de analfabetos. Sem falar na satisfação que nos dá a descoberta de um outro espírito, feita lenta e deliciosamente, a custa de um simples e inofensivo intercâmbio de leituras. Cada poeta ou cada romancista que propomos vai desenhando o gráfico de um temperamento que, muitas vezes, resulta igual ao nosso, e no qual o nosso afinal se contempla, com essa breve e indefinida volúpia que há em a gente se encontrar nos outros seres. E tudo isso, repito, à custa de um simples empréstimo de livros, confessemos que é uma das claridades da vida.

A mulher, por muito pouco ou por demasiado inteligente que seja, absolutamente não escreverá bobagens ao lado das palavras que os livros encerram. Não arrancará folhas deles, e pode muito bem ser que lhes acrescente, não digo outras folhas, mas um certo e determinado perfume, ou a suspeita de um perfume feminino, que por sua vez homem nenhum, por mais constipado que seja, deixará de aspirar como um cheiro positivamente bom de se cheirar.

Resta uma dificuldade a considerar, e é a da escolha, ou melhor, da dosagem desses livros. Alguns técnicos com quem tenho conversado aconselham a marcha do simples para o complexo, de

Delly e José de Alencar para Anatole France e Jean Giraudoux. Outros são do golpe da violência: os autores de Kra, da N. R. R., da Grasset; os modernos ingleses e espanhóis logo ao primeiro ataque.

Entre as duas correntes, cada uma delas com as suas razões e os seus pontos de vista, eu passeio a minha indecisão e a minha terrível vocação para a "gaffe", que me faz sempre emprestar o livro que não devia à moça que não me pediu...

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 27-04-1930, p. 9.

JONNY — CAP

As leitoras desta seção, que antes de se informarem dos aniversários ou dos casamentos do dia, passam os olhos por estas linhas em grifo — deve haver alguma, e eu não a censuro por isso — com certeza já meditaram na irremediável inutilidade do que escrevo. Aqui nada se aprende e talvez se esqueça alguma coisa. Conversa sobre temas frívolos ou graves, mas sempre frívola, minha conversa não vale certamente nem uma página nutrida do "Jornal do Comércio" nem um discurso substancioso sobre o feminismo e outras gripes. Enfim, eu sou o tipo do cronista que deixa nos leitores a mesma impalpável e fugitiva impressão que deixa (olha o furto da imagem), a sombra de uma asa sobre o pó do caminho.

A verdade é que nós nascemos úteis ou inúteis, e eu nasci inútil. De minha pena até agora não brotou a receita da melhor pomada para cravos ou da melhor maneira de aproveitar cacos de garrafa para desenhar o contorno de um jardim burguês, em que à tarde se faça a digestão e se goze o prazer vegetal de espiar a prosperidade das flores também burguesas. Não entendo de grafologia e sou fraco em metrificação; portanto, careço de elementos para interessar duas clientelas numerosas: a das mocinhas que querem saber se são boazinhas ou se têm mau gênio, e a dos mocinhos que, apesar do futurismo e da revolução russa, ainda se obstinam a rimar a lua, os beijos, as vagas do oceano e os suspiros da rolinha do sertão.

Entretanto, folheando ontem um jornal paulista, encontrei alguma coisa que me chamou a atenção e que me parece constituir assunto da mais evidente utilidade para as leitoras em geral: o "jonny-cap". Transporto para estas colunas a alvoroçada descoberta. Por "jonny-cap" se entende um chapéu-gorro, primo-irmão da boina mas diferente da boina, que tem a particularidade fregoliana de se transformar em muitos e diferentes chapéus distintos.

A moça adquire o "jonny-cap", recebe uma ligeira explicação técnica sobre o seu manejo, estuda-o e cada dia terá um chapéu novo baratíssimo. Não há nada mais elástico do que o feltro do "jonny--cap", que se curva a todos os caprichos de uns dedos de mulher. Ele é grave ou ingênuo, correto ou amolecado, misterioso ou simples. Não tem forma e nem opinião: é, enfim, um chapéu que convém a todas as mulheres.

Detalhes de preço e de lugar, onde adquiri-lo não cabem aqui. Eu não sou um propagandista, mas apenas um cronista que quis ser útil ao menos uma vez na vida e por isso inventou o "jonny-cap".

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 28-29-04-1930, p. 9.

LIÇÃO DE SÊNECA

Protestando delicadamente contra a classificação apresentada que ousei fazer de nossa população jovem — rapazes de circo, moças de cinema — alguém que eu não conheço e que derramou uma letra masculina sobre um papel evidentemente feminino — faz-me a seguinte pergunta: "Afinal, que modelos propõe o sr. para substituir, no culto de nossa gente moça, os padrões fúteis que lhe desagradam? Vamos, dê-nos um mestre de conduta"...

Vejo-me, pois, na posição equívoca do homem convidado a definir o seu pensamento sobre um tema controvertido. Posição tanto mais difícil quanto eu não cultivo opinião alguma a respeito desse ou de qualquer outro tema do planeta. Se a mocidade precisa de modelos, isso não é positivamente comigo. Eu preferia indicar-lhe o modelo da última Chrysler ou da mais recente eletrola. São modernices de que não me utilizo na minha sobriedade de Ghandi sem adeptos, mas são modernices que correspondem a necessidade de barulho e rapidez da vida de hoje. Esses, os modelos que eu talvez sugerisse. Entretanto pedem-me outros, falam em mestres de conduta. O caso é sério.

Pois bem, esse mestre de conduta não seria nem Alcebíades, nem Petrônio, nem Oscar Wilde nem nenhum outro céptico ou sibarita que esteja sempre ouvindo o ruído das taças que se quebram ou outro (mais doce) do vinho caindo nelas. Também não seria um ser nutrido de gafanhotos e abstrações, um divino Platão, por exemplo, nem um gravíssimo e respeitável Catão ou um honesto e burocrático Marquês de Maricá. Entre o cinismo de uns e a pureza de outros, é preciso escolher o ponto em que virtudes e vícios se tocam, para não dizer que se confundem, e dessa mistura estranha saem as melhores lições da experiência humana.

Peço licença para propor Sêneca, o "velho caluniado", como lhe chama Barrés.

Eu me sentiria feliz em ver a lição de Sêneca meditada por essa gente nova que está enchendo as ruas e os dancings. Meus amigos e minhas amigas, vocês dão muita importância ao pecado para cultivá-lo com tanto carinho assim. Também dão muita importância à frugalidade, para desprezá-la como coisa feia e triste. É melhor não nos privarmos de nada (lição de Sêneca) mas desdenhando essa posse que morre com o minuto e muitas vezes não deixa nem o chamado gosto de cinza, com que se deliciava o voluptuoso rei David. Vocês todos podem dançar e praticar o ascetismo. Basta não imaginar que o blues é a última palavra da criação e a prova mas cabal da excelência do mundo. Sim, o blues existe e é gostoso, mas Sêneca, se ressuscitasse, dançaria o blues com uma certa reserva.

Enfim, Sêneca deu-nos uma lição de indulgência, para com os outros e conosco mesmo. Ele nunca protestou contra a vida, reclamando, por exemplo, maior dose de felicidade do que a distribuída geralmente no seu tempo. Passou momentos cacetes e sua morte não foi das mais suaves, mas foi das mais elegantes. Enfim, tinha defeitos que não eram encantadores nem repelentes, eram apenas defeitos, que ele próprio enumerava de bom grado, quando lhe pediam que discorresse sobre as fraquezas do homem.

Proponho-lhes, pois a lição de Sêneca, vertida do latim para o português-brasileiro de nossos dias, movietonizada e penteada à moderna. Isto traria um pouco de ordem à nossa vida sem sentido e sem profundidade. E sempre seria mais decente do que copiar o cravo verde de Oscar Wilde.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 30-04-1930, p. 13.

O BAILE SOB O HOLOFOTE

Sábado, 3 de maio, haverá um baile na Associação Universitária Mineira. Um baile que promete ser um caso seríssimo no capítulo elegância e seus paragráfos.

Os leitores sabem o que é um autêntico baile belo-horizontino. A coisa mais melancólica do mundo. Meia dúzia de moças e muitos rapazes, uma infinidade de rapazes sérios e de óculos, que meditam na metafísica das andorinhas e soltam longos e lentos suspiros interiores. O tédio, escorrendo pelas paredes como um visgo impalpável, imobiliza-se nas lâmpadas que iluminam sempre o mesmo

tango de uma tristeza insondável e americana. A alegria passou pelo salão, rápida como um antílope. Passou e não deu confiança. Até meia-noite, ainda há "esperança de porto e salvamento", como dizia o velho Camões, mas depois dessa hora as comportas do tédio se abrem sobre o salão, e todos os convivas falecem às duas da madrugada, para ressuscitar às 11 do dia, quando o ponto se abre nas repartições. Assim a vida corre e nós corremos também.

Se eu insisti na pintura de um baile-tipo de Belo Horizonte, foi para garantir que o da Associação Universitária não se parecerá absolutamente com ele. Em primeiro lugar, será o primeiro, e estará livre, portanto, de seguir uma dolorosa tradição que nem se coaduna com a alegria própria dos estudantes. E francamente, não valia a pena que os estudantes de todas as escolas superiores da Capital se reunissem para cultivar a melancolia dançante, que é uma das formas menos toleráveis da melancolia. Seria melhor, nesse caso, que continuassem isolados nos seus respectivos centros, onde, à falta de ocupação mais interessante, eles se divertiam com os aspectos sempre renovados da chicana e da politicagem acadêmica.

Em segundo lugar, todas as providências foram tomadas para que o baile da noite da descoberta do Brasil seja um baile notabilíssimo. Entre essas medidas está a de não convidar pessoas cacetes. Nenhum sujeito difícil de se tolerar recebeu o cartão gentil da diretoria da A. U. M. O próprio Pedro Álvares Cabral, a quem o dia é consagrado, se vivo estivesse, talvez não fosse distinguido com um convite. Estão vendo por aí que uma festa assim nunca poderia ser uma festa "manquée".

Terceira e última razão, e a mais forte de todas: o baile de sábado será bom, porque moças e moços da cidade já combinaram isso mesmo e há dias que não se fala em outra coisa nestas ruas e salas em que se comenta a vida e seus acontecimentos. Se já está combinado, quem terá coragem de subir as escadas daquele prédio novo da rua Rio de Janeiro, só para envenenar a reunião bonita e clara dos estudantes? Eu proporia que se fuzilasse esse infame, aliás infame inventado e portanto inofensivo. Preparemos-nos, pois, para a noite amável em que os universitários abrirão a casa que é deles e um pouco também das meninas que gostam deles. Noite amável e iluminada, não por meia dúzia de pisca-piscas e vaga-lumes, mas pelo holofote poderoso que, do alto do edifício Bleriot, esculpe a cidade na massa das trevas.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 01-05-1930, p. 12.

FICAR EM CASA

O dia de ontem foi do Trabalho. Isso, traduzido na gíria burguesa, quer dizer: Dia-de-ficar-em-casa. De ficar em casa, de pijama listrado ou robe-de-chambre, conforme as posses e gostos do indivíduo, com os respectivos chinelos e o indispensável maço de cigarros. Assim preparado para encher o espaço que vai da hora do almoço à do jantar; o bom burguês recolhe-se à sua poltrona, ou "chaise longue", ou rede, ou simplesmente cadeira de palhinha, pega de um livro ou do "Jornal do Commércio" (o "Jornal do Commércio" é um símbolo) e lê. Mas também é livre de dormir, de contar as florinhas do barrado estilo alemão que enfeita as paredes de seu escritório, se este é modesto, ou contemplar as paisagens e marinhas que nelas se dependuram, se é um escritório com pretensões artísticas e literárias. Nem mesmo tem obrigação de ficar em casa, a não ser essa obrigação moral do feriado, a cujo sentido está sempre ligada uma vaga e doce idéia doméstica de pijama e chinelos, com um vasto café com biscoitos às duas horas, no "decor" inconfundível da sala de jantar: a louça burguesa espalhada entre os cristais e espelhos dos móveis também burgueses, e uma fruteira espetaculosa ostentando as melhores laranjas e as mais vermelhas maçãs de Barbacena (ou da Argentina). Este é o feriado-modelo, o feriado "standard", herança transmitida religiosamente de pais a filhos, tradição na qual não convém bolir, como aliás em qualquer tradição.

É possível que falte vivacidade e mesmo pitoresco a essa interpretação familiar das efemérides cívicas. Mas é tão familiar e gostosa, que ninguém se lembra de protestar contra ela. E daí, para quê?

A doce alma patriarcal de Belo Horizonte espreguiça-se, satisfeita, em dias como o de ontem. Um feriadozinho, hem? Sim, senhores, a vida não é tão difícil assim. Na monotonia dura dos meses que se sucedem sem se renovarem — trabalho, trabalho, trabalho — lá de vez em quando aparece o oásis de um feriado, palma verde acenando na cinza do poente, e uma beatitude integral nos invade a alma e os calos, reclamando com urgência, para se expandir, o complemento indispensável do chinelo e do pijama.

Em dias assim, dá gosto a gente mergulhar num vasto número de "Ladie's Home Journal", por exemplo, com a sua tinta fresca no papel fino, as suas gravuras de um colorido limpo e doce, os seus contos repousantes da Mary Lindsay Squier e outras Mary, os seus saborosíssimos anúncios ilustrados de "cakes", "puddings", "breads", representados nas mais lindas porcelanas do mundo (não há nada que nos convide mais ao pecado da gula que um anúncio de farinhas de uma revista americana do lar). A folhinha, na parede, está marcando ironicamente o Dia do Trabalho. Mas a nossa folhinha interior marca o Dia da Preguiça.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 02-05-1930, p. 6.

BICHO TUTU

Vem de muito longe, dessa camada de nosso ser que se diria fundida ao sol africano, de que as amas pretas carregam a saudade na voz cheia de lembranças e mistérios. Medo positivo, orgânico, celular. Medo do bicho tutu e das mil e uma assombrações que enchiam a noite brasileira, e a cada galho que estava no quintal ou a cada gemido do vento no galho, entravam de atropelo pela janela a dentro. Lembram-se? Era difícil a gente dormir com tanto bicho feio espreitando na sombra; e se dormia, era para sonhar com esses diabos e acordar com o coração batendo tanto quanto bate hoje, depois de velho, quando passa na rua a chamada mulher fatal.

As assombrações variavam. Às vezes tinham figura humana, ou quase, como o saci, que por sinal cachimbava num bruto cachimbo preto e, coitado! só tinha uma perna. Para explicar a falta da outra perna, Mãe Preta inventava uma história que cada dia era diferente, a ponto de ser preciso às vezes chamar-lhe a atenção para a verossimilhança e autenticidade de suas histórias. A mula-sem-cabeça era horrível, o lobisomem também não gozava de nossa estima, porém já o Cafas-Leão, indivíduo abundante e torrencial, que almoçava um carneiro para jantar um leitão assado, quando não preferia uma carnezinha tenra de criança, o Cafas-Leão tinha uma certa grandeza rabelaisiana, que nós, mais tarde, havíamos de identificar com simpatia. Sim, o Cafas-Leão não era dos piores e deixem lá que tinha a sua graça.

Para uns, era o capeta que costumava aparecer pessoalmente. Esses eram os mais insubordinados, contra os quais a presença do saci ou do caapora não dispunha de nenhum poder coercivo. Só o demônio, soprando fogo pelas ventas e envolto numa nuvem de en-

xofre, era capaz de intimidar esses desgraçados. Outros, mais felizes porque mais poéticos, necessitavam apenas, para dormir, que se lhes contasse a história da sereia que penteava os cabelos com um pente de ouro. A história da mãe d'água. A história da bela adormecida no bosque.

Mas aqui já estamos passando para o lado de lá dos contos e lendas infantis, quando era do lado de cá que eu queria ficar. Do lado do currupira e do bicho-comedor-de-gente, que mortificavam as nossas insônias, desenhando-se e desfazendo-se na parede, a cada oscilação do pavio da vela, esse doce e meditativo pavio que alumiava a nossa meninice. Porque a nossa meninice — a minha, pelo menos — era do tempo do papão e de outros seres medonhos e perigosos.

Hoje, vou aos cinemas e vejo pelas fitas que a melhor maneira de se fazer medo a uma criança é dizer-lhe: "Lon Chaney will get you if you don't wastch out." Ou por outra: "Fica quieto senão Lon Chaney te pega".

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 03-05-1930, p. 9.

UMA LIÇÃO PARA VOCÊS

Realizou-se há pouco, em Paris, o leilão dos livros de André Gide. Foi uma perversidade do autor de "Les faux monnageurs": expor ao público, sem pudor e sem discreção, os volumes que, durante anos e anos, amigos, admiradores e outros lhe ofereceram com dedicatórias provavelmente amáveis. E não só expô-los, tarifá-los também. Cada qual tinha o preço que ao escritor desabusado se afigurava mais justo. Edições príncipes, edições em verge pur fil Lafuma, edições raras e caras, amontoadas em lotes e catalogadas pelo leiloeiro indiferente. A venda causou curiosidade e escândalo, e é natural supor que André Gide tenha obtido pecúnia suficiente para encher os ócios de sua velhice não desprovida de ironia. Afinal, para alguma coisa serviram essas ofertas insistentes.

Porém o melhor do episódio é que, entre os livros postos à venda, figurava um "Anti-Corydon" de certo autor anônimo, escrito para combater o Gide amoral e dissolvente do "Corydon". O autor dessa obra recomendável teve o cuidado de oferecê-la a Gide com dedicatória autografada, que tenho motivo para supor gentil pois não seria crível que um indivíduo se aproveitasse da circunstância de oferecer um livro a outro indivíduo para dizer-lhe coisas crespas e desaforadas. Há ocasiões mais próprias para isso: durante uma festa hípica, por exemplo. O cavaleiro em questão avan-

ça para o outro e diz em tom resoluto: o sr. é um cavalo. Segue-se (ou não se segue) imediata reação do outro, e o incidente termina com a intervenção oportuna de cavaleiros bem intencionados, desses que gostam de carregar a flecha da paz no bolso do colete. Enfim, isso não vem ao caso, e o certo é que André Gide pôs o o "Anti-Corydon" em leilão com a seguinte nota explicativa e diabólica: "Non coupé".

Episódio que sugere várias e amargas reflexões. É claro que eu não vou fazê-las nesta coluna em que o leitor não está acostumado a encontrar reflexões, mas a notação fugitiva da vida ou do vestido que passa. Direi apenas que André Gide, expondo à venda, anos depois de tê-lo recebido, e sem sequer haver esflorado as suas páginas, um livro que devia interessar-lhe particularmente (e só ele mesmo poderia dizer até onde ia o interesse desse livro) deu uma terrível lição aos inúmeros e inefáveis autores brasileiros, que diariamente nos agridem com as suas obras e obrinhas. Uma lição que, como todas as lições e parábolas deste mundo, permanecerá inútil e sem proveito.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 04-05-1930, p. 4 e 5.

A AVENIDA AO SOL

Um amigo puxa-me pelo braço e diz:

— "Só agora, neste ano da graça de 1930, é que eu fiquei conhecendo realmente a Avenida Afonso Pena, E que doloroso conhecimento! A mesma coisa que sucede quando afinal nos aproximamos de uma mulher esquisita, mil vezes entrevista no borborinho cotidiano e mil vezes desaparecida no mesmo borborinho. Os instantâneos que nos haviam ficado de encontros entre uma porta de auto e uma porta de sorveteria, ou na claridade bruscamente extinta de uma noite de cinema, guardavam, por exemplo, a graça de um incomparável sorriso. Como sorria bem aquela senhora. Que sorriso tão fino, tão inteligente. Assim, nem a Gioconda. Eis que um dia o acaso ríspido ou um moço prestante nos põem frente à frente com o animal maravilhoso e verificamos (com que dor o verificamos) que o sorriso desencantado daquela senhora era uma ruga.

O sorriso desencantado da Avenida Afonso Pena era, não sei bem se as suas árvores ou se a miserável arquitetura que essas árvores escondiam. De qualquer maneira era um "bluff". Quantas vezes, das alturas do bonde do Cruzeiro, nesse Olimpo em disponibilidade que é a Serra, eu cravei olhos famintos nessa massa de folhas e luzes que formava a perspectiva da larga rua central. O túnel espesso de

verdura de antigamente cedera lugar a um desenho menos compacto e vegetalmente mais policiado, mas ainda assim, intensamente sugestivo. A avenida me aparecia misteriosa como a Índia, com a reta dos troncos misturando bazares, "flirts", vitrinas, bares, casas bancárias, tudo isso animado e povoado pelo múltiplo animal humano. Confesso que havia nesse sonho confuso um pouco ou muito de literatura. Em todo caso, literatura provocada pela massa verde que se inseria na grande artéria e fazia dela uma rua e um caminho ao mesmo tempo. Mas hoje...

Podaram as árvores e verificou-se que a Avenida não tinha mistério nenhum. Era uma rua como as outras, com os mesmos sobradinhos e as mesmas casinhas térreas das outras, apenas com um espaço maior entre uma e outra fileira de casinhas e sobradinhos. E mesmo essa particularidade não é sua, é de todas as avenidas de Belo Horizonte. E aí temos uma Gioconda sem mistério, ou sem sorriso, o que é a mesma coisa".

Assim falou o meu amigo desapontado. Amanhã falará outro amigo contente.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 05-06-05-1930, p. 10.

AMIGOS DO VERDE

O meu segundo companheiro falou assim:

— Positivamente, não há nada como um lugar comum para ornamentar a vida e encher um tempo que todos dizem ser precioso, mas que em geral se consome procurando o que fazer e como fazê-lo sem muito esforço. O lugar comum não acrescenta nada ao nosso patrimônio intelectual, o que é já uma garantia de estabilidade. Também não lhe tira nada. Com duas ou três verdades estabelecidas, um homem é muito mais feliz do que, por exemplo procurando identificar um novo metalóide ou as causas primárias da revolução russa. Uma verdade estabelecida regulariza as funções digestivas e dá certa obesidade amável ao espírito. Os espíritos, como os homens, querem-se gordos; do contrário, não merecem respeito.

Eu respeito profundamente o cavalheiro gordo que achou intolerável a Avenida Afonso Pena depois que mão piedosa lhe podou as demasias vegetais. Respeito e compreendo, mas não resisto à tentação de dizer que ele se nutre de lugares-comuns. A beleza das ruas atulhadas de verdura é um repousante lugar-comum. Ficou resolvido (por unanimidade) que é bonito plantar uma árvore em frente de uma casa; e como parágrafo único desse artigo, delibe-

rou-se que essa árvore seria a mais ramalhada e inconveniente possível. Por exemplo: uma "poinciana régia" ou uma "ficus benjamina", capazes de abalar bem os alicerces das casas e, provavelmente, até o obelisco da Praça 7. Pronto! Depois disso, corrigir um pouco as sagradas árvores da Avenida Afonso Pena é um crime que está reclamando, com urgência, as penalidades coléricas do Código Florestal e de outros códigos...

Amigos do verde, porque lamentais a perda de folhagem verificada em uma artéria da cidade, quando há tanto verde por aí, nesses campos afora, e tão mal aproveitado?... Deixem a Prefeitura realizar, com sossego, a poda indispensável. Nem é uma destruição: simples desbaste de cabeleireiro discreto. Reparem, agora, como ficou a Avenida sem pardais e sem lagartas, batida de sol, alegre como uma garota de 15 anos. Uma garota feia? É possível. A feiúra das garotas de 15 anos não é irremediável. E foi bom que se lhe aparassem os cabelos: o rosto que apareceu mostrou necessitar de massagens. Ponhamos em prática os mandamentos da estética facial, ou da arquitetura de Le Corbusier. A menina vai ficar uma mulher perturbadora. De qualquer maneira, já ganhou em saúde, e vai ganhar a beleza. Esperem um bocadinho, e, enquanto isso, reflitam que Broadway, o mais louco e o mais delicioso dos caminhos humanos que já se abriram em terras civilizadas, não tem um arbustozinho para remédio. Mas vocês não podem refletir, ó gordos amigos do verde, cor insubstituível, cor simbólica...

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 07-05-1930, p. 8.

MINUTO PARA DANÇAR

A hora em que escrevo estas linhas, estão dançando no vasto salão sob o holofote, na rua Rio de Janeiro, mas à hora em que elas forem lidas, ninguém estará dançando mais, e eu, que não fui ao baile da Associação Universitária, tiro com isso uma vingança de todos que foram lá. Afinal, meus amigos, sempre chega uma hora em que os pés dançarinos se cansam. A mão que faz notícias para vocês também se fatiga, e no dia indiferente, de uma indiferente claridade, mãos e pés concordam em classificar a vida como uma inutilidade e uma caceteação.

Não me julguem perverso, apenas porque insinuo essas reflexões, aliás baratas. Se alguém as lesse, já de smoking, terno branco, ou simplesmente com a roupa "de ver Deus" (não é exigido traje de rigor, dizem os convites), duvido muito que trocasse essa

indumentária pelo pijama e, em vez de ir dançar, fosse ler os "Pensamentos Consoladores", de São Francisco de Sales. Está escrito que aquele que nasceu para dançar, dançará sempre, e os salões deste mundo continuarão abertos para o fox-trot que já se chamou valsa e também schottisch. Os pés sentem cócegas sobre o tapete, e os braços, que adquiriram o hábito (doce hábito) de cingir a feminina cintura apresentam-se para mais um experimento desse gênero. Sim, seria inútil eu tentar convencer aos meus leitores e leitoras de que não devem ir ao baile da Associação Universitária e a todos os outros bailes possíveis e impossíveis. Praticamente, a festa dos estudantes já é uma linda coisa acabada. Estão dançando no salão da rua Rio de Janeiro, mas daqui a algumas horas não dançarão mais. Seria inútil e absurdo mandar parar este tango ou calar este trombone de vara, tango e trombone passageiros como eu, como você que me lê, ela que não me lê e outros habitantes humorísticos da América do Sul.

Já perceberam que eu desenvolvi aqui a filosofia surradíssima do "Eclesiastes": tudo é vaidade, tudo passa, nada vale nada. A vida e os seus programas foram organizados com muita antecedência e mediocridade. Há um minuto para dançar e outro minuto para ficar quieto. Os que são coxos, como lord Byron, podem trocar a dança pela equitação, por exemplo. O que não é possível nem razoável é bisar eternamente o tango que sabíamos curto, ou dançar disfarçado, como fazem alguns pares incorrigíveis. Pensando bem, é melhor dançar um minuto do que gastar esse minuto zombando dos outros que dançam. E por falar nisso: terça-feira que vem, Hugo Gouthier vai dar o grande baile deste ano do Centro dos Acadêmicos de Direito, no edifício da Escola Normal Modelo.

Antnôio Crispim.
Minas Gerais — 08-05-1930, p. 11 e 12.

DE MAIO

Já estamos no dia 9 e ainda não me convenci de que este é o mês de maio, tão celebrado nas memórias que guardo do tempo da infância. Faço um esforço generoso para sentir, no ar, o cheiro de incenso, misturado a um outro cheiro que não sei bem se será de flores cristãs ou de pensamentos cristãos — ambos suavíssimos. Procuro ouvir os sinos que na tarde pura, sem o pecado de uma nuvem, chamavam as devotas de xale preto, os homens simples e

graves, as crianças ambiciosas de cartuchos de amêndoas — para a festa da coroação. E nem escuto os sinos nem aspiro esses velhos perfumes, na cidade que se vai forrando de macadame betuminoso e enchendo de autos e panatropes. Positivamente, maio emigrou das capitais. Também não era aqui o lugar dele. Maio exige uma virgindade de espírito sem sombras, sem desejos e sem ironia. Na composição de seu sortilégio entram materiais que estão longe de ser encontrados no bruaá metropolitano. A sua música não é de hoje, não bole com os nervos nem mexe com a gente. A sua poesia é estática. As próprias cores de que se veste o mês mariano são cores que não figuram no arco-íris moderno nem tingem a nossa vida urbana: ele é branco e azul. É também cor-de-rosa. Ora, isto não são cores que se confessem.

Faço uma última tentativa, e vou às igrejas para descobrir, junto ao altar de Nossa Senhora, os anjos e as virgens que fugiram do céu numa hora em que S. Pedro cochilava, fazendo a digestão, e que vieram encher de cânticos a Terra. Sim, lá estavam eles, pequenininhos e azuis. Mas em torno deles eu não vi os fiéis enlevados que enchiam as naves de minha infância. Achei caras melancólicas, identifiquei tipos preocupados. O câmbio? A situação na Índia? O livro do sr. Graça Aranha? A febre dos suicídios? Não sei; mas eram caras preocupadas.

Foi-se o encantamento pueril e complicado de maio. A coroação da Santa só se faz nos domingos e dias de maior relevo, não é mais a festa cotidiana que punha um instante de serenidade religiosa nessa mistura de corpos e de coisas que é a vida. E não há o respeito de antigamente. As próprias coroações eram mais bonitas naquele tempo.

Maio desertou as cidades. Para onde teria ido? Não perguntemos, meus irmãos. É melhor ler aqueles versos de Augusto Meyer, que começam assim:

> O sino da Matriz bateu seis horas,
> Viva o dia que foi-se embora!
> E que continuam nesse tom:
> Infância, fonte clara... A vela
> arde e treme no altar da capela.

Talvez que maio tenha emigrado para a poesia. Quem sabe?

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 09-05-1930, p. 10.

FAMILIA NO BONDE

Aqueles que, solteirões como eu, não têm o coração ressequido pelo escasso funcionamento, pois, à falta de "casos" próprios, se interessam pelos dos outros, olharão sempre com ternura para uma família no bonde. Fato de uma família decomposta em seus membros essenciais: pai, mãe e filho. As chamadas famílias cearenses, que costumam abranger dezenas de pessoas, não produzem a mesma impressão; de resto, nem caberiam no bonde. Eu me refiro é a essas comoventes pequenas famílias de três pessoas, ou de duas pessoas e meia, porque o garoto é de colo (podia ser de circo) e todo se aconchega no regaço materno. O pai senta-se na beirada, com ar protetor (está provado que esse lugar do bonde é o mais perigoso e não ficava bem a um pai expor os entes queridos aos riscos, mesmo duvidosos, dessa colocação). A mãe senta-se ao lado e, no meio, como uma pessoa grande, o homenzinho de dois anos. A mãe não queria que o menino se sentasse assim: pagaria passagem, ao passo que no colo... "No colo, não intervém, orgulhoso, o pai da criança. Meu filho tem idade suficiente para pagar passagem e graças a Deus, eu tenho dinheiro". "Não precisa barulho, José, responde a mulher, eu sento o menino no banco". Sorriso vitorioso do pai. Condescendência afetuosa da mãe. Enquanto isso, o garoto apronta uma manhã daquelas.

Ele não quer ficar sentado e não quer ficar no colo. Agita-se no banco, na direção de um chapéu feminino, absurdo, que lhe acena com um cacho de uvas maduras. Coitado, não sabe que as uvas estão verdes, isto é, são artificiais. A dona do chapéu vira o rosto para protestar. A mãe ia dar um beliscão no menino, mas não dá. Para vingar-se da outra, compõe um "sorriso de circunstância", à maneira de Carlito, e envolve com ele as carnes tenras e adoráveis do filho.

Chega o condutor. O pai tira do bolso, convictamente, uma nota dois mil réis, emendada no meio, e com a numeração difícil de se ler. Percebe-se que o condutor sentiu uma ligeira repugnância por esse papel velho. Oh, uma repugnância ligeira. O condutor dobra a nota entre os dedos, puxa o troco do bolso do colete. Reclamação do pai: "Não sr., tire três passagens: o pequeno também paga". A mãe abre olhos espantados de lastima: "Você é um perdulário, José. Ele nem tinha reparado no Bilico".

Porém, Bilico desenvolve uma atividade tremenda para que todo mundo repare nele. Começa a cantar. Não é propriamente o que se chama um cantor. Será, quando muito, uma voz em botão. "Fez dois anos em fevereiro", informa, enternecida, a mãe, à vizinha do banco, que carrega um embrulho de jornal e pede essa informação com o nariz. Bilico já não canta mais: grita. Assim, não é en-

graçado, é francamente insuportável. "O sr. não pode dar um jeito nessa criança?" Perguntam, não com os lábios, mas com os olhos, os vinte e cinco passageiros do veículo. Um sujeito esverdeado e provavelmente mal dormido, rumina o assassinato do inocente. "Só matando". Ele não diz isso, mas há uma sombra de crime na sua fisionomia. O garoto corre perigo.

Felizmente o bonde chega ao fim da linha, ou a família ao fim da viagem, e os pais descem com infinita precaução o "encanto do lar". Sorriso vitorioso do pai. Ternura derramada da mãe. Bilico vai importante entre essas duas felicidades.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 10-05-1930, p. 12.

O PRÍNCIPE SOLTEIRO

E o príncipe de Gales continua solteiro. Todas as tentativas feitas para casar esse estimável rebento da família real inglesa resultaram infrutíferas. Não há meios de obrigar o príncipe a unir-se, pelos laços do matrimônio, a uma dessas princesas que ornam as últimas casas reais e que (diga-se por amor à verdade) são geralmente angulosas e usam pés grandes. Puseram-se em prática as mais variadas astúcias, mas o irredutível Eduardo, que não encarna, em rigor, o tipo de solteirão, a todas se vem subtraindo com maior solércia. Elas chegam, ele foge. Elas fogem, e ele não vai atrás delas.

Assim correm as coisas na Inglaterra e parece que continuarão a correr assim. Sua Alteza ama o esporte, todos os esportes, menos o esporte perigoso do casamento. Ou por outra: ele ama o esporte e foge da estafa... Para um bom remador, o casamento deve ser assim uma espécie de trabalhos forçados nas galeras daquele filme "Gavião do Mar". Para um "ás" do futebol, será uma partida eterna e sem half-time. Ora, todo o encanto da vida está no half-time. Por isso o príncipe joga o association, mas não se casa.

Podia casar-se. Devia casar-se. Era de toda conveniência para a Inglaterra que ele juntasse o seu augusto destino ao destino de uma jovem que cantaria mais tarde, com força, como na "Hollywood Revue", e sem pilhéria: "I'm the queen!" Os povos que ainda se dão ao luxo de ser governados pelos reis exigem sempre as respectivas rainhas. Sem elas, o protocolo complica-se terrivelmente e a vida na corte é muito mais enfadonha. Coitado do rei solitário, que nunca terá o conforto doméstico de um escalda-pés, ministrado

por uma ilustre companheira. Rei que, à noite perguntará onde puseram a aspirina e a que uma doce voz de mulher não responderá. Rei sem intimidade, rei sem carinho e — quem sabe? — rei sem botões.

Por tudo isso, a imprensa e o povo britânico vivem pedindo a Sua Alteza que se case. Porém Sua Alteza não tem pressa de convolar núpcias. Os ingleses, criaturas anedóticas, escondem sob uma aparência glacial uma profunda timidez. O príncipe de Gales é tão tímido que ao casamento prefere uma caçada feroz, com Stanley, na África. Ou simplesmente cair do cavalo, nas "pelouses" de St. James ou de Malborough House. Prefere quebrar costelas, inutilizar clavículas, morrer sem heroísmo e sem conforto. Pura timidez. Respeitemo-la.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 11-05-1930, p. 11.

IDILIO NO "GRAF ZEPPELIN"

Eram precisamente 13 horas e 25 minutos quando o segundo radiotelegrafista de bordo manifestou sintomas de paixão fatal pela passageira embarcada em Sevilha e que caíra de gripe nas alturas de Pernambuco, para convalescer à entrada da mais bela bahia do mundo: a de Guanabara. O radiotelegrafista chamava-se naturalmente Wilhelm, era alto, louro, e trazia nos olhos toda a metafísica de Kant. O dirigível corria 200 milhas horárias e o céu era calmo, calma a terra lá em baixo, e o oceano uma hipótese entre azul e cinzenta. O amor furioso do radiotelegrafista interrompeu as comunicações com Friedrichshaven e todas as antenas do mundo, para só cuidar de rápidos e imediatos contatos com a realidade circundante. A passageira ia e vinha, pelo jardim de inverno, ia e vinha, muito compenetrada da sua função de passageira. Da cabine em que se achava de serviço, Wilhelm percebeu a silhueta da moça através dos vidros e o seu coração emitiu logo uma onda curta que encheu o navio aéreo de eflúvios amorosos. Começou a circular pelos corredores um perfume inquietante que lembrava os jardins do mundo e participava de sua compósita fragrância: feixe de essências baralhadas que o radiotelegrafista compôs num momento para o adorável nariz de sua amada. Surgiram perguntas em alemão, inglês e espanhol, com respostas desconexas em outras línguas. O dr. Hugo Eckner, que se achava no convés de direção, mostrando a Lady Gibson Gowling o funcionamento do sextante, deixou brusco o aparelho, atravessou a sala principal, cujas janelas inclinadas impe-

diam a invasão das correntes de ar — jogava-se pôquer, dançava-se e discutia-se política sobre moles poltronas — e foi encontrar Wilhelm completamente desamparado em frente do camarote n. 4. A dona do camarote sorria entre os nimbos e cúmulos que erravam pela imensidão. As orquestras da terra, captadas em discos, escorriam para fora do salão uma vasta melodia que tornava mais desgraçado ainda aquele modesto profissional. Entre a música e o objeto do seu amor, Wilhelm dir-se-ia uma coisa ainda não suficientemente classificada e carecendo portanto, de denominação. O gordo brado de cólera que os jornalistas, acorrendo pressurosos, registraram no seus "block-notes". O que aconteceu depois é difícil de contar em humana linguagem, porque os anjos e as potestades divinas colaboraram na produção desse instante de êxtase. O radiotelegrafista abriu silencioso os braços enormes, e passando por cima do comandante, cujos botões de ouro reluziam calados, atravessou, sem abri-la, a porta do camarote, para ir colher o ósculo da mulher que sorria a 3.000 metros de altura e 200 milhas horárias. Sorriso de provocação ou desdém, mas sempre sorriso, e os pássaros que voavam lá em baixo formavam com as asas um manto para suportar o peso daquele sorriso, entretanto levíssimo.

A superposição do rosto fino e glabro sobre o rosto moreno que se oferecia e negava, misturou as linhas que a geometria costuma traçar para a harmonia das feições humanas. Herr Gott! bradou, escandalizado, o dr. Eckner, ante tamanho desacato aos códigos da navegação aérea e da moderação terrestre. Silêncio e beijos, beijos no silêncio, na música, nas nuvens e na incomparável solidão sobre o mundo. O dr. Hugo Eckner ia protestar ainda uma vez, mas o radiotelegrafista, sem descolar do rosto amado o seu rosto branco de sonho, apanhou com a ponta dos dedos um pau de fósforo, riscou-o, atirando-o para a câmara de gás. A pequenina chama dançou um momento no ar e logo um estouro terrível misturou as paredes e os pratos, as vozes e os corpos num pasmo universal e instantâneo, tão instantâneo quanto a destruição da aeronave, precisamente a 33° 25' 13" de latitude N e 78. 17' 9" de longitude O de Greenwich, às 15 horas e 58 minutos do dia 13 de maio de 1930.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 12-13-05-1930, p. 9.

SIGNORELLI

Ao sair de uma visita à exposição de arquitetura de Signorelli, eu pensava que já é tempo de cuidarmos de nossa casa. Os trabalhos desse moço inteligente e pesquisador convidam-nos realmente a um esforço nesse sentido. Eles revelam alguma coisa mais do que o pobre, ou o paupérrimo gosto arquitetônico vigente por estes bairros tão novos, em que só as casas são velhas, já nascem velhas e portanto irremediáveis. Eu acredito que o mineiro se vista bem. Acredito que leia, bem. Que cultive hábitos saudáveis de espírito e de corpo, positivamente da nossa época. Acredito tudo isso, mas não posso acreditar que o mineiro more bem.

Porque nós não moramos. Quando muito, ficamos acampados. Não se pode chamar senão de habitação provisória a habitação em que a maioria de todos nós passa uma boa porção da vida, naturalmente à espera de que a vida melhore e as loterias também. Uma pessoa de bom gosto poderá morar até à morte no mais deplorável chalé do mundo, contando que seja a título precário. Em caráter definitivo, não se admite.

Ora, a casa belo-horizontina ainda é um problema a resolver. Como, de resto, a casa brasileira. Porém à margem desse problema, o discernimento de cada um poderá ir traçando planos e esboçando tentativas que tornem, pelo menos, a nossa média arquitetônica mais razoável. Não construiremos a boa e legítima casa mineira (de resto, para que essa vaidade) mas teremos construído uma casa perfeitamente habitável.

Por "uma casa perfeitamente habitável", entenda-se, não um depósito mais ou menos desgracioso e maciço, cheio de torneiras, botões elétricos, metais, espelhos, passadeiras, vernizes, salas disso e daquilo, e criados de roupa solene. É quase que o contrário disso. Faltam-me palavras para caracterizá-la, (mas eu imagino e cada leitor poderá ir imaginando a seu modo) uma casa de claridade e de sombra, simples, exata, moderna. Que caiba todos os membros da família e o amigo que sempre visita os lares mineiros. Sem superfluidade nem carência de espaços. Poucos ornatos. Sólida, faço questão da solidez. Com uma boa sala de jantar e com dormitórios que não lembrem as cabines da E. F. Central do Brasil. Enfim, uma casa que não seja só aparência, só sala de visitas, só bonitezas que acabam quase sempre em feiúras hediondas. Uma casa construída para nosso uso "pessoal e intransferível", e que se submeta, por isso, um pouco à fantasia do dono. Como eu estou me referindo, por hipótese a um dono inteligente, é claro que a sua

fantasia não irá povoar a fachada de enfeites e bordados inconfessáveis, nem dará à construção a forma geral de um dromedário, de um pagode chinês ou simplesmente de um par de botas, como há tantos por aí, nesses infelizes bairros belo-horizontinos, que Santa Efigênia proteja, e de que Santo Antônio tenha piedade...

Signorelli faz muito bem em lembrar aos nossos conterrâneos que já é tempo de aprenderem a morar.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 14-05-1930, p. 8.

CATITAS NO "CELOTEX"

As observações feitas ontem neste cantinho, a propósito da casa em que o mineiro mora — ou melhor: da casa em que o mineiro não mora — sempre valeram para alguma coisa. Recebi uma descompostura anônima pelo telefone (provavelmente de um construtor de longos bigodes pretos e peninsulares) e tive uma notícia amável. Alguém veio comunicar-me que no meio de tanta desorientação arquitetônica e de uma quase unânime falta de gosto, vai aparecendo, aqui e ali uma iniciativa inteligente. E citou um cavalheiro desta Capital que, tendo construído uma casa boa e moderna, confiou a decoração do quarto de seus filhinhos ao desenhista Monsã. E Monsã está espalhando no "celotex" as histórias bonitas e bem brasileiras que acalentavam os meninos de S. João del-Rei e de todo o Estado de Minas, quando a vida era das crianças.

Suponho tratar-se de uma novidade entre nós. Até agora, quando queríamos dar ao nosso bangalow ou ao nosso palacete estilo "elefante branco" uns ares artísticos que impressionassem a vizinhança, encomendávamos uma boa paisagem ao pintor mais próximo, da Lagoinha. O pintor chegava com uma coleção de vistas muito bonitinhas e perguntava: Qual que o sr. quer? A gente escolhia e ele imediatamente punha na parede uma reprodução ampliada da paisagem predileta. É percorrer o Bairro dos Funcionários e examinar os alpendres: de dez em dez casas, aparecem a curva de estrada, o rio, a cachoeira, o coqueiro, o bosque, a pirâmide e outras preciosidades. E o pior é que aparecem no alpendre, o famoso alpendre ladrilhado em xadrez, para todo mundo ver, apreciar e babar-se de inveja.

Os proprietários mais finos, que não limitavam as suas preocupações estéticas ao arranjo da fachada, arriscavam-se a empreender uma pintura "bonitinha" nas salas e dormitórios, mas essa

pintura era também encomendada ao laborioso profissional da rua Além Paraíba, que punha umas laranjas e bananas na sala de jantar, uns festões entrelaçados nos quartos e, no mais a gente se arranjava com o "carrinho alemão". Sabem o que é o carrinho alemão? É uma das pequenas e admiráveis invenções do século xx; é a pintura mecânica, é o "standard", é a bem-aventurança.

— O quarto das crianças...

Para o quarto das crianças, as famílias mesmo muito finas não incomodavam o homem da Lagoinha: compravam uns azulejos "engraçadinhos", fabricados em série, representando patos, marrecos, perus e outras aves domésticas. A meninada via esses bichos antes de dormir e naturalmente sonhava com eles. Eram sonhos castos, familiares. Muito recomendáveis.

Foi portanto com surpresa que eu soube da encomenda feita ao meu amigo Monsã. Esse diabo de caricaturista que vivia estragando todo o seu talento em trocadilhos dignos do saudoso Raul Pederneiras, é capaz de fazer coisas bem boas e apresentáveis. Era um lápis que se procurava e que está se achando. Monsã começou a trocar o desenho fácil que revela apenas habilidade, mas só habilidade, pelas pesquisas inquietas de que saem as obras nutridas e musculosas. Não sei o que ele conseguirá com a pasta de cana-de-açúcar do "celotex". Sei que tem uma infinidade de motivos a explorar, de experiências a fazer. Os garotos para os quais as catitas são destinadas é que dirão a última palavra sobre o assunto. Monsã deve pensar neles, só neles, e os nossos concidadãos devem imitar esse senhor de bom gosto, que acabava de oferecer uma oportunidade aos nossos verdadeiros artistas.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 15-05-1930, p. 9 e 10.

BOM VIVER

Se o meu amigo Abílio Barreto consentisse, eu acrescentaria algumas páginas à sua "Memória Histórica de Belo Horizonte". Estas:

... A esse lugar chamam de Belo Horizonte pela formosura e larqueza de seus horizontes, que, entre lobo e cão, se cobrem de vária tinta, e matizada; o que porém, não é apreciado pelos nativos, os quais, a essas horas, se vão em busca dos divertimentos frívolos vulgarmente cognominados de cinematógrafos e "footings".

Constituem tais práticas a maior distração dessa gente, de seu natural mui recatada e pacífica; por forma que não há pelo arraial e nem se permitem outros modos e ardis de matar o tempo.

Nos cinematógrafos e passeios ao longo das montras e bazares, dissipam os da vila as horas que medeiam entre jantar e cama; e em chegando o comboio da metrópole, com as folhas contadeiras dos últimos feitos e notícias, toda a grei se encaminha de novo para os seus penates, valendo-se, para isso, da carruagem chamada "táxi", ou doutra, mais plebéia, que acode pelo nome de bonde.

Dormem os moradores de dez horas da noite à sete da manhã; e o sonho deles, se não mente a ciência das almas, aprendida no trato e comércio diário do animal humano, é povoado de amenas visões, quais sejam: prêmios da Fortuna, vitórias no amor ou no ludopédio e quejandos.

Em raiando a aurora, todos se aprestam para a lida cotidiana, tendo a maioria o cuidado prévio de se purificar com banho geral ou particular; e após essa operação, se nutrem e cobram forças sorvendo a bebida própria de tal clima e povo, o chamado café; não sem haverem passado os olhos sobre as gazetas da terra, e entre elas a que estampa os escritos de certo Antônio Crispim. Alimentados, dest'arte, espírito e corpo, se vão em pós de suas ocupações, se homens; e se do contrário sexo, logo se aporfiam na tarefa de estragar planos com um bater sem conta e proveito; o que tudo vai até a hora da primeira grande colação, o almoço; e recomeça depois da dita colação, para no sol seguinte recomeçar outra vez, e assim por diante.

De trezentos em trezentos sóis, mais ou menos, sofre semelhante norma de vida grave alteração, que põe de catrâmbias os preconceitos e usanças estabelecidas dês que homem é homem: os estudantes, querendo aparentar gênio folgazão e oferecer aos demais habitantes igual ensancha, lançam aos quatro ventos a nova de um sarau. Por todos os lugares públicos, de nenhuma outra coisa ou sucesso se boqueja: e os dias são contados, que nem horas, à medida que se avizinha o apregoado festim. Consistente é esse brinco na reunião de mancebos e donzelas, ostentando os seus mais ricos trajes e escarpins, em salões adrede preparados com miríades de luzinhas do mais variegado tom. Engenhos de sopro e de corda, estes derradeiros em menor cópia, alegram a partida, que toda ela é passada em danças de moderna feição. Antes da arraiada se dispersa a grata companhia, muito convencida das excelências

da festa. A qual festa passa a figurar no rol dos celebrados eventos da vila, dando azo a referências neste teor: "Fulano recebeu a Fulana como esposa dois dias antes do baile da Casa dos Doutores", ou "Cai enfermo três semanas após o baile dos esculápios."

Nesta pauta, bailando uma vez cada ano e indo aos cinematógrafos toda santa noite — labutando e digerindo nos intervalos — caminha essa gente do berço para a sepultura como o chamado astro-rei descreve a sua trajetória de leste para oeste.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 16-05-1930, p. 9.

VAMOS VER A CIDADE

A tarde murchou para os lados do Calafate. A escuridão emenda as escarpas da Serra do Curral com o céu onde começam a cintilar as estrelas do poeta Adelmar Tavares. Da Serra até a antiga Praça do Mercado, duas fieiras de luzes compõem uma "feerie" geométrica. A cidade acabou de jantar.

Na rua Piauí há cadeiras de palhinha pelas calçadas. "Como eu estava dizendo ontem..." começa o chefe de seção em atividade para o chefe de seção aposentado, este último também republicano histórico. É uma conversa que veio de Ouro Preto com a Capital, e ainda não terminou. Enquanto isso, as moças fazem o *footing* na Avenida Paraúna, cujo asfalto brilha como um sapato novo.

O bonde conduz os freqüentadores de cinema, que aproveitam a viagem para discutir as vantagens e desvantagens do filme sonoro. Nunca se chega a um acordo, a não ser quanto à possibilidade de se entender o inglês que não se aprendeu. "Norma Shearer tem uma voz horrível", comenta um rapaz bem informado: e a discussão recomeça infrutífera.

Gente nos cafés da Avenida Afonso Pena. Pedaços de maxixe saltam das vitrolas e a garganta de Hackel Tavares ou de Gastão Formenti conta que o vento "espaiou sua paioça". O rapaz louro e de nariz grande perdeu a conta dos chopps e mandou recomeçar em benefício da estatística. Música da xícara sobre o mármore, abafando o chiar dos discos. Os problemas do "football" e os problemas acadêmicos: "Jairo vai jogar domingo que vem?" "A eleição de Fulano para 3.º orador do Centro é uma imoralidade".

As vitrines expõem o último modelo de sweater e a aquarela da senhorita X, que custa apenas 80$000 e pode perfeitamente ser dependurada no espaço, depois de adquirida e queimada. Os garotos dos jornais asseguram que houve qualquer coisa de grave na Vila Caillaux, mas ninguém acredita. E a música dos bares se espalha pela Avenida Amazonas, desce a rua Caetés e vai morrer na Praça Rui Barbosa, onde uma última vitrola congrega todas as noites o mesmo público de costas para o jardim. Jardim em que um murmúrio vago de água pulando dos repuxos se parte em bolhas minúsculas sobre os peixinhos vermelhos. "Olha aquele ali, que belezinha", diz a moça para o namorado, com um ar profundamente ingênuo de quem já viu aquilo cem mil vezes mas precisa fingir que está vendo pela primeira. E o rapaz, que é empregado no comércio mas não é psicólogo, concorda comovido quanto à belezinha do peixe. Em setembro estarão casados, se o patrão não abrir falência, como agora é de praxe.

Já andamos muito e estamos cansados. A cidade ficou lá adiante, com seus ruídos e fogos. Nesses morros, os bairros modestos se alastram laboriosamente, reclamando água, luz, bondes, telefones e lojas de sírios. Só o namorado, o eterno namorado de todas as ruas, acusa a sua presença eterna e múltipla. Entre o passeio e a janela circulam pedidos, perguntas, queixas e confissões: "Você é uma fingida, diz que gosta de mim mas não gosta". "E você é muito ordinário, andou namorando a Cotinha no baile do Fluminense". Ele ia responder à essa calúnia, mas olha para o céu em que há uma lua tão bonita, dá um suspiro e entrega para a lua. Nisso vem vindo o homem do amendoim torrado e ele com um níquel recupera a felicidade. Os dois estão mastigando, sob o luar.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 17-05-1930, p. 8.

O FENÔMENO GRETA GARBO

Conselho aos cronistas mundanos e a outras pessoas que têm a obrigação diária de encher um palmo de coluna: quando estiverem completamente sem assunto, escrevam sobre Greta Garbo.

Porque Greta Garbo é um assunto sempre novo, ou pelo menos que convencionamos ser sempre novo. Todo mundo gosta de Greta Garbo. E nem todo mundo gosta, por exemplo, de ice-cream soda. Portanto, Greta Garbo é muito superior ao ice-cream soda.

Oh! Sem comparação. Se me pedissem uma definição dessa estranha e conspícua figura da tela, eu ficaria muito atrapalhado. Entretanto, seria fácil definir Laura La Plante, essa nossa priminha gorda que se enrolou num edredon e apagou as luzes para nos meter medo no corredor; ou Billie Dove, esse lindo frasco de perfume — sem perfume; ou Clara Bow, a menina sapeca que se embriagou com champagne no baile do Automóvel Club e jogou um pé de sapato no Chico Martins. Mas definir Greta Garbo é difícil. A gente percebe que ela é diferente e em muitos volumes, e que o segundo volume não é continuação do primeiro. Para compulsá-la, torna-se preciso um índice geral alfabético, e o editor esqueceu-se desse índice.

Meditemos um pouco à beira dessa senhora e concluamos que ela é, em primeiro lugar, feia. Tem um corpo de tábua de passar roupa, depositado sobre dois pés enormes, n.º 41 (dizem que Isadora Duncan não os possuía menores). Um rosto que não se recomenda nem pelo brilho dos olhos nem pela correção do nariz nem pela exigüidade da boca. Criatura seca, pobre de curvas, rica de ângulos, e seguramente sem nenhum desses predicados que caracterizam e dão preço às nossas belezas de trópico. Beleza, talvez, para os esquimós, se o belo para o esquimó não fosse uma autêntica esquimó, e não uma cavalheira comprida e trágica, mórbida, antipática e artificial como a predileta do conceituado ator líbano-americano John Gilbert.

Aí está: acabei xingando Greta Garbo de nomes bem duros para a sua vaidadezinha nórdica. Entretanto, eu admiro Greta Garbo e não perco os seus filmes deliquescentes, de beijos intraduzíveis em vernáculo, de sugestões freudianas e de outros "drinks" manipulados no balcão romântico-industrial de MGM. Eu e toda gente. Cinema com o rosto escorrido e o olho parado de Greta Garbo no cartaz, é cinema cheio. A penumbra da sala enche-se de êxtases e de corações batendo pela sorte da mulher-orquídea, mulher cheia de ossos e intenções, que a gente não sabe se está pelo avesso ou pelo direito, mulher gelada e fatal, mulher do golpe do mistério. E ninguém sabe explicar porque motivo Greta Garbo desarranja tanto a nossa máquina sentimental de sertanejos envernizados.

Eu também não sei, mas agradeço a Greta Garbo o assunto que me deu para este domingo.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 18-05-1930, p. 9 e 10

DON'T

Transcrevo de um manual de boa educação (porque há também manuais de ruim educação) as seguintes regras e conselhos de uma discreta sabedoria:

Quando convidamos uma pessoa para jantar, devemos fazer tudo para que essa pessoa se sinta inteiramente à vontade em nossa casa. Para isso, não convém cumulá-la de atenções, que, em vez de a encantarem, freqüentemente a aborrecem e tornam difícil o repasto. Conheço um cavalheiro muito tímido, que acabou engulindo um garfo numa casa de cerimônia, devido à insistência com que os donos o convidavam a repetir o peru. E era um garfo de prata — coisa que os donos da casa nunca lhe perdoaram.

*

Sim, não é distinto agradar muito aos nossos hóspedes. É melhor deixá-los "como se estivessem na própria casa". Assim, quando desejarem um banho, dir-lhes-emos que a torneira de água quente não funciona, ou que há dois dias falta água no bairro. E só em caso extremo lhes propiciaremos o banho — o mais frio possível, se for de imersão.

*

Julgo de absoluto mal gosto esconder no bolso do paletó o *beef* considerado incomível pela sua excessiva dureza. Em tal caso, é recomendável improvisar um jogo de salão e dizer: Meus senhores e minhas senhoras, proponho-me a tirar de nossas roupas os objetos e coisas mais interessantes e imprevistas. No bolso do nosso amigo Menezes, por exemplo, encontrarei, sem grande trabalho, uma substância fibrosa e levemente córnea, que bem pode ser um b...

O resultado é infalível.

*

Não cedas nunca o teu lugar no bonde a uma senhora. Se for bonita, é galanteio. Se for feia, é piedade. De qualquer maneira não te agradecerão e ficarás mal visto. É preferível ficares sentado fingindo que lês os telegramas do "Graf Zeppelin".

*

Os homens mal-educados têm noventa por cento de probabilidades de cairem no agrado das mulheres. As mulheres mal-educadas têm só dez por cento de cairem no agrado dos homens. Portanto, o ideal das casas de instrução e dos manuais de sociedade devia ser preparar homens grosseiros para mulheres delicadas.

*

"As mulheres em primeiro lugar". Naturalmente, em se tratando de um naufrágio, de um incêndio ou de um recital de piano, perigos que se equivalem. Mas por que não também no serviço militar obrigatório?

*

No dia em que se generalizar a prática do voto feminino, os mesários terão mais carinho com as suas gravatas e melhorarão a qualidade da brilhantina.

*

Em hipótese alguma deveremos dizer ao nosso convidado que ele está se tornando demasiado cacete. A polidez manda que, em semelhante emergência, o dono da casa se atire pela janela ou dê um tiro no ouvido, deixando a seguinte declaração: "Não culpem a ninguém da minha morte".

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 19-20-05-1930, p. 13.

FOGO PEGOU

Aconteceu aquilo que eu esperava há tanto tempo: em Amsterdam, uma senhora de vestido comprido incendiou-se em plena rua. É certo que eu não alimentava nenhum desejo de que tal sucedesse e muito menos que a vítima fosse uma holandesa. O meu ponto de vista, que é sempre o de Syrius, e portanto impessoal, era o de que os vestidos compridos são perigosíssimos. Meus amigos sorriam dessa opinião. Inutilmente a minha experiência da vida e das coisas acumulava exemplos, citações e prognósticos tendentes a demonstrar a feminilidade dos longos vestidos. Ninguém achava perigo neles, a não ser para os homens, que hão de sempre se importunar e sofrer com a seda que as mulheres vestem — muita ou pouca, não importa.

As agências telegráficas mostram agora, que eu tinha razão. A notícia divulgada pelos jornais não deixa dúvida a respeito. O incêndio da senhora holandesa — afirmam-no os peritos — foi obra de uma dessas pontas de vestido que flutuam à altura dos tornozelos, nos figurinos de hoje. Julgo ocioso explicar aqui o mecanismo desses vestidos terminados em pedacinhos, melhor é vê-los do que explicá-los. Pois a moça holandesa ia muito sossegada pela rua de Amsterdam, espanando discretamente a poeira do chão e distribuindo sorrisos aos admiradores gratuitos que há em todas as ruas do mundo, inclusive as neerlandesas. No chão havia também um pau de fósforo aceso, jogado por um fumante displicente. A chama dançou um instante no ar e atirou-se a uma ponta do vestido. Dentro em breve, o fogo comunicava-se às demais pontas e finalmente ao vestido todo, e a pobre moça se transformou, por sua vez, numa longa e agitada chama, a correr fulgurantemente pelas ruas de Amsterdam.

Não morreu, é claro, mesmo porque se morresse esta crônica ficaria muito difícil de terminar. Restabelecida das queimaduras, e com o vestido em cinzas (que coisa imponderável, meu Deus, a cinza de um desses incorpóreos vestidos de hoje), a moça holandesa provavelmente passou a usar a barra das saias nos joelhos — ou colocou as pernas no seguro. Esta última alternativa é a que se me afigura recomendável e consentânea com os ditames da moda. Também não seria de todo mal que, enquanto durasse o hábito de cobrir o corpo até a ponta dos pés, as nossas elegantes carregassem na carteira ao lado do pequeno estojo de pó-de-arroz, do baton e do lencinho, um minúsculo extintor de incêndio, de prata lavrada, ou simplesmente de metal prateado com as iniciais do nome talhadas a buril.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 21-05-1930, p. 10.

IR AO CINEMA

De todas as artes, parece que o cinema é até hoje a menos compreendida. Talvez porque seja a mais decente e não houve materialmente tempo para compreendê-la. Enquanto a pintura levou séculos a evoluir de Apelles para Matisse, e a poesia abrange, de Salomão e Paul Eluard, uma série infinita de nomes, de obras e de expressões, o cinema, em pouco mais de dez anos, passou das arlequinadas meramente recreativas de Max Linder à complexidade dolorosa de Carlito. Sem falar na técnica e nos processos, que ontem eram os de lanterna mágica e hoje são os do *talkies*, com todo

o fogo sutil das superposições e superimpressões de imagens, os truques variadíssimos, as *trouvailles* que cada dia enriquecem o plano cinegráfico e lhe dão uma amplitude só percebida por uma fração mínima de espectadores.

Nós vamos ao cinema para passar hora e meia vendo figuras animadas e ouvindo música sem responsabilidades, música "sem ser de concerto". Intenções de burguesia dispéptica. Nem mesmo se vai mais ao cinema para namorar: já não há intervalos como antigamente, em que os atores pediam 5 minutos de interrupção para pitar um cigarro, 5 minutos durante os quais a gente olhava uns para os outros, ou para as outras. Hoje, repito, vai-se ao cinema com propósitos muito limitados. Quando não é para matar o tempo bem simplesmente, é para ver o astro ou a estrela mais atual ou para escutar o último *fox-trot*. Eis ali a moça que é doida pelo Douglas Fairbanks Jr. Coitada, está ficando velha: em 1926, era louca pelo finado Rodolpho Valentino; em 1927, sofreu muito com a indiferença de Rod La Rocque; em 1928, adoeceu devido aos maus tratos de Richard Barthelmess; em 1929, tentou suicidar-se por causa de Joseph Schildkraut. Vejo ali também o rapaz que está namorando Annita Page, aliás sem maiores probabilidades. São membros de uma mesma família, a família dos freqüentadores especializados neste ou naquele "astro" glorioso da tela. Mas não são fãs. Não entendem do riscado.

Ir ao cinema pelo cinema, eis a questão. Ir para compreender, sentir, sofrer e, por que não? Ser feliz. No Rio, meia dúzia de sujeitos raros e difíceis fundaram o Chaplin Club, que não é um clube de jantares nem de partidas de pôquer. Também não é um clube literário, político, esportivo, noticioso ou de classe. Não é nada: apenas um clube de freqüentadores de cinema, para ensinar a gente a freqüentá-lo e compreendê-lo.

Imaginem um clube desses prosperando em cada cidade do Brasil. Ou pelo menos em cada capital. Certas fábricas medonhas dos Estados Unidos abririam falência. Certos atores da Paramount seriam obrigados a pedir demissão. O cinema falado em inglês seria uma estupidez pretérita.

Esses Chaplin Clubs orientadores e renovadores só não conseguiriam acabar com uma coisa: com o cinema falado em português. Porque muito antes de Hollywood enviar-nos os seus *talkies*, já tínhamos o hábito de falar desvairadamente no decorrer da projeção. Brasileiro é povo falador.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 22-05-1930, p. 10.

"INQUIETUDE, MELANCOLIA"

Chego à redação e encontro sobre a mesa o mais lindo presente: o volume, ainda úmido da tinta de impressão, que Eduardo Frieiro acaba de publicar com um magnífico desdém pelo nosso público irremediavelmente iletrado, quando não indiferente às coisas do espírito: "Inquietude, Melancolia". É o terceiro livro de Eduardo Friero, e não sei que pressentimento me diz ser o melhor de todos, aquele que nos dará do autor esquivo e raro uma imagem tanto quanto possível exata. O seu livro mais pensado e, quem sabe? O mais doloroso também.

Não sei de autor mineiro menos encontradiço que esse romancista de olho tão fino e percuciente, eternamente emboscado para colher os flagrantes da vida e das almas, e que por isso mesmo os colhe mais palpitantes e justos. Frieiro vive escondido no acampamento literário, onde tantas bandeiras e tabuletas estão indicando o pouso deste ou daquele maioral, amigo da publicidade. Tem o orgulho dos tímidos, que é de uma ferocidade virginal. Orgulho que o condena ao isolamento e o torna "separado", isento das camaradagens fáceis, indene dos morbos do tempo, seco e puro. Nem por isso e menos humano; estou que Frieiro aplica todas as astúcias de um engenho bem nascido e melhor cultivado, em encobrir, com a máscara do céptico e do misantropo, a humanidade profunda e múltipla que dá um travo de vida e de experiência às suas obras. Porque Frieiro realizou todas as viagens do espírito, ou pelo menos as mais arriscadas, e das quais os homens quase sempre regressam com o desencanto nos olhos. Ele regressou com alguma coisa mais: com um punhado de livros que são, a meu ver, os únicos destinados a ficar, em Minas e neste momento.

"Inquietude, Melancolia"; os que nasceram sob um signo difícil conhecem o amargo adstringente dessas palavras. Com a inquietude e a melancolia da vida de Basileu Prisco, Eduardo Frieiro compôs o romance daqueles que não foram contemplados com o bilhete premiado da satisfação interior e da conformidade com o cotidiano. Daqueles cujo maior prêmio, será, quando muito a placidez, e não a serenidade; placidez em embotamento, ao fim do caminho em que houve tantos desencantos e fracassos. Nós todos conhecemos Basileu Prisco e há um pouco de Basileu Prisco em todos nós, que num dia de supremo e irremediável enfado, consideramos que a "perfeição das perfeições" deve estar no "repouso mineral". A quietude da pedra, na sua humildade, na sua indiferença e na sua dureza. E vem-nos uma vontade vaga e descontrolada de ser como o granito sem metafísicas.

Eduardo Frieiro fez um livro triste. Mas de uma tristeza sem revolta e que é um doce alimento para o espírito. Ele será a nota mais inteligente deste inverno belo-horizontino, em que há mais sobretudos do que livros, mais capotes do que idéias. E será, talvez, o único romance bom no inverno literário de 1930 no Brasil.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 23-05-1930, p. 12.

O SAUDOSO RAUL

O correio de um cronista social tem, às vezes, surpresas amáveis. Ao lado do bilhete tímido do poeta que pede licença para submeter à nossa apreciação um "pequena" coleção de versos, está a declaração de amor da jovem que acha inimitável o nosso estilo e deliciosos os nossos adjetivos. É exato que há também o cavalheiro mal-humorado, que não gostou da crônica da véspera, e delicadamente nos convida a desconfiar e desocupar a seção. Há de tudo, portanto: sujeitos que reclamam e sujeitos que pedem mais.

Entretanto, uma carta de Raul Pederneiras não é coisa comum. Caricaturista e professor de direito, poeta e trocadilhista, Raul tem muito que fazer: pilhérias, onomatogramas, *calem-bourgs*, preleções de direito internacional. Um homem assim não pode cultivar a epistolografia. Entretanto, recebi dele esta epistola rimada:

Prezado Antônio Crispim.
Leio no "Minas Gerais"
referências augurais
que vem direto para mim.

Sobre as obras de Monsã,
que bem conheço e aprecio,
dizes coisas merecidas,
embora bem conhecidas
há muito tempo no Rio.

Mas, nesse artigo, um pedaço
fez-me dar trato ao bestunto,
que em tristeza se consome:
saudoso, ao pé do meu nome,
faz-me cheirar a defunto!

Calcula o meu desespero,
— saudoso, assim, sem mais nada,
eu, — que estou são como um pero
e melhor que uma salada!

Eis a razão por que peço
retifiques amanhã:
— Morto estou... pelo progresso
do bravo artista Monsã.

Raul

Li a carta e caí das nuvens. Ora, o Raul, criatura insubstituível neste mundo, e portanto criatura imortal, dizer que eu lhe lavrei a certidão de óbito numa crônica do Minas. Só porque lhe chamei "o saudoso Raul". Mas, de fato, haverá, para nós, homem mais saudoso que o Raul, que há tanto tempo não nos visita, e que por isso nos faz morrer de saudade? Até nem fica bem saudoso. Saudosíssimo, é que ele é.

Raul, meu bem, você sabe que nós sabemos que você está vivo e florescendo em colunas diárias do Globo e no Jornal do Brasil, e hebdomadários na Revista da Semana. Você sabe, Raul, que nós todos os dias, rimos desabaladamente com as suas humoradas, em que há sempre dois sujeitos conversando, com as mãos para trás, e um cachorrinho de orelhas em pé espiando num canto, enquanto passa no fundo uma boa morena de lábios rasgados — quatro bonecos indispensáveis nas suas charges, Raul, e quatro bonecos capazes de jurar que você está vivo, que continua vivo, per omnia secula, e até debaixo d'água.

Mas já que você deseja, aí fica a retificação, com a carta e os versos que ela contém. Aliás, bastava a carta para provar a existência do seu autor. O Raul está vivo. Viva o Raul!

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 24-05-1930, p. 11.

ATÉ AMANHÃ, JARDIM

Eu passava pela rua Espírito Santo, quando os garotos que ali estão reinando para gente grande, brincando com bolas e repartindo uns com os outros a merenda da amizade, cantavam em coro, despedindo-se da casa amável:

Até amanhã
meu bom Jardim!
Não te esqueças de mim,
meu bom Jardim!

As crianças cantavam em coro... Cantiga simples, para gargantas simples, e que torna simples os ouvidos que a escutam. A gente vai distraído ou afobado, pensando nos negócios atrapalhados ou nos calos exigentes que escurecem a vida, e de repente escuta aquele adeus pueril na tarde. Olha para um lado, olha para o outro, e não vê nada. Apenas a melodia branda, que convida você e regressar ao tempo em que, novo Colombo, descobria um continente em cada rua da cidade, ou em país em cada quarto de sua casa. Tempo de aventuras, de pesquisas e de espantos maravilhosos. O dia em que você descobriu que as laranjas eram amarelas, que o céu era azul, mas que não era possível saber a cor das mulheres, cada dia com um vestido e uma cor diferente...

O mundo fechava-se todas as noites para reabrir-se no dia seguinte cedinho, como uma formidável loja de brinquedos. E os melhores brinquedos não eram os animais sábios de fabricação alemã, que produziam ruídos característicos mediante um simples movimento ou pressão de molas; nem as bonecas ensinadas, que piscavam os olhos e diziam "papai" e "mamãe". Os melhores, mais caros brinquedos, eram feitos com um pouco de barro que a gente acabava jogando uns nas caras dos outros, com a indispensável choradeira e o pedido de garantias à autoridade paterna. Oh dias da posse do mundo e da viagem às Índias!

Não te esqueças de mim,
meu bom Jardim!

Assim cantavam os garotos, dentro da casa alegre da rua Espírito Santo, e as vozes mais possantes não acusavam mais de quatro, cinco anos. Todos se despediam com uma camaradagem afetuosa e um espinho de saudade no canto. E eu pensei em Adões e Evas de uma espécie minúscula e sapientíssima, que todas as tardes, honestamente, deixassem o Jardim das Delícias, ao primeiro

apito do guarda. E os portões, batiam lentos nos gonzos, para se reabrirem na manhã seguinte, para a festa inocente dos pequenos Adões e Evas, num paraíso metódico e policiado como um Jardim de Infância.

Depois, os meninos vieram saindo, cada um com a sua malinha a tiracolo, e com as professoras bonitas tomando conta da turma para a travessia perigosa dessa Broadway sertaneja que é a Avenida Afonso Pena às quatro horas da tarde. Lá iam os Adões sem pecado e as Evas sem malícia, depois de um dia feliz na intimidade das coisas boas que este mundo ainda tem: frutas e brinquedos, jogos e bonecos. Esperava-os, no Bar do Ponto, um bonde especial. Não sei, mas tive a impressão de que o condutor e o motorneiro desse bonde eram também sujeitos especiais, diáfanos e inconsúteis. Peço muitas desculpas aos leitores, mas para mim eram dois anjos disfarçados.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 25-05-1930, p. 11.

A ANTROPOFAGIA NO SÉCULO XX
(Notícia de uma conferência)

O sr. Flávio de Carvalho, "delegado antropófago ao IV Congresso Brasileiro de Arquitetos", realizou ontem, às 19 horas e 15, no Teatro Municipal, a sua anunciada conferência sobre "A antropofagia no Século XX".

Público bastante numeroso para um acontecimento desse gênero. Em geral, as palestras sobre assuntos literários ou filosóficos não despertam a curiosidade do nosso meio. E há a notar, ainda que o sr. Flávio de Carvalho ia falar em nome de um credo insólito, com o qual as nossas "elites", ao que parece, não simpatizam muito. O movimento antropofágico, sendo um movimento de destruição de tabus, irrita mais do que interessa. No entanto: público bastante numeroso, como dissemos.

À hora precisa, o arquiteto paulista iniciou a sua palestra. Sem rodeios nem divagações, disse logo ao que vinha. E o auditório percebeu logo que o sr. Flávio de Carvalho estando perfeitamente à vontade, também exonerava os seus ouvintes de qualquer compromisso. Bonhomia, naturalidade, despretensão, objetividade, eis alguns de seus traços mais amenos e característicos.

O conferencista explicou, inicialmente, que a antropofagia era apenas um movimento literário promovido por alguns rapazes de S.

Paulo. Agora, evoluiu para movimento científico e filosófico. Seu fim é investigar as tendências da alma do homem, e o seu método é o método científico de observação, pesquisa e cálculo.

Como se vê, não há nada de novo nem nessa definição nem nesse método, e as digressões do sr. Flávio de Carvalho não conseguiram demonstrar que a antropofagia é, realmente, qualquer coisa de novo no mundo das idéias.

O conferencista fez um ataque cerrado aos tabus do chamado "ciclo cristão", acusando esse ciclo de ter contrariado as nossas leis fisiológicas (sic).

Do nascimento de Cristo para cá, ele enxerga duas ondulações na superfície da vida intelectual; uma produzida pelos românticos, outra pelos clássicos (ou classicistas, como diz). Sua simpatia vai toda para os românticos, que são Bacon, Newton, Darwin, Freud, etc., e que representam a ânsia da procura. Assevera que a obra de Freud está calcada nos ensinamentos de Darwin, que o psicanalista retomou e refez, e observa que as "discussões de Heckel" chegaram a ser "quase cômicas" (sic). Seu histórico da evolução do pensamento científico e filosófico é sumário, o que se explica pela carência do tempo e necessidade de comprimir as noções; mas é também arbitrário, e isso parece menos defensável.

Passando a conceituar o "homem antropófago", o arquiteto paulista atribui-lhe uma preocupação de "eficiência" e de "rendimento" que irresistivelmente nos traz ao espírito a concepção americana de vida, que não chega a ser propriamente uma concepção filosófica, de tão rudimentar que é. A antropofagia é, ao que percebemos, mais utilitária do que pragmática. Isso nos faz lembrar aquela pergunta de André Gide, tão dolorosa e difícil de responder: Que peut um homme? O sr. Flávio de Carvalho perguntaria: "Quanto vale um homem?"

Em suma, ficamos sem saber qual a solução que o movimento antropofágico propõe para as nossas dificuldades espirituais. Pretendendo aniquilar os velhos tabus religiosos e sociais, ele promete-nos novos tabus que, afinal de contas, não apresentam nenhuma novidade.

Em toda a conferência, que agradou mas não convenceu, não se ouviu uma palavra sobre arquitetura.

Recalque... Sublimação... Pesquisa... Rendimento máximo... Homem nu... Romantismo...

Esta última palavra convém ao sr. Flávio de Carvalho e ao credo estético e filosófico que o inteligente engenheiro paulista defende com uma tão adorável ingenuidade.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 10-07-1930, p. 6.

OS DEDOS SOBRE O TECLADO

Primeiro recital de Guiomar Novaes. Na sala cheia do Municipal (na sala quase inteiramente cheia, porque faltou a menina prodígio Bibi, que nos seus verdes 5 anos já toca mais do que Pedro de Castro), havia os rostos mais lindos da cidade. E não só na sala: no paraíso modesto das torrinhas, lá em cima, gente bonita sorria para a gente cá de baixo, enquanto milhares de papeizinhos verdes, vermelhos, amarelos e azuis lembravam, caindo sobre as nossas calvícies ou gaforinhas, que na noite de terça-feira vamos aplaudir Guiomar outra vez.

Como é bom aplaudir Guiomar muitas vezes, todas às vezes que ela aparece no palco e, séria e simples, sem gestos brailowskianos ou rubinsteinicos, retifica a posição da banqueta e lança os dedos sobre o longo e negro Stenway. Bach, Chopin, Albeniz estão ali dentro, só esperando que Guiomar Novaes conserte a banqueta e estenda os dedos, para nos contarem as suas histórias sem palavras, que são mais vivas que as outras histórias. E nenhum briga com o outro. Octávio Pinto aparece de braço dado com Kreisler, Liszt reparte os aplausos com Gotischalk. Guiomar recolhe e resume todos os ritmos em um só, para desatá-los depois, numa revoada romântica que nos traz à idéia a revoada dos papeizinhos amarelos, azuis, cor de rosa, de há pouco. Guiomar está brincando com a gente e dizendo: "Fiquem quietos que eu vou contar uma história mais bonita ainda".

Mas não vê, que nós ficamos quietos? Pois sim! Essas velhas palmas belo-horizontinas, palmas chochas e insossas, que desde os tempos de Curral del-Rei caracterizam a clássica pobreza mineira de entusiasmo, tornaram-se qualquer coisa de ardente e ruidoso, obrigando a artista a consumir-se em novos ritmos e novas viagens musicais. Ao meu lado, o "homem que já ouviu Rumel", que já este-

ve na Europa e que conhece todas as melodias, inclusive a de Broadway, desmanchava-se em aplausos inacreditáveis. E até um velhote meio surdo, provavelmente professor de solfejo aposentado, dizia com as mãos que Guiomar era formidável, que as "Variações do Hino Nacional" eram a coisa mais séria deste mundo", e que senão fosse a música, etc., era preferível morrer.

Somem-se todas as opiniões — as dos entendidos, as dos estetas, as dos melomanos, as dos "snobs" e as de meia dúzia de pessoas inteligentes que são o sal de Belo Horizonte — e teremos mais uma vitória para Guiomar Novaes, na céptica, desconfiada e tímida capital de Minas Gerais.

Uma das páginas mais recentes de Jean Cocteau é a em que ele descreve e comenta a embriaguez do éter. Chega um momento, diz o homem do "Gran E'carl", em que o cigarro cai das mãos do viciado e este tem a impressão de que lhe caiu um dedo. O éter confunde carnes e objetos.

A gente também não distingue os dedos de Guiomar Novaes do teclado que ela está movimentando. A música mistura tudo e, quando vamos ver, já estamos no chamado país dos sonhos. Não eram teclas, não eram dedos. Era um ser diferente num mundo diferente.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 17-05-1931.

VOLTAR

Um inglês percorreu as cinco partes do mundo e regressou à casa, em Londres. A casa não estava no mesmo lugar, nem em outro. Havia apenas um terreno vago, com as cinzas de um incêndio remoto. O inglês tirou da valise um estojo, tirou do estojo uma gilete, com espelhinho, e fez uma barba meticulosa. Depois, sentou-se no chão e abriu um romance de Conrad, num total de 500 páginas. Já estava no meio do volume quando apareceu um agente de seguros contra fogo e pagou-lhe uma apólice de duas mil libras, valor do prédio incendiado. O inglês embolsou a quantia e seguiu para o hotel, frio e silencioso.

A anedota, propriamente, não vale nada, e esse traço psicológico do inglês, que não é novo nem especial, só figura aqui para uma comparação com a possível atitude do brasileiro, em situação idêntica. Voltando de uma longa viagem, e não encontrando a sua paisagem habitual, o seu armário de roupa branca, o seu escritó-

rio e a sua horta com mamoeiros, que faria esse patrício? Homem de muitos cabelos, ele os arrancaria. Calvo, esmurraria o crânio. Em qualquer hipótese ele se recusaria a tomar conhecimento da situação e aceitá-la não por fatalismo, mas por inteligência. Interessaria no exame do caso uma série de elementos sentimentais, lembranças amigas de um quarto, pintura de outro, retrato de moça na sala, vaso de flores no corredor — e não compreenderia porque é que aquilo tudo havia desaparecido sem o seu consentimento. Afinal, faria uma meeting contra o corpo de bombeiros, e tanto mais envenenado quanto a casa não estava no seguro.

Eu me vejo mais ou menos na situação do sujeito que voltou e não achou a casa no lugar. Culpa da casa ou dele? Brasileiro, viajei um ano fora desta coluna, e regressando não encontro nenhuma das palavras que deixei aqui, nem palavras, nem sensações, confidências, idéias ou fingimento delas, com que entretinha esse vago leitor ou aquela esquiva leitora. Impossível deixar de sentir a melancolia bem brasileira da volta. Os olhos que me leram há um ano não me lerão mais; estão noivos ou se mudaram para Pirapora. De qualquer maneira, um mundo de coisas aconteceu depois, as figuras se baralharam neles, e a vida passou, pesada como um caminhão, estúpida como um caminhão.

Mas eu quero temperar essa melancolia tupi com a placidez inglesa da anedota. Vou sentar-me no chão, não para ler histórias, e sim para contá-las (é ainda a melhor maneira de perder o tempo). Esta coluna fica sendo uma Casa de Dois Mil Réis, e quando eu contar coisas que excedam desse preço, por favor: puxem-me pelo paletó. E não sigam nunca o exemplo do espectador que assassinou o flautista porque não gostava da valsa lenta.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 21-05-1931, p. 9.

COQUEIROS

A cidade adquiriu um hábito novo: ir a Coqueiros aos domingos. As pessoas que antigamente, no dia mais ocupado da semana, também chamado dia de descanso, seguiam para Santa Luzia, Morro Velho ou Acaba Mundo, lugares sem legenda, vão hoje a Entre Rios, onde uma santa faz milagres no alto de um morro. Como nem todos acreditam em milagres, é possível que muita gente realize a excursão pelo gosto de empoeirar-se e regressar morto de fadiga, com várias interrupções para encher o tanque de gasolina ou trocar de pneus. São os incrédulos de todos os tempos, e não há

vida de santo que os dispense, como um fundo negro onde melhor explende a auréola prodigiosa. Os santos mais indiscutíveis da história tiveram os seus feitos negados ou postos em dúvida, e esta de agora, que não é indiscutível e talvez não seja santa, com maior razão os terá. A maioria, porém vai a Coqueiros porque Coqueiros é um lugar de bênçãos, onde um diálogo se estabeleceu, ardente e puro, entre os anjos do céu e uma cafusa da terra.

A cafusa pede ao anjo que ponha ordem nas coisas do mundo, retifique a perna dos paralíticos, sare as feridas, conforte os comerciantes falidos. O anjo diz que vai providenciar e recolhe esses apelos da dor humana. Enquanto isso, no morro, distribui-se em canecas uma água que jorra da bica, e nessa água, que lava todas as misérias, os homens inquietos e as mulheres torturadas encontram a paz que inutilmente haviam procurado nos santuários, nas ruas e nos cinemas deste mundo. A santa, que é pobre, inspira mais confiança aos pobres do que outras santas, e sendo de cor, sendo analfabeta, sendo trabalhadora humilde de fazenda, tudo a recomenda ao carinho dos humildes, dos pequeninos, que até agora não tinham uma representante direta na classe das taumaturgas. Acresce ainda que é mineira, e para corações mineiros, que emoção maior do que a de ver os seus votos atendidos por uma mineira que traz ainda nos olhos a nostalgia das senzalas mineiras, com todo o trabalho, todo o suor, todas as lágrimas e todo o mistério de uma raça que acalentou a nossa infância, depois de acalentar a de nossos pais e nossos avós?

A lição de Manoelina aos aflitos e aos curiosos que a procuram é uma lição de humildade. Ela nos ensina a ver tudo de novo, sem os óculos de Pasteur, que acreditava em micróbios, e sem a sobrecasaca dos positivistas, que não acreditavam na vacina. Tudo pode acontecer, e de ordinário são as coisas prodigiosas que acontecem. Na sua casa de barro, entre coqueiros (não sei bem se há coqueiros, mas deve haver), diante do trenzinho da Central em que todos os doentes e infelizes de Minas e do Rio tomaram passagem, a santa rural fornece água, consolo, palpites de loteria, indicações para ser feliz em amor, e mil outras coisas importantes. Pode não ser uma grande santa. Mas é uma santa mineira, o câmbio está baixo, a vida difícil: para que mais?

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 22-05-1931, p. 9 e 10.

A NOIVA DA ESQUADRA

A moça passou, com um longo vestido azul escondendo as meias escuras, esticadas sobre os sapatos brancos, esses sapatos e essas meias, que, reunidos, servem para provar que nem toda moda é bonita. De fato, que necessidade havia de exumar esses sapatos do fundo de dez anos de elegâncias e fanfreluches, para casá-los com essas meias cor de tijolo, que há quinze ou vinte anos se achavam aposentadas? Eu tenho a impressão de um casamento infeliz ao reparar nessa união desastrada, em que os elementos se juntam mas não se harmonizam. E é inútil dizer que a moda embeleza tudo, porque a moda também já impôs os vestidos repolhudos, as saias entravées, as blusas em forma de cesta de costura, e outras barbaridades.

De qualquer maneira a moça passou, vinda do Bar do Ponto, rumo da rua Espírito Santo, na claridade forte da Avenida Afonso Pena. Eram 16 horas — a hora do crime, afirmam alguns entendidos; a hora do chopp, garantem outros entendidos; a hora qualquer, bocejam os desocupados. Precisamente, a avenida estava cheia desses últimos. Há um momento em Belo Horizonte, a de fazer coisa alguma, a não ser contemplar as moças que passam, vestidas de azul. Toda a vida se concentra nesse pensamento, e a luz que cai por entre as árvores e os prédios dá à cidade um brilho indolente, material como uma carícia. E as moças passam mais perfeitas na cor e no traço com que nasceram para nossa mortificação.

Então, num grupo de observadores anônimos, surgiram dúvidas sobre quem era o namorado oficial daquela moça. As opiniões variaram, houve discussão, e nessa discussão cada um afirmou que o namorado era este ou aquele jogador do 1.º team do Atlético. Afinal, o 1.º team todo foi passado em revista, e a conclusão feroz chegou inevitável:

— Essa moça é a noiva da esquadra.

Não sei se a jovem escutou essa classificação naval. O fato é que ela ia com uma superioridade britânica abrindo caminho entre os cruzadores, torpedeiros, submarinos que enchiam a avenida; mas bruscamente virou de bombordo, rumo do Bar do Ponto, e todos os marinheiros alongaram a vista com tristeza, pelas águas oceânicas já ermas da sua navegação.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 23-05-1931, p. 12.

CAMINHO DO CÉU

Pessoas inclinadas ao vício da estatística informam que, de janeiro até esta data, já se beberam e dançaram em Belo Horizonte nada menos de quarenta e cinco chás dançantes, com quarenta e cinco fins diferentes, mas todos altamente simpáticos e meritórios. Eu não freqüento as estatísticas nem os chás, mas acredito em ambos. E do que me revela agora a voz fria dos algarismos, tiro conclusões altamente otimistas e consoladoras.

Quarenta e cinco chás dançantes em benefício de quarenta e cinco instituições de caridade ou de civismo são bem um índice de aperfeiçoamento da humanidade. Nenhuma dúvida que, se vivêssemos ainda na idade do sílex, ou mesmo no tempo das guerras púnicas, esses chás seriam impossíveis. Já não falo da impossibilidade material de beber chá Lipton nas lâminas de pedra polida daqueles tempos agrestes, mas da impossibilidade sentimental de beber tanto chá e de dançar tanto, em épocas remotas, para o bem das crianças pobres ou dos estudantes sem mesada.

Foi preciso que o mundo atravessasse inúmeros estágios de aprimoramento, e houvesse muitas guerras e se inventassem muitos tangos, para que no sertão mineiro, a alma humana se abrisse nessa maravilhosa flor de bondade, cujo perfume se confunde com o dos perfumes caros das ampolas facetadas que nos vêm de França e de Espanha.

Há uma infinita beleza moral nessas quarenta e cinco tardes recreativas e filantrópicas, em que fingindo ignorá-lo mas certamente sabendo, no íntimo, que praticam uma boa ação, "diretores" e "protetores" exercitam novos passos de coreografia e sorvem uma vaga infusão indiana e até mesmo uma dose discreta de whisky com água tônica. Tudo isso entre comentários amenos e observações inocentes sobre as falhas de toilette e os excessos de plástica das jovens presentes. É o que se chama fazer o bem por correspondência, e da maneira menos incômoda possível.

E isso é tanto mais confortador quando estamos vendo o anúncio, para breve, de novas partidas desse gênero, com a mesma elevação de objetivos. As quarenta e cinco do princípio do ano não esgotaram os tesouros de generosidade e ternura do coração mineiro. Parece que chegou o momento de purificar o mundo, e essa purificação se fará pelas tardes de dança e chá, com um bom jazz executando as últimas melodias norte-americanas.

É verdade que, simultaneamente, os nossos elegantes se vão despojando dos seus bens terrestres, e cada novo chá dançante correspondendo uma sensível diminuição de pecúnia, pois a caridade, como já disse um comunista, é o caminho mais rápido para chegarmos à pobreza universal. Mas até nisso eu vejo um motivo de louvor para os chás dançantes, tão úteis, tão edificantes e tão recomendáveis: pois o caminho da pobreza não é o caminho do céu?

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 24-05-1931, p. 12.

DA VELHA CIDADE

Em frente ao cinema Pathé, eu espiava os cartazes de fitas para sempre silenciosas. Lá dentro, as últimas criaturas não sincronizadas de Belo Horizonte procuravam esquecer as conquistas da técnica e a voz horrorosa de Annita Page. Os artistas eram antigos, a fábrica antiga, antigos eu e o cinema, e um velho aparelho telefônico pendia — sem voz, como o filme da velha, velha parede.

Em uma velha cidade... Senti-me outra vez no Belo Horizonte de 1915, 1920, idades mitológicas, de que não há memória entre os homens e as mulheres de hoje. Os artistas chamavam-se Clara Kimball Young, Geraldine Farrar, William S. Hart. Às sexta-feiras havia sessão Fox no Odeon, e as três meninas, da rua Goiás compareciam de branco, de vermelho, de amarelo e de namorado (hoje elas aparecem, mas sem cor, e docemente, como os espectros). O mundo era pequeno e limitava-se ao norte pelo Café Estrela, na rua da Bahia, e a leste pela casa Oscar Marques, na Avenida Afonso Pena. Podia-se correr o Parque Municipal sobre essa coisa ingênua e primitiva, uma bicicleta. Passeava-se pela cidade como se ia para o cemitério, depois de morto: de carro puxado a burros. Belmiro Braga era um bom poeta. O coronel Drexler, um grande general. A praça da Liberdade era um assombro (o jardim plantado para o Rei Alberto ver!) e todas as mulheres se vestiam no atelier da madame Penélope, trinta vezes fechado e trinta vezes reaberto. As mocinhas do Bairro dos Funcionários amavam apenas um rapaz por ano, mas amavam tragicamente, e uma revista, "A Vida de Minas", publicava clichês de bebês nuelos, chupando o dedo sobre a colcha de ramagens do fotógrafo Belém, bebês que hoje são os freqüentadores do footing na Avenida Paraúna e as jogadoras de golfinho. Havia, quem usasse bigodes, mas sem ser por tédio ou desespero da vida,

como hoje: o bigode era respeitável, representava uma caderneta de banco, um lote no Calafate. E os sorvetes daquele tempo? E as longas líricas voltas do bonde Ceará, o bonde que não tinha ponto final, que era o bonde ideal, projetado no infinito e com lotação bastante para conter todos os amores, sofrimentos e recalques da cidade?

Nisto passaram por mim as três meninas desbotadas — último reflexo, último fragmento de um mundo que viveu! — e eu tirei-lhes o chapéu, respeitosa e comovidamente, como diante do Arquivo Público Mineiro.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 25-26-05-1931, p. 12.

OUTUBRO EM BARBACENA

Esse batalhão que passou pela rua deu-me saudade de Barbacena e da revolução.

A revolução em Barbacena há de ficar para sempre como um dos episódios amáveis de minha vida. Em Belo Horizonte ela foi o drama dos dias de cerco ao XII, com as balas rendilhando as vidraças das casas e a inquietação dos aeroplanos que não se sabia bem se vinham jogar bombas ou declarações de solidariedade. Em Barbacena, depois da queda do XII e do XI, e enquanto o X não caía, a existência ficou sendo um poema bélico e ligeiramente dançante. Havia o Estado-Maior, cheio de mapas e telegramas, mas havia também, e com uma rua ajardinada no meio, o Grande Hotel, cheio de fardas e vestidos. Esquecia-me de dizer que havia também, na mesma linha de operações, o Clube Barbacenense. O front não era extenso, como se vê, mas era movimentado e nós todos, oficiais e praças (como em todo exército revolucionário, os oficiais eram mais numerosos do que as praças) esperávamos calmamente a hora do combate indo assistir no Cinema Apolo a inauguração do movietone, com essa fatalidade histórica que se chamava, na República Velha, Broadway Melody. Os mais combativos iam logo ao club, onde todas as noites uma vitrola e um piano se revezavam, e as moças, trocavam o ritmo guerreiro do nosso passo por um outro ritmo, mais suave, de tangos e fox-trots. E os heróis marchavam para a guerra com cravos vermelhos no fuzil, numa terra em que a revolução paralisara o comércio de flores e elas enchiam os canteiros.

Lutava-se muito em Barbacena. No Grande Hotel as mesas eram disputadíssimas e as ruas, que são compridos jardins, amanheciam sonoras da marcha estrepitosa dos soldados. Iam para João Aires, Grama, Benfica, Dias Tavares. Mas antes de chegarem a esses lugares pouco habitáveis, em que a metralhadora falava horas e horas, eles passavam em Palmira, onde nova coleção de moças bonitas enfeitava a paisagem. A trincheira era assim um intervalo entre duas danças ou duas namoradas. No fundo era um divertimento diferente dos outros.

Eu fiz em Barbacena a minha doce aprendizagem militar. Ali me fardei e treinei no duro ofício de matar, e como eram épicas as sortidas noturnas, na cidade toda perfumada a cravos, em que só os bares pareciam fortalezas vigilantes! Desgraçadamente, quando chegou a minha vez de marchar sobre Juiz de Fora, Juiz de Fora já era nossa. E eu entrei na cidade, ao lado do poeta Fonte Boa e do prosador José Alphonsus, como um triunfador, mas sem as caceteações que precedem o triunfo. Na rua Halfeld as moças distribuiam sorrisos como medalhas militares e eu, herói sem combate, ia arrecadando de passagem essas condecorações. A vitória estava no papo.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 27-05-1930, p. 13.

A POESIA NA MALA

Dores do Indaiá acaba de devolver a Belo Horizonte o poeta Emílio Moura, ou, melhor dito, Belo Horizonte acaba de requisitar o poeta Emilio Moura a Dores do Indaiá. As últimas informações eram que Emilio se fixara, como um elemento, na paisagem dorense: a igreja, o jardim público, a ponte sobre o rio bem educado, o edifício da prefeitura e o poeta. Foi preciso um trabalho hábil e sub-reptício para que ele se desintegrasse do panorama e viesse reassumir o seu posto na economia intelectual de Belo Horizonte. Porque o poeta nos pertence desde os tempos em que, nas magras pensões de estudantes, quando ainda não havia "espírito universitário", "consciência acadêmica" e outras infelicidades. Emílio fingia que estudava direito comercial, mas, no fundo, cometia versos.

No fundo e na superfície. Porque é difícil achar um poeta lírico mais transparente do que Emílio Moura, cidadão que esconde a sua poesia como um vício e que, por isso mesmo, acaba fazendo toda gente desconfiar que ele não é nem professor, nem advogado, nem jornalista, mas simplesmente poeta lírico. Sua timidez de coe-

lho, seu pudor da publicidade, sua capacidade de silêncio (ele é, muito homem para ter uma crise de silêncio e de êxtase, portanto de "poesia pura", diante da Coletoria Federal), todos esses são sinais que lhe marcam na fronte a palavra fatal: "Tu Marcellus eris". Pouco importa que não publique, ou quase não publique os versos escritos. Nele, os versos não escritos é que formam a substância do ser, o definem e lhe dão esse contorno meio vago, porque meio aéreo, que às vezes nos fazia perguntar, nas rodas do bom tempo: Existe o Emílio? Ou é apenas um jogo de nossa imaginação, uma representação de nossa vontade? Emílio, que geralmente estava ao nosso lado, também não dispunha de dados para responder ao certo se existia ou não. Assim é a poesia, que não se define, e está sempre ausente dos lugares onde a buscamos.

Ultimamente, a pedagogia, de um lado, e o sentimento barresiano da terra, de outro (nenhum loreno gosta mais de sua "colina inspirada" do que esse dorense gosta de Dores) pegaram em Emílio Moura e disseram-lhe: Vai fazer poesia na Escola Normal de Dores do Indaiá. Ele foi e fez. Mas agora voltou e traz na mala, como coisa que não mostrara nunca a ninguém, como o seu maior e imperdoável pecado, um livro de versos. O seu livro, que nos estava devendo há anos, e que é capaz de ficar devendo ainda, como o devedor que enriqueceu mas não perdeu o hábito de dever. E daqui eu proponho ao Serviço de Investigações abrir essa mala e tirar dela, para publicar, o livro admirável de Emílio Moura.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 28-05-1931, p. 11.

A CASA HABITÁVEL

Penso nessa casa de vidro que o arquiteto Pierre Chareau acaba de construir em Paris. É uma casa para família, e todas as paredes, portas, mármores, metais e boiseries são de vidro autêntico, inquebrável e translúcido. O telegrama não diz, mas está se vendo que para uma casa assim de vidro, só uma família de vidro.

Porque até agora a casa não era só o lugar do repouso e do café matinal, em chinelas, com a alegria dos filhos promovendo desordens no alpendre. Era também, e principalmente, o lugar onde o indivíduo se abrigava do mundo e sua curiosidade, permitindo-se trocar em pijama e quimono o incômodo externo de paletós-saco e vestidos de sair. Era o lugar onde o homem se livrava do homem, cessava a eterna perseguição. A gente, perdendo um

pouco essa horrível mania democrática de viver às claras, mergulhava num mundo iluminado menos violentamente, e, portas cerradas, contava à esposa histórias, casos inventados, até mentiras, pelo prazer de mentir e de ser natural. E a esposa fingia acreditar e nós fingíamos acreditar que ela estava acreditando em nós.

Agora, surge-nos o sr. Pierre Chareau e instala, numa casa de vidro, um homem sem mistério e sem intimidade com todos os seus movimentos, palavras e atos controlados pela multidão que, assentada em cadeiras de palhinha (há de haver um sujeito para explorar a indústria das cadeiras de palhinha diante das casas de vidro, a dez tostões por pessoa), assistirá, desde o seu acordar melancólico, até ao seu adormecer inquieto. Positivamente inabitável.

Num país de escassa curiosidade, como o Brasil, onde quase não há comadres, o inconveniente é pequeno, e talvez se possa viver mediocremente entre essas lâminas de cristal polido. Mas aflige-me a lembrança desses povos de educação menos aprimorada que a nossa que já tinham o péssimo costume de espiar pelo buraco das fechaduras e agora espiarão pela superfície das paredes do solo ao teto.

Já não falo do incômodo que as visitas inoportunas infligirão, daqui por diante, aos moradores. Antigamente, havia uma criada incumbida de despistar essas visitas, informando-lhes que os patrões não estavam nem voltariam tão cedo. Hoje, cessa a utilidade dessa doméstica, porque as pessoas cacetes avistam de longe os moradores da casa. As visitas têm, em geral, o senso da inoportunidade. Agora terão também a vista, e a nossa sala será invadida no justo momento em que estareis pedindo a Deus, com fervor, a extinção da humanidade.

E há também — last but no least — os credores.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 29-05-1931, p. 12.

VIRGULINO, O TERRIVEL

Já repararam na maior ou, talvez, na única originalidade de Lampião. É que ele usa óculos, um bom par de óculos pedagógicos, contra todas as regras e ensinamentos da sabedoria universal, que não compreende os criminosos miopes, nem os presbitas matadores. Há uma certa pureza nos óculos. Ninguém admite que um cidadão munido deles pule um muro para furtar galinhas, por exemplo, ou mesmo para matar, incendiar ou praticar outras irregularidades.

Isto seria humorístico se não fosse absurdo. Em primeiro lugar, porque quem sofre da vista não deve pretender nem mesmo o direito de furtar, que exige, além de aptidões especiais, um golpe de vista mais atilado, que os especialistas qualificam de "olho técnico". Em segundo lugar porque, como ficou dito acima, os óculos conferem à gente um ar de professor, intelectual, jornalista, gerente de fábrica, pastor presbiteriano, um ar de tudo, menos de ladrão. E diante de um senhor com óculos de aro de tartaruga, surpreendido no ato de amontoar numa trouxa os objetos de valor de uma casa que não é sua, o guarda-civil só pode exclamar, entre compungido e vexado:

— Com efeito! Que distração é essa, meu amigo?

Distraídos: eis o que são, em última análise, as pessoas que enxergam pouco. Nunca sujeitos de mau-caráter e piores hábitos, como esse Virgulino Ferreira da Silva, o menos intelectual dos out-law, e que, malgrado as lunetas respeitáveis que lhe ornam a fisionomia, não consegue enxergar as falhas de sintaxe de suas cartas. Não aludo às falhas de ortografia porque, depois do acordo acadêmico, ninguém sabe mais com quantos zes se escreve Brasil.

Outra característica das pessoas que olham a vida através dos óculos é a perfeita correção de maneiras. As lentes depuram toda a grosseria do instinto, corrigem os excessos da natureza bruta. Que amenidade nos que sofrem de uma deficiência na curvatura do cristalino! Entretanto, os jornais informam que Lampião acaba de dissolver um baile na povoação cearense de Sant'Ana do Canindé, dando um tiro de mosquetão na lâmpada que clareava o maxixe humilde daquela boa gente. A escuridão envolveu os corpos, e dentro dela o perigoso indivíduo, com maneiras absolutamente contrárias às de um gentleman, distribuiu novos tiros de mosquetão, que por acaso pegaram em diversas moças e rapazes ali reunidos. Depois, reclamou vinho e intimou o repentista local, morto de pavor, a desfiar na viola um daqueles improvisos em setissílabo que dão tanta poesia e vivacidade aos serões nordestinos. Como o repentista fosse ruim, intimou-o a calar-se, sob pena de outro tiro de mosquetão. E saiu para ler, à luz da lua, assentado num toco de baraúna em frente da casa, uma obra sobre o comunismo, editada em São Paulo.

E aí está para que Deus deu óculos, a Virgulino.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 30-05-1931, p. 11.

CASAR, DESCASAR

A triste notícia: um cavalheiro alemão, de oitenta e cinco anos, cansado de beber cerveja às refeições em companhia da esposa, foi ao juiz mais próximo e apresentou uma petição de divórcio.

— A causa? perguntou-lhe o juiz.

— Incompatibilidade de gênios e profunda incompreensão mútua, suspirou o homem fatigado.

Depois de sessenta e cinco anos de combate matrimonial, ele verificara que seus gostos, tendências e preocupações não rimavam com os da esposa. Amarga verificação. Tardia verificação. Mas, como nunca é tarde para se corrigir um erro ou cortar um braço, quando o braço não serve, o alemão propôs a dissolução do casamento.

Fez bem em propor? Fez mal? De qualquer maneira, sinto um profundo infinito dó desse homem que durante a vida inteira não teve tempo de conhecer o gênio da esposa. Naturalmente porque esse gênio vivia em permanente ebulição. Temperamento calmo e algo filosófico, o sr. Klingeroff recusava-se a reconhecer no retrato da mulher em fúria os traços originais da "esposa que Deus lhe deu". Deus seria incapaz de fazer-lhe uma coisa dessas. Sua mulher era, necessariamente, outra. E o sr. Klingeroff foi adiando, foi adiando. De repente: quarenta anos. Os rostos já estavam enrugados; madame Klingeroff derramava-se pelas poltronas como um oceano. O bom homem começou a suspeitar que sua mulher talvez fosse feia. Talvez fosse mal-educada também.

Cinqüenta anos. A vida do casal Klingeroff torna-se um match de box sem luvas. O espelho denuncia estragos irreparáveis. A experiência cotidiana constata que em certos dias da semana (segundas, quartas e sextas) é impossível falar-se com a sra. Klingeroff sem se receber pelo menos um vaso de gerânios na testa. Às terças, quintas e sábados essa aventura é menos terrível. Aos domingos, armistício. E o sr. Klingeroff cisma...

Cismando chegou aos sessenta anos. Sua mulher acompanhou-o nesse raio. Diziam os íntimos da casa que toda a louça se havia quebrado. Na cristaleira sentia-se a saudade dos cristais, e na cabeça do austero sr. Klingeroff, o sinal deles. E uma duvidazinha, como um veneno, distilou a sua peçonha mortal naquele cérebro germânico: Teria fracassado o seu casamento?

Setenta anos e nenhuma resposta positiva. Tudo em torno do lar Klingeroff eram perplexidades. Sua mulher não era positivamente um anjo com duas asas e um resplendor, mas seria um mons-

tro? Passou a ler histórias de monstros e feras. O minotauro. O bicho de sete cabeças. O tigre dos sertões africanos. A onça das mentiras brasileiras. Nenhum desses bichos se parecia com a chamada "flor do seu lar".

Foi necessário que Deus, na sua infinita misericórdia, desse ao sr. Klingeroff oitenta e cinco anos de vida para que a dura certeza lhe aflorasse ao espírito. Com a certeza adquirida, o sr. Klingeroff deu um beijo na testa da velha companheira — um tão puro, tão carinhoso beijo — e saiu para requerer o divórcio.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 31-05-1931, p. 12.

BAILE DE CHITA

Os bailes de chita estão dando a volta ao interior de Minas. Em Ouro Fino, segundo leio na gazeta local, a festa reuniu todas as moças e moços da sociedade num pensamento de alegria que era, também, um pensamento de economia e modéstia. Os moços todos de brim, as moças todas de algodão. Constituiu-se um júri para premiar a toilete feminina "que fosse mais elegante e ao mesmo tempo mais barata". E o prêmio — naturalmente um prêmio muito econômico — foi ter às mãos de uma jovem que com elas mesmas fizera o seu vestido, de seiscentos réis o metro.

Seiscentos réis o metro de chita: e com quantos metros de chita se faz um vestido moderno? Uma criatura meiga, que costuma instruir a minha velhice sobre as coisas do tempo e da moda, informou-me que quatro. Temos, pois, que com 2$400, uma agulha, um dedal e um figurino francês, a moça de Ouro Fino — moça de ouro, num país em que ele faz tanta falta — conquistou um prêmio de elegância.

Estou vendo daqui a incredulidade com que a notícia será recebida em Belo Horizonte. E depois da incredulidade, a ironia. Nos bailes de chita que se realizaram no Jockey e no Automóvel Club, os vestidos mais econômicos, aqueles que causaram maior assombro, porque o preço deles era considerado como qualquer coisa de fantástico e sobrenatural, custaram 9, 8, 5$000. 5$000 foi o tributo mínimo da economia à elegância mineira, e a moça que usou um vestido desse preço teve que comprar, antes, uma soberba combinação de 15$000, para corrigir as indiscreções da menos cara mas também da mais transparente das chitas. (São ainda informações da deliciosa amiga que eu procuro sempre que tenho necessidade de discorrer sobre modas, danças e perfumes).

Vossa incredulidade e vossa ironia, ó minhas jovens patrícias! Revelam apenas o quanto são extraordinárias as coisas comuns, e como as coisas simples são as mais complicadas. Se amanhã, em vez de uma campanha econômica surgisse uma campanha antieconômica, e se fizessem bailes com prêmios para o vestido mais escandalosamente caro, estou certo de que todas vós ganharieis esse prêmio. Cada uma saberia achar a seda mais absurda, o crepe mais irreal, e mil acessórios incríveis fariam de vossa toilette uma coisa tão suntuosa como o palácio de rei árabe, tão cara como uma conta de luz elétrica em Belo Horizonte. Mas o vestido mais barato, que seja também o mais bonito, esse é difícil de encontrar, e a moça que o arranjou e vestiu com 2$400 pode bem ser considerada um fenômeno dentro de outro fenômeno.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 03-06-1931, p. 12.

OS ANJOS DO MEU BAIRRO

Na igreja do bairro, que ainda não acabou de ser construída mas já é a maior da cidade, todas as noites as meninas cantam em louvor de Nossa Senhora. Uma delas põe a coroa sobre os cabelos da Virgem; duas outras oferecem palmas; e as restantes, distribuídas pela escada, entoam um cântico suave.

Mas isso acontece em todas as igrejas, dirão. De acordo. Mas na igreja do meu bairro, onde eu vou buscar pensamentos puros e projetos de vida honesta, as coisas são mais simples e mais bonitas. Eu conheço as crianças e sei onde elas ensaiam. Há uma discussão prévia para saber quem deve coroar no dia tal, e quais as crianças que oferecerão palmas nesse dia. A tonalidade dos cabelos é um elemento levado em conta para a classificação, e nunca se dirá que de um lado puseram um anjo gigante, do outro lado um anjo coto. Não. Há um metro angelical que regula as coroações, como há uma assembléia constituinte que estabelece o regulamento íntimo desse ato. Eu sei de tudo e me enterneço.

Quando a garotinha é escalada para render homenagem à Santa, a mãe providencia em casa para fabricar uns gingues ou manda adquirir dois quilos de balas, para distribuir com os anjos. O paladar dos anjos já não aprecia as amêndoas que, no tempo da onça, nós comíamos e pedíamos mais. Amanhã os anjos reclamarão bombons, e o que é que não se dá a um anjo?

Eu vejo os anjos passando na rua, entre os andaimes da igreja, e os pais deles tomando cuidado para que as asas não esbarrem nos materiais de construção. Os anjos inspecionam-se mutuamente, uns com inveja dos outros, porque a túnica desses é mais brilhante; e outros sentindo-se superiores, mostrando as estrelas da túnica e outras fontes de admiração.

Mas é quando começa a coroação que eu gosto mais deles; tão seriosinhos, tão comportados. Apenas uma virgem loura, de profundos olhos azuis, interrompe a seriedade geral. O diadema incomoda-a e ela não tem remédio senão coçar a cabeça. E como é bom coçar a cabeça, esse exercício distrai da grave missão que lhe incumbe. Ela continua, alheia aos cantos, ao incenso, à palma que é preciso colocar, à imagem da Santa, azul e branca entre rosas. Mas o braço também está coçando... Há outros incômodos passageiros, e a virgem de quatro anos resolve assentar-se na escada para providenciar convenientemente.

O pai, cá em baixo, fica vermelho e quer desapontar, mas como? Não há tempo para isso, e os anjos, que já desceram do céu, estão reclamando os seus pacotes de balas.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 12-05-1932, p. 11.

OS QUE PARTEM

Na estação, encontraram-se os dois cortejos. Um era do moço mineiro que ia para a Europa, sem chapéu. Outro, do moço americano que regressava aos Estados Unidos, com capote. Os dois grupos eram afetuosos, e melancólicos. Dizem que partir é sempre melancólico, e eu concordo: para quem fica. Porque quem vai não tem tempo de ficar triste, ao passo quem fica não só sente uma bruta inveja como no fundo alimenta o desejo inconsciente de ver o trem saltar fora dos trilhos e a viagem fracassar. Nós todos estávamos muito melancólicos, não há dúvida.

Como houvesse relações comuns, estabeleceu-se ligação entre as duas correntes. A do moço americano tinha um ramalhete maior de moças. Não desfazendo do ramalhete que rodeava o moço mineiro e Deus sabe como eram bonitas. A gente do lado de cá tinha

prazer em cumprimentar uns olhos camaradas do lado de lá, e houve momentos em que inglês e português se casavam numa só lingua. Respeitando-se, é claro, algumas incompatibilidades pessoais.

A família mineira sabe que viajar hoje em dia num paquete da Munson Line ou da Sud Atlantique representa a menos grega das aventuras, mas absolutamente não deixará de comover-se com o espetáculo dos mancebos que partem — de capote, sem chapéu — para as misteriosas Américas e as inacreditáveis Oropas: coitados, tão novinhos!

Daí os abraços silenciosos e um pouco graves de ontem à tarde na estação. A gente sabe que elas voltam, mas há tantas baldeações e tantas francesas nesse mundo.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 31-05-1932, p. 15.

JOÃO GUIMARÃES, LEMBRANÇA

A vida separa os amigos, que a morte vem juntar bruscamente. Eu, que há tanto tempo havia perdido João Guimarães Alves, agora torno a encontrá-lo, ao entrar na sala de redação e receber a notícia de que, em Soledade, ele fechou os olhos.

Entre as melancolias de viver, é talvez das mais penetrantes essa que resulta da existência de "zonas de amizade", cada uma correspondendo a determinada fase moral, e todas, mais ou menos isoladas e características, exprimindo a descontinuidade emotiva do indivíduo, sua irremediável fragmentação, seus desertos, suas incompatibilidades.

Porque, salvo três ou quatro companheiros que uma fatalidade cordial anexa ao nosso destino, e de um certo modo o assimilam e nele colaboram, os demais vão ficando pelo caminho, uns separados pela diversidade de interesses, outros pela circunstância geográfica, outros, finalmente, porque chegaram mais depressa à maturação, ou tardaram, ou se perderam. Já não falo nas desilusões que esse comércio, como qualquer outro, comporta. Penso somente nessas amizades que o tempo vai esgarçando e substituindo

por outras, com o cuidado pérfido de intercalar entre os amigos de vinte anos e os de trinta um espaço em branco para as incompreensões e as incorrespondências. De sorte que viver é perder amigos, porque eles não se somam, e as novas aquisições anulam as anteriores.

João Guimarães Alves foi dos que se perderam na distância. Entre duas cidades de Minas, como de resto entre duas ruas de não importa qual cidade, pode haver mais distância potencial do que entre dois universos. A notícia que tínhamos do João Guimarães era rara e estrita. Às vezes, um abraço de passagem: o amigo estava de novo na Avenida Afonso Pena. Mas ou seja porque já não existissem os antigos cafés — nossa geração se conheceu e se formou essencialmente nos cafés — ou seja porque ele se demorasse pouco, não tínhamos a sensação de que houvesse voltado. Efetivamente, trocara de cidade, isto é, de alma. Sua visita tinha alguma coisa de retrospectivo.

Mas agora falece o inspetor de ensino comercial e quem surge na minha frente, com a voz, os gestos e as palavras do velho tempo, é o meu amigo João Guimarães, tal como eu devo tê-lo deixado, há doze anos, numa esquina noturna, recitando o soneto de amor ou a quadra satírica, à espera de que qualquer coisa, o guarda-civil ou a madrugada, acontecesse, 1922...

O poeta João Guimarães tinha a voz forte e o gesto violento que devia ter outro poeta do temps jadis, François Villon. E o punho forte também. Mas esse punho não se abatia com brutalidade sobre um literato medíocre ou um notívago importuno, sem que o coração do poeta corrigisse logo essa demasia física. Era impossível ficar brigado com João por mais de cinco minutos.

As memórias despertam em mim, os fatos sucedem-se, mas já não é a exposição retrospectiva, é o próprio tempo de ontem que se insere no quadro de hoje, é a vida em movimento, com a amizade em movimento. Tenho de novo João Guimarães no meu convívio. Suas mãos enormes contam as fichas do chope. Sua grande voz repete Raymundo Corrêa:

Lúcia teve um desmaio quando Anfrísio partiu...

Ou então, de sua própria fábrica, o soneto em que desfilavam todas as namoradas de um ano:

> 913, o ano dos anos!
> Ano em que, de alma féerica e iludida,
> Saboreei, na taça dos enganos
> o capiloso vinho desta vida.
> .. ..
> 913 foi-se embora
> e em 914 entrei.

Afinal, João Guimarães, é todo um pedaço de minha vida, como terá sido para Milton Campos, Baptista Santiago, João Alphonsus, rapazes que, à feição de todos os rapazes do mundo, misturamos um dia a coisa literária com a coisa humana. O corpo dele levanta-se como um sinal nesse tempo que já sentimos ser de uma substância diversa e, em conseqüência, de um diverso sabor.

Assente-se aí, João. Você está apenas fingindo de morto.

Antônio Crispim.
Minas Gerais — 14-06-1934, p. 16.

CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

SOB PSEUDÔNIMO: BARBA AZUL

UM MINUTO, APENAS

Programa

Nesta seção se falará de moda, de sentimentos que passam com ela, de atrizes bonitas de cinema, de poetas que não usam entorpecentes nem os fabricam, e de mil outros assuntos terrestres. A senha será: Frivolidade, que, às vezes se confunde com Espírito, outras vezes (sem parecer) é mais grave que um tratado de Finanças. A seção será curta, como a vida, mas sem as complicações da vida, como o telefone não-automático, o calo pisado na rua, o amor pisado no coração, a falta de horário, os telegramas cifrados, a viagem do "Do-X" e o desmemoriado de Collegno. Sairá todo dia útil (domingo) e até mesmo nos dias inúteis (os outros dias): não se aceitam reclamações nem se devolvem bilhetes. Também não há programa. A preocupação única é: aborrecer pouco, aborrecer o menos possível.

*

HISTORIETA

Em minha mão,
tal uma abelha sobre a corola,
tua mão pousou.

Em minha mão,
tal uma espada sobre a ferida,
tua mão pousou.

A flor tingiu-se da cor do sangue,
a ferida cicatrizou

E agora, sem tua mão
na minha (pobre mão viúva),
a corola não tem mais cor,
volta a ferida a sangrar...

Júlio de Azevedo

O AMOR ÚNICO

A condessa Mathieu de Noailles, que foi amada por Maurice Barrès e compõe os mais lindos versos de amor na mais pura língua francesa, escreve estas palavras tristes sobre um livro recente:

"É preciso não conhecer a loucura inspirada pelo amor — pelo amor que não é nem o deboche nem a libertinagem, mas a necessidade que um ser tem de um único ser — para ficar indiferente diante dessa história cruel. Problema para os espíritos curiosos e científicos, como para os espíritos religiosos: É sobre o amor exclusivo, sobre a virtude terrível e mortal do amor único, que se abate o raio dos deuses ciumentos".

UMA XICARA DE CHÁ

Domingo que vem, todas as pessoas elegantes de Belo Horizonte, menos os cronistas, que geralmente não o são, irão tomar chá no grupo escolar "Afonso Pena". A tarde e a noite serão frias e meigas. O ambiente será aconchegado, mineiro e ao mesmo tempo rafiné. O chá será um pretexto. Há tantos pretextos neste mundo! Os que gostarem com pouco açúcar, poderão tomá-lo com mais flirt. Nota importantíssima: não será proibido dançar, como em certas festas que nós, ai de nós! conhecemos.

Barba Azul.
Minas Gerais — 08-09-06-1931, p. 13.

DE AVARITIA

Paul Morand registra, esta anedota sobre a avareza, que ele considera um vício (ou uma virtude) eminentemente francesa:

Certo gentil homem do Berry perdeu o seu cão de guarda. Entretanto, todas as noites, partindo de sua casa, os vizinhos ouviam o mesmo grito feroz:

— Au! Au! Au!

Era o dono da casa que, para economizar, fazia ele mesmo a volta da propriedade, de gatinhas, imitando o latido do cão.

"Todos aqueles que usam porta-moedas são avarentos", é ainda uma observação de Morand. Outra:

"O avarento pode ser amoroso, se também for moço e belo. As mulheres não lhe custarão nada. Conheço um que diz: "Tomemos o bonde, minha querida, é tão mais divertido que um automóvel". E acrescenta: "... e pague a minha passagem, pois você sabe o quanto eu sou avarento". Porque tal vício tem uma sutileza sem igual para tirar partido de tudo: até mesmo para fazer espírito à sua custa".

*

POEMA EM PROSA

A RUA ASSOMBRADA — É meia-noite, e no absoluto silêncio passa o cavalheiro fantasma pela rua velha de Nossa Senhora da Consolação.

Ouço as ferraduras funcionando metódicas nas pedras de ferro, compondo a música elementar do burro em movimento, o burro que carrega o homem horrível, sem nariz, sem olhos, sem boca, e entretanto fazendo uma notável careta de riso perverso.

O ruído era leve com o princípio da rua, nítido e igual em frente à minha casa, mas como se perde e volta ao silêncio na rua que desce, nas pedras cada vez mais longe, essas pedras que apenas esperam o aviso dos relógios para ressoar sob os passos do cavalo-fantasma.

Ele não tem pressa.

Há muitos anos, nessa mesma hora, passa pela rua velha de Nossa Senhora da Consolação, com o mesmo sorriso pirogravado no rosto incrível, e as mãos muito extensas segurando a rédea do animal que também não tem pressa.

Amanhã ele volta.

E depois de amanhã também. A menos que se lembrem de fazer uma serenata, mas com esse frio! De cada lado da rua, as casas contemplam imóveis o fantasma pontual que nunca se lembrou de descer do cavalo para bater a uma porta e, quem sabe? Pedir um fósforo, por obséquio, ou fazer uma aparição cinemática no comprido corredor onde as crianças depositam os meus sonhos mais noturnos.

Arthur L. Gomes

*

OUTRA VEZ GRETA GARBO

Comentário vadio sobre Ann Christie:

— Tinha razão dela não regular muito. Coitada, com aquela voz!

*

GOLFINHO E OUTROS SUBSTANTIVOS

Diante do campo iluminado, o cavalheiro fez as seguintes observações:

— Agora que o golfinho tomou conta de Belo Horizonte, ninguém joga mais golfinho no Rio. Quando ele apareceu lá, há meses, fazia calor e algumas jovens de plástica mais interessante tomaram mesmo a liberdade de jogá-lo em maillot. Aqui, a essa altura do ano, e com os queixos batendo, só mesmo de capotão, tweed seater e lãs escocesas bem espessas. Enquanto isso, as elegantes cariocas estreiam modelos notabilíssimos de manteaux russos, siberianos e poloneses, que só chegarão ao conhecimento da família mineira (se chegarem) em dezembro de 1931, isto é, quando toda gente estiver tomando sorvete de coco no bar do Automóvel Club. Estamos sempre com seis meses de atraso. Se tivermos um pouco de habilidade ou de paciência, poderemos atrasar doze meses exatos, e então a moda belo-horizontina deste ano ficará perfeitamente sincronizada com a moda carioca do ano passado.

Barba Azul.
Minas Gerais — 10-06-1931, p. 11 e 12.

CONTRERIMES

de Paul-Jean Toulet

Tout ainsi que ces pommes
De pourpre et d'or
Qui murissent aux bords
Où fut Sodome;

Comme ces fruits encore
Que Tantalus,
Dans les sombres palus,
Crache, et dévore;

Mon coeur, si doux à prendre
Entre tes mains,
Ouvre-le, ce n'est rien
Qu'un peu de cendre.

*

BOA VONTADE

No Rio, organiza-se a campanha da boa vontade. Por meio de cartazes coloridos e alegres, o carioca é convidado a considerar todas as coisas com otimismo, verificar com bonhomia todos os assassinatos. Um homem caiu do bonde? Podia ter caido do Corcovado, ou do último andar do edifício de "A Noite" — e felizmente perdeu só uma perna. Como a vida é boa! O carioca segue contente e esbarra com um credor, um desses velhos, velhos credores que nos acompanham carinhosamente a vida inteira. Vai aborrecer-se, mas lá está o cartaz: "Conserve o seu sorriso e pagará as suas dívidas". Diante desse cartaz, ou desse conselho, o credor fica sendo uma suavíssima criatura, a quem se convida para um aperitivo e a quem se chama a atenção "para aquela ótima de vestido verde, ali, em frente àquela casa".

Sorria sempre, leitor. Sorria para a direita e para a esquerda, para o "chauffeur" que pretende atropelá-lo e para a moça que tenta colocar-lhe à lapela uma flor de manacá em benefício das criancinhas pobres da Rússia meridional. Sorria para sua sogra! Sorria para os encantadores primos de sua senhora! Sorria para os primos desses primos, que tão gentilmente o visitam nas horas em que V. pretende sair! Um sorriso é meia digestão feita. Sorria também para o preço da libra esterlina, para a gripe fatal neste mês de junho, e sobretudo sorria para esse homem que insistentemente lhe oferece um bilhete da loteria de Santa Catarina, o último bilhte da sorte, a sorte o está perseguindo, freguês...

Mas comece a sorrir desde manhã cedo, quando o café estiver frio na xícara e, a um gesto menos prudente da sua mão, ele compuser uma linda mancha amarela no tecido delicado do seu robe de chambre. Gratifique a criada com um sorriso amplo e generoso, e guarde outro para o chinês de olhos apertados, que tocará dez vezes a campainha para propor-lhe a aquisição de alguns abat-jours de papel crepon.

Depois, sempre com método, procure achar graça nas crianças do seu vizinho, que praticam o futebol diante do seu jardim, ou, mais propriamente, diante das vidraças, espelhos e demais coisas que-

bráveis de sua casa. Divirta-se com os companheiros de bonde, tão engraçados! principalmente essa senhora de amplo diâmetro, que quer expulsá-lo do banco porque o banco não comporta a sua magreza. O condutor talvez lhe dê todo o troco em níqueis do Império, muitos níqueis, ou talvez mesmo se esqueça de lhe dar qualquer troco; vingue-se com um sorriso de fraternidade.

Na repartição, não sorria para as datilógrafas, o que não exige nenhum esforço, sorria para os amanuenses, os primeiros oficiais. Comece a achar o chefe da seção um homem doce e ameno. Ria, ria com os processos, embriague-se com as reclamações, ache uma delícia o livro de ponto. E na volta, em casa, quando sua família estiver dormindo e não houver mais nenhum motivo para sorrir, porque todas as coisas boas do mundo foram suspensas por algumas horas para reparação, — procure a melhor corda, a mais resistente, e enforque-se com uma gargalhada.

Barba Azul.
Minas Gerais — 12-06-1931, p. 9 e 10.

PROVÉRBIO CHINÊS

Se pintares tua casa de cor-de-rosa, virá o destino para pintá-la de preto.

*

TROVA BRASILEIRA

A mulher se espirrasse
toda vez que nos ilude,
vivia o mundo ocupado
só em dizer: Deus te ajude!

*

CONVERSA COM SANTO ANTÔNIO

Não penses, meu doce Santo Antônio, que o teu prestígio diminuiu neste mundo com a extinção das fogueiras e a decadência das tradições. Elas passaram, mas tu ficaste, porque há de haver sempre a necessidade do milagre, e o desejo e a esperança deles sobre a terra.

Ora, não há notícia de santo mais milagroso do que tu, e mesmo um certo milagre, de que fizeste a tua especialidade, conti-

nua sendo o mais suplicado de todos, pelos lábios e corações femininos.

Realizaste, eu sei, outros prodígios, e aquele do menino que a mãe esqueceu dentro de uma bacia de água fervendo e que lá ficou, por obra de tua intervenção, pulando satisfeito e sem a mínima queimadura, constitui um milagre exemplar. Mas hoje em dia as mães não esquecem os garotos no banho, porque há as criadas, ou eles se banham por conta própria. Há também o assombroso fato dos peixes, a que ti dirigiste com voz mansa e persuasiva e que todos ti ouviram atentos. Há a conversão de tantos infiéis, que operaste com ação enérgica e palavra dura, e que te valeu o nome de "Martelo de herejes". Mas hoje, que há tantos infiéis como peixes, e que todos são surdos ao apelo divino, o milagre que ti pedem é ainda aquele de arranjar um devoto bom para cada devota, bonita ou feia, que receia atravessar a vida sozinha, de tal modo que devota nenhuma fique sem companheiro e que todos, abraçados dois a dois, devotamente penetrem no Paraiso...

E essa é hoje, realmente, a coisa mais miraculosa de todas, o Antônio. Porque, nesses 700 anos que nos separam de tua morte piedosa, o mundo só não continuou como era então porque ficou pior. Tudo anda atrapalhado, e uma palavra que não havia no teu tempo, a palavra divórcio, veio complicar ainda mais a vida. As uniões que tramaste já hoje se podem destramar; e os rostos que tua bondade desenhava na água do poço podem muito bem mudar de feição, de nariz, de bigode, de sorte que se uma jovem procurasse hoje no espelho da cisterna a figura do moço que lhe está reservada, encontraria não uma, porém várias figuras, dos seus vários e futuros maridos...

Não te escandalizes, meu santo. É bem possível que agora te peçam não um marido só, mas muitos maridos sucessivos ou simultâneos; as preces que se te elevam da Rússia devem ser, nesse particular, muito esquisitas. Alguma criatura ingênua, no fundo de algum remoto sertão, talvez ainda te convoque na forma do antigo costume, junto à fogueira, entre batatas assadas, traques e busca-pés. O resto, que evoluiu, dançará hoje em teu louvor, nos clubes

elegantes, umas incríveis danças negro-americanas, ou irá jogar golfinho, fazendo votos para que este seja o último golfinho ou o último baile solteiro... Como vês, foi-se a legenda mas ficou o santo.

Casa-as todas, meu rico Santo Antônio de Pádua, de Lisboa e do Amor. E se uma sobrar, que não seja demasiadamente feia, saiba dizer uma palavra meiga e não minta muito, lembra-te de mim que também ando escoteiro no mundo.

Barba Azul.
Minas Gerais — 13-06-1931, p. 12.

SÃO JOSÉ DO BARREIRO

de Ribeiro Couto

Dependurada num portal
a toalha em que enxuguei as mãos
oscila ao vento.

Amo as coisas simples,
Tudo que está em roda de mim
e existe sem ninguém saber.
Casa pobre.
A humilde verdade.

*

VIOLETAS DE PARMA

Alguém me mandou um ramo de violetas. Disfarçado entre as folhas, vinha um cartão: "Que estas violetas de Parma distraiam o seu isolamento". Esqueci o ramo, e fiquei a pensar no milagre deste nome: violetas de Parma.

E quanto mais o pronunciava mais o queria. De certo, era um nome feliz. Se me proporcionava felicidade, é porque era feliz.

Descobri nas violetas de Parma um destino claro e contente. Um destino que pertence essencialmente ao nome e ocasionalmente às flores que levam esse nome. Violetas de Parma! Pois não lhes dá a sensação da felicidade?

E fiquei murmurando: "Violetas de Parma... Parma, Par-ma". Eu detesto as violetas, como em geral as flores envergonhadas. Estas que acabo de receber não podem fugir ao meu desamor. Vou

jogá-las fora assim como vieram, atadas num ramo frágil e fino. Que me importa o seu perfume? É também um perfume envergonhado. Só me interessa o lindo nome que elas têm. São violetas de Parma. De Parma. Violetas de Parma.

Tanto murmurei esse nome que ele perdeu a significação.

Tornei a repeti-lo carinhosamente. Inútil. Fiz um sério esforço mental, redobrei de atenção e consciência. Mas já não havia encanto para mim nas violetas de Parma.

Como um recurso extremo, voltei ao ramo abandonado. Pus-me a analisar sem simpatia as flores humildes. Apertei uma entre os dedos — a maior — com uma lentidão cheia de força. Depois, jogando ao solo o minúsculo cadáver, ergui a mão, e senti que um perfume se colocara aos meus dedos. Aspirei-o, ainda sem simpatia, sem o desejo do milagre, que faz o milagre. Aquela violeta cheirava como todas as violetas... Era banal. Era cacete. Não podia ser de Parma. Não era de Parma.

Deixei a sala, desanimado. Intencionalmente, fugi do jardim, que devia estar cheio de violetas e outras vulgaridades odoríferas. Andei pela casa inteira, de mão no bolso. Repeli um cigarro. E já exausto, caindo numa poltrona, abri um livro. O alto da página dizia:

"Sobre a sua mesa simples havia um retrato de mulher, de tons roídos pelo tempo. Os olhos dessa mulher pareciam de água. Ao lado do retrato, um ramo de violetas de Parma..."

E senti, novamente senti a felicidade daquele nome. Violetas de Parma! Era mais do que tudo, era um minuto de prazer. Esqueci as flores e fiquei, como um beneditino sensual, a sentir o gozo físico daquele nome.

E só mais tarde eu compreendi que nós somos escravos das palavras, e que as palavras são uma segunda criação.

Barba Azul.
Minas Gerais — 14-06-1931, p. 6 e 7.

ANEDOTA LITERÁRIA

Quando Victor Hugo era vivo e tinha admiradores, um desses, escritor lusitano, enviou ao mestre um livro de sua autoria. A resposta veio nestas palavras amáveis: "Eu não sei português, mas com auxílio do latim e do espanhol, estou lendo a sua obra, que é interessantíssima..."

*

INJÚRIAS DEVOLVIDAS

As injúrias devolvidas intactas não ferem. Algumas vezes arredam-se com a ponta da bota, ou deixam-se cair no tapete da sala; mas a melhor fórmula é devolvê-las intactas. A ponta da bota é um gesto, a queda no tapete é desprezo, mas para injúrias menores. A última fórmula de desdém, a mais enérgica, é devolvê-las intactas. Quem inventou este modo de correspondência está no céu.

Machado de Assis.

*

O CASO DO ANJO

Quando a santa chegou à porta do Instituto "Raul Soares", o anjo que a acompanhava por cima do automóvel, pousou no chão e ficou esperando.

Houve um momento de indecisão. O anjo podia entrar? Nos institutos neuropsiquiátricos não há acomodações próprias para anjos. Aquele era, porém, um anjo especial e privativo da santa, um anjo intransferível, em suma. Separá-lo dela seria conveniente, talvez; mas provavelmente injusto e seguramente difícil. Demais, um anjo filtra-se, como a poeira. E uma vez despachado pela porta, ele podia insinuar-se pela fechadura ou mesmo pelo telefone.

O anjo coitadinho, não dizia nada. Dir-se-ia depaysé, longe das palmas oscilantes e do murmúrio místico de Coqueiros. E que viagem incômoda! O cansaço, os investigadores, a curiosidade dos repórteres e dos romeiros, que era preciso despistar... Em João Pinheiro a vida era outra. Pelo menos havia mais consideração.

— O sr. não pode entrar. O sr. é um anjo e isto aqui não é o céu. Dê uma voada e volte depois que a santa estiver boa.

Ele balbuciou, tímido:

— Mas a polícia não pode fazer isso comigo. Eu sou um anjo inexperiente e de vôo curto. De resto, a santa precisa de mim. Oh! Não me mandem embora! A noite está tão fria! Assim eu me constipo.

Os presentes assistiram ao espirro de um anjo. Um espirro diferente dos outros, porque tem um pouco de música e não exige lenço. Depois, voltou um silêncio embaraçoso, enquanto lá em cima o bonde de Santa Efigênia chegava ao fim da linha com um soldado de polícia. Eram 11 horas da noite.

Entra não entra, urgia resolver o problema do anjo e sua instalação na cidade. Ninguém pensou, é claro, em meios violentos para convencer o mensageiro celeste de sua importunidade no local. Cogitava-se de meios diplomáticos. Nisto alguém pensou em consultar a santa, abstrata, na escada. Uma palavra sua e talvez se resolvesse a situação. Um milagre, por exemplo. Manoelina faria um novo milagre, mandando o anjo voar provisoriamente para Tremedal, que é bem longe daqui.

Pediram-lhe, pois, a opinião autorizada. E a santa, erguendo os olhos, respondeu com infinita doçura:

— Uai, gente. Vancês faiz o que vancês entendê.

Barba Azul.
Minas Gerais — 15-16-06-1931, p. 7.

RESUMO

Os acontecimentos mais palpitantes da semana foram: a moça que engoliu uma bola de golfinho quando abriu a boca, cheia de espanto, por ver o namorado jogar tão bem; a excursão de Manoelina de Coqueiros (em caráter particular e não de santa) ao Instituto "Raul Soares"; o burrinho sábio do Circo Queirolo, que não tinha graça nenhuma e por isso fazia concorrência ao palhaço; a ressurreição de "Bem Hur"; sob os auspícios do Instituto Histórico; e uma frase nova da gíria: "Diz isso melografado". No mais, nada de novo na frente ocidental.

*

O VERSO QUE ERA UMA QUEIXA

De Luiz Esteves

Dou de ombros, dou de ombros.
(Dizem que não me importo
com a ironia de teu sorriso).
Ninguém sabe como meus ombros sofrem.

*

A MULHER NOSSA DE CADA DIA

Afinal, a razão estava mesmo com aquele senhor tenebroso, que sete vezes amou para sete vezes matar. Não que tivesse razão em matar, mas em amar sete vezes. Estou convencido — e a humanidade também o estará, sem o dizer — que é realmente impossível amar menos de sete vezes na vida. Que digo? É impossível amar menos de sete vezes na semana, e cada vez de um amor diferente. Cada dia traz o seu desejo e a sua necessidade. Transferir esse desejo para o dia seguinte, ou emendá-lo com o do dia anterior, não parece boa política. O melhor é — com a folhinha diante dos olhos — fazer com que o amor de segunda-feira seja diferente.

Que necessidade há em repetir? Não se assiste um filme duas vezes, não se repete um sorvete de morango. Os jornais de três dias atrás perderam todo o interesse e o rei do Sião quando morre, morre uma vez só.

De resto, a semana é tão comprida e a vida tão curta! Há pessoas que, chegando à quinta-feira, já não se lembram do que fizeram na segunda e olham para domingo como para a Ásia longínqua. Outras, quando se despedem, dizem "até manhã", como se embarcassem para Manaus, e o seu abraço afetuosíssimo vigora apenas por 24 horas.

E depois, os sete dias da semana são tão diferentes uns dos outros. Mulheres há que talvez não convenham à calma bonancheirona dos domingos, que foi feito para as senhoras gordas. São nervosas, finas, rápidas: precisamente mulheres próprias para as quartas-feiras. E outras, diretas e exatas, são ótimas para se começar a semana, uma semana de trabalho, de lutas e de entusiasmo: mulheres das segundas-feiras.

Há também (e é o lado difícil dessa divisão sentimental da semana) as mulheres das sextas-feiras. São mulheres fatais ou cace-

tes. Sempre terríveis. Vestem-se de marrom e passam por sobre a gente como um Studebaker.

Pensando melhor, eu proporia seis mulheres para a semana; e em vez de descansarmos no domingo, descansaríamos na sexta, com leituras piedosas e um aviso na porta: "Fechado para balanço".

Barba Azul.
Minas Gerais — 17-06-1931, p. 11.

CARTA DE GUIA DE CASADOS

Eis como d. Francisco Manoel de Mello decompunha, em 1650, os elementos da felicidade no lar:

"Casa limpa. Mesa asseada. Prato honesto. Servir quedo. Criados bons. Um que os mande. Paga certa. Escravos poucos. Coche a ponto. Cavalo gordo. Prata muita. Ouro a menos. Jóias que se não peçam. Dinheiro o que se possa. Alfaias todas. Armações muitas. Pinturas as melhores. Livros alguns. Armas que não faltem. Casas próprias. Quinta pequena. Missa em casa. Esmola sempre. Poucos vizinhos. Filhos sem mimo. Ordem em tudo. Mulher honrada. Marido cristão. E boa vida e boa morte".

Mas tudo isso, d. Francisco?

*

A GRAMÁTICA E A SEDE

Um copo "com água" é uma tolice antiga e tantas vezes desfeita. "Copo" nessa expressão é apenas a medida: "Copo de água", "xícara de café", "garrafa de vinho". Pois há quem duvide?

João Ribeiro

*

CONTRA A POLÍCIA FEMININA

Eu tenho um medo da polícia feminina! Medo teórico, é claro, porque a polícia feminina, graças a Deus, começa por não existir. Ou existe apenas na Inglaterra, país frio de clima, e portanto já policiado pela natureza. Entretanto, não sei que secreto pavor me causaram essas distintas policewomen que acabam de desembarcar do Highland Brigade para mostrar no Brasil o que é uma

mulher brincando de prender. Talvez o receio de que a instituição, benigna na Inglaterra, se transplante, com caráter maléfico, para essas terras e nós tenhamos daqui a pouco as mulheres conduzindo gente para a delegacia ou montando guarda aos dinheiros da Caixa Econômica.

Que as mulheres têm faro policial, está nos livros e na vida. Que o exercem, não se pode negar. Mas tudo isso na ordem doméstica, intramuros. Que treinem, desenvolvam e — pratiquem esse faro cá fora, na polícia de carreira, criando um novo corpo de investigadores, uma nova equipe de detetives ou um novo tema de guardas-civis, isso, porém, me parece excessivo e de molde a aumentar de muito a criminalidade.

A polícia é ou deve ser por definição invisível. Ora, a mulher-polícia fará tudo para se tornar observada dos transeuntes e até mesmo dos delinqüentes, que irão delinqüir mais longe e passarão a policiar a polícia. A mulher-polícia, se for bela, atrairá os criminosos e há entre nós homens tão mulherengos que serão muito capazes de, apesar de inofensivos, matar um sujeito ou assaltar uma joalheria só para serem presos por uma agente de polícia nessas condições. Em suma, onde houver a mulher-polícia haverá o delito, quando o contrário é que devia acontecer.

Nós brasileiros temos uma grande ternura pelo guarda-civil. Em geral é um indivíduo que olhamos com estima e a quem oferecemos um cigarro, pela madrugada, depois da ceia. Ora, imaginem a guarda-civil feminina, multipliquem essa ternura por dez, e avaliem o conseqüente descalabro do policiamento.

A polícia é secreta, e as mulheres ignoram o sentimento desse adjetivo. Uma diligência ou uma investigação tornar-se-á qualquer coisa de público e notório como um comício na Praça Sete, em que todos falam e só o orador escuta. No caso, o orador será o criminoso e a polícia será todo mundo.

Finalmente, é muito possível que, diante de uma agente nervosa, o ladrão que se dispunha a dobrar a esquina desça do carro e vá piedosamente socorrer a polícia que deu um chilique.

Barba Azul.
Minas Gerais — 18-06-1931, p. 12.

O ÚLTIMO SAMBA

O último samba nacional está sendo cantado e dançado agora em São Paulo. Seu autor é um pistonista, o sr. Lázaro de Oliveira. Sua música mexe com a fibra sertaneja e com outras fibras mais civilizadas da gente. Sua letra é o próprio otimismo brasileiro posto em verso no terreno sentimental. Tem um pedaço assim:

Falei com ela,
falta só ela querer!

Falta só isso, que ela queira. O mais está tudo arranjado. O tipo de conquista brasileira: imediata, fulminante e brutal. O brasileiro é sempre um homem irresistível, e basta falar com uma mulher, já se sabe: ela cai. Isto é, depende dessa coisa infinitamente miúda, insignificante: ela querer.

É o que nos diz o último samba.

*

PLAISIR D'AMOUR

De Tristan Klingsor

Plaisir d'amour ne dure qu'un moment,
et la rose que vous offrirent ce matin
des doigts fins de damoiseau tendremeni
aura ce soir froissé ses habits de satin;
plaisir d'amour ne dure qu'un moment
et ne laisse qu'un souvenir lointain.

Plaisir d'amour ne dure qu'un moment,
mignonne, ayez-en plus souci;
ne renvoyez pas vos princes charmants
avec una larme au bout de leurs cils;
plaisir d'amour ne dure qu'un moment:
chagrin d'amour aussi.

*

DE SANTO AGOSTINHO

Amai. E fazei o que quiserdes...

*

CRÔNICA POLICIAL

Manoel Severino de Sant'Anna, preto, de trinta anos, sem residência, sentindo-se cansado de andar por esse mundo de Deus, de andar sempre, noite, dia e tardinha, sob chuva, sol, vento, pássaros, na terra tão pisada e repisada, resolveu assentar-se. Era em Copacabana. A tarde caía, mas tão mansa que parecia antes escorregar. Na hora digestiva, as famílias punham nas portas e na praia as suas cadeiras de vime. Depois, distraídas, entravam, saíam, deixavam os vimes abandonados. O fatigado Manoel começou então a arrecadar todas essas cadeiras, duas de cada vez, depois mais duas, depois mais outras duas. Com essa arrecadação, ficaram prejudicados: um ministro do Supremo Tribunal Federal; o delegado do 7.º distrito, um coronel da reserva do Exército; o poeta Durval de Moraes (autor do livro "A vida é um sonho..."); o proprietário de uma casa de modas da rua Sete de Setembro; madame Hortense, "manicure", um primeiro oficial do Ministério da Marinha (era em Copacabana, diante da onda) e um inglês vago e colonial. Todas essas pessoas ficaram no chão.

Quando a polícia perguntou a Manoel para que tanta cadeira, se uma só bastava, ele respondeu:

— Eu estava muito cansado e precisava me espalhar.

(Isso está no "Globo", edição de 17 do corrente, 2.ª página).

Barba Azul.
Minas Gerais — 19-06-1931, p. 11.

DE TRISTAN DEREME

Ah! Quantas vezes eu trancei rosas sobre as minhas armas, para te esconder que ia para o combate...

*

ROSA BLANCA, ROSA AZUL

De Pedro Juan Vignale

Rosa blanca, roza azul
— qual es la que tu querrias?
— La rosa rosa del alba,
la rosa es que más querria:
morada como las moras,
como la luna de fria.

Tres dias con sus tres noches
y tres noches con sus días
anduvo tras de la rósa,
la rosa morada y fria.

Ay, que siempre que partiera,
ay, que siempre que partia
sobre el camino del alba
la rosa rosa pendia.
El rocio la endulzaba,
los gallos la encarecian.

Ay rosa la más rosada,
la rosa del alba fria!

Jamás pudieron sus manos,
sus manos jamás podrian
cortar la rosa del alba
morada y humedecida,
pues siempre que iba llegando
andando noches y dias,
sobre los campos de oro
ya danzaba el mediodia.

*

O BRASILEIRO NÃO É TRISTE

Eduardo Frieiro publica na coleção "Os amigos do livro" uma plaquete de 70 páginas, edição de 200 exemplares. Vale dizer que Frieiro estima em duzentos o número de amigos do livro, quando o de inimigos, declarados ou ocultos, deve orçar ai por uns dois mil, ou duzentos mil, ou, quem sabe, dois milhões. (Tudo é possivel no Brasil, país do Amazonas e da sucuri). Pois foi para esse suposto Clube dos Duzentos da inteligência, dotados de uma das mais raras formas de sensibilidade — a sensibilidade gráfica — que Eduardo Frieiro escreveu o seu raro, esquisito opúsculo, espécie de "Retrato do Brasil" às avessas, porque, diz ele, e deixa demonstrado, "o brasileiro não é triste".

O brasileiro não é triste, o português não é triste, os homens em geral não são tristes, afirma o desencantado ironista de "Inquietude, melancolia". Mas não se embandeirem em arco os otimistas nacionais, porque Frieiro corrige lesto: "os homens, em sua imensa maioria, são de humor neutro: tão depressa riem como

choram, segundo se trate dum motivo de alegria ou de tristeza". Nem triste nem alegre: neutro. A conclusão de Frieiro põe a gente triste. Mas o seu livrinho delicioso, admiravelmente tipografado e melhormente escrito, põe a gente alegre. Os duzentos amigos do livro devem comparecer, com urgência, à Livraria Alves, onde, última novidade, está o pequenino livro de Frieiro, já de acordo com a ortografia da República Nova, que o "Minas" adotará amanhã.

Barba Azul.
Minas Gerais — 20-06-1931, p. 12.

CRÔNICA SEM AGÁ

Ontem pela manhã, ao ser informado de que a ortografia fonética passou a ser ortografia de todos nós, o meu primeiro impulso foi expedir telegramas aos amigos, comunicando: a Ciro dos Anjos, que o y desapareceu do alfabeto português; a Otávio Ferreira, que já não há lugar para o c decorativo do seu nome; a Cristóforo Fonte Boa, que a inovação liquidou com o ph; a Wellington Brandão, que não pense em nacionalizar a sua certidão de batismo. É esse o esporte que toda a cidade está cultivando no momento: saber como é que Fulano escreverá o seu nome, antevendo, com maldoso prazer, as dificuldades com que o hábito salteará os Seylla, os Tymburimbá, os Ignácio, os Jeovah de antigamente, obrigados de súbito a raspar as barbas e os bigodes ortográficos que os adornavam, e passando a mão espantada no queixo, à procura dos yy, os gg, os hh pleonásticos e desaparecidos...

Houve quem telefonasse insistentemente para um senhor chamado Astolpho Cherubim de Mattos Moraes, só para participar-lhe que estava intimado a depor os ph, os ch, os tt e o e que constituíam o sobressalente e, talvez a alegria única do seu nome. Eis aí: a volúpia de ver o vizinho com o nome estragado. Ninguém pensou na simplificação geral da vida, no esforço economizado, na delícia de escrever física em lugar de physica e de não errar mais na palavra retórica. Ninguém refletiu que a atmosfera ficou mais leve e que só açúcar não mudou de gosto. O trabalhão que era atinar com o c da palavra anecdota (antes do d ou do t?), que fazia muita gente deixar de rir da mesma, e outros trabalhos menores da escrita, ninguém levantou as mãos ao céu por eles terem acabado. Só os possíveis efeitos humorísticos a tirar dos nomes próprios divertiram a todos. Assim é a humanidade, com ou sem h, mas sempre com malícia.

*

RECEITA DE DOCE

Faça este doce para a sobremesa de hoje:

Algumas maçãs descascadas. Cortam-se em pedaços de tamanho regular e põem-se num prato fundo. Salpica-se com açúcar e rega-se com rum; de vez em quando sacode-se o prato, que deve estar coberto. Meia hora de maceração.

Põem-se numa tigela três colheres de farinha de trigo (50 gramas), juntam-se duas gemas, uma pitada de sal, outra de açúcar, uma colherinha de conhaque e outra de azeite. Tudo isso é misturado com carinho, juntando-se um pouco dágua, que baste para formar uma massa rala.

Mergulha-se cada pedaço de maçã na massa e frita-se na gordura ou no azeite. E aí temos uns excelentes beignets de maçã, que podem ser caramelizados com um pouco de açúcar cristalizado por cima.

Serve-se tout de suite.

*

APERFEIÇOAMENTO DA TÉCNICA

Num subúrbio da capital do Rio Grande do Norte apareceu uma pretinha iluminada, que se propõe a realizar todos os milagres de Manoelina, sem necessidade de bênção direta do suplicante ou de água trazida por ele. Atende por via postal, desde que se junte selo para resposta. Não cuida de pequenas inflamações, tumores benignos, calos, melhoria de vencimentos e contrariedade de amor. Só moléstias grandes. Já contratou a publicidade com um vespertino de Natal. Distribui fotografias com autógrafos. Boa estrada de automóvel, conforto, asseio e absoluta autenticidade dos milagres.

Barba Azul.
Minas Gerais — 21-06-1931, p. 12.

O DOCE INCOMIVEL

Recebi, hoje, pela manhã, a carta que dou abaixo:

"Sr. Barba Azul — Quando acabei de fazer o doce que o sr. recomendou na sua palestra de ontem com os leitores do "Minas", e que o provamos, meu marido virou-se para mim e disse: "Mande isso para o Barba Azul, com um cartão perguntando se foi com uma

droga dessas que ele matou as suas sete mulheres". Palavra que tive vontade de fazê-lo, mas como as mulheres não devem nunca obedecer aos maridos, porque senão eles abusam, deixo de enviar o doce mas envio estas linhas. É o cúmulo, sr. Barba Azul! O sr. subscrever uma receita de sobremesa onde entra azeite em doce de maçãs! No fundo, eu fui uma boba de experimentar em casa as suas receitas de doce. Se visse a cara de meu marido depois que provou o prato, decerto deixaria de ser doceiro. No mais, continuo sua admiradora, em termos. — L... de S..."

Peço perdão à minha gentilíssima correspondente e ao seu marido. A receita saiu com um erro de revisão. Onde está "depois de feito, serve-se tout de suite", devia estar "jogue-se fora imediatamente". Eu peço perdão.

*

CANÇÃO BICUDA

de Augusto Meyer

Bico bico surubico:
são fantasmas familiares,
vêm bater na minha porta
caminhando sobre os bicos
das botinas de mentira.

Bico bico surubico:
são amores mal-gorados,
tamborilam na vidraça
e me perguntam com os dedos:
bico bico surubico,
quem te deu tamanho bico?
caminhando sobre os cacos
dos anéis que se quebraram.

São fantasmas familiares,
são amores mal-gorados,
é a velha chocarreira
que passou varrendo os sonhos...
Tenho medo porque um dia
(bico bico surubico)
vem a velha me buscar
com sua cara de caveira.

*

CASOU-SE AOS 108 ANOS

Continuo lendo minuciosamente os jornais. Eles ainda são o melhor repositório de fatos e notações humanas. Encontro agora o seguinte: João José Rodrigues, 108 anos, veterano do Paraguai, casou-se há dias com uma menina de 18. Com um espaço de 90 anos entre si, os dois amaram-se e tiram uma fotografia em que, ao contrário dos grupos clássicos, ela está firme, de pé, e ele sentado, coberto de medalhas. O velho desfia para a garota as suas memórias heróicas: foi corneteiro em Monte-Caseros, preparou mate para o general San-Martin e tomou parte em diversas revoluções. Jamais caiu prisioneiro. Isto é: caiu aos 108 anos, embora, num sorriso sem dentes, afirme glorioso:

— E não cairei nunca.

(A moça concorda, para não contrariar).

Barba Azul.
Minas Gerais — 22-23-06-1931, p. 13

BILHETE A SÃO JOÃO

Ontem à noite, quando eu vinha para o serviço, ouvi rumor de bombas e gritos de crianças: e indagando a razão desse bulício, soube que era a vossa noite, São João. O tempo todo passou-se em arruídos e explosões; todo mundo era feliz ou parecia sê-lo. No jornal, fiz tenção de compor um canto em vosso louvor; e nesse canto falaria de vosso prestigio e da trama de sonhos que à roda dele compõem os meninos pequenos e os grandes. Diria das lendas em que apereceis e pintaria os rostos em que bate, de súbito, o clarão das vossas fogueiras. E poria no fim de tudo um refrão que lembrasse o velho Brasil das gravuras de Rugendas, ingênuo e acocorado em volta do fogo que os homens acenderam na noite, para gáudio dos seus corações. Mas a noite, São João, foi de rude porfia, e o noticiarista encheu de fatos o papel guardado para o trovador. São João, nada vos dou a não ser este poema de Manuel Bandeira:

PROFUNDAMENTE

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas, luzes de Bengala
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.

Onde estava os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque dormi
Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia

Rosa
Onde estão todos eles?
— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

E até para o ano, São João.

Barba Azul.
Minas Gerais — 24-06-1931, p. 14.

DE JACQUES CHARDONNE

Não custaria nada sacrificar a vida por uma mulher, se ela o percebesse.

*

OS NOMES MUDAM

Onde ainda se lê: "Greta Garbo!" leia-se daqui a seis, oito meses: "Marlene Dietrich!" Não haverá diferença nenhuma, e a gente terá a ilusão de que surgiu um novo fenômeno feminino, quando a verdade é que até hoje, e sempre, nós continuamos a admirar a primeira mulher que vimos no cinema e que foi, parece, a centenária Asta Nielsen.

*

SEM NINGUÉM SABER

Tenho um amigo que me faz confissões incoerentes ou que parecem tal. Registro aqui uma delas:

— "De repente, sem que nada em nós ou fora de nós avisasse esse desfecho, tudo que se transfigurava volta a desfigurar-se e o mundo, que girava em volta de Georgina, já não gira mais em volta de Georgina. Ela era tudo o que existe sobre a terra, a flor, a estrela, o fogo, o crime, a alegria, a dor, a batalha o ouro e a prata deste mundo. E de repente, puff! Estourou. Acabou-se. Nós mesmos não compreendemos, e Georgina acaso o compreenderia? Ela continua a passar, esplêndida, pela nossa rua, e seus vestidos cada dia atraem novas cobiças, amortalham novos desejos. Em nós, porém, os vestidos de Georgina já não acordam nada, nem sequer um protesto. E sua beleza se volve em feiúra ou, pior, em indiferença e neutralidade. Agora Georgina não é feia nem bonita, é apenas a décima milésima Georgina deste mundo onde há tantas. Inútil você sorrir, Georgina, o seu sorriso é uma máscara fria. Todas as coisas aconteciam por sua causa; agora você acontece com as coisas, e tem a sua ficha no imenso arquivo de nossa vida. Você abusou, Georgina... Isto é, você não tem culpa, a gente é que pôs em você um infinito de coisas boas, doces, amáveis e puras. Bem que você abria os olhinhos espantados, às vezes pensando mesmo que era exagero, que "era deboche". Você, miudinha neste mundo, se enxergava tão grande nos olhos da gente! Olha a cara de espanto da Georgina. Você não podia imaginar que um homem sofresse. Pois se você não sofria, porque motivo ele... Há um mundo de imaginações querendo ondular na cabeça tão penteada, e de tão admiráveis cabelos, da ino-

cente Georgina. Ela prefere dormir ou tocar piano. Ouvidos que passai e vos detendes, esta música que dava para entristecer Belo Horizonte, esta música não é triste, porque Georgina não é triste, é apenas um exercício. Coitado do moço, tanto pensou em Georgina que fez um poema, depois outro, depois mil. É claro que ela não compreendeu nem se sentiu orgulhosa por isso. Georgina não tem informações sobre essa dor-de-joelho que é a poesia no homem. Em resumo Georgina era o objeto amado, único e intransferível e o próprio do objeto amado é não saber que o é. Por isso a gente sofria muito com ela e nas noites de chope concluia que a vida era irremediável, a menos que algum anjo piedoso nos fornecesse alguns cristais de metilarseniato de sódio, para liquidar.

Mas de repente, como ia dizendo, sem o menor aviso, pressentimento, sirene, advertência ou campainha — sem um grito, sem um ai — a gente passou por Georgina se nem e importou com Georgina.

(Por acaso, Beatriz vinha aparecendo na rua)".

Barba Azul.
Minas Gerais — 25-06-1931, p. 13.

ENTRE O GOSTO E O DEVER

Do cronista forense do "Estado de São Paulo":

"Dom funesto, a beleza é uma semeadora de infortúnios. Uma formosa que atraiçoa o marido põe-lhe nos nervos vibrações homicidas; a feia, que faz a mesma coisa, arranca-lhe dos lábios o mel da mais suave filosofia como nô-lo atesta aquele fidalgo francês, que, surpreendendo a esposa — um feixe de ossos a carregar uma cara de espantar bichos — nos braços de um amigo, observou a este com toda a brandura:

— Que eu faça isso com esta senhora, compreende-se; é meu dever de marido. Mas que você o faça por gosto — com franqueza, não o compreendo, nem pessoa alguma o compreenderá..."

*

ICH WILL MICH VERHEIRATEN

(Quero me casar)

Ich will mich verheiraten
in der Nacht, in der Strasse,
in dem Meer, in dem Himmel
ich will mich verheiraten.

Ich suche eine Braut
blonde oder brünette
schwarze oder blaue
ei negrüne Braut.

eine Braut in der Luft,
Wie ein Vogel

Geschwind, denn di Lieb
kann nicht warten.

Poema de Antônio Crispim
versão de Orlando de Carvalho.

*

INTERVALO

As moças do Primeiro Congresso Feminino Mineiro interromperão hoje, à noite, a discussão da tese "É o luxo um mal?" para tomarem parte no chá-dançante que lhes será oferecido nos aristocráticos salões do Automóvel Club.

Durante as danças não haverá pontos de vista.

Barba Azul.
Minas Gerais — 26-06-1931, p. 18.

COMO SE COMBATEM PAIXÕES

Assim se combatem paixões: brotem, vicem, floresçam na plenitude da sua força — para que não sejamos como sepulcros caiados. Dá-lhes o sol, varre-as o vento, maceram-as as chuvas, e elas estorricam, elas quebram, elas morrem, elas passam — e a alma não apodrece na soberba, no fingimento e na ilusão.

Como é que a parva perversidade humana pode converter a clara e benéfica fonte de alegria e de liberdade, que há no fundo desse viril otimismo, nesta coisa sombria e horrenda, neste pesadelo de artifícios atrozes...?

Jesus assistia a bodas de Caná, e fazia vinho para a jovialidade dos homens!

Amadeu Amaral.

*

RETIRO ESPIRITUAL

O noticiário elegante registrou, na última semana um vultoso desfalque na paisagem feminina da Capital: Quarenta, cinqüenta criaturas das que tornam habitável o planeta e, dentro do planeta, Belo Horizonte, desapareceram bruscamente da circulação. Passaram a circular apenas as criaturas de todo dia neste mundo de todo jeito — essas criaturas que são os "bônus" e os "burrusquês" da beleza feminina. Para que Pasárgada teriam ido as outras? Foi a pergunta da cidade. Não foram para nenhuma Pasárgada, mas para o próprio paraíso, ou esboço dele, que é, ou deve ser, um retiro espiritual. Os exercícios piedosos naquele edifício vagamente colonial da rua Pouso Alegre, que é o colégio tradicional da cidade, encheram quatro dias das meninas elegantes de Belo Horizonte. Durante quatro dias elas rezaram com os olhos postos no alto e os ouvidos fechados a todo ruído vão, de automóvel de súplica de namorado. E nem pensaram no jogo do golfinho, ao som da vitrola, entre os basbaques contemplativos; não tiveram uma saudade para as graves ocupações que, aqui fora, se chamam cinema, dança, compras, footing e flirt. Durante quatro dias, silenciosas e fortes, como as virgens sábias do Evangelho, que conservam as suas lâmpadas acesas, elas alimentaram o lume da devoção. Nós ficamos tristes. Elas ficaram santas. E lá de cima, Deus viu que era bom, como nas Escrituras.

Agora que o retiro acabou, e que a vida continua como era antes — um chá depois de um fox-trot depois de um mergulho na piscina — eu perguntei a algumas delas, pelo vício de perguntar, que impressão traziam desse raid ao Divino.

— Nós gostamos muito, disseram elas, porque rezamos muito e nos elevamos muito.

— Rezaram por nós, que ficamos cá fora, com saudade de vocês?

— Não! Rezamos para nós mesmas, pela salvação de nossas almas.

Donde conclui que esse retiro, nocivo para a vida elegante da cidade, foi inútil para as jovens que o fizeram, e que não precisavam dele para se salvar.

E foi inútil para nós outros, seus admiradores, que perdemos mais essa oportunidade de resgatar os nossos pecados.

Barba Azul.
Minas Gerais — 27-06-1931, p. 14

O POVO DIZ PORQUE SABE

Para marido "rueiro" tornar-se caseiro, basta a mulher arrancar-lhe alguns fios de cabelo, quando estiver dormindo; depois, dar um nó e colocar em baixo de um pé de mesa. Se o marido acordar no momento em que se arranca o cabelo, isso corta o efeito.

— Um fio de cabelo de mulher, colocado numa vasilha com água, no fim de sete dias vira cobra.

— Não empreste nem peça emprestado agulha nem linha de coser. É intringa na certa.

— Conte 21 estrelas em 21 noites seguidas, e na última noite sonhará com quem vai se casar.

— Quem rezar o Credo de trás para diante ouvirá o rumor do inferno.

— Homem casado que apanha de mulher é porque em criança brincou com boneca.

*

MÚSICA PARA POUCOS

Acontece que hoje à tarde haverá no Municipal um concerto sinfônico. E haverá também um jogo no estádio do Atlético. Entre as duas músicas, a das mãos sobre a tecla e a dos pés sobre a bola, há gente que, amando a primeira, prefere a segunda, como os cavalheiros que se casam com as louras e se apaixonam pelas morenas. Por isso é sumamente provável que, com o Municipal vazio e o Atlético cheio, Belo Horizonte tenha hoje menos uma vesperal de arte do que de esporte, e as palmas ansiosas por se fazerem ouvir, irão ensurdecer ou ouvidos dos jogadores, deixando os artistas esquecidos no palco do teatro, que é como quem diz no porão do esquecimento.

Não cometerei a ingenuidade de protestar contra o abandono que a nossa sociedade inflige aos concertos sinfônicos. E se protestasse, é bem possível que os amigos da bola me respondessem: "Diz isso cantando". Eu não sei cantar, ignoro se o violino vale o chute de Canhoto, ou se um solo de Henrique Oswald pode entestar com uma pegada de Armando, mas acredito que a Divina Providência, autora dos maestros e dos "referees", saberá pôr ordem na partitura deste mundo. E assim como para os ases da cancha ela obteve um público numeroso, conseguirá também, com o tempo, torcedores exaltados para os saxofonistas e os tocadores de banjo.

É questão de esperar, e sabe-se que, cronologicamente, o esporte, necessidade braçal ou pedal, vem antes da música, necessidade de vísceras obscuras ou vagas, que nem todos trazem dentro de si.

Chutai, meus irmãos. Ide ao golfinho minhas irmãs. E se sobrar alguma fração de minuto, ide ao Municipal ouvir Grieg e outros mistérios interiores, como faz o último melómano sobre a terra, o meu velho amigo Arduino Bolivar.

Barba Azul.
Minas Gerais — 28-06-1931, p. 18.

O CHÁ DEPOIS DO CONGRESSO

O 1.º Congresso Feminino Mineiro encerrou-se oficialmente às 14 horas de domingo, na Câmara. Mas às 16 horas ele se reabria no Automóvel Clube num chá oferecido à imprensa e que, no conceito de vários observadores, foi a sua melhor sessão. Sem leitura de ata nem expediente, as congressistas e seus convidados entraram logo na ordem do dia, ou da tarde, e entre um e outro gole de chá, a palavra circulou dos lábios femininos para os masculinos. No fim, o Congresso era francamente misto, melhor do que os femininos, portanto, e incomparavelmente superior aos masculinos. Apesar de tantos discursos, não houve nenhum desastre a lamentar, e não se chegou a nenhuma conclusão, a não ser a de um jornalista, que propôs se reunisse o Congresso de três em três meses e sempre com um chá idêntico depois do encerramento. Esquecidos de que eram apenas jornalistas, todos os cavalheiros presentes transformaram-se em oradores, e só um deles, com ar de poeta futurista, nada falou, talvez porque ficasse mudo de emo-

ção. E quando todos já se levantavam, alguém levantou a idéia de um 1.º Congresso Masculino Mineiro, em que se defendessem os ideais, tão ameaçados, dessa pobre metade do gênero humano, — ao menos para, no fim, retribuirmos a gentileza das nossas feministas, oferecendo-lhes, por nossa vez, uma xícara de chá.

*

EDUCAÇÃO SENTIMENTAL

de Pedro Nava

Mariquita fechou o Escrich
e teve vontade dum espanhol
com seu punhal
para matá-la.

*

CONVITE

Recebi o seguinte:

"Centro Nortista — Belo Horizonte — Exmo. Sr. — Em nome da diretoria do Centro Nortista, tenho a honra de convidar a v. exc. e exma. família, para assistirem a conferência sobre — Amores Inéditos de Castro Alves, — a qual será proferida pelo professor Lopes Rodrigues, a convite do mesmo Centro, às 20,30 horas do dia 6 de julho próximo, no Teatro Municipal, em comemoração à data do passamento do glorioso gondoleiro baiano e apóstolo da abolição brasileira. — Victor Dantas, 1.º secretário".

Barba Azul.
Minas Gerais — 29-06-1931, p. 11.

UMA NEGRINHA MORTA

Com duas rosas brancas sobre o seio,
e velas brancas à sua cabeceira e a seus pés,
negra Madona do túmulo, ela descansa.
À Senhora Morte achou-a linda.

Sua mãe empenhou o anel-de-casamento
para arranjá-la assim, toda de branco.
Ela ficaria vaidosa e haveria de dançar e de cantar
se pudesse ver-ser, esta noite...

Do poeta negro norte-americano Countee Cullen, tradução de Guilherme de Almeida.

*

FRAGONARD EM MINAS

O museu "Mariano Procópio", de Juiz de Fora, inaugurou as suas novas galerias. Minas Gerais, que é uma terra tão rica de tradição (a água que se bebe no Caquende é a mesma que matou a sede do Borba Gato), tem na casa de Mariano Procópio o único lugar onde essas tradições se depositam e cultivam. Somos uma terra sem museus e com a "temperatura" dos museus. Nada nos falta: nem o Aleijadinho nem as boas e sólidas mobílias de jacarandá nem troféus de guerra e motim, que relembrem a turbulência dos tempos passados. Falta-nos, entretanto, a casa onde guardar tudo isso, casa que não seja uma academia ou um arquivo, que é sepultura de vivos candidatos à morte. Porque o museu, modernamente falando, exclui as barbas da praxe e a poeira dos prejuízos. É casa visitável e mesmo que atrai visita, pelo seu aspecto e organização, que valorizam o espólio recolhido. A casa de Mariano Procópio entre árvores de um parque, numa cidade industrial, realiza talvez a miniatura simpática desse museu. Há lá dentro coisas que falam do passado e não cheiram a mofo. Há a lembrança (mas porque não dizer: o perfume) da excelentíssima viscondessa de Cavalcante, dama da melhor linhagem de espírito brasileiro, e não apenas do melhor sangue, e que ainda hoje vive em Paris, última claridade e último sorriso da monarquia. E entre as coisas que falam da viscondessa, porque tocadas por suas mãos, vistas por seus olhos, e dadas por ela, está — encontro a notícia num jornal de Juiz de Fora — um quadrinho delicioso de Fragonard, da sua melhor maneira, talvez a única tela desse pintor voluptuoso e mulherengo, que exista fora da Europa, e a única, segu-

ramente, nestes brasis. O quadrinho de Fragonard no lugar em que o nosso senso dos valores consagrados poria a veneranda efígie do visconde de Caeté, — eis, para mim, a mola deliciosa desse museu mineiro de Mariano Procópio, museu elegante criado por um homem de espírito, enriquecido por uma senhora de espírito, e que todas as pessoas de espírito deviam freqüentar — se o espírito não fosse hoje, pela sua raridade, um artigo de museu.

Barba Azul.
Minas Gerais — 01-07-1931, p. 14.

JORNAL DAS MOÇAS

Se eu tivesse tempo e não fosse tímido, passaria a minha vida colaborando no "Jornal das Moças".

O próprio título dessa publicação já é uma gostosura, tão claro, tão expressivo: "Jornal das Moças". Enquanto os outros são "do Comércio" ou "da Tarde", esse é "das Moças". E dissimulado como todo bicho-mulher, nem é propriamente um jornal, porque é uma revista.

Estou convencido de que a melhor literatura brasileira está nessas páginas hebdomadárias do "Jornal das Moças". Aí não se encontra Machado de Assis, que tinha o gosto de velhas culturas e o travo de estranhas experiências; nem Nabuco, flor de civilização; nem os poetas da Arcádia, os puristas de ultramar, os parnasianos e os simbolistas de Monimarte, os imitadores da penúltima coqueluche européia. Aí não há nada do que se convencionou chamar nosso que é quase sempre francês, inglês, português ou alemão. Nenhuma importação clandestina. Apenas a boa e pura literatura brasileira, a nossa boa prosa, o nosso suculento lirismo nacional. Os colaboradores do "Jornal das Moças" chamam-se "Sempre Triste", "Flor dos Montes", "Gaúcho Elegante", "Atacantes do Belo Sexo", "Moreninha Esportiva", "Coração Invencível". É a própria brasilidade, a cor e a linha dos nossos sentimentos, suspiros e ânsias. Todo brasileiro é do amor. O "Jornal das Moças" é do amor.

Em literatura, nós falsificamos o sentimento nacional com resíduos de psicanálise e monólogo interior. Somos muito bocós, e olhamos para a garota que passa com o olho dissociador de Marcel Proust. O olho que convinha a essa redonda e adorável criatura, era, entretanto, o de Catulo da Paixão Cearense. Precisamos trocar a psicologia, a psicofisiologia pela visão direta e amo-

rosa das coisas. Ora o "Jornal das Moças" não cultiva nenhum pedantismo ou preconceito estético. Ele promove o amor entre os brasileiros e oferece a todos a oportunidade de se conhecerem através de postais que não excedam determinado número de linhas e guardem a devida compostura. Esses postais são um importantíssimo documento humano. Toda a saudade brasileira lateja nesses bilhetes. E há desejos terríveis que se transportam de São Mateus, na linha auxiliar na Central do Brasil, para o mais longe Goiás, nas asas desse pombo-correio. É o amor doce e triste, áspero e vão, o amor, em suma, de que rezam os tratadistas.

E por último o "Jornal das Moças" ainda institui um concurso para saber qual o príncipe dos seus colaboradores. A edição mais recentemente chegada a esta Capital consigna 948 votos para "Diamante-Azul", de Carmo da Mata. Ele é o príncipe, pelo menos provisório, das letras patrícias. Quantos sufrágios alcançaria, num concurso como esse, o sr. Coelho Netto, colaborador do "Jornal do Brasil"? Ou o sr. Barba Azul, colaborador do "Minas Gerais"? Entretanto, como esse ditoso príncipe de Carmo da Mata, nós também pelejamos e sofremos para agradar aos nossos leitores...

Barba Azul,
Minas Gerais — 02-07-1931, p. 13.

O INVENTOR

Recife, 23 (Do enviado especial de "O Globo"). — Entrevistado pelo "Diário de Pernambuco", Júlio Moura narrou como se verificou a explosão do seu aparelho, afirmando que ela ocorreu depois de aquecida a massa e na ocasião em que ele torceu o interruptor. O "Diário" indagou dele se efetivamente captava a eletricidade atmosférica ou se havia caso de indução. Respondeu Júlio Moura:

— Não discuto o que seja. O que afirmo é que dou luz.

*

Il PASTORE A NICE

de Cláudio Manoel da Costa

Nel mio sospiro amante
altro il dolor non dice,
che dove, dov' è Nice,
che non la trovo ancor!

Echo, ch'il sasso asconde,
per lei nepur risponde;
e solo sento (oh Dio!)
che perdo anch'io
il cor.

*

O DEVER DE JOGAR GOLFINHO

Os rapazes e as moças que jogam golfinho em Belo Horizonte praticam, certamente, um rito que exclui a alegria para impor a gravidade. E as pessoas que observam o jogo dessas moças e desses rapazes, por sua vez, realizam uma operação que se caracteriza pelo tom de reserva e sisudez. Os que jogam são sérios e quase tristes. Os que vêm jogar mantêm uma atitude sombria. Dir-se-ia que grandes responsabilidades andam no ar, e que o golfinho é uma dura e imperiosa obrigação.

A torcida, se há torcida, desenvolve-se no íntimo dos espectadores, lá na camada subterrânea em que vegetam os desejos não aboloados e os seqüestros freudianos. À superfície da consciência não aflora nada. Todos guardam uma fisionomia de enterro ou de revolução. O ar parece cheio de presságios. A bola, a própria bola está reclamando silêncio aos jogadores e curiosos, advertindo: "O momento é de ação e não de palavras."

Não se diga que é triste um campo de golfinho em Belo Horizonte. Triste, propriamente, não é. A idéia que ele nos sugere é antes a de gravidade de recolhimento e de dever a cumprir; o dever de conduzir a bola ao hole, com o menor número de tacadas e de amolações. Em suma, o dever cotidiano de fazer alguma coisa, seja o que for, e como for.

Feitas estas ponderações, um amigo me assegurou que é da própria essência do golfinho essa gravidade religiosa e ritual que eu supunha peculiar à nossa maneira de jogá-lo. O golfinho não comportaria emoções fortes nem médias; convém aos cardíacos e não prejudica os reumáticos. É o jogo das pessoas que não jogam. Muito interessante, ameno e inofensivo.

Em vista do que, retiro as ponderações.

Barba Azul.
Minas Gerais — 03-07-1931, p. 13.

BOAS PILHÉRIAS PARA SOCIEDADE

Rir é difícil, fazer rir mais difícil ainda. A sorte de uma boa pilhéria não depende apenas da excelência do seu conteúdo, isto é, da pilhéria em si. Há também o fator resistência, ou seja, a prevenção que nós naturalmente experimentamos contra tudo que pretende ser engraçado. Por isso mesmo, os maiores humoristas, Job à frente, não declaram nunca a sua condição de humorista. Afiançam falar sério e vencem pela surpresa, que foi um processo alemão de primeira ordem no caso da Bélgica.

Meia dúzia de homens supostos graves, com atitudes circunspectas e roupas tranqüilizadoras, espalhando sub-repticiamente facetas de Mark Twain, fariam um bem infinito ao planeta e teriam diminuído, não digo o número de suicidas mas o de pessoas que pelo desespero de viver, se entregam ao jogo de xadrez no Automóvel Club.

A surpresa do assalto conquistaria os macambúzios e resolveria o caso dos psicastênicos, e a humanidade, que ainda não se salvou pela lágrima, talvez se salvasse pelo riso.

Com essa intenção generosa — contribuir para que o mundo melhore à custa de gargalhadas — transporto para aqui a descrição de uns certos e determinados engenhos que fui encontrar no catálogo de uma fábrica especialista no gênero. Ouço dizer que são infalíveis.

*

Surpresas para fumantes: Cachimbo Chafariz — É uma surpresa muito original e que se presta para provocar gostosas gargalhadas. Imaginem um cachimbo muito bonito e perfeito, de boa qualidade, com um dispositivo que nos permite, ao tê-lo na boca, saboreando boas fumaradas, fazer com que dele parta um esguicho d'água que vai atingir o nosso vizinho a boa distância. Isto torna-se ainda mais cômico, porque a vítima, distraída a maior parte das vezes, não vê e nem pode desconfiar de onde vem o esguicho impertinente. Preço 5$000; e 3 por 13$500.

*

Piteira com charuto — É uma curiosa novidade, este charuto. De tamanho comum, colocado em piteira de legítima cereja, está sempre aceso, mostrando a cinza que denuncia a sua ótima qualidade. Tendo-o na boca, pode-se pregar bons logros e fazer rir nos lugares onde não seja permitido fumar. Deixando tam-

bém "por descuido" sobre uma mesa ou objeto que se queime, temos de ouvir logo uma áspera advertência pelo nosso "pouco cuidado". É tão perfeita a imitação, que qualquer pessoa se assusta com a ameaça de ser queimada com ele. Preço, 2$500; 3 por 6$000.

*

Caixa de fósforos-surpresa — É um destes pequenos artifícios que servem para se pregar uma peça aos amigos e rir-se a valer à custa alheia. Quando o nosso bom velho amigo estiver com vontade de saborear um cigarro que acaba de nos "filar", e nos pede também fósforos, passamos-lhe a caixa surpresa. Ao abrí-la, apanha no rosto um punhado de confetes.

Esta surpresa pode repetir-se indefinidamente. É uma brincadeira que se deve ter sempre à mão, quando se for a uma festa ou baile. Vende-se em maços de 5 por 3$000; 2 maços, 5$500. Cada maço acompanha um pacote de confetes.

*

Porta-moedas pé-de-meia — Uma fina surpresa que faz rir a todos. É sem dúvida uma das melhores pilhérias imagináveis: uma meia de senhora com o seu fecho de metal niquelado, transformada em curioso porta-moedas. (É sabido que as senhoras costumam guardar as suas economias e outros valores dentro das meias). Pode-se facilmente imaginar o sucesso e a hilaridade causada, quando, em uma reunião de rapazes e moças, o possuidor desenrola e abre a meia, com a intenção de pagar alguma despesa. O efeito pode ser melhor imaginado de que descrito. No carnaval, esta meia pode ser também usada, como porta-confete, com grande sucesso. Preço: 3$000; 3 por 8$500, livre de porte.

Barba Azul.
Minas Gerais — 04-07-1931, p. 12 e 13.

CONCORRÊNCIA AO ENGLISH CLUB

De todas as associações de Belo Horizonte, a única, até agora, que possuía espírito revolucionário era o English Club. Não tinha sede, ou antes, tinha muitas, tantas quantas as vivendas elegantes de suas componentes. Não tinha programa, a não ser o de falar inglês entre criaturas brasileiras. E não tinha estatutos, salvo um artigo único, sem parágrafo, que excluía os rapazes cacetes e as meninas feias.

Agora, não se sabe como, anuncia-se por aí um outro clube, com o nome absurdo de Vereiningung der Freunde Deutscher Unterhaltung. Este horror traduz-se assim: Sociedade dos Amigos da Lingua Alemã, e tem à sua frente, entre outros jovens mineiros, alguns rapazes que aprenderam a falar alemão namorando as moças dessa origem que moram em Belo Horizonte. Sentindo a necessidade de se aperfeiçoar no idioma teutão, esse moços estão aliciando elementos do naipe feminino, que darão graça e perfume às tertúlias germânicas.

É a concorrência ao English Club, instituto até agora original, e que daqui a pouco se integrará num sistema de academias de linguagem, compondo, todas essas academias, uma Universidade Idiomática, ou Torre de Babel, em que todos falarão e ninguém se entenderá. E passaremos pelo desprazer de assistir criaturas absolutamente lindas dizendo palavras de cortesia ou pedindo sorvete de creme em alguma variedade abstrusa de língua indo-européia, o sânscrito, por exemplo. E sujeitinhos pedantes fazendo declarações em hebraico nos bailes da Associação Universitária, ou cínicos, lendo jornais árabes no bonde Cruzeiro.

Por tudo isso, eu peço aos amigos da Vereiningung der Freunde Deutscher Unterhaltung (é assim mesmo que se escreve?) que suspendam a sua atividade malsã. E proponho que se funde, por desfastio, um Clube de Português.

*

ADOLESCÊNCIA

de Osvaldo de Andrade

Aquele amor,
nem me fale

*

POEMA DAS NAMORADAS MINEIRAS

Uma namorada em cada município — os municípios de Minas são duzentos e quinze — Mas o verdadeiro amor onde se esconderá — em Varginha, Espinosa ou Caratinga?

As estradas de ferro encaminham a correspondência — a esperança é verde como os telegramas — uma carta para cada uma das namoradas — e o amor vence a divisão administrativa.

Para Teófilo Otoni o beijo vai por via aérea — os carinhos do sul pulam sobre a Mantiqueira — mas as melhores, mais doces namoradas — são as de Santo Antônio do Monte e Santa Rita.

No Oeste, na Mata, no Triângulo — no Norte de Minas há saudades e ais — os suspiros sobem do vale do Rio Doce — e o rio São Francisco carrega as mágoas.

Enquanto na Capital um homem indiferente — frio, compulsando mapas sobre a mesa — põe o amor escrevendo no mimeógrafo — a mesma carta para todas as namoradas.

Barba Azul.
Minas Gerais — 05-07-1931, p. 13.

MODINHA DO PERNILONGO

De Guilherme de Almeida

Estribilho — Bambo, lento,
langue, longo,
sonolento
pernilongo...

É a insônia amarela
que escorre da lua,
que pula a janela,
que ondula e flutua
na sala caiada
da chácara, em torno
da rede parada.

(Estribilho)

A rede resmunga
nos ganchos, rezinga,
e zanga-se, e funga
blasfêmias, e xinga.
E o alado, sinuoso
deusinho da insônia
ciranda, fanhoso,
ao som da sanfona.

(Estribilho)

E o som, pouco a pouco,
desdobra-se em ondas,
povoa o bojo oco
das sombras redondas,
mulatas, que, em bambos
maxixes molengos,
rebolam mulambos,
requebros e dengos.

(Estribilho)

E tudo se anima.
Começa o outro-mundo.
Porque a lamparina
de azeite abre, ao fundo
das sombras inquietas,
o olhar mole de óleo
dos santos patetas,
de pé, no oratório.

(Estribilho)

Lá fora, os coqueiros
dos montes redondos,
picando ligeiros,
levantam calombos
na pele da terra
suada e já tonta
da febre amarela
do dia que aponta...

(Estribilho)

*

CUIDADO COM O CIRCO

Ir ao circo, ir ao cinema, ir ao golfinho eram, até agora, divertimentos inofensivos, que qualquer pessoa podia permitir-se. Não consta que alguém saisse desses lugares com a cabeça quebrada ou alguns botões a menos no jaquetão. Saia-se, quando muito, caceteado. Agredido fisicamente, nunca.

Entretanto, a experiência está demonstrando ultimamente que convém tomar certas precauções, munir-se de certas armas, por em ordem certos negócios, antes de ir ao circo, pelo menos. Uma noite dessas, a luta de boxe entre um campeão do circo e um campeão alemão, ali na antiga Praça do Mercado, foi tão parecida com uma luta de verdade que o alemão vazou o olho do outro, e o outro quebrou o nariz do alemão. O juiz da pugna era um palhaço. Os palhaços não têm grande autoridade moral. Quando o juiz percebeu que os golpes, além de proibidos, eram reais, procurou restabelecer as regras do jogo, mas as regras tinham desaparecido. Sinais de inquietação do palhaço. Sinais de hilaridade do público. Um palhaço assustado é sempre mais divertido que um palhaço sério. Mas a coisa chegou a um ponto em que o atleta circense, o campeão alemão, o palhaço-juiz, todos três apanhavam. Os rapazes do circo, que colocam e retiram os tapetes, entraram e igualmente apanharam. O diretor entrou e apanhou. Uma dançarina não entrou e apanhou. Aí o público percebeu que a luta era tudo o que havia de mais real e alguns espectadores mais afoitos resolveram entrar para separar os contendores. Entraram e apanharam também.

Os lutadores estariam lutando até agora, e toda gente continuaria apanhando se a polícia não interviesse para separar os contendores, restabelecer a autoridade do palhaço e medicar os feridos. Mas de tudo isso ficou uma lição: a de que ir ao circo, só com metralhadora. Ou pelo menos com uma boa bengala e uma farmácia de emergência.

Barba Azul.
Minas Gerais — 06-07-07-1931, p. 12.

ÉRAMOS ASSIM EM 1830

Em Paris, no decorrer de uma ceia ruidosa, todos os homens exaltavam a jóia que ornava a mão da artista Raquel. E os adjetivos eram tão ardentes, que a artista resolveu por o anel em leilão.

As ofertas subiram, entre as taças. Os homens, que usavam cabeleiras longas, bebiam vinhos generosos e porfiavam na justa galante. Houve quem oferecesse dois, três mil francos. Depois quatro. Depois cinco (soma fabulosa naquele tempo).

Só o poeta Alfred de Musset não dizia nada. E sendo pobre, bebia mais do que os outros, em silêncio, num canto da mesa.

— E o senhor? Não dá nada pelo meu anel?

— Dou o meu coração.

— Tome; é seu.

E Musset ganhou o anel e a artista.

*

RONDEAU LYRIQUE

de Remy de Gourmont

Les coeurs dorments dans des coffrets
que ferment des belles serrures;
sous les émaux et les dorures
la poussière des cieux secrets
et des lointaines impostures
se mêle aux frêles moisissures
des plus récentes aventures:
chère, ôtez vos doigts indiscrets,
les coeurs dorment.

Vos doigts ravivent des blessures
et vos regards sont des injures,
laissez-les reposer en paix.
Comme des rois dans leurs palais
ou des morts dans leurs sépultures,
les coeurs dorment.

GAROTAS MODERNAS E NOIVAS INGÊNUAS

Os filmes de Joan Crawford, que são sempre bons de se ver, porque mostram alegres e bonitas meninas com bonitos vestidos, estão educando a mocidade feminina no sentido do horror ao homem rico e civilizado, que quer divertir-se e escolhe para isso as mais doces companhias. A moralidade dessas fábulas californianas pode ser resumida numa frase: Não te cases com homem amável. Entretanto, para chegarem a essa conclusão, as pe-

quenas dos filmes de Joan Crawford, Joan inclusive, praticam tais desatinos nos capítulos roupa, jazz e whisky, que, outra conclusão se impõe, esta para nós homens: Com moça interessante não te cases. Pode estar certo, mas excluidos os homens de espírito e as mulheres de temperamento, uns e outros empenhados em tornar menos aborrecido este instante sobre o planeta, que mais resta para casar neste mundo?

Barba Azul.
Minas Gerais — 08-07-1931, p. 15.

HAI-KAIS URBANOS

De Manoel R. Garcia

I

Não tenho dinheiro no banco
porém
meu jardim está cheio de rosas.

II

Na escuridão da sala
o cau-boi fez: Pum!
e meus braços fracos te apertaram.

III

No jardim onde pulam crianças
um homem imprudente
esqueceu a "Vie Parisienne"

IV

Junto a um vaso de avencas
ela me falou de Beethoven.
E eu sorri sem convicção.

*

O FIO DE BARBA

Descobri um fio de barba no queixo róseo de minha vizinha. Na vida, tenho feito descobertas maiores e mais surpreendentes, mas essa foi a mais triste. Daqui por diante, só me resta acompanhar a evolução desse rosto lindo, em que amanhã aparecerão novos fios esparsos, depois de amanhã reentrâncias e saliências masculinas, e dentro de uma semana, um frondoso bigode. Minha vizinha vai virar homem. É a dolorosa verdade. No Brasil, as mulheres apresentam uma tendência alarmante para se tornarem homens. Os congressos se dizentes feministas são uma prova disso. Os fios de barba apontando, indiscretos, na pele macia e virgem dos lindos queixos são outra prova disso, e que prova! Ainda uma vez, a barba é documento, como nos tempos em que não havia estampilhas para promissórias. E sem querer, acompanho a crepitação desse broto importuno, rompendo a epiderme morena de pêssego, gritando aos transeuntes: "Vejam! Eu sou um fio de barba, e cresço, apareço e tomo conta desta jovem. Daqui a pouco, outros fios surgirão, e formaremos todos uma grande floresta, de farfalhante e sedosa ramagem, em que os dedos da proprietária passearão, pensativa, meditando graves problemas... Eu sou a barba, signo do respeito, ornato decoroso de clássico, reminiscência bíblica, muito cultivada nas repúblicas parlamentares!"

Tudo isso me dizia o fio de barba daquela moça, único na superfície veludosa do queixo ainda primaveril. E enquanto ele falava, eu via a mulher barbada, fenômeno de circo, dominando os leões e aterrorizando os homens. E pensava na falta que faz uma pinça, pequenina coisa niquelada agindo na manhã caseira, para corrigir a malícia da natureza, que põe barba nas mulheres e torna os homens carecas.

Barba Azul.
Minas Gerais 09-07-1931, p. 13.

PARA EMAGRECER AQUI E ALI

Até agora, as receitas para emagrecer, ou faziam a pessoa engordar mais ainda ou a emagreciam por igual e para sempre. Mas a ciência avança, e hoje já se pode emagrecer a prestações ou mesmo em determinados lugares e circunstâncias, para se tornar a engordar em outras circunstâncias e lugares. Exemplificando: pode ser gordo em casa, com roupas de intimidade, e magro ou esbelto na rua ou no cinema, com o traje competente. O indivíduo

já não será o dia inteiro, inalteravelmente gordo ou inalteravelmente magro. Poderá ter um peso para cada lugar. É o que se depreende da seguinte resposta do dr. Pires Rebello a uma sua consulente da página feminina de "O Jornal", do domingo último:

"Mme. Souza (S. Paulo) — Os banhos de parafina emagrecem um a dois quilos em cada aplicação e com a grande vantagem da pessoa perder a gordura somente nos lugares em que desejar. Não podem ser dados em casa".

*

DEBAIXO DA CAJAZÊRA

de Catulo da Paixão Cearense

Debaixo da cajazêra
fiz uma cama de foia
prá gazaiá nosso amô,
e só pruque eu disse o nome,
teu nome, cabôca ingrata,
o vento, vindo das mata,
cobriu a cama de frô.

Eu te esperei toda a noite
inté que rompendo o dia,
a sôdade, que se ria,
cum pena da minha dô.
tendo passado cumigo
sem d'rumi a noite intêra,
debaixo da cajazêra
viu a cama... e se deitou.

*

O COMBATE DE LOGO MAIS

Não há nada de novo a Oeste. Mas logo mais haverá, quando a multidão excitada iniciar o ataque ao Cinema Glória, com empurrões, cócegas, apertos, descomposturas e bengaladas, como é de praxe nos dias de fita extra. E isto não é um reclame da fita mas uma advertência às pessoas que, tendo calos, não deverão tentar o assalto; ou que, sendo sujeitas a desmaios, convém que o façam munidas de um vidro de éter. Quanto aos amigos de emoções fortes, tais como lutas de box, caçada de antilopes, pugilatos,

lançamento de granadas de mão, bombardeio aéreo e outros esportes violentos, esses terão um excelente ensejo para distenderem os nervos na entrada da 1.ª e 2.ª sessão do Glória. Por precaução, a empresa construiu um sistema de trincheiras em torno das portas, cercando-as de sacos de areia. Naturalmente, o ingresso será proibido aos menores, não porque a fita seja inconveniente, mas porque menores não têm a necessária resistência física para a "poussée" da entrada. Há farmácias na vizinhança e o telefone da Assistência é meia-quatro-zero.

Barba Azul.
Minas Gerais — 10-07-1931, p. 10.

MATAR

Matar é próprio do homem. Desde a mais tenra infância, cultivamos em nós mesmos essa tendência para a destruição e o crime que, a princípio, se objetiva na guerra aos brinquedos, depois no combate aos mosquitos, mas tarde na caça aos pintassilgos, em seguida nas brigas de colégio, e finalmente nos entreveros amorosos e comerciais. Sem dúvida, o verbo matar, em si, é antipático à nossa sensibilidade de civilizados; mas a ação matar, essa está ligada à economia de nossa vida cotidiana. Os mais inofensivos apenas matam o tempo. Indivíduos há que chegam ao extremo de matar o seu semelhante. Não aprovo essa demasia.

*

Quem assistiu ontem a um filme de guerra no cinema Glória há de ter reparado na volúpia com que os sujeitos se estraçalhavam uns aos outros. O filme inteiro, que é uma vasta carnificina, despertou em todo o mundo um imenso sucesso de bilheteria. Ninguém se recusa a, por alguns mil-réis, assistir confortavelmente à reconstituição do maior massacre da história, talvez com pena de não ter tomado parte nele. Tantos filmes sobre a guerra, tanto tempo depois que ela acabou, estão indicando o prazer com que os homens consideram esse capítulo matança. Do contrário não se compreenderia a preocupação de repetir na tela o que os olhos deviam estar fartos de contemplar na vida.

*

O filósofo mais sereno do mundo, debruçado sobre a mesa de seu escritório, percebe uma aranha insinuando-se entre dois grossos volumes da estante. Ele sabe que a espécie não é venenosa e que nenhum mal advirá ao mundo da existência daquela aranha; sabe que para a obra da criação e para o aperfeiçoamento da humanidade, nenhuma importância tem a existência do humilde animal; desde menino, porém, habituou-se a matar todas as aranhas do seu caminho, e aquela não pode escapar à regra: ergue o chinelo e reduz a ínfima criatura a uma forma suja e desorganizada.

Esse homem de bons sentimentos, depois de realizar assim em seu gabinete uma miniatura da guerra européia, vai dormir tranqüilo, sob o peso de suas muitas virtudes.

*

Há um desvio curioso do instinto de matar: o vegetarismo. Para esse tipo de delinqüente nato que é o vegetariano, a morte dos frangos e o sacrifício dos peixes não apresenta interesse algum. Ele prefere a imolação surda dos espinafres, o extermínio silencioso dos repolhos. Trocando o sangue pela clorofila, esse bárbaro devora em cada refeição milhares de existências pacíficas, que modorravam ao sol dos nossos quintais. E alimentando-se, satisfaz o desejo e necessidade de matar, que se oculta no fundo de todo homem.

*

Há dez anos atrás, um dos facínoras mais temíveis do Rio chamara-se Mata-Sete. Não havia quem o vencesse em número e ferocidade de assassinatos, em que era especialista. Um dia a polícia pôs-lhe a mão, e o seu substituto na crônica da malandragem carioca resolveu chamar-se Mata-Vinte. Ficou prestigiadíssimo.

Barba Azul.
Minas Gerais — 11-07-1931, p. 10.

PROIBIÇÃO ESPANHOLA

Jacques de Lacretelle, que nos deu umas "Lettres Espagnoles", cheias de inteligência e voluptuosidade, encontrou, num hotel de Madri, pregada na parede do seu quarto, a seguinte inscrição: Es proibido blasfemar.

*

PRIMEIROS PASSOS

de Soares de Faria

Mãe, eu descobri porque é que o maninho não anda: é de manha, para ser carregado. Se ele é como nós, porque não havia de andar?

Ele estava com fome. Mostrei-lhe a mamadeira. Coloquei-o em pé, junto à parede; voltei-o, dizendo-lhe: "Vem cá; se não vieres não ganhas!"

O menino cambaleou, trocou as pernas, deu três passos, e alcançou a mamadeira.

Faze assim, mãe, e hás de ver que o maninho andará tão bem como nós.

MUDAR O RUMO DA VIDA

É possivel, sim, mudar o rumo da vida. Pois não se está mudando o rumo do viaduto, que foi construido em cimento armado e parecia a construção mais definitiva da cidade? A reta inflexível traçada pelos engenheiros vai morrer agora numa curva macia, entre a avenida Tocantins e a rua Sapucaí. Os homens que passam olham admirados. Há uma surpresa nos queixos caídos. Sim senhor, o viaduto! Com efeito! Mas a surpresa geral não invalida o fato positivo: deram outro jeito ao viaduto, para o bonde passar nele. Diante disso, não é possivel dar outro jeito à nossa vida, mudar-lhe o rumo e o destino, fazendo com que tais e tais pessoas deixem de existir para nós, que outras pessoas ocupem o lugar daquelas, e que novas combinações dêem a cada dia de nossa existência uma pequena surpresa que será uma grande felicidade?

Pois vamos mudar de destino, como a higiene manda mudar de camisa: diariamente.

Barba Azul.
Minas Gerais — 12-07-1931, p. 11.

O AMOR FUGIU DA CIDADE

Habitantes da Cachoeirinha protestam contra as serenatas que o amor infeliz realiza ali todas as noites. A Cachoeirinha moderniza-se. Antigamente, eram os bairros aristocráticos que se queixavam dessa praga noturna, resíduo de velhos costumes serta-

nejos atuando na alma nova da cidade. Hoje são os bairros remotos, onde o traço urbano se confunde com a linha rural, que já não suportam os ais do amor não retribuído, os suspiros da ausência, os queixumes da ingratidão. O amor, banido do perímetro urbano, é repudiado, agora, no próprio subúrbio humilde, em que moram os operários, os pequenos empregados, os guarda-civis — a última gente que ainda amava no mundo, em suma.

*

Porque a serenata é o amor sofrendo, chorando, apanhando e pedindo mais. Nunca se viu namorado feliz passeando na rua a horas mortas e soluçando no pinho:

É inútil você me percurá,
eu tenho corpo fechado
para o má...

Esse homem rouco, inquieto e ligeiramente toldado pelo melhor álcool de Montes Claros, que aí passa com dois ou três companheiros do mesmo estilo, esse homem deve ter sofrido bastante para modular assim com tanta decisão:

Vou ver se posso largar da orgia
só por tua causa
oh! Guiomar!

Vê-se que ele está cansado, que já não agüenta mais, que a última corda rebentou, quando diz, entre cínico e melancólico:

Não nasci para fazer força,
quem quiser casar comigo,
tem que me sustentar.

*

Evidentemente o homem normal, bem comido, bem vestido, bem penteado e bem amado, não faz serenatas. Mas os tímidos, os traídos, os ciumentos, os dolorosos, esses não encontram o sono na cama inimiga, em que tentam repousar. Levantam-se e vão para a rua para o luar, para o desabafo da flauta e do pinho.

A polícia tange-os das ruas do centro, as ruas do arrabalde não os querem, não há lugar para eles na cidade. Será o amor, hoje em dia, uma doença ruim? Que lepra é essa, para a qual não há lazaretos nem medicinas humanas? Duas perguntas tristes, que os seresteiros têm o direito de fazer neste momento.

*

PRIMEIROS PASSOS

de Soares de Faria

Mãe, eu descobri porque é que o maninho não anda: é de manha, para ser carregado. Se ele é como nós, porque não havia de andar?

Ele estava com fome. Mostrei-lhe a mamadeira. Coloquei-o em pé, junto à parede; voltei-o, dizendo-lhe: "Vem cá; se não vieres não ganhas!"

O menino cambaleou, trocou as pernas, deu três passos, e alcançou a mamadeira.

Faze assim, mãe, e hás de ver que o maninho andará tão bem como nós.

MUDAR O RUMO DA VIDA

É possivel, sim, mudar o rumo da vida. Pois não se está mudando o rumo do viaduto, que foi construido em cimento armado e parecia a construção mais definitiva da cidade? A reta inflexivel traçada pelos engenheiros vai morrer agora numa curva macia, entre a avenida Tocantins e a rua Sapucai. Os homens que passam olham admirados. Há uma surpresa nos queixos caidos. Sim senhor, o viaduto! Com efeito! Mas a surpresa geral não invalida o fato positivo: deram outro jeito ao viaduto, para o bonde passar nele. Diante disso, não é possivel dar outro jeito à nossa vida, mudar-lhe o rumo e o destino, fazendo com que tais e tais pessoas deixem de existir para nós, que outras pessoas ocupem o lugar daquelas, e que novas combinações dêem a cada dia de nossa existência uma pequena surpresa que será uma grande felicidade?

Pois vamos mudar de destino, como a higiene manda mudar de camisa: diariamente.

Barba Azul.
Minas Gerais — 12-07-1931, p. 11.

O AMOR FUGIU DA CIDADE

Habitantes da Cachoeirinha protestam contra as serenatas que o amor infeliz realiza ali todas as noites. A Cachoeirinha moderniza-se. Antigamente, eram os bairros aristocráticos que se queixavam dessa praga noturna, residuo de velhos costumes serta-

nejos atuando na alma nova da cidade. Hoje são os bairros remotos, onde o traço urbano se confunde com a linha rural, que já não suportam os ais do amor não retribuído, os suspiros da ausência, os queixumes da ingratidão. O amor, banido do perímetro urbano, é repudiado, agora, no próprio subúrbio humilde, em que moram os operários, os pequenos empregados, os guarda-civis — a última gente que ainda amava no mundo, em suma.

*

Porque a serenata é o amor sofrendo, chorando, apanhando e pedindo mais. Nunca se viu namorado feliz passeando na rua a horas mortas e soluçando no pinho:

É inútil você me percurá,
eu tenho corpo fechado
para o má...

Esse homem rouco, inquieto e ligeiramente toldado pelo melhor álcool de Montes Claros, que aí passa com dois ou três companheiros do mesmo estilo, esse homem deve ter sofrido bastante para modular assim com tanta decisão:

Vou ver se posso largar da orgia
só por tua causa
oh! Guiomar!

Vê-se que ele está cansado, que já não agüenta mais, que a última corda rebentou, quando diz, entre cínico e melancólico:

Não nasci para fazer força,
quem quiser casar comigo,
tem que me sustentar.

*

Evidentemente o homem normal, bem comido, bem vestido, bem penteado e bem amado, não faz serenatas. Mas os tímidos, os traídos, os ciumentos, os dolorosos, esses não encontram o sono na cama inimiga, em que tentam repousar. Levantam-se e vão para a rua para o luar, para o desabafo da flauta e do pinho.

A polícia tange-os das ruas do centro, as ruas do arrabalde não os querem, não há lugar para eles na cidade. Será o amor, hoje em dia, uma doença ruim? Que lepra é essa, para a qual não há lazaretos nem medicinas humanas? Duas perguntas tristes, que os seresteiros têm o direito de fazer neste momento.

*

Por favor, não me expulsem da Cachoeirinha esses últimos românticos barulhentos e melódicos. É impossível que não haja mulher alguma para se interessar pelo que eles cantam e contam, e deixar-se acordar pela música estraçalhante, o rosto moreno pousado no travesseiro morno. E daqui eu pressinto a nacional Maria de Jesus, de que nos fala o poeta Guilhermino César, abrindo "a janela sem taramela" de sua morada exígua, para espiar, no frio da noite, destacando-se da silhueta indecisa das fábricas, a figura sofredora do anspeçada Raimundo — o famoso Mundico, da banda do 5.º Batalhão — que chora e que geme:

Sem tem amooor,
eu prefiro morrê
picado de cobra ou cortado de faca...

Barba Azul.
Minas Gerais, 13-14-07-1931, p. 11.

SURPRESA

Antigamente, o intelectual mineiro era um homem que marchava para a vida com a seguinte divisa diante dos olhos: "Não publique livro". Publicar livro era, além de inútil, pretensioso, e conquistava para o autor dessa imprudência mais alguns inimigos gratuitos (que são os inimigos mais caros que existem). O intelectual mineiro pensava e sentia lindas coisas, mas só para ele mesmo, e debaixo do maior sigilo profissional. Certos sujeitos, mesmo, diziam-se intelectuais, só porque não tinham nenhum livro publicado: outros chegavam ao requinte de jamais passar em frente a uma livraria ou ler um jornal no bonde, porque assim adquiriam um ar vago e sutil de pensadores ou estetas.

*

Alguns desabusados, porém, vieram inaugurar um novo sistema. O de publicar, despertar aplausos e receber descomposturas. Principalmente receber descomposturas. É uma delícia a vida compreendida assim como a queria o poeta Gonçalves Dias: um combate que os fracos abate. No combate literário, os golpes doem menos, mas sempre há meios de se botar o indivíduo nocaute com um direto na sua vaidade ou na sua impostura. E quem mais apa-

nha é, afinal, quem ganha a partida, porque sai com essa celebridade incomparável, feita de azedumes e xingamentos. Autor xingado é autor discutido e portanto lido. Autor aprovado vai para o arquivo. Ora, mil vezes a boa descompostura.

*

A vida é um combate, e a Sociedade Editora "Amigos do Livro" propõe-se a combater para que em Minas se escreva e imprima o livro que até bem pouco só se escrevia e imprimia lá fora, em Paris, na Bahia, na rua dos Gusmões em São Paulo. É uma idéia interessante, que tem muito de poesia na sua substância e muito de prosa na sua realização. Esses moços que agora se reúnem para publicar pequenos volumes de 80, 100 páginas, não são sonhadores inveterados, mas calculistas frios, que se cotizam previamente e, pagando as despesas de cada edição, organizam ainda, com os modestos lucros inevitáveis, o pecúlio da sociedade, com que esta instituirá prêmios ou publicará velhos textos mineiros já semi-roídos de traça. É obra que interessa ao presente e preserva o passado. O plano, com as glórias que lhe são próprias, pertence a Eduardo Frieiro, o intelectual puro, clerc que não traiu, e que acaba justamente de abrir a série dos "Amigos do Livro" com um ensaio em que demonstra que "o brasileiro não é triste", embora o contrário também continue a ser verdade, e bem demonstrável, por sinal.

*

No prelo, os "Amigos do Livro" têm já um volume de versos de Emílio Moura: "Ingenuidade", a sair dentro de um mês, e entrando no prelo, nada menos de oito volumes diversos: "Simão Pedro" e "Machado de Assis", ensaios de Mário Casasanta; "Brejo das Almas", poemas de Carlos Drummond de Andrade (o famigerado autor de "Alguma", ou "Nenhuma poesia"); uma coletânea de contos de João Alphonsus: "Galinha Cega"; "Ensaios Pedagógicos", de Euryalo Cannabrava; "Affonso Arinos, de Mário Mattos; "Ensaios", de Oscar Mendes, "A ilusão literária", de Frieiro.

*

Leitor ou leitora, tome nota desse acontecimento.

Barba Azul.
Minas Gerais, 15-07-1931, p. 9.

NEBLINA

Essa neblina que desde ontem envolve a cidade, e torna as mulheres mais misteriosas, os homens menos cotidianos — essa neblina não te dá vontade de partir?

Partir para uma ponta de ilha brumosa de onde vieram os teus antepassados: partir para a Bretanha ou para a Escócia, para a Finlândia ou para a Dinamarca?

Ou partir para lugares ainda mais irremediáveis, como o Cabo Não, como a No Man's Land?

Mas como é impossível partir — os caminhos são compridos e os meios são curtos e a vida mais curta ainda — tu te resignas a tomar o teu grog no bar do Grande Hotel, nessa hora mais que todas tristíssima — seis horas da tarde, enquanto a neblina cai lá fora, e as mulheres passam monstruosas e vagas, como desenhos indecisos que a mão constrói para apagar logo depois.

*

CANTIGAS

de Jorge de Lima

As cantigas lavam a roupa das lavadeiras.
As cantigas são tão bonitas, que as lavadeiras
ficam tão tristes, tão pensativas!

As cantigas tangem os bois dos boiadeiros!
Os bois são morosos, a carga é tão grande!
O caminho é tão comprido que não tem fim.
As cantigas são leves...
E as cantigas levam os bois, batem a roupa
das lavadeiras.

As almas negras pesam tanto são
tão sujas como a roupa, tão pesadas
como os bois...
As cantigas são tão boas...
Lavam as almas dos pecadores!
Levam as almas dos pecadores!

*

A NOVISSIMA ORTOGRAFIA

A nova ortografia continua sacudindo o pó das palavras, suscitando brigas etimológicas e dúvidas semânticas. No tumulto das letras que desapareceram e das consoantes que deixaram de andar aos pares, percebem-se lamentações de vocábulos que resultaram estropiados, enquanto outros, cheios de espanto, verificam que se enriqueceram com alguns ornatos. E no meio de tudo isso, há os entendidos, que dizem como é que se deve escrever tais vocábulos e como não se deve escrever tais outros. Os vocabulários vão aparecendo e, regra geral, só consignam as palavras que ninguém usa, grafadas de maneira que a ninguém interessa. Abra-se ao acaso um desses tira-dúvidas e lá se encontrarão: gazofilácio, cosmosófico, bacalaureato, acridofagia... Para mim, são palavras mortais: usá-las uma vez é molétia grave na certa.

É a nova ortografia, dizem. Porém, o sr. Brito Mendes, que também é douto, inventou agora a novíssima ortografia, e, entre outras, oferece-nos esta pérola: circunnavegar. Apenas com dois nn: Para evitar naufrágios.

Barba Azul.
Minas Gerais, 16-07-1931, p. 10.

NEGÓCIO

Por exemplo: o sucesso que faria, em Belo Horizonte, uma casa de cordões para sapatos. Porque em Belo Horizonte não há desses cordões. Há uns barbantes lamentáveis, vendidos aí pelos engraxates. Grossos, feios e ruins. E quando o seu cordão rebenta, você não tem remédio senão comprar um sapato novo, só porque traz o cordão novo, de que você precisa. É um caso a considerar.

*

INCOMODAI-VOS UNS AOS OUTROS

Nunca poderei compreender porque é proibido fumar nos três primeiros bancos. Por que nos três primeiros bancos? A humanidade que se senta neles não é mais ilustre que a outra que se acomoda nos demais bancos. Portanto, não tem direitos especiais a não ser incomodada com a fumaça dos maus cigarros.

Um indivíduo que fumasse no primeiro banco ou no cara-dura incomodaria o bonde inteiro. O fumo e o mau cheiro distribuir-se-iam equitativamente. Seria mais democrático. Ao pas-

so que o fumante do quarto banco só incomoda uma fração infeliz de gente, colocada atrás dele. Os da frente respiram o ar limpo e claro dos dias belo-horizontinos.

Ora, o razoável é incomodar todo o mundo.

*

MENTIRA, VERDADE.

Tem três anos e está no jardim da infância. Ontem ela chegou em casa afobada, jogou a "merendeira" para um canto, assumiu uma atitude grave e recitou, na sua linguagem enrolada, a última cantiga que a professora ensinou:

Fui na cozinha
buscar fubá.
Vi um ratinho
DESTE TAMANHO.
É mentira ou é verdade?
"Je ne sais pas".

Aos três anos, já o problema da verdade e da mentira estava posto para ela. Não sabia se era verdade, se era mentira, não sabia o que era je ne sais pas, não sabia nada. Mas sabia a cantiga. E era feliz!

*

MISTÉRIO

O Teatro Municipal continua vazio, e entretanto não se tem registrado nenhum acidente, digo, recital de declamação.

*

Aqui a leitora exclama:
— Mas você hoje está insuportável, Barba Azul!
— Então, porque me leu até o fim?

Barba Azul.
Minas Gerais, 17-07-1931, p. 10.

SI TU AIMES

De Jean Cocteau

Si tu aimes, mon pauvre enfant,
ah! si tu aimes!
il ne faut pas en avoir peur,
c'est un inéfable désastre.
Il y a un mysterieux système
et des lois et des influences
pour la gravitation des coeurs
et la gravitation des astres.
On était là, tranquillement,
sans penser à chaque heure du jour
comme si tu descends tres vite
en ascenseur:
et c'est l'amour.
Il n'y a plus de livres, de paysages,
de désirs d'Asie.
Il n'y a pour nous qu'un seul visage
auquel le coeur s'anesthésie.
Et rien autour.

DIANTE DE UMA BRIGA

Um jornal argentino faz a seguinte pergunta aos seus leitores: Qual a atitude que devemos tomar, diante de uma briga de casal? E, pela caricatura, sugere seis expedientes distintos:

1.º Fingir que não se percebe.

2.º Embeber-se na contemplação dos objetos de arte da sala.

3.º Deixar cair um desses objetos, para chamar a atenção dos dois combatentes.

4.º Sintonizar a radiola.

5.º Levar a coisa em brincadeira e rir a bandeiras despregadas.

Finalmente:

Tomar partido na luta, e agredir um dos cônjuges com cadeiras, vasos, bibelots e outras armas disponíveis na ocasião.

*

São não há dúvida, seis soluções recomendáveis. Certos casos exigem mesmo o emprego sucessivo de todos esses métodos: do alheamento inicial, sistema universal e clássico, ditado pelo bom senso, até o recurso extremo das armas. O emprego de tais meios supõe, porém, a existência de um salão elegante, com quadros, porcelanas, bronzes, inventos eletromecânicos e outra requintes de civilização. Em suma, o cenário do tipo briga particular. Ora, nem sempre há disso. Não raro, a vida oferece-nos situações muito diferentes: a briga em público, na rua, no cinema, na pista de golfinho. Em tais circunstâncias, a experiência aconselha adaptações. Em vez de apreciar os quadros, apreciaremos os bondes que passam, mesmo que a rua não tenha bondes. Em lugar de rir dos contendores, riremos da fita, embora esta seja de Chester Conklin, o campeão da sensaboria mundial. — isto é, mesmo que não tenha graça nenhuma. Por último, em vez de atacá-los com potiches e chinoiseries, nós os atacaremos com bolas de caroço de algodão comprimido, que são as bolas de golfinho. Apenas se recomenda cuidado. O intuito não é matar. É apenas suspender a briga.

*

Bem dizia o outro a vida é uma luta. Romana, acrescentou um segundo. Ora o menos que se pode fazer diante de uma luta é "torcer". O máximo, é tomar parte nela, dar e apanhar honestamente.

*

É interessante verificar que o caricaturista argentino imaginou seis soluções para o problema do espectador de uma briga de casados e não se lembrou da que pareceria mais razoável. Se fosse o sr. Briand, deixaria as seis de lado e proporia uma sétima: procurar convencer os adversários de que eles não devem brigar. Isto é, a solução pacifista, que, pelo fato mesmo de ser pacifista, não ocorre a ninguém.

Barba Azul.
Minas Gerais, 18-07-1931, p. 9.

OS PESCADORES

de Juvenal Galeno

O sol desponta nos mares,
as vagas pulam contentes,
e as auras brandas, gementes,
resvalam pelo areal,
alegre voa a gaivota,
ligeira foge a jangada
na onda crespa e dourada
da sombra do coqueiral:

Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual!

CLAMAR E DECLAMAR

As brasileiras inventaram um antídoto contra a poesia: a declamação. Poema declamado é poema perdido. As pessoas que, durante um recital, não fogem espavoridas da sala é porque ficaram inutilizadas nas poltronas. E se batem palmas entusiásticas para a mulher terrível que está lá no palco, é porque não podem, como desejavam, detonar-lhe em cima alguns tiros de revólver.

Até agora a declamação vem sendo isso no país: um atentado contra os nossos poetas. Há uma exceção para os modernistas, que, sendo considerados indignos de atenção, escapam ao massacre interpretativo. Mas não ficou nenhum parnasiano para semente, e todos os líricos e sublíricos que vicejavam por aí foram imolados à sanha das declamadoras.

*

Para alguns, é certo, este destino não trouxe maior transtorno. O sr. Olegário Mariano, por exemplo, se não tivesse já a sua obra comprometida pelas diretrizes nacionais, veria os seus versos amarrotados pelas últimas donzelas que põem papelotes nos cabelos. E o sr. Adelmar Tavares é uma trovador de existência tão duvidosa, que até se insinua ser ele uma simples invenção de certa declamadora baiana, de bigodes, já conhecida do nosso Teatro Municipal. Mas é triste ver o sacrifício de um Bilac e de um Raimundo Corrêa, aquele, coitado, já tendo pago tão caro a imprudência de escrever o "Ouvir Estrelas", e este o non sanse de compor o "Mal Secreto".

*

Por tudo isso que aí fica dito, e de que não retiro uma linha, a senhorinha Edelweiss Barcellos fez bem em ceder a instâncias de amigas que lhe pediam abrisse um curso de arte de dizer. Porque, sendo essa, entre nós a arte mais desconhecida de todas, é bom que uma criatura por tantos títulos excepcional, como a senhorinha Edelweiss Barcellos, corrija os equívocos existentes por aqui e nos reconcilie com os poetas e a maneira de interpretá-los. Ela possui todas as qualidades para isso: a inteligência, que penetra o sentido das coisas e a sensibilidade, dá vida e cor aos esquemas frios da inteligência. A delicadeza, a finura e o tecido raro desse espírito indicam bem a sua linhagem. A maneira dessa flor dos gelos alpinos, de que o seu nome nos dá notícia, ela fala de alturas e solidões onde só o vôo de grandes asas desenha imagens fugitivas nos ares lavados. Sugestões de montanha e de escalada, contrastando com os apelos que sobem da planície e dos vales mesquinhos, onde a vulgaridade fincou a sua tenda rasa.

Edelweiss Barcellos, que era uma voz à parte, no desconcerto de tantas vozes femininas dos salões, vai reconciliar-nos com a poesia e a arte de dizê-la.

*

Daqui a pouco, quando estivermos numa sala, e alguém disser: "A senhorinha X vai recitar um poema de Abgar Renault" — nós, que queremos bem ao Abgar, não precisaremos nem de brigar com a moça nem de procurar o chapéu para dar o fora imediatamente.

Minas Gerais, 19-07-1931, p. 11.

LUZES DA CIDADE

As vitrinas apagaram-se na noite de Belo Horizonte. Atrás dos vidros, na hora em que o burguês faz a sua digestão ambulante e as meninas saem do cinema, já não há nada para espiar. As gravatas e os frascos de perfume, os sapatos de baile, as luvas, as coisas caras e tentadoras desapareceram de nossos olhos. Até uma casa especialista em pernas artificiais entendeu de fechar as luzes que custavam caro.

Enquanto isso, os jornais do Rio anunciam ironicamente os concursos de vitrinas. Nós aqui podíamos fazer o mesmo: indagar qual a vitrina mais escura e, como prêmio, oferecer ao proprietário um lampião a gasolina.

*

ENQUANTO OS MINEIROS JOGAVAM

Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na Avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde; o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na Capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção.

*

Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.

*

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do center half investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação.

Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de vista, deixa-me frio e silencioso.

Os meus patrícios, porém, rasgaram-se anteontem de gozo, imaginando os tiros de Nariz, e sentiram na espinha o frio clássico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se no joelho, deixara o combate. Alguns pensaram em comprar iodo para o herói e outros gritavam para Carazzo que não chutasse fora. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz,

São não há dúvida, seis soluções recomendáveis. Certos casos exigem mesmo o emprego sucessivo de todos esses métodos: do alheamento inicial, sistema universal e clássico, ditado pelo bom senso, até o recurso extremo das armas. O emprego de tais meios supõe, porém, a existência de um salão elegante, com quadros, porcelanas, bronzes, inventos eletromecânicos e outra requintes de civilização. Em suma, o cenário do tipo briga particular. Ora, nem sempre há disso. Não raro, a vida oferece-nos situações muito diferentes: a briga em público, na rua, no cinema, na pista de golfinho. Em tais circunstâncias, a experiência aconselha adaptações. Em vez de apreciar os quadros, apreciaremos os bondes que passam, mesmo que a rua não tenha bondes. Em lugar de rir dos contendores, riremos da fita, embora esta seja de Chester Conklin, o campeão da sensaboria mundial, — isto é, mesmo que não tenha graça nenhuma. Por último, em vez de atacá-los com potiches e chinoiseries, nós os atacaremos com bolas de caroço de algodão comprimido, que são as bolas de golfinho. Apenas se recomenda cuidado. O intuito não é matar. É apenas suspender a briga.

*

Bem dizia o outro a vida é uma luta. Romana, acrescentou um segundo. Ora o menos que se pode fazer diante de uma luta é "torcer". O máximo, é tomar parte nela, dar e apanhar honestamente.

*

É interessante verificar que o caricaturista argentino imaginou seis soluções para o problema do espectador de uma briga de casados e não se lembrou da que pareceria mais razoável. Se fosse o sr. Briand, deixaria as seis de lado e proporia uma sétima: procurar convencer os adversários de que eles não devem brigar. Isto é, a solução pacifista, que, pelo fato mesmo de ser pacifista, não ocorre a ninguém.

Barba Azul.
Minas Gerais, 18-07-1931, p. 9.

OS PESCADORES

de Juvenal Galeno

O sol desponta nos mares,
as vagas pulam contentes,
e as auras brandas, gementes,
resvalam pelo areal,
alegre voa a gaivota,
ligeira foge a jangada
na onda crespa e dourada
da sombra do coqueiral:

Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual!

CLAMAR E DECLAMAR

As brasileiras inventaram um antídoto contra a poesia: a declamação. Poema declamado é poema perdido. As pessoas que, durante um recital, não fogem espavoridas da sala é porque ficaram inutilizadas nas poltronas. E se batem palmas entusiásticas para a mulher terrível que está lá no palco, é porque não podem, como desejavam, detonar-lhe em cima alguns tiros de revólver.

Até agora a declamação vem sendo isso no país: um atentado contra os nossos poetas. Há uma exceção para os modernistas, que, sendo considerados indignos de atenção, escapam ao massacre interpretativo. Mas não ficou nenhum parnasiano para semente, e todos os líricos e sublíricos que vicejavam por aí foram imolados à sanha das declamadoras.

*

Para alguns, é certo, este destino não trouxe maior transtorno. O sr. Olegário Mariano, por exemplo, se não tivesse já a sua obra comprometida pelas diretrizes nacionais, veria os seus versos amarrotados pelas últimas donzelas que põem papelotes nos cabelos. E o sr. Adelmar Tavares é uma trovador de existência tão duvidosa, que até se insinua ser ele uma simples invenção de certa declamadora baiana, de bigodes, já conhecida do nosso Teatro Municipal. Mas é triste ver o sacrifício de um Bilac e de um Raimundo Corrêa, aquele, coitado, já tendo pago tão caro a imprudência de escrever o "Ouvir Estrelas", e este o non sanse de compor o "Mal Secreto".

*

Por tudo isso que aí fica dito, e de que não retiro uma linha, a senhorinha Edelweiss Barcellos fez bem em ceder a instâncias de amigas que lhe pediam abrisse um curso de arte de dizer. Porque, sendo essa, entre nós a arte mais desconhecida de todas, é bom que uma criatura por tantos títulos excepcional, como a senhorinha Edelweiss Barcellos, corrija os equívocos existentes por aqui e nos reconcilie com os poetas e a maneira de interpretá-los. Ela possui todas as qualidades para isso: a inteligência, que penetra o sentido das coisas e a sensibilidade, dá vida e cor aos esquemas frios da inteligência. A delicadeza, a finura e o tecido raro desse espírito indicam bem a sua linhagem. A maneira dessa flor dos gelos alpinos, de que o seu nome nos dá notícia, ela fala de alturas e solidões onde só o vôo de grandes asas desenha imagens fugitivas nos ares lavados. Sugestões de montanha e de escalada, contrastando com os apelos que sobem da planície e dos vales mesquinhos, onde a vulgaridade fincou a sua tenda rasa.

Edelweiss Barcellos, que era uma voz à parte, no desconcerto de tantas vozes femininas dos salões, vai reconciliar-nos com a poesia e a arte de dizê-la.

*

Daqui a pouco, quando estivermos numa sala, e alguém disser: "A senhorinha X vai recitar um poema de Abgar Renault" — nós, que queremos bem ao Abgar, não precisaremos nem de brigar com a moça nem de procurar o chapéu para dar o fora imediatamente.

Minas Gerais, 19-07-1931, p. 11.

LUZES DA CIDADE

As vitrinas apagaram-se na noite de Belo Horizonte. Atrás dos vidros, na hora em que o burguês faz a sua digestão ambulante e as meninas saem do cinema, já não há nada para espiar. As gravatas e os frascos de perfume, os sapatos de baile, as luvas, as coisas caras e tentadoras desapareceram de nossos olhos. Até uma casa especialista em pernas artificiais entendeu de fechar as luzes que custavam caro.

Enquanto isso, os jornais do Rio anunciam ironicamente os concursos de vitrinas. Nós aqui podíamos fazer o mesmo: indagar qual a vitrina mais escura e, como prêmio, oferecer ao proprietário um lampião a gasolina.

*

ENQUANTO OS MINEIROS JOGAVAM

Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na Avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde; o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na Capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção.

*

Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.

*

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do center half investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação.

Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de vista, deixa-me frio e silencioso.

Os meus patrícios, porém, rasgaram-se anteontem de gozo, imaginando os tiros de Nariz, e sentiram na espinha o frio clássico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se no joelho, deixara o combate. Alguns pensaram em comprar iodo para o herói e outros gritavam para Carazzo que não chutasse fora. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz,

acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: "o sr. está vendo que pouca vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada". Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fugi.

Barba Azul.
Minas Gerais, 20-21-07-1931, p. 9.

PERERECA

Quem aprecia caricaturas sonoras teve há dias um alegrão com o fim da perereca que abriu um salão de barbeiro. O salão da perereca era musicado e cantado. Os bichos entravam e a cadeira recebia-os de braços abertos. A navalha da perereca era afiada a um ritmo de fox-trot. E a um dado momento: barbeiro, manicure, engraxate, cliente, todo mundo começava a cantar e dançar, e afundava-se no assoalho.

A perereca, ser eminentemente musical, incorpora-se assim no rol dos grandes artistas de cinema. Ao lado de Greta Garbo, de Stan Laurel, de Oliver Hardy e de John Barrymore, a perereca de MGM terá os seus fans, os seus detratores e os seus partidários. Ia-me esquecendo: ao lado de Carlito também.

Pouco importa que a perereca não exista de fato. Existirá acaso Carlito? Há a sombra Greta Garbo, a sombra Ramon Navarro, a sombra perereca. Assim como há a sombra leitor e a sombra realidade.

*

DO VISCONDE DE SANTO-THYRSO

Efetivamente dentro de cada homem há sempre uma criança. Só dentro de cada mulher é que às vezes há duas.

— A embriaguez é um vício, embora o não seja beber moderadamente, conquanto haja quem diga que Byron só compunha os seus poemas, Pitt só proferia os seus discursos e Wellington só ganhava as suas batalhas, depois de beberem duas garrafas de vi-

nho do Porto. O que é certo, devo confessar com relutância, é que a História não menciona que nenhum homem tivesse praticado uma ação brilhante ou heróica depois de beber duas garrafas de água mineral.

Nunca vi almas do outro mundo, confesso — e também confesso que as não desejo incluir na minha lista de visitas. No entanto, elas exercem sobre mim uma grande fascinação, porque tenho medo de que não existam.

*

BILHETE À OITAVA MULHER

Escrever todos os dias para você uma coisa amável é a obrigação mais doce do mundo, leitora. Mas há dias em que você prefere os ácidos aos doces e não acha gosto naquilo que a gente escreve para você.

Certamente ontem foi um desses dias. Daí o bilhete que você me mandou e que eu não publico só para fazer inveja aos meus semelhantes. Uma impertinência de mulher vale mais que dois carinhos da mesma mulher. E se eu contasse aos duzentos mil leitores do "Minas" que você foi impertinente comigo, eles todos ficariam gostando pouco de mim e muito de você.

Oh! Você não foi impertinente comigo. Você disse que o Yves do "Fon-fon" escreve melhor do que eu e não é tão convencido. Você se esqueceu de uma coisa: o Berilo Neves da "Careta" escreve muito melhor do que o Yves do "Fon-fon" e portanto muitíssimo mais ainda do que Barba Azul, seu criado. E é muitíssimo mais convencido do que nós dois juntos.

Você disse que não sabe como é que eu posso ser tão frívolo assim. Menina, quem lhe contou que eu sou frívolo? Meu nome é um programa. Eu sou aquele que liquidou sete mulheres enquanto o diabo esfregava um olho. Eu não sou brinquedo. Eu sou muito homem de apanhar você e...

Não. Paro aqui. No fundo você tem razão. Quem já liquidou sete mulheres não tem sustância para liquidar oito. Oito também é demais, e sucede que você é a oitava, isto é, a que veio "ves-

tida de púrpura e com andar de rainha", para vencer e pisar na gente. O chamado Sansão, que devia ser meu primo, não ficou valendo nada depois que lhe apararam o cabelo. O Barba Azul de Perrault e o Gilles de Rais de Anatole France são hoje dois sujeitos escanhoados. Com a barba foi-se a truculência. A gilette acabou com a nossa prosápia. Graças à americanização do mundo, uma mulher hoje pode acabar com sete homens. Embora não convenha devido à carestia.

E até amanhã, se você quiser.

Barba Azul.
Minas Gerais, 22-07-1931, p. 11.

MORAR

Em 1900, construiram-se 175 casas em Belo Horizonte. Em 1931, só no primeiro semestre, construiram-se 714. São, em média, quatro casas por dia. Ponhamos: uma no centro, outra em Santo Antônio, outra na Floresta, outra no Acaba-Mundo. Em um dia, na cidade, quatro pessoas ficam felizes, uma vez que, como se convencionou, a felicidade está na casa que a gente plantou no chão. Em um ano são 1.460 pessoas morando sob teto próprio e considerando esta vida a melhor de todas. Em dez anos serão 14.600 pessoas felizes. Em cem anos...

Certamente não viveremos até o dia em que toda a população de Belo Horizonte será feliz dentro de seus cotages e seus bungalows. Mas os nossos netos ou os nossos trinetos farão a estatística da felicidade urbana. Nesse dia não haverá um hotel em Belo Horizonte. Nem uma pensão. Todas as habitações serão particulares. Então aparecerá um homem estranho, propondo essa coisa inaudita: não morar. Ou morar na rua. Dirá que a alegria da vida reside na falta de bens imóveis. Pregará a decadência do sweet home. E toda gente ficará com inveja desse homem que não tem casa e que é (ou deve ser) feliz.

Aí a vida mudará de novo...

*

CANTIGA

de Cecilia Meirelles

Lá-lá-lá-ri-lá-lá
lá-lá.

Já não se escutam rumores,
A noite não tarda a vir.
Vamos embalar as flores?
As flores querem dormir!...

Lá-lá-lá-ri-lá-lá
lá-lá.

Cravos e lírios e rosas:
Ao vento brando
Do outono.
Cravos e lírios e rosas
Vão-se fechando
De sono...

Lá-lá-lá-ri-lá-lá
lá-lá.

Vamos embalar as flores?
As flores querem dormir!...
Já não se escutam rumores,
E a noite não tarda a vir!

Lá-lá-lá-ri-lá-lá
lá-lá.

*

PROTESTAR, VERBO BRASILEIRO

A reforma ortográfica, entre outras conseqüências, trouxe esta: a fundação da Liga de Defesa do Idioma Falado no Brasil (Assembléia, 92). O brasileiro tem a mania de reunir-se para protestar. Protestamos contra o câmbio, contra a geada, contra o automóvel Ford, contra a reforma do ensino e contra as mulheres em geral. Agora surgiu a reforma da ortografia. Que bom! Fundou-se imediatamente a Liga de Defesa do Idioma Falado no Brasil e essa Liga já está protestando, pelos jornais, contra "a cacografia portu-

guesa". Ninguém sabe ao certo qual o idioma falado no Brasil. E além disso, a reforma não é falada: é escrita. Não importa. Na rua da Assembléia, 92, há um punhado de brasileiros vigilantes, protestando em nome do idioma nacional.

Meus irmãos, reajamos! Pelo ph contra o f, pelo y e pelo w — e depois fundaremos outra Liga para protestar contra a velha ortografia.

Barba Azul.
Minas Gerais — 23-07-1931, p. 10.

LA GUITARRA DE LOS NEGROS

De Ildefonso Pereda Valdés

Dos negros con dos guitarras
tocan y cantan llorando.
Tienen labios de alboroto,
echan chispas por los ojos.

La cuchilla de sus dientes
corta el canto en dos pedazos.
Melancolia de los negros
como copa de ginebra!

Los negros lloram cantando
anoranzas del candombe.
Suena el tambor de sus almas
con um ruido seco y sordo:
Y un borocotó lejano
los despierta de sus sueños!

Dos negros con dos guitarras
tocan y cantan llorando.

*

ALÔ! QUEM FALA?

Ontem às 14 horas, toda gente começou a discar, e está discando até agora. É o prazer da cidade: retirar o fone do gancho; ouvir o ruido de chamada; discar um-zero-um-quinze; e indagar que fita levam hoje no cinema; ou perguntar a um amigo se sabe jogar golfinho; ou a uma amiga, se ela não sabe que vestido vermelho dá dor de cabeça. Trotes afetuosos, sem malicia. Em síntese,

Belo Horizonte diverte-se com o telefone automático, achando a coisa mais engraçada do mundo escutar a voz que veio sozinha, sem que ninguém ligasse. Há um contentamento infantil nas pessoas que inauguraram ontem oficialmente o seu telefone particular, discando para todas as pessoas conhecidas, consultando nervosamente o catálogo, pedindo informações à Companhia.

*

Parecia que todo mundo tinha negócios urgentes a tratar. Entretanto, o negócio único era esse: exclamar alô, quem fala, ouvir a resposta, dizer duas palavras alegres e dependurar o fone no gancho. A cidade anoiteceu otimista. Não havia quem não tivesse uma palavra amena para os conhecidos. E até para os desconhecidos. Muita gente discou ao acaso — para verificar se o aparelho estava funcionando bem, explicava — e tendo verificado que felizmente o aparelho estava perfeito, discava outro número, para fazer a mesma pergunta carinhosa e ter a mesma certeza consoladora.

*

Assim o telefone automático aproxima os homens e transforma o disco num símbolo de solidariedade. Às 23 horas, todos os assinantes estavam íntimos uns dos outros e desejavam-se mutuamente boa-noite e felicidades. Pareciam cessadas as comunicações. O anjo da paz velava sobre a rede dos automáticos, abençoando essa grande invenção humana. Nisso um assinante com dor de dentes discou para uma farmácia da rua Tamoios. O farmacêutico, que estava dormindo, acordou com o ruído doce e constante da campainha chamando. O sofredor perguntou-lhe se havia no mundo um remédio, humano ou divino, que matasse na cabeça a sua dor de dentes. Do contrário ele é que se matava imediatamente. O farmacêutico respondeu, com brandura, que tivesse fé em Deus, que fizesse um gargarejo com água morna e enrolasse um lenço no queixo. E, pondo o fone no lugar: "Tenha fé em Deus! Olhe que o telefone automático é uma grande invenção. Se não fosse ele, o sr. não poderia desabafar comigo a esta hora tardia. Boa-noite, meu irmão". "Obrigado, meu irmão. A dor já passou". A dor tinha passado, automaticamente.

Barba Azul.
Minas Gerais — 24-07-1931, p. 10.

SÃO SETE HORAS DA NOITE

De Gastão Mendes

As nossas almas continuaram bem simples, entre tantas coisas complicadas. Se os rostos mudaram, foi por uma ingênua dissimulação. Somos ainda puros, ainda românticos; e acreditamos em seres que não existem; e sofremos por uma flor machucada; e sorrimos sem ironia às criaturas que nos rodeiam.

É tão difícil envelhecer com experiência! Antes cair todos os dias nas mesmas ciladas infantis, aceitar como verdades as mentiras mais transparentes; e duvidar, gratuitamente, das coisas feias ou más. (Nós, por exemplo, não acreditamos nos assassinatos...)

Indulgência não se aprende, é certo. Mas também é certo que o coração se educa, e, para um coração bem educado, não há homens amargos nem perigosos.

Ainda bem que nossas almas — talvez fosse melhor dizer: nossa alma, tanto uma se parece com a outra, e nela se completa — compreenderam isso. Ainda bem que, chamados a escolher entre mentiras, preferimos as mais generosas. Nossa felicidade é frágil mas não há perigo de desaparecer. Somos felizes porque emprestamos felicidade a tudo. É discreta a nossa alegria; estou quase supondo que é melancólica. As grandes alegrias são tão caras e fazem tanto barulho! É melhor continuarmos assim, ignorados e vagos. Acende a luz e abre um livro de versos; mas que seja passadista...

*

ESTÃO ROUBANDO CRIANÇAS

Quem tiver seu filho crescido, já no ponto de ser roubado pelos ciganos, tome cautela diante do que está acontecendo no Rio. Os ciganos, ali, estão roubando crianças. Ficam à porta das escolas, e quando sai o enxame de meninos, marcam um, dois deles. Atraem os garotos com um macaquinho que trazem sempre no ombro; e uma vez longe de olhares indiscretos, põem os meninos no saco e fogem para o Engenho de Dentro.

Os pais do Distrito Federal mostram-se apreensivos com essa situação. À noite, na hora de recolher, os de prole mais numerosa procedem à contagem dos filhos, e se por qualquer motivo falta um (o que é natural, nessa vida dispersiva que levamos), correm logo para a delegacia mais próxima, pedindo providências.

*

Seja como for, e embora haja crianças insuportáveis, ninguém quer perder o seu filho. São tão úteis, tão interessantes. Uma casa sem crianças, lá disse um poeta, é como um jardim sem flores. É verdade que há um limite para a floricultura, e os ciganos podiam bem aliviar os pais a quem Deus ofereceu um ramilhete exagerado de cravos e rosas.

De um modo geral, como disse, é bom que os pais extremosos tomem suas precauções. E aos meninos excessivamente modernos que nós conhecemos, eu darei a floricultura, e os ciganos podiam ter o hábito de sair sozinhos e ir à matiné acompanhados de suas namoradas, que são também meninas à maneira sapeca de Alice White. Eles jogam golfinho com elas. Eles fumam e dançam. Eles são tão viciados que o meu coração se confrange ante o futuro desses guris de oito, dez anos. A eles, pois, uma advertência: meninos, não se exponham tanto, olhem o cigano pegador de crianças. Quando vocês estiverem distraídos com as suas pequenas, pode vir um desses homens feios e botar vocês no saco.

Barba Azul.
Minas Gerais — 25-07-1931, p. 9.

OS TROTES

A partir de hoje, domingo, fica estabelecido que os trotes telefônicos não terão mais graça nenhuma.

Faço esta declaração porque, de anteontem para ontem, os trotes perderam toda a espiritualidade. Até então, eles tinham uma expressão cordial, afetuosa, meiga. Eram pessoas que se perguntavam se ia chover no dia seguinte ou se o bonde Paraúna é perigoso para a Saúde. A gente respondia mandando passear em Sabará, de automóvel. Dependurava-se o fone com simpatia. Passar um trote era um prazer. Ser troteado era outro.

*

Agora as coisas mudaram de figura. Há individuos perfeitamente mal-educados que se permitem a inconveniência de discar para a residência de cavalheiros respeitáveis, na ausência destes, para comunicar ás suas respectivas esposas certos detalhes da vida dos mesmos, que de modo algum interessam às esposas. Considero isso um desprimor. Por muito desonesto que seja um marido (e geralmente os maridos brasileiros não o são), não vejo conveniência

em que sua mulher o saiba. Daí resultam sempre pequeninas contrariedades que muitas vezes envenenam um jantar familiar. Ora, o jantar em família, em plena paz, é uma das instituições patriarcais que nos cumpre defender a todo transe.

*

A pessoa que disca para a casa de um pobre homem, para dizer a mulher que ele a está traindo, naquele mesmo instante, num automóvel verde no caminho da Lagoa Santa, é, positivamente, uma criatura diabólica. O que ela pratica tem um nome feio: chama-se golpe a traição. Nunca se deve golpear um homem pelas costas. Nem pela frente. Nem pelo telefone automático.

*

Tenho esperança de que daqui a um mês ou dois as coisas melhorem. Isto é, que as pessoas desocupadas de Belo Horizonte deixem esse feio hábito de denunciar os inocentes maridos às suas dedicadas esposas. Tudo se deve fazer para acabar com um hábito mau. Inclusive a propaganda pelos jornais, nos letreiros do cinema, nos cartazes de bonde. Ao lado de "Cuspir e escarrar no chão — é falta de higiene e de educação" ponha-se "Jamais se deve perturbar — a deliciosa harmonia do lar", ou então: "Os maridos já são criaturas carregadas de preocupações. Deixem-nos em paz, com os seus pecados".

*

Provisoriamente, enquanto não se obtém esse resultado, proponho que se deixe de achar graça nos trotes telefônicos. Mesmo que a voz seja bonita e esteja indicando uma jovem mais bonita ainda.

Mineiro é bicho desconfiado. Na dúvida, não atenda. Se insistirem, não atenda. E em caso extremo, mande chamar o guarda-civil, quebre o aparelho, tire o telefone de casa, mas não atenda, não atenda, não atenda.

Barba Azul.
Minas Gerais — 26-07-1931, p. 11.

LUGAR DE COSTUME

Um jornal da manhã anuncia mais uma reunião do English Club e diz que ela se realizará "no lugar do costume". Que lugar é esse? É sabido que uma das originalidades do English Club é não ter sede nem pensar em tê-la. O lugar do costume é, em cada reunião, um lugar novo. O que, para um clube de inglês, deve ser ainda a melhor maneira de evitar o commoon place.

*

POEMA DA AMIGA

Mário de Andrade

Gosto de estar ao teu lado,
sem brilho.
Tua presença é uma carne de peixe,
de resistência mansa e um branco
ecoando azuis profundos.
Eu tenho liberdade, em ti.
Anoiteço feito um bairro,
sem brilho algum.

Estamos no interior duma asa
que fechou.

*

DE MACHADO DE ASSIS

O pão do exílio é amargo e duro; força é barrá-lo com manteiga.

*

SISTEMA DE CONTROLE

Um cronista que se preza não cuida três vezes do mesmo assunto. Mas às vezes é obrigado a isso. Eu peço perdão por falar novamente nos automáticos. A questão é a seguinte. Às razões já apontadas para se combater esse novo tipo de telefone, acrescentou-se mais uma. A de que o telefone automático estabelece um sistema de controle altamente prejudicial para os maridos, em benefício exclusivo das esposas. Recebi, hoje, uma queixa que era uma reclamação. De meia em meia hora, informaram-me, os telefo-

nes das repartições e dos escritórios retinem perguntando pelo sr. X. Querem saber se o sr. X está, e, se saiu, para onde foi e quando volta. A voz é de mulher e a curiosidade também. O pobre homem não pode mais distrair-se e, em vez de ir para o trabalho quotidiano, ficar vendo as mulheres que passam, nesse mundo efêmero, pelas calçadas da Avenida. A hora do ponto passou a ser marcada, não pelos aparelhos complicados no saguão das Secretarias, mas pelo tímpano dos telefones automáticos. A vida ficou mais difícil. As tardes perderam o azul. Os maridos perderam a graça.

Não é possível pôr um paradeiro a esse estado de coisas? Por exemplo: com um artigo no regulamento "O telefone só poderá ser utilizado para fins úteis. Entre os fins úteis não está compreendido o controle dos maridos".

Barba Azul.
Minas Gerais — 27-28-07-1931, p. 11.

167

CONTRIBUIÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE DIAMANTINA

Helio Gravatá
Assessor do Arquivo Público Mineiro

APRESENTAÇÃO

Comemorando o sesquicentenário da elevação do Arraial do Tijuco a Vila com a denominação de Diamantina e instalação da primeira Câmara Municipal em 4 de junho de 1832, o ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO publica a presente CONTRIBUIÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE DIAMANTINA. Não é trabalho seletivo e arrola obras de natureza diversa, livros, folhetos, artigos de periódicos, simples notícias, etc., de autores brasileiros e estrangeiros sobre vários assuntos, que estiveram ao alcance do compilador ver e examinar. Relaciona 296 títulos.

Os trabalhos estão em ordem cronológica da publicação dentro de cada assunto de acordo com o Sumário.

Anotamos trabalhos a partir do ano de 1780 (ver ref. n.º 38) até trabalhos publicados em 27 de novembro de 1982 (ver ref. n.º 194).

Publicações sobre diamante e outros minerais, que são numerosas não cabendo aqui incluí-las novamente, consultar a BIBLIOGRAFIA E ÍNDICE DA GEOLOGIA DO BRASIL, 1641 — 1940, por Dolores Iglesias e Maria de Lourdes Meneghezzi, publicada no Boletim n.º 111, em 1943, pela Divisão de Geologia e Mineralogia, do Departamento Nacional da Produção Mineral, do Ministério da Agricultura, atualmente no Ministério das Minas e Energia, com suplementos bianuais e decenais cumulativos.

A maioria das publicações desta CONTRIBUIÇÃO existe no ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO.

O compilador ciente que existem omissões, omissões estas comuns em bibliografia, solicita que lhe sejam enviadas para suplementá-las, agradecendo antecipadamente.

SUMÁRIO

1 — HISTÓRIA E GEOGRAFIA

1.1 — LIVROS E FOLHETOS

1.1.1 — *Autores brasileiros*

SANTOS, Joaquim Felício dos Santos, 1828-1895. Memórias do Districto Diamantino da Comarca do Serro Frio (Província de Minas Geraes) pelo dr. J. Felício dos Santos. Rio de Janeiro, Typ. Americana, 1868. 438 p.

— Memórias do Districto de Diamantino [sic] da Comarca do Serro Frio (Província de Minas Geraes) pelo dr. J. Felício dos Santos. Rev. Arquivo Público Mineiro, ano XIV, 1909, p. 625-787 e ano XV, 1910, p. 3-179.

— Memórias do Districto Diamantino da Comarca do Serro Frio (Província de Minas Geraes) pelo dr. Joaquim Felício dos Santos. Nova edição, com um estudo biographico de Nazareth Menezes. Rio de Janeiro, Livraria Castilho, A. J. Castilho — Editor, 1924. xxxi, 408 p., 4 f. n. numer. de anúncios de obras editadas pela Livraria Castilho.

— Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio (Província de Minas Gerais) 3.ª ed. Nota introdutória de Herbelo Sales. Pref. de Joaquim Ribeiro. Estudo biográfico de José Teixeira Neves. Notícia literária, bibliográfica e apêndices de Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1956. 472 p. (Coleção brasílica, v. n. 1)

— Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio (Província de Minas Gerais) 4.ª ed. Apresentação de Mário Guimarães Ferri. Prefácio e bibliografia de Alexandre Eulálio que coligiu os apêndices. Notas de Nazaré Meneses (1924) e José Teixeira Neves (1956) São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Gráfica Editora Bisordi; Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora, 1976. 338 p. (Reconquista do Brasil, v. 26)

Apêndices, p. 303-322.

Bibliografias, p. 323-338.

Dobras da capa com texto de Vivaldi Moreira.

Capa de Cláudio Martins.

Antes publicado in: Jequitinhonha, folha politica, litteraria e noticiosa. Diamantina, janeiro de 1861 a setembro de 1862.

Diário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, março de 1861 a dezembro de 1862.

Em francês:

— Le diamant au Brésil, par Joaquim Felicio dos Santos. Traduction du portugais par Manoel Gahisto, avec une préface ou comte d'Affonso Celso. Paris, "Les Belles Lettres", 1931. 289 p. (Collection ibero-américaine)

> "É uma das obras de história nacional mais bem feitas que possuimos. Como Varnhagen, Lisboa, Joaquim Caetano, fez pesquisas, viu documentos, estudou seriamente o assunto... O livro é delicioso de naturalidade, de singeleza, de tom realístico". (J. Ribeiro e S. Romero. Compêndio de história da literatura brasileira. 2.ª ed. Rio de Janeiro, 1909, p. 433)

Ribeiro, João. Registo literário. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 24 fev. 1932.

Sobre a tradução francesa de Manoel Gahisto.

Livros novos. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 20 jan. 1957, p. 5.

Sobre a 3.ª edição.

1

NEVES, José Augusto. Chorographia do municipio de Diamantina. Diamantina. Estado de Minas Geraes. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commércio de Rodrigues & Comp., 1899. 62 p.

2

BARRETO, Abilio. Viagens e conferências. Bello Horizonte, Imprensa Official, 1914. 154 p.

3

DUARTE, Antônio Teixeira. Garimpeiros do Tijuco. Bello Horizonte, Imprensa Official, 1915. 46 p.

Conferência pronunciada em sessão especial do Instituto Histórico e Geográfico de Minas, sob a presidência do senador Virgílio de Melo Franco, a 25 de julho de 1915.

4

BRAGA, Tancredo. Diamantina. Bello Horizonte, Typ. São José, 1926. 9 p. ilust.

Reportagem feita para a "A Noite", Rio de Janeiro.

Título da capa.

5

BARRETO, Abilio. Diamantina e o descobrimento dos diamantes. Belo Horizonte, Tip. Aliança, 1939. 27 p. ret. do Autor.

Conferência realizada em Diamantina em comemoração do primeiro centenário da elevação da tradicional Vila do Tejuco à categoria de cidade de Diamantina.

6

Arquidiocese de Diamantina. Estado de Minas Gerais. Freguezias e capelas filiais. Diamantina. Tip. da Estrela Polar, 1940. Páginas n. numer.

Título da capa.

7

COSTA, José Pedro. Palavras à mocidade (Discurso de paraninfo aos bacharelandos de 1940 pelo Ginásio Diamantinense — Diamantina — Minas) São Paulo, Estab. Gráf. Cruzeiro do Sul; Livraria Cristo Rei Editora, 1942. 24 p.

8

MACHADO Filho, Aires da Mata. Arraial do Tijuco, cidade Diamantina. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde; Imprensa Nacional, 1945. 221 p. (Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Publicação n. 12)

Ilust. de Percy Lau.

Título da capa: Arraial do Tijuco, cidade de Diamantina 1944.

Apêndice: Serro, p. 189-196; Conceição, p. 196-198.

— Arraial do Tijuco, cidade Diamantina. 2.ª ed. melhorada. S. Paulo, Livraria Martins, 1957. 306 p., 3 f.

Ilust. de Percy Lau.

Album n. XVIII (1750), procedente do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa, transferido para o Palácio da Ega, em cópia perfeita executada pela artista Isabel Langarian da Fonseca, perita copista de documentos antigos, p. 16/17.

Contém este álbum:

Pequena planta do Arraial do Tejuco.

Modo de lavrar os Diamantes. Declaração do Mapa em fronte. Colorido.

Modo de minerar p.ª se tirarem Diamantes. Declaração do Mapa em fronte. Colorido.

Pequeno Mapa da Demarcação Diamantina. Declaração do Mapa em fronte.

"Não menos de salientar é a fiel reprodução do álbum n. 18 do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa, transferido da Torre do Tombo para o Palácio da Ega, baseado em cópia perfeita executada pela artista Isabel Langarian da Fonseca, perita copista de documentos antigos. O precioso documento da técnica de mineração e da vida do Tijuco deve datar de 1750, a julgar pelo maço onde se encontra e por outros indícios, segundo observa Mário Brant que o trouxe de Portugal para figurar neste livro onde se divulga pela primeira vez (Prólogo)"

Estado de Minas Gerais. Município de Diamantina. 1955.

"Este mapa foi copiado do original existente na mapoteca do Departamento Geográfico", p. 170/171.

Planta da cidade de Diamantina. Copiado do original do Eng.º Sílvio Felício dos Santos, por J. M. Barbosa. 1955. p. 180/181.

Transcreve:

Regimento Diamantino. 2 de agosto de 1771. p. 18-40. Cópia de huma Carta do Provedor do Povo José Joaquim Vieira Couto, escrita a seu mano o Dor. José Vieira Couto de Lisboa, e recebida por este já aberta, e retardada com mais de dois anos de demora (1) p. 74-79.

(1) "Esta carta e a que se lhe segue, pela primeira vez divulgadas, foram encontradas no arquivo particular de Augusto da Mata Machado".

Proclamação ou Aviso ao Povo da Demarcação Diamantina. Feito em Tijuco aos 18 de maio de 1821, p. 107-113.

Carta de um patriota, amigo da verdade, em resposta à Proclamação ou Aviso ao povo da Demarcação Diamantina pelo conselheiro Manuel Ferreira da Câmara Bethencourt e Sá.

Tijuco, 22 de Maio de 1821, p. 113-130.

Apêndice:

Serro, p. 271-277.

Conceição, p. 278-279.

Post-Scriptum, p. 280.

"A primeira edição deste livro constituiu o n.º 12 das publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional...

A fonte principal da parte propriamente histórica, desde o início do povoamento até o fim da Real Extração por 1841, foi o grande livro de J. Felício dos Santos, Memórias do Distrito Diamantino. Daí em diante, como também em vários pontos anteriores, o autor teve de mover-se desacompanhado, entre velhos documentos, publicações mal conhecidas, e coleções de jornais antigos, freqüentemente truncados...

Procurou-se melhorar esta 2.ª edição. Não se ficou nos costumados retoques e retificações. Pesquisas novas, enriquecimento da bibliografia, observações da crítica, permitiram que o autor introduzisse acréscimos numerosos e alterações consideráveis. Manteve-se, porém, a primitiva feição da obra...

No capítulo sobre os diamantes, figura a íntegra do famigerado Regimento Diamantino, que Augusto de Lima Júnior ultimamente divulgou. Amostra de como se conduzia o Santo Ofício e a carta de Joaquim José Vieira Couto ao irmão e a que fez ao povo, insertos no competente lugar. O manifesto da Revolução de 1842 e o do Clube Republicano

local, bem como uma proclamação do Intendente Câmara, e sua resposta, são outros tantos documentos para a história das idéias políticas, aos quais não faltam interesse de vária ordem.

Ligam-se os dois últimos ao Constitucionalismo, eco da Revolução do Porto de 1820, objeto de capítulo agora acrescentado. Também não figurava na primeira edição a epígrafe em que se contempla a vida pública, entre as atividades intelectuais, através de figuras paradigmáticas. Encerra o capítulo Vida Intelectual, que apresenta outros aditamentos, não só biografias de poetas, prosadores e cientistas, mas nas referências ao teatro e à história da imprensa.

Achegas dos garimpeiros, determinaram o tratamento do assunto em capítulo à parte. Desmembrou-se de Aspectos da Vida do Tijuco, que, por seu turno, comportou aditamentos. Em capítulo novo, tratou-se dos "coretos", enquanto certas particularidades alargaram o âmbito do que se intitula: O tipo diamantinense e as duas faces da cidade. Aproveitou-se o ensejo para correções e aditamentos no concernente ao histórico da lapidação, à crise determinada pelo diamante no Cabo, à indústria de fiação e tecidos. Deu-se versão mais desenvolvida ao referente à fundação da Igreja da Luz, e ampliou-se a história dos hospitais e do Recolhimento do Pão de Santo Antônio.

A presente edição, como a primeira, é valorizada com os magníficos desenhos de Percy Lau. Novas ilustrações que também enriquecem são o mapa do município e planta da cidade, cuja inserção se deve ao Departamento Geográfico do Estado de Minas Gerais bem como a reprodução fotográfica do desenho documental de Caetano Luís de Miranda, atualmente no Museu do Ouro de Sabará, a que se tornou possível graças à solicitude de seu diretor Antônio Joaquim de Almeida. Não menos de salientar é a fiel reprodução do álbum n. 18 do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa, transferido da Torre do Tombo para o Palácio da Ega, baseada na cópia perfeita, executada pela artista Isabel Langarian da Fonseca, perita copista de documentos antigos. O precioso documento da técnica da mineração e da vida do Tijuco deve datar de 1750, a julgar pelo maço onde se encontra e por outros indícios, segundo observa Mário Brant, que o trouxe de Portugal para figurar neste livro onde se divulga pela primeira vez." (Prólogo)

— Arraial do Tijuco, cidade Diamantina. 3.ª ed. (Revista) Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Gráf. Bisordi, 1980. 4 f., 306 p., 2 f. ilust. de Percy Lau (Coleção reconquista do Brasil (Nova série, v. 9).

"Esta edição, novamente revista, reproduz a anterior" p. 7.

9

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Estatística. Sinopse estatística do Município de Diamantina... Subsídios para o estudo da evolução política. Alguns resultados estatísticos — 1945. Principais resultados censitários — 1-IX-1940. Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do I.B.G.E., 1948. Viii, 15 p.

10

COUTO, Soter. Vultos e fatos de Diamantina. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1954. 286 p. Prefácio de João Dornas Filho.

11

Relação dos discos gravados no Estado de Minas Gerais (Fevereiro de 1944) Rio de Janeiro, Of. Gráf. da Universidade do Brasil, MCMLV [1955] 96 p., 1 f. (Univ. do Brasil. Escola Nacional de Música. Centro de Pesquisas Folclóricas. Publicação 4)

Contém:

Relação dos discos — Classificação por gêneros — Os informadores — Dulce Martins Lamas: Folclore musical de Diamantina. Cantos sertanejos. Música tradicional de serenatas e salões. Música tradicional de autos e celebrações religiosas. Vissungos — Henriqueta Rosa Fernandes Braga. Cantigas e jogos infantis — Luís Heitor Correa de Azevedo. Violas de Diamantina. A rabeca de José Gerôncio.

> "Os demais comentários aqui insertos, devidamente assinados, giram em torno do material recolhido em Diamantina, aliás o mais numeroso, pois apenas cinco documentos (quatro modinhas e uma valsa) foram gravados em Belo Horizonte"
> (Advertência)

12

SILVA, Almir Neves Pereira da. Diamantina. Roteiro turístico. Rio de Janeiro, Editora Acaiaca; S. Paulo, Empr. Gráf. da "Revista dos Tribunais", 1957. 119 p. ilust. Apresentação. Monsenhor José Pedro Costa, diretor do Museu do Diamante. Capa de Orval. Inclui Planta Geral da Cidade. Escala 1:2.500.

13

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Passeio a Diamantina. S. Paulo, Liv. Martins; Rev. do Tribunais, 1960. 267 p. Ilust. de Guignard.

14

SANTOS, Luis Gonzaga dos. Memórias de um carpinteiro. Com pref. de Aires da Mata Machado Filho. Belo Horizonte, Ed. Bernardo Álvares, 1963. 191 p.

"O livro será uma história popular da cidade de Diamantina, principalmente nos seus aspectos sociais. Digo popular pela maneira de compreender os fatos e de expressá-los" (Aires da Mata Machado Filho. Compreensão e solidariedade. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 6 jul. 1963, 1.º cad. p. 10).

15

RIBAS, Wagner Iran. Levantamento sócio-econômico do município de Diamantina. Trabalho realizado pelo economista Wagner Iran Ribas. B. Hte, jan/fev. — 1967. 32 p.

Ao alto do título: Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha — Codevale. Mimeografado.

16

Vamos a Diamantina. Notícia histórica. Informações sobre atrações turísticas e folclore. Apresentação dr. Joaquim Ferreira Gonçalves. Capa e ilustrações de José Marcos. Mapa-roteiro de Sebastião Fonseca. Colaboração de dr. José Cruz R. Vieira e Edson Cesar de Sousa. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1969. 76 p.

Modinhas para serenatas, p. 31-76.

17

FERNANDES, Douglas Koseky. Diamantina, uma saudade. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1972. 72 p. Diamantina, uma saudade, Aires da Mata Machado Filho, p. 3; Prefácio, Saul Martins, p. 5-7; Uma observação, Douglas, p. 8. Ilust. do Autor.

18

MACHADO Filho, Aires da Mata. Dias e noites em Diamantina. Folclore e turismo. Belo Horizonte, Of. Gráf. da Editora Gráfica Maciel, 1972. 113 p., 1 f. de índice. Capa de Eduardo de Paula.

19

MOURÃO, Paulo Kruger Correa. Guia do turista em Diamantina. Belo Horizonte, Editora São Vicente, 1973, 45 p., 1 f. de índice. ilust. Capa ilust.

20

ANDRADE, Paulo René de. Diamantina — 1900 e... Quadras sobre "quadras" que não voltam mais. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1982. 208 p. Capa ilust.

Contém:

Diamantina 1900 e... quadras sobre quadras que não voltam mais, p. 11-72.

Glossário, p. 73-75.

Poesias do cantor popular — Zeca Bento. Diamantina — 1896. Typografia do Commercio, p. 77-137.

Um casamento por milagre. Fantasia sobre fatos e coisas de Diamantina a oitenta anos passados, p. 139-193.

Adendo. "Diamantina, seu passado e seus filhos" Palestra proferida pelo autor na Sessão de Abertura das Comemorações do Sesquicentenário de Diamantina, no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, na noite de 26 de fevereiro de 1982, p. 195-208.

21

1.2 — Capítulos de Livros e Folhetos

1.2.1 — *Autores Brasileiros*

PARENTE, Felipe Alberto Patroni Martins Maciel. A viagem de Patroni pelas províncias brasileiras de Ceará, Rio de S. Francisco, Bahia, Minas Geraes, e Rio de Janeiro, nos annos de 1829, e 1830. Dividida em quatro partes. 2.ª ed. Lisboa, Typ. Lisbonense, de José Carlos de Aguiar Vianna, 1851, v. 2, p. 36.

22

"Estado material e moral dos diversos municípios da Província. Em 8 de outubro do anno passado exigi, em Circular que dirigi às Câmaras Municipaes huma informação circunstanciada do estado de seus municípios e fundado nos esclarecimentos, que me prestarão as que me responderão, fiz os seguintes extractos". Município da Diamantina. In Falla dirigida à Assembléia Legislativa Provincial de Minas Geraes na sessão ordinária do ano de 1846, pelo Presidente da Provincia Quintiliano José da Silva. Ouro Preto, Typ. Imparcial de B. X. Pinto de Sousa, 1846, p. 37-39.

23

Annuario de Minas Geraes. Bello Horizonte, anno 2, 1907, p. 189-191; anno 3, 1909, p. 408-438; anno 5, 1913, p. 396-409 e anno 6, t. 2, 1918, p. 613-648.

24

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, Indústria e Commércio. Serviço de Inspecção e Defesa Agrícolas. Questionários sobre as condições da agricultura dos 176 municípios do Estado de Minas Geraes. Inspectoria Agrícola do 18.° Districto. Inspeccionados de 9 de abril de 1910 a 30 de novembro de 1913. Rio de Janeiro, Typ. do Serviço de Estatística, 1913, p. 149.

Município de Diamantina inspecionado em 16 de julho de 1913.

25

DUARTE, João Raimundo. Diamantina. In Recordações mineiras. Rio de Janeiro, 1917, p. 103-119. Reminiscência do autor.

26

SILVEIRA, Álvaro Astolfo da. O Itambé do Serro I Diamantina e suas vizinhanças. Os vinhedos. — A pasmorra. — Lavras de diamante. II No retiro da Covadonga. III A ascensão — A chapada do Couto. Um passeio ao Norte de Minas. II Do rio Pardo à Diamantina. III Diamantina... In Memórias chorográphicas. Bello Horizonte, Imprensa Official, 1921, v. 1, p. 87-107 e p. 115-129, ilust.

27

Minas Geraes em 1925. Obra subvencionada pelo Governo do Estado com auctorisação do Congresso Mineiro. Organisador e editor Victor Silveira. Bello Horizonte, Imprensa Official, 1925, p. 734-742. ilust.

28

BRITO Cândida de. Diamantina. In Minas no meu coração... Rio de Janeiro, Ed. da Typ. S. Benedicto, 1932 [?] p. 107-111 e 208.

29

CARVALHO, Afonso de. Diamantes. In Viagem pelo Brasil (Do Chuy ao Oyapock) Romance de turismo. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1935 [?]

30

Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro, I.B.G.E., 1959, v. 25, p. 21-37.

31

VASCONCELOS, Silvio de. Constantes variáveis da arquitetura religiosa tradicional mineira. In Arquitetura no Brasil. Pintura mineira e outros temas. Belo Horizonte, Edições da Escola de Arquitetura, 1959, p. 7-16.

Referências às capelas de Diamantina.

32

ESTEVES, Manuel. Grão Mogol. Rio de Janeiro, Liv. S. José, 1961.

Diamantina, p. 49-53.

33

MOURÃO, Paulo Kruger Corrêa. As igrejas setecentistas de Minas. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1964. Ilust.

Capelas de Diamantina:

Capela de Nossa Senhora do Carmo, p. 117-120.

Capela de São Francisco de Assis, p. 121-124.

A Capela do Rosário, p. 125-128.

As Capelas do Amparo, Mercês e Bonfim, p. 170-172.

Capela de Nossa Senhora das Mercês, p. 172.

A Capela do Senhor do Bonfim, p. 174.

A Capela da Luz, p. 177-182.

Igreja da Ordem Terceira do Carmo, p. 207-209.

34

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Relação dos bens tombados. Rio de Janeiro, MEC-DPHAN, 1967, p. 19-20.

Relacionamento dos bens tombados em Diamantina.

35

BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dicionário Histórico — geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1971, p. 162-164.

36

BITTENCOURT, José Bastos. Diamantina. In Ouro Preto, Aleijadinho, monumentos. Outras cidades. 2.ª ed. Belo Horizonte, 1977 [?] p. 177-178.

37

1.2.2 — *Autores Estrangeiros*

COELHO, José João Teixeira. Do arraial do Tejuco, e intendência da extracção dos diamantes. In Instrucção para o governo da Capitania de Minas Geraes. 1780. In Rev. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 15, 1852, 2.ª ed. 1888, p. 282.

Também in: Rev. Arquivo Público Mineiro, ano 8, 1903, p. 428.

38

MATOS, Raimundo José da Cunha. Corografia Histórica da Província de Minas Gerais (1837) Colaboração com o I. H. G. B. Introdução e notas de Tarquínio J. B. de Oliveira. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1979-1981. 2 v. (Publicações do Arquivo Público Mineiro n. 3 e 3-A)

Diamantina (Tejuco) v. 1: p. 9, 28, 158, 159, 327-334 e 350. v. 2: p. 9, 16, 90, 156, 219, 269, 284, 303, 331 e 335.

Outra edição com o título:

— Corografia Histórica da Província de Minas Gerais (1837) Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1981. 2 v. (Reconquista do Brasil: nova série, v. 61-62)

Diamantina (Tejuco) v. 1: p. 37, 56, 184, 185, 351, 352, 354-356 e 358; v. 2: p. 27, 34, 100, 161, 217, 265, 276, 292, 319 e 323.

2 — VIAJANTES ESTRANGEIROS

2.1 — CAPÍTULOS DE LIVROS

MAWE, John. Viagem de Vila Rica ao Tejuco, capital do Distrito Diamantino. Visita à exploração de diamantes no Rio Jequitinhonha — Descrição geral da exploração — Processo de lavagem — Volta ao Tejuco — Visita ao Tesouro — Excursão do Rio Pardo — Notas diversas. Observações sobre o Tejuco... In Travels in the interior of Brazil, particularly in the Gold and Diamond Districts... London, 1812.

— Viagens ao interior do Brasil principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes. Trad. de Solena Benevides Viana.

Introdução e notas de Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1944, p. 196-227, 237-251 e 337.

40

CASAL, Manuel Aires do Districto Diamantino. In Corografia brazilica ou relação histórico-geográfica do reino do Brazil composta e dedicada a sua magestade fidelíssima por hum presbítero secular do gram priorado do Crato. Rio de Janeiro, na Impressão Régia, 1817.

— Corografia brasilica de Aires de Casal. Fac-simile da edição de 1817. Introdução de Caio Prado Junior. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945-1947, v. 1, p. 398-402.

41

SPIX, Johann Baptist von e MARTIUS, Carl Fried. Phil. von. Viagem de Vila-Rica ao Distrito-Diamantino. Estada em Tejuco e excursões pelo Distrito-Diamantino. Viagem de Tejuco ao termo de Minas-Novas. In Reise in Brasilien... Munchen, 1823-1831.

— Viagem pelo Brasil por J. B. von Spix e C. F. P. von Martius. Trad. brasileira promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para a comemoração do seu centenário.

Tradutora d. Lúcia Furquim Lahmeyer, bibliotecária do Instituto; revisores, o dr. B. F. Ramiz Galvão e o prof. Basílio de Magalhães (que também foi o anotador) Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1938, v. 2, p. 81-169.

12

SAINT HILAIRE, Auguste de. História do distrito dos diamantes — Sua administração — Ainda os diamantes — Diversos serviços — Tejuco — Observações sobre a aclimatação das árvores frutíferas. Excursões nos arredores de Tejuco — Novos detalhes sobre os diamantes — Acidentes com o Autor — Viagem de Tejuco ao Morro de Gaspar Soares pela serra da Lapa. In Voyage dans le district des diamants et sur le littoral du Brésil... Paris, 1833.

— Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil... Tradução de Leonam de Azeredo Pena. S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1941, p. 1-89 (Brasiliana v. 210)

13

GARDNER, George. Travels in the interior of Brazil principally through the northern provinces and the gold and diamond districts during the years 1836-1841... London, 1846.

— Viagens ao Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1943, p. 381-392 (Brasiliana, v. 223)

44

ORBIGNY, Alcide d'. District des Diamans. In Voyage pittoresque dans les deux Amériques. Résumé générale de tous les voyages de... Mawe, Auguste de Saint-Hilaire, Max de Neuwied, Spix et Martius... etc. etc., A Paris, 1836, p. 176-180.

Outra edição: Paris, 1841. Traduções: alemã, Leipzig, 1839; italiana, Venezia, 1852.

15

LANGLET-Dufresnoy, Mme. Quinze ans au Brésil, ou excursions à la Diamantine de Mme. Langlet-Dufresnoy. Avec préface, par M. Paul de Gay. Bordeaux, Imp. G. Chariol, 1861, xiii, 98 p.

Viagem feita em 1837.

16

SUZANNET, comte de. Souvenirs de voyages. Les provinces du Caucase. l'Empire du Brésil. Paris, G.-A.-Dentu, 1846, p. 328-337.

— O Brasil em 1845 (Semelhanças e diferenças após um século) Tradução de Márcia de Moura Castro. Rio de Janeiro, 1957, p. 133-141.

17

ORBIGNY, Alcide d'. Voyage dans les deux Amériques augmenté de renseignements exacts jusq'en 1853 sur les différents Etats du Nouveau Monde. Nouvelle édition publiée sous la direction de M. Alcide d'Orbigny. Paris, 1853.

— Voyage dans les deux Amériques. Nouvelle édition revue et corrigée. Paris, 1854, p. 161-165.

— Voyage dans les deux Amériques. Nouvelle édition annotée publiée par Ch. Vanderrauwera. Bruxelles, 1854.

— Voyage dans les deux Amériques. Nouvelle édtion revue et corrigée. Paris, 1867.

18

WRIGHT, Marie Robinson. The new Brazil. Its resources and attractions. Historical, descriptive, and industrial. Philadelphia, Printed and published by George Barrie & Son; London, C. D. Cazenove & Son, 1901, p. 251-262 (Referencias) e p. 270.

— The new Brazil. Its resources and attractions. Historical, descriptive, and industrial. Second edition, revised and enlarged. Philadelphia, Printed and published by George Barrie and Sons; London, C. D. Cazenove & Son, 1907, p. 294, 297-300 (Referencias)

49

GASPAR, Maurice. Dans le sertão de Minas... Louvain, 1910. Referências à p. 25-26.

50

NEMÉSIO, Vitorino. O segredo de Ouro Preto e outros caminhos. Lisboa, Bertrand, 1954 [?] p. 329, 330, 349-357.

51

BAZIN, Germain. L'architecture religieuse baroque au Brésil. Paris, Plon, 1958.

Carmo (Ordem Terceira do), t. 2, p. 70-71.

Nossa Senhora do Amparo, t. 2, p. 71.

52

BOXER, Charles Ralph. The golden age of Brazil 1695-1750. California, University of California Press, 1962. p. 204-225.
(Diamond District)

— A idade de ouro do Brasil (Dores de crescimento de uma sociedade colonial) Tradução de Nair de Lacerda. Pref. de Carlos Rizzini. S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1965, p. 183-199.

(Distrito Diamantino)

53

3 — ASSUNTOS DIVERSOS

3.1 — ARTIGOS DE PERIÓDICOS

3.1.1 — *Autores Brasileiros*

Ofício de Bernardino da Cunha Ferreira, presidente da Câmara Municipal de Diamantina, dando conhecimento de haver a Câmara fundado uma biblioteca pública, e para a qual solicitava uma coleção de suas Revistas. Resolveu-se que se concedesse a coleção pedida. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 8.ª sessão em 11 de setembro de 1874. Rev. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. 37, parte 2.ª, 1874, p. 422.

54

Município de Diamantina. Rev. Arquivo Público Mineiro, ano 4, 1899, p. 626-653.

Antes publicado in: Minas Gerais. Ouro Preto, 4 e 6 jan. 1898, p. 2-4 e 4-5 (Archivo Público Mineiro. Chorographia mineira)

55

MACHADO, Edgard da Mata. Tijuco — lendas e tradições. Minas Gerais. Belo Horizonte, 20, 21, 23 e 24 set. 1900, p. 13-14, 10-11, 3-4, 3-4 e 3-4. (Festas e diversões)

Palestra proferida no "Club das Violetas", em Belo Horizonte, em 19 de setembro de 1900.

56

Echos. Diário de Minas. Belo Horizonte, 30 jul. 1902, p. 1.

"Diamantina vai ter um hotel, noticiaram as gazetas da lendaria cidade"...

57

JARDIM Júnior, Catão. A mineração diamantina do Tejuco [por] M. Calado [pseud.] Anuário de Minas Gerais. Belo Horizonte, ano 2, 1907, p. 405-407.

Transcrito do "O Norte", Diamantina, 1906.

58

BRANT, Francisco José de Almeida. Diamantina e a sua opulência mineral. Minas Gerais. Belo Horizonte, 16 mar. 1913, p. 2-3.

59

AZEREDO Neto, Antônio Caetano de. Trechos. Minas Gerais. Belo Horizonte, 10 jan. 1914, p. 5.

Sobre a chegada da Estrada de Ferro Central do Brasil, à Diamantina.

60

AZEREDO Neto, Antônio Caetano de. Trechos. Minas Gerais. Belo Horizonte, 11 jan. 1914, p. 5.

Sobre a mudança do nome — Largo de D. João — para Largo do Sonho.

61

AZEREDO Neto, Antônio Caetano de. Trechos. Minas Gerais. Belo Horizonte, 29 abr. 1914, p. 5.

Refere-se à inauguração de trens da E. F. Central do Brasil à Diamantina. Referências aos serviços do Barão de Guaicuí, Josefino Vieira Machado.

62

JARDIM, David. Monographia do municipio de Diamantina. In Estrela Polar. Diamantina, 3 maio 1914, ano 12, n. 18.

Transcrito in: Anuário de Minas Gerais. Belo Horizonte, ano 6, t. 2, v. 6, 1918, p. 637-646.

63

A. De Arassuahy a Diamantina. Minas Gerais. Belo Horizonte. Minas Gerais. Belo Horizonte. 8, 15 e 19 jun. 1914, p. 5, 5 e 3.

64

LIMA, Alceu de Amoroso. Pelo passado nacional. Rev. do Brasil. S. Paulo, v. 3, 1916, p. 1-15. ilust.

Impressões de Ouro Preto e Diamantina e outras cidades do Brasil.

"Ponhamos um freio à fúria demolidora e restauradora. Rehabilitemos o passado nacional".

65

TELES, Fernando. Cidades mortas. O Jornal. Rio de Janeiro, 14 mar. 1920, p. 1.

"A visão das cidades mortas de Minas — S. João d'El-Rey e Caethé, Sabará, Marianna, Diamantina — e sobretudo a da evocadora Ouro Preto, é um escudo necessário para o momento de cultura que atravessamos... Velhas cidades mortas de Minas, sois um dos raros refúgios das nossas tradições."

66

PENA, Gustavo. Scenas de outr'ora. A testemunha de vista. Minas Gerais. Belo Horizonte, 22 fev. 1926, p. 3.

Notícia de um crime de morte havido na povoação do Riacho das Varas, município de Diamantina, há quase meio século, cujo morto João Regis, excelente rapaz, dono de uma pequena casa de negócios. Um dia apareceu morto. Quando foram averiguar o caso, seu papagaio começou a gritar: "Não me mate, não Tião"... Lembraram que o morto tinha um amigo de nome Sebastião e o encontraram, que confessou o crime e foi condenado a 30 anos de prisão. Morreu antes de cumprir a pena.

67

MENEGALE, José Guimarães. A cidade da Esperança. Minas Gerais. Belo Horizonte, 6 fev. 1929, p. 7.

68

AZEREDO Neto, Antônio Caetano de. Novas e velhas. Minas Gerais. Belo Horizonte, 13 out. 1929, p. 10.

Sobre o próximo centenário, a 13 de outubro de 1931, da elevação à cidade do arraial do Tijuco.

69

AZEREDO Neto, Antônio Caetano de. Novas e velhas. Minas Belo Horizonte, 6 jun. 1930, p. 5.

Sobre os 98 anos da instalação da primeira Câmara Municipal, a nova Catedral e d. Joaquim Silvério de Sousa.

70

CARVALHO, Ramos de. Diamantina — cidade-legenda e cidade-futuro. Minas Gerais. Belo Horizonte, 14 jan. 1936, p. 6.

71

Diamantina. Minas Gerais. Belo Horizonte, 2 dez. 1936, p. 10 (Vida mineira)

"O dia da música foi festivamente comemorado em Diamantina. O 3.º Batalhão da Força Pública contribuiu magnificamente para o realce daquela data"...

72

MACHADO Filho, Aires da Mata. Significação de um centenário. Folha de Minas. Belo Horizonte, 5 mar. 1938.

Sobre o centenário da elevação de Diamantina à categoria de cidade por Lei de 4 de março de 1838.

73

MACHADO, P. Mata. O centenário de Diamantina. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 1 maio 1938.

Discurso pronunciado nas comemorações do centenário de Diamantina.

74

JARDIM, Luís. A pintura decorativa em algumas igrejas antigas de Minas. Rev. do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 3, 1939. Igreja do Carmo, p. 76.

75

JARDIM, Luís. A pintura do Guarda-Mor José Soares de Araújo em Diamantina. Rev. do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 4, 1940, p. 155-177.

76

FRANCO, Afonso Arinos de Melo, 1905 — Caminho de Diamantina. A Manhã. Rio de Janeiro, 21 mar. 1943.

77

FRANCO, Afonso Arinos de Melo, 1905 — Ainda impressões do Serro e Diamantina. A Manhã. Rio de Janeiro, 4 abr. 1943.

78

RODRIGUES, José Wasth. A casa de moradia no Brasil antigo. Rev. do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 9, 1945, p. 185.

79

ROMARIZ, Dora de Amarante. Aspectos da vegetação em Diamantina. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. S. Paulo, 1953, v. 4, t. 1, 1949-1950, p. 46-57. ilust.

Trabalho indicado para a publicação nos Anais, de acordo com o parecer do sócio efetivo João Dias da Silveira, discutido e aprovado em plenário.

80

BERNARDES, Lísia Maria Cavalcanti. Notas sobre a cidade de Diamantina e seus habitantes. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. 1949-1950. S. Paulo, 1953, v. 4, t. 1, p. 58-75. ilust.

Trabalho indicado para publicação nos Anais, de acordo com o parecer do sócio efetivo Octávio Barbosa, discutido e aprovado em plenário.

81

Diamantina — o burgo que mais sofreu sob a manopla da metrópole lusa. O velho Tijuco — Ouro e diamante — O distrito diamantino, zona fechada ao Brasil e ao mundo — Contratadores e intendentes — O drama de Caldeira Brant — As primeiras barras de ferro fundidas em alto-forno — Saint-Hilaire define o "clan" — Famílias e figuras. Folha de Minas. Belo Horizonte, 3 jul. 1952, p. 5 (Um município por dia)

82

Antigamente era assim... Diário da Tarde. Belo Horizonte, 22 jul. 1952.

Sobre o descobrimento dos diamantes.

83

CAMPOS, Álvaro. Valores da velha guarda. O coronel Sica da Gouvêa. Sica da Gouvêa, autêntico coronel da Guarda Nacional. Recordando a monarquia — A proclamação da República e Diamantina — A campanha civilista — A antiga Câmara Municipal — Uma visita do Presidente Antônio Carlos — Sica e sua última eleição — Visitando a Capela. Última de uma série de três reportagens — Protetor de Juscelino Kubitschek — O primeiro emprego do atual Governador — Partidos políticos e o voto secreto — O hospedeiro do Tigre — O homem que morreu duas vezes — O prestígio do coronelismo. Tribuna de Minas. Belo Horizonte, 23, 28 e 29 ago. 1952, p. 2, 6 e 6.

84

NEVES, José Teixeira. Centenário do bispado de Diamantina. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 14 jun. 1954.

85

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Diamantina. Rev. Shell. Rio de Janeiro, n. 78, 1956, p. 1-5. ilust.

86

MACHADO Filho, Aires da Mata. "Arraial do Tejuco" — Cidade Diamantina. O autor fala de sua obra... O Diário. Belo Horizonte, 4 ago. 1957, 2.º cad. p. 5.

87

VASCONCELOS, Sílvio de. Formação urbana do arraial do Tejuco. Rev. do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 14, 1959, p. 121-134.

88

COUTO, Soter. A imprensa em Diamantina. Rev. Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. 7, 1960, p. 497-509.

89

FREITAS, Mário Martins de. Bacia do Jequitinhonha (Estudo histórico, econômico, social e político dos municípios da bacia) Minas Gerais (Diário do Executivo) Belo Horizonte, 1960, *maio*, 15, 18 e 29, p. 11, 11-12 e 15-16; *jun.* 9, 11, 12, 16, 19, 23 e 26 p. 17-18, 13-14, 15-16, 21-22, 15-16, 9-10 e 15-16; *jul.* 2, 8, 10, 16, 23 e 29, p. 11-12, 15-16, 11-12, 9-10, 14 e 19-20; *ago.* 26, p. 15-16; *set.* 25 e 30, p. 11 e 8; *out.* 2, 9, 15, 20 e 30, p. 17-19, 10-11, 13, 13 e 12; *nov.* 15, p. 9; 1961, *jan.* 31, p. 11-14; *fev.* 1 e 2, p. 9-10 e 4-6.

90

Preciosidades da música sacra em Diamantina. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 27 jun. 1961, 1.º cad. p. 7.

Nota sobre a descoberta de música religiosa composta por autores mineiros dos séculos 18 e 19, em Diamantina pelas sras. Mercedes Reis Pequeno, Chefe da Seção de Música da Biblioteca Nacional e Cleofe Person Matos, Diretora da Associação de Canto Coral do Estado da Guanabara.

91

CAMPOMIZZI, Filho. Diamantina e seu primeiro bispo. O Diário. Belo Horizonte, 7 dez. 1962, p. 4.

O bispo é D. João Antônio dos Santos.

92

SOUSA, Afonso de. Diamantina quer moralização do Beco do Mota. Delegado tenta fazer o que em 1733 não conseguiu o Conde das Galveas. Estado de Minas. Belo Horizonte, 24 jan. 1965, 5.ª sec. p. 2. Fotos de Célio Meira do Beco do Mota.

Transcreve o decreto do Conde das Galveas.

Ver: Xavier da Veiga, J. P. Efemérides mineiras. Ouro Preto, 1897, v. 4, p. 289-290.

93

Diamantina foi cenário de um filme baseado em poema de Carlos Drummond. Estado de Minas. Belo Horizonte, 29 de maio de 1965, 2.ª sec. p. 6.

Filme dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, baseado no poema "O padre e a moça", de Carlos Drummond de Andrade.

94

Princesa inca viveu em Diamantina. O Diário. Belo Horizonte, 23 jul. 1966, p. 7.

"Uma pedra com inscrições, um cálice de ouro e uma plaqueta de pedra com um índio contemplando o sol, em alto relevo, foram encontrados em quintais de Diamantina, e trazidos para Belo Horizonte por um arqueólogo... que "os achados datam de quatro séculos".

95

Diamantina é cidade para o turista não esquecer mais. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 7 ago. 1966, cad. automóveis, p. 4.

96

Diamantina: cidade de poder evocativo e grande sedução turística. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 2 jul. 1967, 3.º cad. p. 4.

97

RIVERA, Bueno de. Diamantina, uma história de alegria desde a época da mulata Chica da Silva. Estado de Minas. Belo Horizonte, 18 ago. 1967, 3.ª sec. p. 6. ilust.

98

CAMPOS, Fernando França. Diamantina e o turismo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 25 ago. 1967, turismo p. 2.

99

VASCONCELOS, Sílvio. Dengosa é Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 8 set. 1967, turismo p. 6.

100

CAMPOS, Fernando França. Diamantina — você é turismo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 15 set. 1967, turismo p. 2.

101

ANDRADE, Moacir. Diamantina eterna |por| José Clemente |pseud.| Estado de Minas. Belo Horizonte, 25 jul. 1968, 2.ª sec. p. 4.

102

ANDRADE, Moacir. No Museu de Diamantina |por| José Clemente |pseud.| Estado de Minas. Belo Horizonte, 2 out. 1968, 1.ª sec. p. 10.

103

DEL NEGRO, Carlos. Dois mestres de Minas: José Soares de Araújo e Manuel da Costa Ataíde. Universitas. Revista de cultura da UFB |Universidade Federal da Bahia/ Salvador, n. 2, jan./abr., 1969, p. 79-101. ilust.

Igrejas de Diamantina: Pinturas de José Soares de Araújo. Igreja do Carmo, p. 85-86; Igreja do Rosário, p. 86-87 e Igreja de Sant'Anna de Inhaí, p. 87-88.

104

AMADOR, Paulo. Diamantina reforçará sua tradição cultural. Estado de Minas. Belo Horizonte, 17 jan. 1969, 1.º cad. p. 8.

Fotos de Cordovil Otoni.

105

AMADOR, Paulo. Matriz cultural do Nordeste. Rua da Glória congrega os colégios de Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 18 jan. 1969, 1.º cad. p. 8. Fotos de Cordovil Otoni.

106

Arraial do Tijuco, o apelo do passado /pela/ Editoria de Pesquisas. Estado de Minas. Belo Horizonte, 24 jan. 1969, turismo p. 6. ilust.

107

AMADOR, Paulo. Economia de Diamantina inicia um novo ciclo com o turismo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 26 jan. 1969, 1.º cad. p. 8.

Fotos de Cordovil Otoni.

108

Prefeitura de Diamantina não quer demolir o Beco do Mota. Estado de Minas. Belo Horizonte, 16 fev. 1969, 1.º cad. p. 9.

109

AMADOR, Paulo. Diamantina: cidade da fé, música e flores. Estado de Minas. Belo Horizonte, 18 fev. 1969, 1.ª sec. p. 8.

Fotos de Cordovil Otoni.

110

Diamantina, um show de telhados e torres. Estado de Minas. Belo Horizonte, 22 abr. 1969, 1.ª sec. p. 9. Fotos de Geraldo Bicalho.

111

MENDES, Oscar. Visite Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 24 abr. 1969, 3.ª sec. p. 5 (A alma dos livros)

112

NAVA, José Passeio em Diamantina. Saudades do Beco do Mota — O liso de teus ombros jaspeados. Estado de Minas. Belo Horizonte, 5 e 9 jul. 1969. 3.ª sec. p. 8 e 6. ilust.

113

LOPES, Marco Aurélio Xavier. Um encontro com o passado em Diamantina. O Diário. Belo Horizonte, 30 ago. 1969, 1.º cad. p. 4.

114

DEODATO, Alberto. Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 5 fev. 1970, 3.º cad. p. 3.

115

Diamantina: como ir e ver. Correio da Manhã. Jornal de Serviço. Rio de Janeiro, 13 mar. 1970, p. 13.

116

NAVA, José. Pesquisa envenenada no ex-arraial do Tejuco, onde se mostra que Diamantina está num certo circuito. Estado de Minas. Belo Horizonte, 16 jul. 1970, 3.ª sec. p. 1. ilust.

117

Diamantina dá novo impulso ao turismo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 26 ago. 1970, 1.ª sec. p. 10.

118

Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 28 ago. 1970, turismo p. 4 (Pequeno roteiro do barroco mineiro)

119

Diamantina capital do turismo durante oito dias. Estado de Minas. Belo Horizonte, 9 out. 1970, turismo p. 1. ilust.

120

Diamantina, a cidade de Chica da Silva. Estado de Minas. Belo Horizonte, 30 out. 1970, turismo p. 6. ilust.

121

MEIRA, Antônio. Diamantina frente a frente. Estado de Minas. Belo Horizonte, 7 maio 1971, turismo p. 1.

122

MACHADO Filho, Aires da Mata. Diamantina. Quatorze moedas de prata. Estado de Minas. Belo Horizonte, 18 jun. 1971, turismo p. 1.

123

MEIRA, Antônio L. Diamantina em um passeio bem tranqüilo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 8 out. 1971, turismo p. 10.

Fotos de Célio Meira.

124

ANDRADE, Moacir. Boas novas de Diamantina /por/ José Clemente /pseud./ Estado de Minas. Belo Horizonte, 23 out. 1971, 4.ª sec. p. 2.

Sobre um curso de turismo realizado sob os auspícios da Prefeitura.

125

ROCHA, Jesus. Diamantina está prometendo um bom carnaval. Estado de Minas. Belo Horizonte, 9 fev. 1972, 2.ª sec. p. 6.

126

Diamantina criou Academia de Letras. Estado de Minas. Belo Horizonte, 23 jun. 1972, 1.ª sec. p. 7.

127

Biribiri fica em Diamantina e tem ajuda da Prefeitura. Estado de Minas. Belo Horizonte, 29 de maio de 1973, 2.ª sec. p. 5.

"A Prefeitura Municipal ofereceu apoio a direção da Cia. Industrial de Estamparia para evitar a transferência total da fábrica de tecidos do Biribiri e seu diretor-presidente prometeu atender ao pedido, em defesa da economia do município, dos trabalhadores e suas famílias.

Na carta que enviou ao diretor-presidente da empresa, Alexandre Diniz Mascarenhas, o prefeito Antônio de Carvalho Cruz diz da importância da fábrica de tecidos do Biribiri, e faz um apelo"...

128

MEIRA, Antônio L. Esta é Diamantina de dia. Ela promete anoitecer e espera você com lua, violão e serenata. Estado de Minas. Belo Horizonte, 21 set. 1973, turismo p. 8. ilust.

129

NARCISO, Paulo. Diamantina, roteiro para uma curta metragem, perdão: uma curta viagem. Estado de Minas. Belo Horizonte, 25 jan. 1974, turismo p. 1. Fotos do autor do texto.

130

ARAGÃO, Diana. Diamantina, um pouco da história de Minas. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 28 mar. 1974, turismo p. 1. ilust.

131

Ovinocultura em Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 6 abr. 1974, agropecuário p. 1.

132

CAMPOS, Franklin. O diamante e suas cidades. Quatro Rodas. S. Paulo, Ed. Abril, ano 14, n. 167, jun. 1974, p. 56-62.

133

SANTOS, Manuel Higino dos. Veja: aí está Diamantina. Ela é toda sua. Aproveite. Estado de Minas. Belo Horizonte, 6 set. 1974, turismo p. 1. ilust. Fotos de Célio Meira.

134

SANTOS, Manuel Higino dos. Diamantina é uma festa. Estado de Minas. Belo Horizonte, 15 nov. 1974, turismo p. 6. ilust.

Fotos de Célio Meira.

135

Nas capistranas de Diamantina o passado vivo. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12 dez. 1974, turismo p. 5. ilust.

136

PAULA, F. de. O fascínio de Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 28 out. 1975, 2.º sec. p. 4.

137

Diamantina. Cidade das capistranas e serestas. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 31 out. 1975, Minas Gerais. Suplemento especial, p. 17.

138

RODRIGUES, Wilkie. Para amar Diamantina você precisa: de um pedaço de lua na boca, um punhado de estrelas nos olhos e uma mulher no fundo do copo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 14 nov. 1975, turismo p. 5. ilust.

139

Diamantina, onde as cores do céu se encontram em seus campos floridos. Estado de Minas. Belo Horizonte, 13 fev. 1976, turismo p. 3. ilust.

140

NEVES, Regina. Serro, turismo histórico na rota dos bandeirantes. Diamantina das serestas e Serro das lembranças e do povo hospitaleiro. O Globo. Rio de Janeiro, 24 jun. 1976, turismo p. 1 e 2. Fotos de Mauro Zallio.

141

AULICUS, Celius. Carecia de entrar num bar. Carecia de respirar ar. Carecia de andar por aquelas ruas. Carecia de amar Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 1 out. 1976, turismo p. 5. ilust.

142

BESSA, José Eustáquio. Seresteiros: cantem para as flores do céu, mas não façam barulho, porque Chica da Silva está dormindo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 26 nov. 1976, turismo p. 1 e 5. ilust.

143

Um passeio em Diamantina. Diário da Tarde. Belo Horizonte, 6 dez. 1976, p. 16 (Turismo)

144

Turismo em Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte 7 dez. 1976, 1.ª sec. p. 4.

145

Levantamento da potencialidade turística de Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 11 dez. 1976, peq. anúncios, p. 5.

146

MEIRA, Antônio L. Depois do "ora pronobis", depois das serestas, a descoberta dos arredores de Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 14 jan. 1977, turismo p. 2. ilust.

147

Percorra os recantos onde viveu Chica da Silva. Siga este roteiro de muitas opções para o turismo romântico histórico ou de puro lazer. Vá a Diamantina e aprenda o que é chibiu, prove o chico-angu, passeie pelo chafariz e pela Chácara da Palha, partes integrantes do fabuloso Arraial do Tijuco dos Diamantes. Jornal de Casa. Belo Horizonte, 27 fev. 1977, p. 8. ilust.

148

CASTRO, Haroldo Faria de. Via Crucis em Diamantina. Todos os anos, durante a Semana Santa, a Cidade de Diamantina retorna alguns séculos no tempo e reproduz as procissões, as festas, as roupas e as cores das cerimônias que costumavam impregnar suas ruas com uma religiosidade intensa e profunda. Jornal do Brasil. Revista de Domingo. Rio de Janeiro, ano 2, n.º 51, 27 mar. 1977, p. 8-11. ilust.

149

RODRIGUES, Wilkie. A guarda romana marcha nas ruas de Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 1 abr. 1977, turismo p. 2. ilust.

Sobre a Semana Santa.

150

MEIRA, Antônio Lisboa. Como pode Diamantina viver fora da seresta? Estado de Minas. Belo Horizonte, 22 abr. 1977, turismo p. 6.

151

Muita seresta no arraial do Tijuco, em Diamantina. Estado de São Paulo. S. Paulo, 9 set. 1977, supl. turismo p. 7.

152

Diamantina em três noites de seresta. Diamantina. A seresta até raiar o dia em que nasceu JK. Estado de Minas. Belo Horizonte, 9 set. 1977, turismo p. 1 e 8 ilust.

153

Diamantina, ainda o Tijuco da Chica e do contratador. Estado de Minas. Belo Horizonte, 28 out. 1977. p. 25. ilust.

154

APGAUA, Guilherme. Diamantina e por onde corre um rio chamado Jequitinhonha. Estado de Minas. Belo Horizonte, 19 jan. 1978, 2.ª sec. p. 6. ilust.

155

Diamantina, a história e as tradições do Vale /do Jequitinhonha/ Estado de Minas. Belo Horizonte, 19 maio 1978, turismo p. 2.

156

Turismo de Diamantina está sendo perturbado por irresponsáveis. Estado de Minas. Belo Horizonte, 26 ago. 1978, 2.ª sec. p. 5.

157

Ninguém fica triste em Diamantina, entre serenatas e doces sobrados. Estado de Minas. Belo Horizonte, 10 nov. 1978, turismo p. 2. ilust.

158

VUCOVIX, Irene. No Ciclo do Diamante, o Arraial do Tijuco e o Morro dos Ventos Gelados. Estado de Minas. Belo Horizonte, 22 dez. 1978, turismo p. 5. ilust.

159

MEIRA, Antônio L. Jovens movimentam Diamantina e criam atrativos culturais. Estado de Minas. Belo Horizonte, 29 dez. 1978, turismo p. 2. Ilust. parte do Mercado.

Sobre o Grupo Zé Lota, com objetivos culturais.

160

BRANT, Theresino Caldeira. Revendo Diamantina. Jornal de Casa. Belo Horizonte. 13 maio 1979, 2.º cad. p. 11.

Transcrito in: Estado de Minas. Belo Horizonte, 27 jan. 1982, 2.ª sec. p. 3.

Há equívoco do nome próprio do Autor no Jornal de Casa.

161

MEIRA, Antônio L. Arraiolo, a arte que Diamantina revive. Estado de Minas. Belo Horizonte, 30 maio 1979, 2.ª sec. p. 5. ilust.

162

Diamantina: cidade de igrejas e muita poesia. Diário da Tarde. Belo Horizonte. 9 jul. 1979, p. 34. ilust.

163

Quem não foi este ano, pode programar para 80: Diamantina. Diário do Comércio/Informador Comercial. Belo Horizonte, 12 jul. 1979, p. 10. ilust.

164

Fogueira. Estado de Minas. Belo Horizonte, 26 jul. 1979, 1.ª sec. p. 5 (Notas do dia).

Incêndios em prédios históricos em Diamantina. "Diamantina, como Ouro Preto, Mariana, Sabará e outras cidades históricas, "precisa de bombeiros"...

165

Dois cantos de amor a Diamantina. Letras de Fernando Brant. Desenhos de Tom Maia. Estado de Minas. Belo Horizonte, 5 out. 1979, turismo p. 1.

166

BARROS, Orlando. No roteiro do Diamante, a alegria em encontrar Chica da Silva e sentir os ventos gelados do Serro. Estado de Minas. Belo Horizonte, 16 nov. 1979, turismo p. 2.

Fotos de Antônio Reis.

167

COURI, Norma. Diamantina. Um quadro colorido do passado na parede poluída do século XX. Uma cidade tranqüila na serra do Espinhaço. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 7 maio 1980, cad. B, p. 9. ilust. (Turismo).

168

Diamantina já fabrica tela de rami para seus tapetes. Estado de Minas. Belo Horizonte, 13 ago. 1980, 2.ª sec. p. 6. ilust.

169

SANTOS, Manuel Higino dos. Diamantina sempre viva. Estado de Minas. Belo Horizonte, 29 ago. 1980, turismo p. 8. ilust.

170

FONSECA, Geraldo. Os seresteiros vão cantar sua saudade em Diamantina. Jornal de Casa. Belo Horizonte, 31 ago. 1980, 2.º cad. p. 4. ilust.

171

MACHADO Júnior, Paulo da Mata. Incêndio em Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 25 fev. 1981, 1.ª sec. p. 4.

172

RODRIGUES, Wilkie. A Diamantina das serestas começa a se transformar. Estado de Minas. Belo Horizonte, 20 mar. 1981, turismo p. 8. Fotos de Jorge Gontijo.

173

LEITE, Maria do Carmo. Festival de Inverno projeta Diamantina como pólo cultural. Veja como se inscrever. Estado de Minas. Belo Horizonte, 12 jun. 1981, turismo p. 8.

174

OSWALDO, Ângelo. As férias de julho te saudam. Estado de Minas. Belo Horizonte, 3 jul. 1981, turismo p. 1. ilust.

Sobre o Festival de Inverno de 1981.

175

TEODORO, Marco Otávio. O claro riso diamantino nas mil faces do Festival. Estado de Minas. Belo Horizonte, 3 jul. 1981, turismo p. 2. ilust.

176

Diamantina abre Festival de Inverno. Estado de Minas. Belo Horizonte, 5 jul. 1981, 1.º cad. p. 1. ilust.

177

RESENDE, Maria do Carmo. Diamantina uma herança de arte e cultura no Festival de Inverno. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 15 jul. 1981, cad. B. p. 9. ilust. (Turismo).

178

MEIRA, Antônio L. Disco "Diamantina em serenata" vai ser lançado amanhã na Praça. Estado de Minas. Belo Horizonte, 16 jul. 1981, 2.ª sec. p. 3.

Disco lançado na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte.

179

Diamantina quer evitar o desabamento de histórico sobradão da Câmara. Estado de Minas. Belo Horizonte, 23 jul. 1981, 1.ª sec. p. 14.

Foto do sobradão da Câmara Municipal em 1890 e em 1981.

180

OSWALDO, Ângelo. O começo de um novo tempo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 31 jul. 1981, turismo p. 1. ilust.

Sobre o Festival de Inverno de 1981.

181

TEODORO, Marco Otávio. Uma semente para dar bons frutos. Estado de Minas. Belo Horizonte, 31 jul. 1981, turismo p. 1. ilust.

Sobre o Festival de Inverno de 1981.

182

MIRANDA, Dinah. Lição n.º 1 do Festival: aprender a conhecer, viver e amar Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 31 jul. 1981, turismo p. 4. ilust.

183

Diamantina. Evolução histórica e urbana de Diamantina. In SPHAN pró-Memória. Brasília, Editado pela Fundação Nacional — Pró-Memória, Julho/Agosto 1981, n.º 13, p. 1-4. ilust.

184

TEODORO, Marco Otávio. Roteiro etílico de Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 7 ago. 1981, turismo p. 8. ilust.

185

PAGANINI, Marcelo Brandão, Diamantina dá roupa nova para o Festival de Inverno. Jornal de Shopping. Belo Horizonte, 9 ago. 1981, p. 4. ilust.

186

CORREIA, Merolino. Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 17 set. 1981, 1.ª sec. p. 4.

187

ROMANO, Rosenburgo. Deputado diz que descaso do Patrimônio ameaça Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 24 set. 1981, 1.ª sec. p. 8.

Discurso do deputado federal Rosenburgo Romano, por Minas Gerais, na Câmara dos Deputados. Resumo.

188

Vila Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 13 out. 1981, 1.ª sec. p. 4.

189

ELÍSIO, Geraldo. Aqui ela se mostra de corpo inteiro: Diamantina, a cidade amante. Estado de Minas. Belo Horizonte, 23 jan. 1982, 2.ª sec. p. 1. ilust.

190

Diamantina funda o seu Instituto Histórico. Estado de Minas. Belo Horizonte, 11 mar. 1982, 1.ª sec. p. 6.

191

MACHADO, Edgard de Godoi da Mata. Viver em Diamantina. Uma visão poética e política da história diamantinense. Estado de Minas. Belo Horizonte, 28 abr. 1982, p. 1. ilust.

192

GAMA, Sônia Vidal Gomes da. Por estas Gerais, sempre. Estado de Minas. Belo Horizonte, 26 nov. 1982, turismo p. 1; 3 dez. 1982, turismo p. 1. ilust.

193

BRANT, Theresino Caldeira. Diamantina no passado. Estado de Minas. Belo Horizonte, 27 nov. 1982, 1.ª sec. p. 4.

194

4 — INSTITUIÇÕES

4.1 — CAMARA MUNICIPAL E PREFEITURA

Estatuto do municipio de Diamantina promulgado pela lei n.º 2 de 30 de junho de 1892. Diamantina, Typ. da Cidade Diamantina, 1892. 24 p.

195

Regimen tributário do Município da Diamantina. Diamantina, Typ. da Cidade Diamantina, 1892 15 p.

Lei n.º 4 de 12 de Outubro de 1892. Estabelece o regimen tributário do Município e regula a arrecadação de renda.

Título da capa.

196

MACHADO, Pedro da Mata. Câmara Municipal de Diamantina. Artigos publicados na imprensa periódica desta cidade pelo presidente da Câmara e agente executivo resignatário dr. Pedro da Matta Machado. Diamantina, Off. da Cidade Diamantina, 1893. 45 p.

Versa sobre a política municipal de Diamantina.

197

FONSECA, Juscelino Dermeval da. Prestação de contas da Câmara Municipal de Diamantina. Relatório apresentado, em 2 de junho de 1931, ao sr. dr. Raymundo Gonçalves da Silva, m. d. juiz de direito da comarca, pelo presidente da Câmara Municipal e Agente Executivo, Juscelino Dermeval da Fonseca. Bello-Horizonte, Imprensa Official, 1931. 100 p. ilust.

198

Legislação municipal. Organização administrativa da Prefeitura de Diamantina. Bello Horizonte, Oliveira, Costa & Cia., 1934. 110 p.

Prefeito Artur Eugênio Furtado.

199

4.2 — ASSOCIAÇÕES BENEFICENTES

Estatutos da Sociedade Protectora dos Indigentes da cidade Diamantina. Rio de Janeiro, Typ. do Correio Mercantil de Rodrigues E. C., 1849. 10 p.

Precede — Pastoral do exmo. bispo de Marianna, concedendo indulgências às pessoas que auxiliaram a sociedade protectora dos indigentes estabelecida na cidade Diamantina — Marianna, 30 de abril de 1849.

200

Sociedade Beneficente de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Diamantina. Estatutos e regimento interno da Sociedade Beneficente de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Fundada em 1.º de Maio de 1912. Diamantina — Minas Geraes. 33 p.

Título da capa.

201

ROCHA, Severiano de Campos. Memórias do Collégio e Orphanato de N. Senhora das Dores e do Hospital de N. Senhora da Saúde de Diamantina. Bello Horizonte, Imprensa Official, 1919. 65 p.

202

Associação Pão de Santo Antônio. Diamantina. Estatutos da Associação "Pão de Santo Antônio" de Diamantina. Bello Horizonte, Imp. Off., 1921. 8 p.

203

AZEREDO Neto, Antônio Caetano de. Novas e velhas. Minas Gerais. Belo Horizonte, 25 mar. 1929, p. 5.

Refere-se à "A Protetora da Infância", fundada em Diamantina em 1912.

204

União Operária Beneficente. Diamantina. Estatutos da União Operária Beneficente de Diamantina. Diamantina, Gráf. "A Estrela Polar", 1976. 38 p., 2 f.

205

1.3 — SANTA CASA, HOSPITAIS

Relatórios da administração da Santa Casa de Caridade da cidade da Diamantina de 1870 a 74 e 76 a 78. Typ. do Jequitinhonha e Rio de Janeiro, 1872-1879. 4 v.

206

BRANT, José Ferreira de Andrade. Relatório da Casa de Caridade (sic) da Cidade Diamantina no anno de 1891 até Março de 1892 apresentado a Irmandade de Santa Izabel em 31 de Março de 1892 pelo Professor José Ferreira de Andrade Brant. Diamantina, Typ. da Cidade de Diamantina, 1892. 20 p.

207

BRANT, José Ferreira de Andrade. Relatório da administração da Santa Casa de Caridade da Diamantina relativo ao anno compromissal de 1892 a 1893 e apresentado a 20 de Agosto de 1893 pelo Provedor Commendador José Ferreira de Andrade Brant. Ouro Preto, Typ. Silva Cabral, 1893. 32 p.

208

BRANT, José Ferreira de Andrade. Relatório da administração da Santa Casa de Caridade da Diamantina relativo ao anno compromissal do 1.º de Julho de 1893 a 1894 apresentado em Setembro e Dezembro de 1894 pelo Provedor Comdr. José Ferreira de Andrade Brant. Diamantina, Typ. da "Cidade Diamantina", 1894. 24 p.

209

BRANT, José Ferreira de Andrade. Relatório da administração da Santa Casa de Caridade de Diamantina no anno de 1897, apresentado à Irmandade de Santa Isabel em janeiro de 1898, pelo provedor commendador José Ferreira de Andrade Brant, irmão protector. Ouro Preto, Imprensa Official, 1898. 23 p., 1 quadro.

210

Santa Casa de Caridade de Diamantina — Novos estatutos. Minas Gerais. Belo Horizonte, 15 set. 1902, p. 7-8.

211

MOTA, Antonio. Relatório da Santa Casa de Caridade de Diamantina de 1905 a 1906, provedor dr. Antônio Motta. Diamantina, Typ. de Motta & Comp., 1907. 19 p.

212

BRANT, José Ferreira de Andrade. Apontamentos sobre o Hospício de Alienados em Diamantina fundado pelo Com. José Ferreira de Andrade Brant, Provedor da Santa Casa de Caridade. Ouro Preto, Imprensa Official, 1893. 9 p.

213

SANTOS, Gabriel Amador. Relatório do Hospital de N. Senhora da Saúde de Diamantina mantido pela Irmandade do mesmo nome apresentado pelo seu provedor monsenhor G. A. dos Santos em assembléia geral realizada a 17 de junho de 1934. Diamantina, Typ. S. José, 1934. 31 p., 1 f. ilust.

214

SANTOS, Gabriel Amador dos. Hospital de N. Senhora da Saúde. Diamantina-Minas. Relatório apresentado em assembléia geral aos 28 de julho de 1940 pelo provedor mons. Gabriel Amador dos Santos referente ao ano compromissal 1.º de julho de 1939 a 30 de junho de 1940. Diamantina, Tip. Estrela Polar, s. data. 73 p.

215

SANTOS, Gabriel Amador dos. Hospital de N. Senhora da Saúde. Diamantina-Minas. Relatório apresentado em assembléia geral, aos 17 de janeiro de 1943, pelo provedor Mons. Gabriel Amador dos Santos referente ao ano compromissal 1.º de janeiro a 31 de dezembro de 1942. Curvelo, Gráf. Santuário de S. Geraldo, s. data. 31 p.

216

5 — FESTAS RELIGIOSAS

MACHADO Filho, Aires da Mata. A festa do Divino em Diamantina. In Cultura Política. Rev. mensal de estudos brasileiros. Rio de Janeiro, ano 2, n.º 18, ago. 1942, p. 352-354.

217

MACHADO Filho, Aires da Mata. A festa do Divino e os caboclinhos em Diamantina. In Congresso Brasileiro de Folclore, 1.º 1951, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro, Serv. de Publicações do Ministério das Relações Exteriores, 1952-1953, p. 73-91.

218

MEIRA, Antônio L. Diamantina faz a festa do Divino. Estado de Minas. Belo Horizonte, 23 jun. 1972, turismo p. 5. Fotos de Célio Meira.

219

MOTA, Teódulo Amauri Leão. Estão vendo estes índios? Eles são os caboclinhos e esperam você em Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 5 out. 1973, turismo p. 8. ilust.

220

Walmor, Elke e Milton são apenas três pessoas que amam Diamantina. Nós vamos mostrar como você pode ser a quarta. (indo ver a Festa do Divino neste fim de semana) Estado de Minas. Belo Horizonte, 16 maio 1975, cad. turismo p. 3.

Walmor Chagas, Elke Maravilha e Milton Nascimento, artistas.

221

AULICUS, Celius. Ora viva e reviva: vai sair a bandeira do Divino em Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 9 jul. 1976, turismo p. 1 e 2. ilust.

222

MEIRA, Antônio Lisboa. Festa do Divino. Diamantina proclama o império e pede passagem. Estado de Minas. Belo Horizonte, 8 jul. 1977, turismo p. 8. ilust.

223

MEIRA, Antônio Lisboa. Vamos a Diamantina neste fim de semana. É a festa de N. S. do Rosário. Estado de Minas. Belo Horizonte, 7 out. 1977. turismo p.6. ilust.

224

MEIRA, Antônio Lisboa. O rei que se foi. Estado de Minas. Belo Horizonte, 15 out. 1977, 2.ª sec. p. 1. ilust.

Festa de N. S. do Rosário dos Pretos.

225

Festa do Divino Espírito Santo em Diamantina. Ano 1978. 2. f. Programa.

226

Festa do Rosário 1978. Igreja do Rosário — Diamantina — Minas Gerais. Brasília, Editora Gráf. Brasiliana Ltda., 1978. 2 f. Programa.

227

Turistas jovens perturbam festas religiosas de Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 12 jul. 1978. 2.ª sec. p. 5. ilust.

228

FONSECA, Geraldo. Diamantina. Folclore e serestas: um convite à festa do Rosário em Diamantina. Jornal de Casa. Belo Horizonte, 24/30 set. 1978. p. 1 e 25. ilust.

229

MEIRA, Antônio L. Em Diamantina, a Festa do Rosário. Estado de Minas. Belo Horizonte, 6 out. 1978. turismo p. 8. Fotos de Célio Meira.

230

Festa de Nossa Senhora do Rosário — 1979. Programa. 2 f.

231

FONSECA, Geraldo. O interior dessas Minas Gerais é todo seu, nas festas de meio de ano. No Serro, a Festa do Rosário e em Diamantina a do Divino. Jornal de Casa. Belo Horizonte, 24 jun. 1979, 2.º cad. p. 7. ilust.

232

É a festa do Divino, diz o imperador em Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 29 jun. 1979, turismo p. 3. ilust..

233

Pelas ruas do Tijuco, sai o cortejo do Rosário. Estado de Minas. Belo Horizonte, 5 out. 1979, turismo p. 8.

234

BARROS, Orlando. Sua Alteza o Imperador do Divino volta às ruas de Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 20 jun. 1980, turismo p. 8. Fotos de Jorge Gontijo.

235

AMAURY, Teódulo. Saibam quantos lerem o que é a Festa do Divino. Os imperadores, desde 1864. Estado de Minas. Belo Horizonte, 27 jun. 1980, turismo p. 8. ilust.

236

Festa do Divino Espírito Santo em Diamantina. 13 de Julho de 1980. Diamantina, Gráf. "A Estrela Polar", s. data. 2 f. Programa.

237

Festa de Nossa Senhora do Roário de Diamantina. No Ano da Graça 1980. Diamantina, Gráf. "A Estrela Polar", 1980. 1. f. Programa.

238

Festa do Rosário é o velho Tijuco que volta a Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 10 out. 1980, turismo p. 6. ilust.

239

Festa do Divino Espírito Santo — 81. 3 a 12 de Julho de 1981. Diamantina. Programação. Diamantina, Gráf. "A Estrela Polar", s. data. 1 f. Programa.

240

BARROS, Orlando. Começa hoje a Festa do Divino e a corte vai desfilar nas capistranas. Uma tradição do século XIV. Estado de Minas. Belo Horizonte, 3 jul. 1981, turismo p. 8. ilus.

241

6 — FICÇÃO

DELFINO, Aldo. Diamantina. Bello Horizonte, Pap. Beltrão & Comp. [1914?]

Romance de cenas locais.

Sobre este romance ver: Azeredo Neto, Antônio Caetano de. Trechos. Minas Gerais. Belo Horizonte, 14 fev. 1914, p. 3-4.

242

DUARTE, João Raimundo. Lendas e reminiscências. Thereza de Jesus (Romance) In Recordações mineiras. Rio de Janeiro, 1917, p. 83-102.

"Esta narrativa, salva a parte romântica n'ella introdusida para amenisar-lhe a leitura, é verdadeira, e o improvisado Jesus, tão ousado quanto espirituoso e inteligente, alguns annos depois, laureado em Direito pela Faculdade de S. Paulo, veio a tornar-se um dos mais respeitados e bellos ornamentos da Magistratura Brasileira", p. 102.

Romance aventura amorosa, acontecido no Recolhimento de N. S. da Luz, em Diamantina, em meados do século 19, entre uma jovem recolhida e um jovem de 19 anos.

243

RABELO, Aristides. O hóspede. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro e Maurillo, 1921.

— O hóspede. Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura: Editora Littera Maciel Ltda., 1978. 204 p.

Apresentação. Aires da Mata Machado Filho.

Sobre a obra ver: Miranda, João Pedro da Veiga. Os faiscadores, 1925, p. 201.

244

BRANT, Cícero Arpino Caldeira. Os Jatobás; cenas da vida norte-mineira [por] Ciro Arno [pseud.] Rio de Janeiro, s. ed., 1951. 226 p.

245

VASCONCELOS, Agripa de. Chica que manda. Romance do Ciclo dos Diamantes nas Gerais. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Artes Gráficas Bisordi, 1966. 390 p. 1 f. de índice (Saga do País das Gerais, 5)

Elucidário de expressões regionais, verbetes e topônimos, do tempo revivido neste romance, p. 378-390

Ilust. de Yara Tupinambá. Capa e contracapa ilustrada.

246

7 — TEATRO

Cultura sempre foi artigo de exportação de Diamantina. Um teatro, um problema. Estado de Minas. Belo Horizonte, 29 jan. 1970, 1.º sec. p. 10.

247

ÁVILA, Afonso. Sob o signo de Calderón. O teatro na formação cultural de Minas... Depois da Independência os teatros São-Joanense e Santa Isabel... In 7.º Festival de Inverno. Cursos internacionais de arte e atividades culturais. 1.º a 29 de julho de 1973. Ouro Preto — Cidade Monumento Nacional. Minas Gerais — Brasil... Belo Horizonte, Imprensa da UFMG [Universidade Federal de Minas Gerais] 1973. Em anexo.

Ilustrações: Detalhe do pano de boca do desaparecido Teatro Santa Isabel de Diamantina, com as figuras de Clio e Minerva (pintura de Estanislau José de Miranda, 1841)

O Teatro Santa Isabel, construído em 1841 e demolido em 1912.

248

Como reconstruir o teatro de Diamantina se ele foi demolido? Estado de Minas. Belo Horizonte, 2 out. 1973, 2.ª sec. p. 5. Foto do teatro Santa Isabel e da Cadeia Pública, que foi construída no local depois de demolido, entre 1908 e 1910.

249

Diamantina à espera de novo teatro. Estado de Minas. Belo Horizonte, 1 dez. 1977, 1.º sec. p. 11.

Sobre a reconstrução do teatro "Santa Isabel".

250

8 — POESIAS

QUEIROGA, João Salomé. Em despedida. Aos voluntários da Diamantina. In Canhenho de poesias brasileiras pelo Dr. João Salomé Queiroga. Rio de Janeiro, Typ. Universal de Laemmert, 1870, p. 170.

Datada de: Diamantina, Abril de 1865.

251

ALMEIDA, José Joaquim Correia de. A Municipalidade do Tejuco. In Satyras epigrammas e outras poesias. Rio de Janeiro, Em Casa de Eduardo e Henrique Laemmert, 1876, p. 88.

252

GAMA, José Joaquim do Carmo. Hymno Diamantina. In Escombros (...) Rio Novo — Minas, Typ. Mineira, 1916, p. 230-231.

253

LIMA, Mário de. Diamantina. In Medalhas e brazões. Rio de Janeiro, 1926, p. 56 e 120.

Primeira edição 1918.

254

COUSIN, José Coelho de Almeida. O Tejuco (O cyclo do diamante) In Itamonte (Epopéa brasilista) Rio de Janeiro, 1931, p. 112-113.

255

CAMPOS, Paulo Mendes. A luz em Diamantina. Manchete. Rio de Janeiro, n.º 1007, 7 ago. 1971, p. 106.

256

SILVA, Andrelina Moreira da. Passeio a Diamantina. Jornal de Casa. Belo Horizonte, 15 fev. 1981, 2.º cad. p. 8 ilust.

257

9 — ICONOGRAFIA

Diamantina, the center of the diamond mining industry in Minas Geraes. In Wright, Marie Robinson. The new Brazil. Its resources and attarctions... Second edition, revised and enlarged. Philadelphia, 1907, p. 298.

258

A Charity Hospital of Diamantina, colonial period. Op. cit. p. 299.

259

A street scene in Diamantina. op. cit., p. 300.

260

College of Our Lady of Sorrows, Diamantina. Op. cit, p. 308.

Na primeira edição da obra acima citada, de 1901, não tem iconografia de Diamantina.

261

Festa religiosa. In Grossi, Filippo. Lo stato di Minas-Geraes, 1911, p. 12.

262

NORFINI, Alfredo. 11 — Casa do Contratador João Fernandes. Diamantina. Aquarela. Data — 1921.

O original acha-se no Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

Reproduzida in: Anuário do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v. 7, 1953, n.º 11. Texto de Gustavo Barroso.

263

NORFINI, Alfredo. 14 — Casa colonial. Diamantina. Aquarela. Sem data. 1921?

O original acha-se no Museu Histórico Nacional Rio de Janeiro.

Reproduzida in: Anuário do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v. 7, 1953, n.º 14. Texto de Gustavo Barroso.

264

NORFINI, Alfredo. 12 — Rua da Quitanda. Diamantina. Aquarela. Sem data. 1921?

O original acha-se no Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

Reproduzida in: Anuário do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro. v. 7. 1953. n.º 12. Texto de Gustavo Barroso.

265

NORFINI, Alfredo. Capela do Rosário. Diamantina. Aquarela. Sem data.

O original acha-se no Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro.

Reproduzida in: Anuário do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v. 7, 1953. n.º 15. Texto de Gustavo Barroso.

266

NORFINI, Alfredo. Aldabras dos portões do quintal da casa do Contratador João Fernandes. Diamantina. Desenho. Sem data.

O original acha-se no Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

Reproduzido in: Anuário do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro. v. 7, 1953, n.º 13. Texto de Gustavo Barroso.

267

NORFINI, Alfredo. 127 — Espelho de fechadura de porta de rua. Diamantina. Desenho. Sem data.

O original acha-se no Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro.

Reproduzido in: Anuário do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro. v. 7, 1953, n.º 127. Texto de Gustavo Barroso.

268

Panorama parziale di Diamantina. In Bartolotti, Domenico. Il Brasile Meridionale. Roma, 1930, p. 280/281.

269

MIRANDA, J. B. Exposição de suas pinturas de aspectos de Diamantina e Ouro Preto, no saguão do Hotel Del-Rey, em Belo Horizonte.

Sobre o autor e sua exposição ver: Andrade, Moacir. Miranda: Diamantina, Ouro Preto [por] José Clemente [pseud.) Estado de Minas. Belo Horizonte, 3 jul. 1971, 2.ª sec. p. 7.

270

9.1 — MAPAS

Demarcaçam da Terra que produs Diamantes. A Villa do Principe Capital da Co/marca do Serro do Frio...

Sem indicação de autor e local [Data posterior a 1729 (?)]

Petipé 5 Legoas (= 55mm) Dimensões: 260 x 333 mm.

Mapa manuscrito sobre papel aguarelado, colorido. Avulso.

Mapa existente no Arquivo Histórico Ultramarino do Laboratorio Nacional de Investigações Científicas Tropical (sucessor da Junta de Investigações Científicas do Ultramar) Lisboa.

Relacionado no Catálogo da exposição histórico-documental e bibliográfica. Semana do Estoril-Portugal na Bahia. Lisboa, 1981, n.º 43.

271

Demarcaçam Diamantina/com 18 Legoas de Cumprimento, que fazem huma circunferencia de 54 Legoas.

[Em baixo, legenda das rubricas numeradas de 1 a 142]

Sem indicação de autor e local [Data cerca de 1787]

Dimensões: 520 x 433.

Mapa manuscrito sobre papel aguarelado, colorido e sem escala. Avulso.

Mapa existente no Arquivo Histórico Ultramarino do Laboratório Nacional de Investigação Centifica Tropical (sucessor da Junta de Investigações Científicas do Ultramar) Lisboa.

Relacionado no Catálogo da exposição histórico-documental e bibliográfica. Semana do Estoril-Portugal na Bahia. Lisboa, 1981, n.º 44.

272

The Diamantina District. In Calvert, Albert F. Mineral resources of Minas Geraes (Brazil) London, 1915, Plate 126.

273

HEBERLE, Afonso de Guayra. Municipio de Diamantina. Escala 1:600.000. Ilust.

Inclui pequeno mapa do Estado com: Posição do município no Estado.

Contém estatísticas de: território, demografia, agricultura, indústria, meios de transporte e comunicação, comércio, crédito e previdência, propriedade imóvel, ensino público e particular, divulgação, diversões, religião católica, administração pública e representação política.

Abaixo do mapa: Commissão Mineira do Centenário — Bello Horizonte II-1923... Impr. na Lith. Hartmann — J. Fora. Affonso de Guayra Heberle Des.

In Minas Gerais. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. Atlas chorographico municipal. Pref. Daniel de Carvalho, Secretário da Agricultura. Introducção de Teixeira de Freitas, Chefe do Serviço. Bello Horizonte, Imprensa Official, 1926, v. 1, p. 212/213.

Outra edição sem as estatísticas e com o título Álbum chorographico municipal do Estado de Minas Geraes. Collecção, em ordem alphabetica, de 178 mappas municipaes organizados segundo dados referentes ao anno de 1921, e de accordo com a divisão administrativa anterior à Lei n.º 843, de 7 de setembro de 1923. Pref. de Teixeira de Freitas, Chefe do Serviço. Bello Horizonte, Imprensa Official, 1927.

274

Mapa/Roteiro de Belo Horizonte a Diamantina. Rodovia. Rio de Janeiro, Serviço de Relações Públicas do Departamento Nacional de Estrada de Rodagem, n.º 304, julho/agosto 1973. Encarte. ilust.

Texto: Diamantina um relicário ao seu alcance.

275

NOTA — Ver também referência n.º 9.

10 — JORNAIS

Echo do Serro, 1828. (Primeiro jornal local)

O Diamantino, 1832.

O Exorcista, 1833.

Tribuno do Serro, 1833.

• O Jequitinhonha, 1860-1864.

O Voluntário, 1865.

A Infância, 1873.

O Estudante, 1873.

O Católico, 1874.

O Escolar, 1874.

O Jesuitinha, 1874.

• O Monitor do Norte, 1875-1879.

A Mocidade, 1878.

O Guarani, 1878.

O Itambé, 1878.

O Norte de Minas, 1878.

O Recreio Beneficente, 1878.

A Idéia Nova, 1879.

A Voz do Povo, 1881.

O Futuro, 1881.

Guaicui, 1881.

O Lábaro, 1881.

O Lábaro do Futuro, 1882.

A Verdade, 1885.

A Voz do Século, 1885.

O 17.º Distrito, 1885.

O Normalista, 1886.

O Progresso, 1886.

* O Sete de Setembro, 1886.

* O Liberal do Norte, 26 maio 1887.

* Propaganda, 16 jun. 1888.

* O Tambor, 1889.

A República, 1890.

* Cidade Diamantina, 1890.

O Ensaio, 1890.

Ensaio Infantil, 1891.

O Infantil, 1891.

Operário da Luz, 1891.

A Lanterna, 1892.

O Diamantinense, 1892.

O Aprendiz, 1893.

Tribuna do Norte, 1893.

A União, 1894.

* O Município, 17 abril 1894.

O Município, 1896.

* O Itambé, 1900?

* A Estrela Polar, 1 janeiro 1902.

* A Idéia Nova, 1905?

* O Norte, 1906.

* Pão de Sto. Antônio, 6 out. 1906.

* Voz de Diamantina, outubro 1906.

* O Norte, 31 de dezembro 1908.
* Via Láctea, 1912.
* Diamantina, 1914.
* O Piruruca, 1915.
* A Voz do Norte, 1917?
* O Momento, 1922.
* O Operário, 1923.
* Diamantina, 1927.
* A Catedral, 1935.
* Nova Diamantina, 10 agosto 1962.
* O Diamante, 1976.

NOTA — Os assinalados com um * (asterisco) existem no Arquivo Público Mineiro, já microfilmados.

276

11 — SESQUICENTENÁRIO 1832-1982

VEADO, Wilson. 150 anos da alma diamantinense. Estado de Minas. Belo Horizonte, 13 mar. 1981, 1.ª sec. p. 4.

277

Vila Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 1.ª sec. p. 4.

278

Comissão vê festa dos 150 anos de Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 12 nov. 1981, 1.ª sec. p. 6.

279

Sesquicentenário. Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 26 fev. 1982, 1.ª sec. p. 5 (Notas do dia)

280

IHG "Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais" abre comemoração dos 150 anos de Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 28 fev. 1982, 1.º cad. p. 16.

Orador oficial Cel. Paulo René de Andrade.

281

150 anos. Estado de Minas. Belo Horizonte, 14 mar. 1982, 1.ª sec. p. 5 (Notas do dia)

282

BARBOSA, Waldemar de Almeida. Diamantina. Estado de Minas. Belo Horizonte, 18 abr. 1982, 1.ª sec. p. 4.

283

12 — OBRAS A PUBLICAR

PINTO, Raimundo. Álbum de Diamantina.

"O Álbum de Diamantina já está no prelo e brevemente chegará de Paris, onde se está imprimindo, para ser entregue aos seus assinantes. É uma obra de propaganda do *Álbum Geral Ilustrado do Estado de Minas*, organizado pelo fotógrafo mineiro Raimundo Pinto, e cuja parte literária terá a eficaz colaboração de notáveis homens de letras da nossa terra". (Anuário de Minas Gerais. Belo Horizonte, ano 1, 1906, p. 123).

"Para divulgar as grandes riquezas e mostrar o adiantamento moral e material do município [Diamantina] os srs. Raimundo Pinto, artista-fotógrafo e o professor Artur Napoleão tratam de publicar o Álbum de Diamantina, de que damos neste volume algumas vistas" (Anuário de Minas Gerais, ano 2, 1907, p. 191).

"Para divulgar as grandes riquezas e mostrar o adiantamento moral e material do município [Diamantina] os srs. Raimundo Pinto, artista-fotógrafo (natural de Caeté) e o professor Artur Napoleão tratam de publicar o *Álbum de Diamantina*, que demos algumas vistas no v. 2, do Anuário de 1907, quando tratamos do município de Diamantina"

(Anuário de Minas Gerais. Belo Horizonte, ano 3, 1909, p. 412-413)

NOTA — Não foram encontradas referências nos Anuários de Minas Gerais, dos anos 4, 1911; 5, 1913 e ano 6, 1918, este o último publicado)

Até a presente data não temos notícias se foi publicado.

284

SOUSA, Francisco de Paula. Viagem a Diamantina. (Referência: Minas Gerais. Belo Horizonte, 13 jan. 1918, p. 8. notícia de seu falecimento)

285

FERNANDES, Augusto. Tipos populares de Diamantina. Citado por Manuel Esteves em seu livro — Grão Mogol, 1961, cap. Diamantina, p. 49.

286

MENESES, Nazaré. Na terra dos diamantes. Notas de uma viagem a Diamantina. Inédito.

Referências: Velho Sorinho, Dicionário bibliográfico brasileiro; Soter Couto. Vultos e fatos de Diamantina. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1954; J. Galante de Sousa. O teatro no Brasil.

287

NEVES, José Augusto. O passado de Diamantina. Inédito.

Referência. Carlos Murilo Felício dos Santos. Discurso na Assembléia Legislativa de Minas Gerais. In Minas Gerais. (Diário da Assembléia Legislativa) Belo Horizonte, 8 nov. 1955, p. 4.

288

COUTO, Soter. Roteiro turístico de Diamantina. Referência: Estado de Minas. Belo Horizonte, 8 ago. 1974. Notícia de seu falecimento.

289

ADENDA

As grutas em Minas Gerais. Belo Horizonte, Of. Gráf. da Estatística, 1939.

Lapas da Serra de Sto. Antônio, p. 70; Grutas do Curralinho, p. 70-71; Gruta do Salitre, p. 71-72; Gruta de Sto. Antônio, p. 72; Lapa do Rozilho, p. 72-73.

290

DIEGUES Junior, Manuel. 8. A mineração do planalto... O diamante e a sociedade do Tijuco. Regiões culturais do Brasil. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. INEP — Ministério da Educação e Cultura; S. Paulo, Empr. Gráf. da "Revista dos Tribunais", 1960, p. 235 e 250-258 (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Série VI — Sociedade e educação, v. 2)

291

DEL NEGRO, Carlos. Escultura ornamental barroca do Brasil. Portadas de igrejas de Minas Gerais. Belo Horizonte, Edições Arquitetura; Serv. Gráf. da Escola de Arquitetura [UFMG] 1967. 2 v.

Igreja da Ordem Terceira do Carmo, v. 1, p. 207-209 (Texto) Gravuras, n.ºs 228 e 229, v. 2.

292

BARBOSA, Waldemar de Almeida. Os diamantes. História de Minas. Belo Horizonte, Editora Comunicação, 1979, v. 1, p. 160-170.

293

POHL, Johann Emanuel. Reise in Innern von Brasilien-auf allerhochsten Befehl seiner Majestat des Kaisers von Osterreich, Franz des Ersten, in dem Iahren 1817-1821 unternohmen und hearusgegeben, von — Leipzig, T. O. Weigel, s. data. 2 v.

— Viagem no interior do Brasil empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de sua majestade o imperador da Áustria Francisco Primeiro por João Emanuel Pohl, doutor em medicina, conservador do Real e Imperial Gabinete de História Natural e do Real e Imperial Museu do Brasil, em Viena, cavaleiro imperial da Ordem Brasileira do Cruzeiro do Sul. Trad. do Instituto Nacional do Livro da edição de Viena-1837. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro; S. Paulo, Empr. Gráf. da "Revista dos Tribunais", 1951. 2 v. ilust. (Brasil. Instituto Nacional do Livro, coleção de obras raras III)

Diamantina, v. 2, p. 402-409.

294

Rodovia histórica. Rev. Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. 13, 1967-1968, p. 213-214.

Rodovia que ligará Diamantina ao Serro, que terá a denominação de — Rodovia João Pinheiro.

295

SALES, Fritz Teixeira de. Dianice-Diamantina. Prefácio de Aires da Mata Machado Filho. Belo Horizonte, Editora Vega, 1980. 144 p.

Ilustrações de Evando Sales.

296

13 — INDICES

ÍNDICE ONOMÁSTICO

(Os números indicados são os que figuram no fim de cada referência bibliográfica e não das páginas)

13.1 — ONOMÁSTICO

— A —

— B —

— C —

— D —

— E —

— F —

— G —

— H —

— J —

— K —

— L —

— M —

— N —

— O —

— P —

— Q —

— R —

— S —

ÍNDICE DE ASSUNTO

(Os números indicados são os que figuram no fim de cada referência bibliográfica e não das páginas)

13.2 — ASSUNTO

— A —

— B —

— C —

— D —

— E —

— F —

— G —

— H —

— I —

— J —

— L —

— M —

— O —

— P —

— R —

— S —

— T —

— U —

— V —